tradução
μετάφραση
ترجمه
ਅਨੁਵਾਦ
Übersetzung
ñembohasa
traducción
перевод
නහනවා
תרגום
vertaling
번역
käännös
translation
тәржемә
översättning
თარგმანი
përkthim
թարգմանություն
canjı
okujjulula
turkakipt'äwi
translatio
tradukado
ಅನುವಾದ
překlad
çeviri
翻訳

Ficha catalográfica elaborada por:
Francisca Rasche CRB 14/691

(n.t.) Revista Literária em Tradução -- n. 1, set. 2010 -.- Florianópolis, 2010 –
[recurso eletrônico].

Semestral, ano 11, n. 22, 1º vol., jun. 2021
Bilíngue: 7 idiomas
Editada por Gleiton Lentz e Roger Sulis; ilustrada por Aline Daka
Sistema requerido: PDF
Modo de acesso: https://www.notadotradutor.com/
Portal interativo: Archive.Org
ISSN 2177-5141

1. Literatura. 2. Poesia. 3. Tradução. II. Título.

Indexada na Sumários.Org e Latindex

INTRO

“Por que as nuvens tempestuosas
florescem em arco-íris?”

Jean Paul F. Richter

EDITORIAL

Por mais de um milênio, perto da cidade de Ödeshög, na Suécia, um monólito criptografado protegeu um antigo segredo da mitologia nórdica. E o que antes havia sido esquecido por séculos e utilizado como material de construção em uma parede de uma igreja medieval, é hoje uma peça única da história, que marca o início da literatura sueca: a Pedra rúnica de Rök.

Esculpida por volta do século IX d.C., seus propósitos mitológicos foram aos poucos sendo abandonados à medida que o antigo sistema de crenças nórdico começou a perder terreno para o cristianismo na Idade Média. Ressurgiu apenas em 1862, quando, por ordem de uma autoridade real, foi retirada da parede onde estava embutida e realocada ao lado da igreja, onde permanece até hoje exposta em um pequeno museu. Desde então, recebeu o nome de Rök, que em nórdico antigo significa "rocha" ou "pedra", e que remete ao nome do antigo vilarejo local que levava seu nome.

Classificada entre as inscrições rúnicas mais antigas do mundo talhadas em pedra, seu texto é bastante legível, com algumas poucas partes danificadas, apresentando 760 caracteres. Apesar disso, ainda permanece parcialmente decifrada após um século e meio de estudos por parte de arqueólogos e linguistas, que tentam decifrar seus mistérios. Logo, muitas têm sido as especulações acerca do significado de seu conteúdo, que ainda é assunto de debate. Alguns estudiosos dizem se tratar de um fragmento de uma antiga mitologia nórdica há muito esquecida, escrita por Varin, seu escultor, em homenagem a seu filho perdido Vämod; outros, que faz referência ao rei ostrogodo Teodorico, o Grande, o imperador do Império Romano ocidental; ou ainda, que a inscrição não está relacionada às sagas, mas que contém enigmas que se referem apenas à sua própria confecção e entalhe.

No entanto, a par das interpretações, sua estrutura é muito simétrica, pois consiste em três partes de comprimento aproximado, cada uma contendo duas perguntas com respostas mais ou menos poéticas. E como na maioria dos monumentos com inscrições rúnicas conhecidos, inicia homenageando a memória de alguém que faleceu para logo incluir runas cifradas e acrósticas, além de adotar um tom discursivo mais enigmático e evocativo.

E embora não se saibam os motivos disso, parece que as inscrições da pedra foram criptografadas durante o processo de escultura, pois, de algum modo, seus escribas usaram cifras especiais que faziam a história parecer propositalmente deslocada, dificultando sua leitura. Como é sabido, as runas foram usadas para escrever várias línguas germânicas antes da adoção do alfabeto latino. Além de representar um valor sonoro (um fonema), podem ser usadas para

www.notadotradutor.com
notadotradutor@gmail.com

(n.t.)

Edição e Coordenação
Gleiton Lentz

Coedição e Consultoria
Roger Sulis

Ilustração e Curadoria
Aline Daka

Revisão e Assistência
Amanda Zampieri

Consultoria Linguística
Scott Ritter Hadley

Revisão dos Originais
Equipe (n.t.)

Agradecimentos

Fac-símiles e originais: ▪ The British Library (Ing.), para "Pomes Penyeach", de J. Joyce; ▪ Biblioteca Centrală Mihai Eminescu (Rom.), para "Rugăciunea unui dac", de M. Eminescu; ▪ Projekt-Gutenberg.Org, para "Gedichte", de A. von Platen; ▪ Библиотека Максима Мошкова, para "По Восточной Сибири", de I. Gontcharóv; ▪ Google Books, para "Η Καπετάνισσα", de A. Karkavitsas; ▪ Gutenberg.Org, para "Quelques contes du jour et de la nuit", de G. de Maupassant; ▪ Gallica (Fra.), para "L'araignée-crabe", de Erckmann-Chatrian; ▪ Archive.Org, para "Wa-kefield", de N. Hawthorne; ▪ Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes (Esp.), para "Primavera triste", de V. B. Ibáñez; ▪ Google Books, para "Progress of Arts and Language", de S. Johnson; ▪ Projekt-Gutenberg .Org, para "Blumenstücke", de J. P. F. Richter. **Direitos de publicação:** ▪ Gallimard (Fra.), para "J'ai soif d'innocence", de Romain Gary; ▪ Letras Contemporâneas (Brasil), para "Doze poemas para Kaváfis", de G. Ritsos, trad. de J. P. Paes; ▪ Εκδόσεις Κέδρος (Gré.), para "12 ποιήματα για τον Καβάφη", de G. Ritsos.

representar os conceitos com base nos quais foram nomeados (ideogramas). As primeiras inscrições rúnicas conhecidas datam de aproximadamente 150 d.C., um pente encontrado no pântano de Vimose, na ilha de Fiónia, na Dinamarca, e uma inscrição talhada em um ornamento, na fíbula de Meldorf, encontrada na Alemanha.

E se a Pedra de Rök ainda oculta alguns segredos milenares, o mesmo não ocorre mais com os originais inéditos ou retraduzidos presentes nesta edição da (n.t.), que finalmente foram "decifrados" a partir de seus idiomas de origem aos nossos leitores, que agora serão *iniciados* nas literaturas de seus respectivos autores, e conduzidos por seus *acólitos*, os tradutores. A revista abre com a seção "Poesia", primeiro com o clássico *Treze Pordoze | Pomes Penyeach*, do irlandês James Joyce, por Rodrigo Bravo; seguido de *A oração de um dácio | Rugăciunea unui dac*, do romeno Mihai Eminescu, por Rodrigo Menezes; e dos *Poemas | Gedichte*, do alemão August von Platen, por Dionei Mathias.

Depois, sete escritores ilustram as páginas da seção de "Contos e capítulos", começando *Pela Sibéria Oriental | По Восточной Сибири*, do russo Ivan Gontcharóv, por Rafael Bonavina Ribeiro; *A mulher do capitão | Η Καπετάνισσα*, do grego Andreas Karkavitsas, por Théo de Borba Moosburger; *Alguns contos do dia e da noite | Quelques contes du jour et de la nuit*, do francês Guy de Maupassant, por Cílio Lindemberg; *Tenho sede de inocência | J'ai soif d'innocence*, do francês Romain Gary, por Ana Magda Stradioto Casolato; *A aranha-caranguejo | L'araignée-crabe*, do duo gaulês Erckmann-Chatrian, por André Luís Berndt; *Wakefield*, do estadunidense Nathaniel Hawthorne, por Vinícius Santos Loureiro; e *Primavera triste*, do espanhol Vicente Blasco Ibáñez, por Rosangela Fernandes Eleutério.

Na sequência, em "Ensaios", dois exímios escritores: primeiro, o pensador inglês Samuel Johnson, com *O progresso da arte e da língua | Progress of Arts and Language*, por Vanessa de Carvalho Santos, e depois, o escritor alemão Jean Paul Friedrich Richter, com suas duas *Peças de flores | Blumenstücke*, por Marco Antônio Barbosa de Lellis. E na consueta seção "Memória da tradução", apresentamos uma breve seleta de poemas traduzidos por José Paulo Paes, o patrono honorário da (n.t.), extraída de seu célebre livro *Gaveta de tradutor*, os *Doze poemas para Kaváfis | 12 ποιήματα για τον Καβάφη*, do poeta grego Giánnis Ritsos.

E assim encerramos mais um editorial, no qual rememoramos não só o passado rúnico, cuja escrita ainda permanece presente, mas também os autores elencados nesta edição, reavivados, desta vez, em outro idioma, pois, em suma, traduzir é evocar.

Boa literatura decifrada! ■

Os editores
Desterro, novembro de 2021.

(n.t.) | 22°

Publicada na Ilha do Desterro, em Santa Catarina, Brasil.

ISSN 2177-5141

SUMÁRIO

POESIA

CONTOS E EXCERTOS

poesia

(n.t.) | Kallerup

Treze Pordoze
James Joyce

O texto: Publicado pela primeira vez em 1927, *Pomes Penyeach* é o segundo livro de poemas de James Joyce, repletos de neologismos, polissemias e palavras valises. O título trata-se de um trocadilho fonolexicológico que equipara "poems" (poemas) a "pomes" (maçãs), como se o livreto fosse algo para ser comprado como uma dúzia de frutas em promoção (*penyeach*: "por um centavo cada"). A dúzia, no entanto, conta com uma cortesia: *Tilly*, seu primeiro poema, batizado a partir da palavra irlandesa *tuilleadh*, que significa a melhor unidade colocada na cesta pelo quitandeiro para fidelizar o cliente. Esta tradução, intitulada *Treze Pordoze*, busca reproduzir funcionalmente a ideia de "promoção" do título original e reforçar sua malha fonológica.

Texto traduzido: Joyce, J. *Pomes Penyeach*. Paris: Shakespeare and Company, 1927.

O autor: James Joyce (1882-1941), escritor, poeta e crítico literário irlandês, nasceu em Dublin. Suas obras são responsáveis por moldar e influenciar vanguardas modernas não só em seu país de origem, mas também no mundo todo. É mais conhecido por seus romances *Ulisses* (1922) e *Finnegans Wake* (1939), que solidificaram sua reputação como um dos prosadores mais influentes do século XX. Escreveu também dois livros de poesia, *Chamber Music* (1907) e *Pomes Penyeach* (1927), e a peça de teatro *Exiles* (1918).

O tradutor: Rodrigo Bravo é doutorando em Tradutologia, mestre em Linguística e bacharel em Letras Clássicas pela USP. Professor do curso de pós-graduação em Música Popular da Faculdade Santa Marcelina. Cocriador e editor da revista eletrônica de poesia brasileira contemporânea traduzida para o inglês *Saccades/Sacadas*. Traduziu, em livros, artigos e capítulos de livro na área de tradução e crítica literária. Dramaturgo e Diretor da Cia. de Teatro Vento Áureo. Para a (n.t.) traduziu Sulpícia, Nósside e os *Hinos Homéricos*.

POMES PENYEACH

"Pluck forth your heart, saltblood, a fruit of tears.
Pluck and devour !"

JAMES JOYCE

TILLY

He travels after a winter sun,
Urging the cattle along a cold red road,
Calling to them, a voice they know,
He drives his beasts above Cabra.

The voice tells them home is warm.
They moo and make brute music with their hoofs.
He drives them with a flowering branch before him,
Smoke pluming their foreheads.

Boor, bond of the herd,
Tonight stretch full by the fire !
I bleed by the black stream
For my torn bough !

Dublin 1904.

WATCHING THE NEEDLEBOATS AT SAN SABBA

I heard their young hearts crying
Loveward above the glancing oar
And heard the prairie grasses sighing :
No more, return no more !

O hearts, O sighing grasses,
Vainly your loveblown bannerets mourn !
No more will the wild wind that passes
Return, no more return.

Trieste 1912.

A FLOWER GIVEN TO MY DAUGHTER

Frail the white rose and frail are
Her hands that gave
Whose soul is sere and paler
Than time's wan wave.

Rosefrail and fair – yet frailest
A wonder wild
In gentle eyes thou veilest,
My blueveined child.

Trieste 1913.

SHE WEEPS OVER RAHOON

Rain on Rahoon falls softly, softly falling,
Where my dark lover lies.
Sad is his voice that calls me, sadly calling,
At grey moonrise.

Love, hear thou
How soft, how sad his voice is ever calling,
Ever unanswered, and the dark rain falling,
Then as now.

Dark too our hearts, O love, shall lie and cold
As his sad heart has lain
Under the moongrey nettles, the black mould
And muttering rain.

Trieste 1913.

TUTTO È SCIOLTO

A birdless heaven, seadusk, one lone star
Piercing the west,
As thou, fond heart, love's time, so faint, so far,
Rememberest.

The clear young eyes' soft look, the candid brow,
The fragrant hair,
Falling as through the silence falleth now
Dusk of the air.

Why then, remembering those shy
Sweet lures, repine
When the dear love she yielded with a sigh
Was all but thine ?

Trieste 1914.

ON THE BEACH AT FONTANA

Wind whines and whines the shingle,
The crazy pierstakes groan ;
A senile sea numbers each single
Slimesilvered stone.

From whining wind and colder
Grey sea I wrap him warm
And touch his trembling fineboned shoulder
And boyish arm.

Around us fear, descending
Darkness of fear above
And in my heart how deep unending
Ache of love !

Trieste 1914.

SIMPLES

O bella bionda,
Sei come l'onda !

Of cool sweet dew and radiance mild
The moon a web of silence weaves
In the still garden where a child
Gathers the simple salad leaves.

A moondew stars her hanging hair
And moonlight kisses her young brow
And, gathering, she sings an air :
Fair as the wave is, fair, art thou !

Be mine, I pray, a waxen ear
To shield me from her childish croon
And mine a shielded heart for her
Who gathers simples of the moon.

Trieste 1915.

FLOOD

Goldbrown upon the sated flood
The rockvine clusters lift and sway,
Vast wings above the lambent waters brood
Of sullen day.

A waste of waters ruthlessly
Sways and uplifts its weedy mane
Where brooding day stares down upon the sea
In dull disdain.

Uplift and sway, O golden vine,
Your clustered fruits to love's full flood,
Lambent and vast and ruthless as is thine
Incertitude !

Trieste 1915.

NIGHTPIECE

Gaunt in gloom,
The pale stars their torches,
Enshrouded, wave.
Ghostfires from heaven's far verges faint illume,
Arches on soaring arches,
Night's sindark nave.

Seraphim,
The lost hosts awaken
To service till
In moonless gloom each lapses muted, dim,
Raised when she has and shaken
Her thurible.

And long and loud,
To night's nave upsoaring,
A starknell tolls
As the bleak incense surges, cloud on cloud,
Voidward from the adoring
Waste of souls.

Trieste 1915.

ALONE

The moon's greygolden meshes make
All night a veil,
The shorelamps in the sleeping lake
Laburnum tendrils trail.

The sly reeds whisper to the night
A name – her name –
And all my soul is a delight,
A swoon of shame.

Zurich 1916.

A MEMORY OF THE PLAYERS IN A MIRROR AT MIDNIGHT

They mouth love's language. Gnash
The thirteen teeth
Your lean jaws grin with. Lash
Your itch and quailing, nude greed of the flesh.
Love's breath in you is stale, worded or sung,
As sour as cat's breath,
Harsh of tongue.

This grey that stares
Lies not, stark skin and bone.
Leave greasy lips their kissing. None
Will choose her what you see to mouth upon.
Dire hunger holds his hour.
Pluck forth your heart, saltblood, a fruit of tears.
Pluck and devour !

Zurich 1917.

BAHNHOFSTRASSE

The eyes that mock me sign the way
Whereto I pass at eve of day,

Grey way whose violet signals are
The trysting and the twining star.

Ah star of evil ! star of pain !
Highhearted youth comes not again

Nor old heart's wisdom yet to know
The signs that mock me as I go.

Zurich 1918.

A PRAYER

Again!
Come, give, yield all your strength to me !
From far a low word breathes on the breaking brain
Its cruel calm, submission's misery,
Gentling her awe as to a soul predestined.
Cease, silent love ! My doom !

Blind me with your dark nearness, O have mercy, beloved enemy of my will !
I dare not withstand the cold touch that I dread.
Draw from me still
My slow life ! Bend deeper on me, threatening head,
Proud by my downfall, remembering, pitying
Him who is, him who was !

Again !
Together, folded by the night, they lay on earth. I hear
From far her low word breathe on my breaking brain.
Come ! I yield. Bend deeper upon me ! I am here.
Subduer, do not leave me ! Only joy, only anguish,
Take me, save me, soothe me, O spare me !

Paris 1924.

Treze Pordoze

"Arranca teu peito, salsangue, fruto de lágrimas.
Arranca e devora!"

JAMES JOYCE

BRINDE

Ele vai, após sol invernal,
Levando reses pela fria estrada rubra,
Chamando-as, voz que conhecem,
Ele guia as bestas por Cabra.

"A casa é quente", a voz lhes diz.
E mugem, fazem bruta música de cascos.
Ele as leva, ramo em flor na mão,
Fumaça lhes empluma as testas.

Rude, jugo da tropa,
Hoje à noite todo esticado pelo fogo!
Eu sangro no córrego negro
Por meu galho roto!

Dublin, 1904.

VENDO AS NAUGULHAS EM SAN SABBA

Ouvi seus jovens corações chorarem
Àmor sobre o remo que cai
E as ramas do prado suspirarem:
Não volte nunca mais!

Oh corações, Oh ramas lassas,
Suas bandeirolas vãs, estufamadas choram!
Não mais, o vento agreste que passa
Nunca mais retorna.

Trieste, 1912.

UMA FLOR DADA À MINHA FILHA

Frágil a rosa branca e tão delicadas
As mãos que a deram
Cuja alma é seca e mais descorada
Que a vaga vã das eras

Rosifrágil, bela – mas ainda assim
Selvagem pujança
Escondes em teus olhos tão gentis,
Venazul criança.

Trieste, 1913.

ELA CHORA POR RAHOON

A chuva em Rahoon cai, suave, vai caindo,
Onde jaz meu amante turvo.
Triste a voz que me chama, triste, vem chamando,
Ao gris surgir da lua.

Amor, escuta,
Quão suave e triste a voz chamando
Sem resposta e a turva chuva caindo
Agora como nunca.

Nossos corações, amor, turvos, jazem frios
Sob a murta grislua,
Como aquele coração, no mofo negro, triste,
E a chuva murmura.

Trieste, 1913.

TUTTO È SCIOLTO

Céu despassarado, martarde, estrela errante
O oeste perfura,
E tu, do peito pulcro, tempo de amor, sutil, distante,
Lembrar-te procuras.

O doce olhar dos olhos jovens, os cândidos cílios,
Cabelos olentes,
Caindo como se queda em exílio
O ar do poente.

Por que quando lembras dos doces e finos
Ardis te estuas,
Se a doce paixão a rendê-la em suspiros
Era apenas tua?

Trieste, 1914.

NA PRAIA EM FONTANA

Vento funga e funga o cascalho,
Gemem as loucas portoestacas;
Um mar senil conta o cascalho
Musgargêntea fraga.

Do vento que funga, ainda mais frio
O mar cinza abraço quente
E toco seu ombro finosso franzino,
E braço adolescente.

O medo em torno de nós, caindo
De cima, trevas de temor
E em meu coração quão fundo e infindo
O langor do amor.

Trieste, 1914.

SÍMPLICES

O bella bionda,
Sei come l'onda!

De doce, fresco orvalho e radiância fina
A lua a teia de silêncio ata
No jardim estanque onde a menina
As símplices folhas de salada cata.

Luorvalho lhe estrela na coma a gingar
E beija a sua testa a luz da lua
E, catando, então, ela entoa um cantar:
Tal como a da onda, a beleza tua!

Sê meu, eu peço, o ouvido encerado,
Protege-me dessas cantilenas suas,
E meu, um coração encouraçado,
Para esta que cata as símplices da lua.

Trieste, 1915.

ENCHENTE

Na enchente saciada, bruniáureas,
Em penca as vinhas boiam à deriva,
As asas vastas sobre as águas pairam
Do dia infausto.

Um desperdício de águas desalmadas
Sacodem, alteando a ervosa crina
E o dia avista o mar enfastiado
Com vil desdém.

Ó dourada vinha, altiva e turva,
Teu fruto em penca, inundação de amor,
Tão claro, atroz e vasto como a tua
Indecisão!

Trieste, 1915.

NOTURNO

Mancas no lume,
As pálidas estrelas seus archotes
Ondeiam velados.
Fogofátuo dos fundos do céu alumia
Arcos em altivos arcos,
Na nave da noite de pecadescuro.

Serafim,
Faltosas hostes despertas
À missa até
Que em desluado lume, se descuidam, mudas, e, enfim,
Erguem-se quando ela oferta
Seu turíbulo.

E largo e lauto,
À nave da noite altiva,
Soa o astrossino
Nuvem sobre nuvem, alça o incenso infausto
Aonada, longe dos cativos
Desperdício de espíritos.

Trieste, 1915.

SOZINHO

A malha grisáurea da lua faz
Da noite um véu soturno,
As lâmpadas, ao lago que jaz,
Traçam ramos de laburno.

O fino caniço à noite sibila
Um nome – o nome dela –
E toda a minha alma jubila,
Vergonha me anela.

Zurique, 1916.

MEMÓRIA DOS ATORES EM UM ESPELHO À MEIA-NOITE

Murmuram a língua do amor. Rangem
Os treze dentes
Tuas magras mandíbulas juntas. Frangem
Teu coçar e tremer, gana nua da carne.
Cantado ou dito, em ti, o bafo do amor se míngua
Acre, qual bafo de gato,
De áspera língua.

Esse cinza que fita
Não mente, pele rija e osso.
Deixam os lábios sebosos seu beijo. Ninguém
escolhe para ela o que vês por abocanhares.
A fome grave susta dele horas.
Arranca teu peito, salsangue, fruto de lágrimas.
Arranca e devora!

Zurique, 1917.

BANHOFSTRASSE

Os olhos que me mofam marcam a via
Aonde passo à véspera do dia,

Gris via, cujos sinais violeta são
A estrela do encrespar-se e da união.

Ah, estrela da dor! estrela do mal!
Vivaz juventude não volta, afinal

Nem de peito prudente saber consigo
Os sinais que me mofam enquanto sigo.

Zurique, 1918.

UMA PRECE

Novamente!
Vem, dá, entrega-me todo teu viço!
De longe uma parca palavra soprando na mente frangente
Sua calma cruel, miséria do submisso,
Adoçando o seu temor como à alma predestinada.
Cessa, amor silente! Minha desdita!

Tem piedade, amado inimigo da minha vontade, cega-me com tua pertidão escura!
Não ouso aguentar o toque cálido, meu pavor.
Ainda me suga
A lerda vida! Pende mais fundo, rosto ameaçador,
Orgulhoso de minha queda, lembrando-se e tendo pena
Dele que é, dele que era!

Novamente!
Juntos, dobrados pela noite, deitam-se na terra. Ouvi
De longe sua parca palavra me sopra na mente frangente.
Vem! Eu desisto. Pende-me mais fundo! Estou aqui.
Tirano, não me deixes. Só júbilo, só angústia,
Leva-me, salva-me, aplaca-me, poupa-me!

Paris, 1924.

A oração de um dácio

Mihai Eminescu

O texto: Escrito em 1879 e publicado em 1884, "Rugăciunea unui dac" ("A oração de um dácio") é um poema intrigante, em virtude dos paradoxos e da ambivalência no trato com a divindade. O *dácio*, que assume a voz poética, é um dos ancestrais do povo romeno (como os trácios), antes da invasão romana. O poeta moderno encarna seu ancestral longínquo para dar voz à sua lamentosa oração, alternando entre bendição e maldição, louvor e anátema, salvação e perdição. No poema, o *dácio* anseia pela beatitude do "eterno repouso" no nada absoluto, e para garantir que não haverá obstáculos ao seu desejo, exige que a divindade amaldiçoe todo homem que tiver piedade dele, mediante uma oração negativa e de aparência niilista que subverte a fé religiosa ortodoxa, invertendo o que normalmente se entende por vantagem e desvantagem, o melhor e o pior a ser desejado.

Texto traduzido: Eminescu, M. „Rugăciunea unui dac". In. *Poezii*. Bucureşti: Casa de Editură şi Presă „Viaţa Românească", 1991, pp. 105-106.

O autor: Mihai Eminescu (1850-1889), poeta, romancista e ensaísta romeno, nasceu em Botoşani. Considerado o *poeta nacional* da Romênia por antonomásia, foi um espírito universalista cujas influências incluíam, para além do horizonte nacional, a filosofia de Schopenhauer e o Romantismo, no âmbito da cultura ocidental, o Budismo e a tradição dos Vedas, na oriental. Teve uma existência romântica por excelência, para a qual vida e criação estiveram dolorosamente vinculadas, como uma questão de destino. Viveu apenas 39 anos, terminando sua vida em uma instituição psiquiátrica, acometido de demência. Dentre suas obras, destacam-se a prosa *Sarmanul Dionis* (*Pobre Dionísio*), de 1872, e os poemas *Luceafărul* (*Vésper*) e *Mai am un singur dor* (*Resta-me um só desejo*), ambos de 1883.

O tradutor: Rodrigo Menezes é doutor em Filosofia pela PUC-SP, pesquisador da obra de Cioran, tradutor e editor do Portal E.M. Cioran Brasil (2010-2020). Para a (n.t.) traduziu Emil Cioran e Héctor Escobar Gutiérrez.

Rugăciunea unui dac

"Nu era azi, nici mîne, nici ieri, nici totdeauna,
Căci unul erau toate și totul era una."

MIHAI EMINESCU

Pe cînd nu era moarte, nimic nemuritor,
Nici sîmburul luminii de viață dătător,
Nu era azi, nici mîne, nici ieri, nici totdeauna,
Căci unul erau toate și totul era una;
Pe cînd pămîntul, cerul, văzduhul, lumea toată
Erau din rîndul celor ce n-au fost niciodată,
Pe-atunci erai Tu singur, încît mă-ntreb în sine-mi:
Au cine-i zeul cărui plecăm a noastre inemi?

El singur zeu stătut-au nainte de-a fi zeii
Și din noian de ape puteri au dat scînteii,
El zeilor dă suflet și lumii fericire,
El este-al omenimei izvor de mîntuire:
Sus inimile voastre! Cîntare aduceți-i,
El este moartea morții și învierea vieții!

Și el îmi dete ochii să văd lumina zilei,
Și inima-mi împlut-au cu farmecele milei,
În vuietul de vînturi auzit-am al lui mers
Și-a glas purtat de cîntec simții duiosu-i vers,
Și tot pe lîng-acestea cerșesc înc-un adaos:
Să-ngăduie intrarea-mi în vecinicul repaos!

Să besteme pe-oricine de mine-o avea milă,
Să binecuvînteze pe cel ce mă împilă,
S-asculte orice gură, ce-ar vrea ca să mă rîdă,
Puteri să puie-n brațul ce-ar sta să mă ucidă,
Ș-acela între oameni devină cel întîi
Ce mi-a răpit chiar piatra ce-oi pune-o căpătîi.

Gonit de toată lumea prin anii mei să trec,
Pîn' ce-oi simți că ochiu-mi de lacrime e sec,
Că-n orice om din lume un dușman mi se naște,
C-ajung pe mine însumi a nu mă mai cunoaște,
Că chinul și durerea simțirea-mi a-mpietrit-o,
Că pot să-mi blestem mama, pe care am iubit-o –
Cînd ura cea mai crudă mi s-a părea amor...
Poate-oi uita durerea-mi și voi putea să mor.

Străin și făr' de lege de voi muri – atunce
Nevrednicul-mi cadavru în uliță l-arunce,
Ș-aceluia, părinte, să-i dai coroană scumpă,
Ce-o să amuțe cînii, ca inima-mi s-o rumpă,
Iar celui ce cu pietre mă va izbi în față,
Îndură-te, stăpîne, și dă-i pe veci viață!

Astfel numai, părinte, eu pot să-ți mulțumesc
Că tu mi-ai dat în lume norocul să trăiesc.
Să cer a tale daruri, genunchi și frunte nu plec,
Spre ură și blestemuri aș vrea să le înduplec,
Să simt că de suflare-ți suflarea mea se curmă
Și-n stingerea eternă dispar fără de urmă!

1879, 1 septembrie

A ORAÇÃO DE UM DÁCIO

"Não havia hoje, amanhã, ontem, tempo algum,
Pois um era o todo, e todos eram um."

MIHAI EMINESCU

Quando não havia morte, e nada imortal,
Nem a fecunda semente que gera a luz vital,
Não havia hoje, amanhã, ontem, tempo algum,
Pois um era o todo, e todos eram um;
Quando a terra, o céu, o ar e o mundo inteiro
Eram ausentes do que havia primeiro
Quando era Tu apenas, e eu, cheio de interrogações:
A que deus confiamos nossos corações?

Ele, único deus, antes que os deuses viessem a ser
que do mais fundo das águas a centelha dotou de poder,
Ele, aos deuses dá alma, ao mundo, felicidade,
Ele, a fonte de salvação da humanidade:
Animai vossos corações! Dedica-lhe uma canção,
Da morte, ele é a morte, da vida, a ressurreição!

Ele me deu estes olhos para ver a luz do dia,
E com piedade meu coração encheu de encanto e alegria,
No rumor dos ventos eu o senti passar
E em vozes melodiosas sua música soar,
E além de tudo isso, mais um clamor eu ouso:
Permite-me a entrada no eterníssimo repouso!

Que amaldiçoes quem por mim demonstrar compaixão
E abençoes todo aquele que me trata com opressão,
Que escutes toda boca quando queira me insultar
E ao braço concedas força que quiser me trucidar,
E entre os homens, faz dele o primeiro
O que me rouba a pedra que serve de travesseiro.

Que me acosse o mundo inteiro por anos a fio,
Até sentir que meus olhos estão de lágrimas vazios,
Que todo homem no mundo seja para mim um inimigo,
E eu desconheça sempre o estrangeiro que há comigo,
E com a alma por tormento e dor petrificada,
Que eu maldiga minha mãe, por mim tão adorada –
Quando o ódio mais cruel me pareça só amor...
Então talvez morrendo esqueça eu a minha dor.

Estrangeiro e fora da lei é como morrerei – então
Com meu indigno cadáver lançado em um desvão,
E dá-lhe, pai, uma coroa com valor contido,
Ao que lance um cão para que meu coração seja partido,
E daquele que com pedras me fere a cara doída
Tem piedade, mestre, concede-lhe a eterna vida!

Somente assim, pai, posso eu te agradecer
Pela graça que me deste de no mundo poder viver.
E por tuas dádivas rogar, sem joelhos nem fronte dobrar,
Mas por ódio e maldições gostaria de implorar,
E que em teu sopro possa sentir que se apaga meu astro,
E na extinção eterna desaparecer sem deixar rastro!

1º de setembro de 1879

Poemas

August von Platen

O texto: Seleção com três poemas dispersos de August von Platen: "Tristão" („Tristan"), "Na vida sinto sempre, eu não sei qual tormento?" („Im Leben fühl ich stets, ich weiß nicht, welche Qual?") e"Quem algum dia soube a vida bem compreender" („Wer wußte je das Leben recht zu fassen"). Os três poemas têm em comum a dissonância entre a voz lírica e o mundo, encenando experiências de solidão, ruptura e despertencimento.

Texto traduzido: Platen, A. von. „Tristan". In. *Gedichte.* Stuttgart/Tübingen: J. G. Cotta, 1834, 88 S. „Im Leben fühl ich stets, ich weiß nicht, welche Qual?" und „Wer wußte je das Leben recht zu fassen". In. *Gesammelte Werke.* Stuttgart/Tübingen: J. G. Cotta, 1847, 74 und 142 S.

O autor: August Graf von Platen-Hallermünde ou August von Platen (1796-1835), poeta e dramaturgo alemão, nasceu em Ansbach, na Baviera. Foi um importante poeta de expressão alemã, tendo se dedicado a formas como o gazel e o soneto, e também, ao drama. Estudou com Friedrich Schelling na Universidade de Erlangen e conheceu muitos dos principais escritores românticos da época, incluindo Goethe e Leopardi.

O tradutor: Dionei Mathias, doutor em Letras pela Universität Hamburg e pela UFPR, é professor de língua e literatura na Universidade Federal de Santa Maria. Para a (n.t.) traduziu Theodor Fontane.

Gedichte

"Wer die Schönheit angeschaut mit Augen,
Ist dem Tode schon anheimgegeben."

AUGUST VON PLATEN

TRISTAN

Wer die Schönheit angeschaut mit Augen,
Ist dem Tode schon anheimgegeben,
Wird für keinen Dienst auf Erden taugen,
Und doch wird er vor dem Tode beben,
Wer die Schönheit angeschaut mit Augen!

Ewig währt für ihn der Schmerz der Liebe,
Denn ein Tor nur kann auf Erden hoffen,
Zu genügen einem solchen Triebe:
Wen der Pfeil des Schönen je getroffen,
Ewig währt für ihn der Schmerz der Liebe!

Ach, er möchte wie ein Quell versiechen,
Jedem Hauch der Luft ein Gift entsaugen
Und den Tod aus jeder Blume riechen:
Wer die Schönheit angeschaut mit Augen,
Ach, er möchte wie ein Quell versiechen!

✣

Im Leben fühl ich stets, ich weiß nicht, welche Qual?
Gefahren ohne Maß! Gedanken ohne Zahl!
An Harmonie gebricht‘s den Formen um mich her,
Mir schauert‘s im Gemach, mir wird‘s zu eng im Saal!
Und tret ich auch hinaus, erholt sich kaum der Blick:
Was türmt sich im Gebürg? was schlingt sich im Getal?
Die Sterne sind so fern! die Blumen sind so tot!
Die Wolken sind so grau! die Berge sind so kahl!
Wie sollte die Natur befried‘gen ein Gemüt,
Die heute frisch und grün, die morgen welk und fahl?
Wohl ist, sobald das Ich sich schrankenlos ergeht,
Die Erde viel zu klein, der Himmel viel zu schmal!
Und auch gesell‘ges Glück erfüllt noch nicht das Herz,
Es wechsle das Gespräch! Es kreise der Pokal!
Und ach! Die Liebe selbst? Erwart ich noch vielleicht
Befriedigung von ihr, die mir den Frieden stahl?
Du aber, wer du seist, o send in meine Brust,
Wie einen glühnden Pfeil, den schöpferischen Strahl!
Dann ist die Seele voll und eingelullt der Schmerz,
Das Ich, es fühlt sich frei, wiewohl ihm fehlt die Wahl!
Und wenn der Lipp‘ entstürzt in Strömen der Gesang,
Verbindet Welt und Ich sein silberner Kanal.

*

Wer wußte je das Leben recht zu fassen,
Wer hat die Hälfte nicht davon verloren
Im Traum, im Fieber, im Gespräch mit Toren,
In Liebesqual, im leeren Zeitverprassen?

Ja, der sogar, der ruhig und gelassen,
Mit dem Bewußtsein, was er soll, geboren,
Frühzeitig einen Lebensgang erkoren,
Muß vor des Lebens Widerspruch erblassen.

Denn Jeder hofft doch, daß das Glück ihm lache,
Allein das Glück, wenn's wirklich kommt, ertragen,
Ist keines Menschen, wäre Gottes Sache.

Auch kommt es nie, wir wünschen bloß und wagen:
Dem Schläfer fällt es nimmermehr vom Dache,
Und auch der Läufer wird es nicht erjagen.

POEMAS

"Quem a beleza contemplou com olhos,
Já se encontra confiado à morte."

AUGUST VON PLATEN

TRISTÃO

Quem a beleza contemplou com olhos,
Já se encontra confiado à morte,
Não servirá para qualquer ofício em terra,
E, não obstante, tremerá diante da morte,
Quem a beleza contemplou com olhos!

Eterna será para ele a mágoa do amor,
Pois só um tolo pode em terra esperar,
Satisfação proporcionar a tal impulso:
Quem a flecha do belo alvejar,
Eterna será para ele a mágoa do amor!

Ah, quisera como uma fonte secar,
De cada sopro do ar um veneno inalar
E de cada flor a morte aspirar:
Quem a beleza contemplou com olhos,
Ah, quisera como uma fonte secar!

*

Na vida sinto sempre eu não sei qual tormento?
Perigos sem medida! Pensamentos sem cifra!
De harmonia carecem as formas, ao meu redor,
Estremeço na alcova, muito apertado me sinto no salão!
Mesmo saindo, pouco reconvalesce meu olhar:
O que se amontanha na cordilheira? O que se enrosca nos vales?
As estrelas estão tão distantes! As flores estão tão mortas!
As nuvens estão tão cinzas! As montanhas estão tão nuas!
Como a natureza poderia contentar o ânimo,
Hoje fresca e verde, amanhã murcha e pálida?
Talvez, tão logo o Eu se espraia em desmedida, seja
A terra pequena demais, o céu estreito em demasia!
E também a felicidade comunitária ainda não preenche o coração,
Mude a conversa! Circule a taça!
E ah! O amor mesmo? Talvez ainda espere
Satisfação dele que me roubou a paz?
Tu porém, quem seja, envia a meu peito,
Como uma flecha incandescente, o feixe criativo!
Então estará a alma plena e adormecida a dor,
O Eu se sente livre, embora não tenha escolha!
E quando do lábio irrompe em torrentes o cantar,
Conecta o mundo e o Eu com seu prateado canal.

✣

Quem algum dia soube a vida compreender,
Quem a metade dela não perdeu
No sonho, na febre, na conversa com tolos,
No tormento do amor, na perda vazia do tempo?

Sim, até mesmo aquele que, tranquilo e plácido,
Tendo nascido sabendo o que deve fazer
E cedo escolhido o caminho da vida
Deve empalidecer diante da contradição da vida.

Pois cada um espera, sim, que a fortuna o afague,
Mas quando essa fortuna deveras chega, suportar
Não é do ser humano, seria de Deus o objeto.

Ademais, isso nunca ocorre, só ansiamos e ousamos:
Ao ocioso, ela nunca mais cairá do telhado,
E tampouco o diligente irá alcançá-la.

contos

(n.t.) | Skänninge

Pela Sibéria Oriental

Ivan Gontcharóv

O texto: Durante a Guerra da Crimeia (1853-1856), as embarcações russas não podiam retornar pelo Mar do Norte, o que obrigou os marinheiros a atravessar o deserto gelado por terra. Uma delas era a fragata "Pallada", que trazia a bordo o escritor russo Ivan Gontcharóv, que viajava como secretário do comandante. As experiências dessa viagem foram registradas em seu livro *Фрегат "Паллада"* (*A Fragata Pallada*), mas o trecho terrestre do retorno foi registrado neste conto "По Восточной Сибири" ("Pela Sibéria Oriental"), publicado em 1891 na revista *Русское обозрение* (*Crítica russa*). Ao contrário da imagem mais corrente da literatura russa do século XIX, o tom humorado do conto contrasta com o sofrimento causado pela dura vida siberiana. Foi o último texto publicado m vida pelo autor, o que explica o tom melancólico e saudosista dos tempos de sua juventude.

Texto traduzido: Гончаров И. А. "По Восточной Сибири". *Собрание сочинений*. Т. 7. Москва: Гос. изд-во худож. лит., 1954, С. 384-408.

O autor: Ivan Gontcharóv (1812-1891), escritor russo, nasceu em Simbirsk, atual Uliánovsk. Após uma infância típica de interior, foi enviado à capital russa para estudar artes mercantis, que não o cativaram, passando a frequentar o curso de Filologia. Por sua atividade como funcionário público do governo, não se dedicou integralmente à escrita, mas escreveu obras memoráveis da literatura russa, como suas crônicas de viagem registradas em diversos textos, chamados de "ciclo palladiano", que incluem Фрегат "*Паллада*" (*A Fragata Pallada*), de 1858, e seu principal romance, *Обломов* (*Oblómov*), de 1859, considerado a personificação do "homem supérfluo", tipo clássico da literatura russa.

O tradutor: Rafael Bonavina Ribeiro, graduado em Letras pela USP, com dupla habilitação em português e russo, é mestrando em Literatura Brasileira pela mesma universidade. Publicou traduções em revistas acadêmicas e colabora com a *Revista de Literatura e Cultura Russa* - RUS.

Contato: rafaelbonavina@gmail.com

По Восточной Сибири

В Якутске и в Иркутске

"Но бог с ней, с мертвою, ледяною природой!"

ИВАН ГОНЧАРОВ

Лет тридцать с лишком тому назад я провел два месяца, с конца сентября до конца ноября, поблизости полюса, – северного конечно. Это – в Якутске, откуда до полюса рукой подать. Я писал об этом областном городе в очерках своего кругосветного плавания – и не угрожаю читателю возвращаться к новому описанию.

Правду сказать, и нечего описывать. Природа... можно сказать – никакой природы там нет. Вся она обозначена в семи следующих стихах, которыми начинается известная поэма Рылеева «Войнаровский»:–

На берегу широкой Лены
Чернеет длинный ряд домов
И юрт бревенчатые стены.
Кругом сосновый частокол
Поднялся из снегов глубоких,
И с гордостью на дикий дол
Глядят верхи церквей высоких.

И только.

Напрасно я в своих очерках путешествия силился описывать Якутск, – я полагаю, что силился. А навести справку, заглянуть в книгу, да еще свою, – меня на это нехватает. Стоило бы привести эти семь стихов – и вот верный фотографический снимок и с Якутска и с якутской природы.

– Да это и в Петербурге все есть, – скажет читатель, – и широкая река, снегу – вдоволь, сосен – сколько хочешь, церквей тоже у нас здесь не мало. А

если заглянуть на Петербургскую или Выборгскую стороны, то, пожалуй, найдешь что-нибудь похожее и на юрты. О *гордости* и говорить уж нечего!

Для полноты картины нехватает в Петербурге якутских морозов, а в Якутске – петербургских оттепелей.

Петербург, пожалуй, может еще похвастаться, что иногда отмораживает щеки извозчиков и убеляет снегом их бороды, – но куда до Якутска. Зато уже Якутск пасс перед Петербургом насчет оттепелей.

И то и другое весьма естественно: Якутск лежит под 62° северной широты, и Петербург недалеко ушел от него: он расположен под 61°.

Но я изменяю обещанию не описывать якутской природы. Если я в путешествии моем вдался в какое-либо описание, а не привел, для краткости, вышеозначенных изобразительных стихов, то это вовсе не оттого, что я не знал или не помнил этого начала поэмы. Напротив, я помню, что, подъезжая к городу, я декламировал эти стихи; а не привел их, как принято выражаться в печати, – «по независящим от автора обстоятельствам». Приводить что-нибудь из Рылеева, – даже такое простое описание природы, – тогда было неудобно.

Но бог с ней, с мертвою, ледяною природой! Обращусь к живым людям, каких я там нашел.

Сколько холодна и сурова природа, столько же добры и мягки там люди. Меня охватили ласка, радушие, желание каждого жителя наперерыв быть чем-нибудь приятным, любезным.

Я не успел разобраться со своим спутником с корабля, как со всех сторон от каждого жителя получил какой-нибудь знак внимания, доброты. Я широко всем этим пользовался, не потому, чтобы нуждался в чем-нибудь. Собственно для моих нужд и даже прихотей совершенно достаточно было двух моих чемоданов-сундуков и моего спутника: omnia mecum portabam[1]. Но я так же тепло принимал все эти знаки радушия, как тепло они предлагались. Я видел, что им самим нужнее было одолжить меня, чем мне принимать одолжение, – и это меня радовало, как их радовало одолжать.

В самом деле, сибирские природные жители добрые люди. Сперанский будто бы говаривал, что там и медведи добрее зауральских, то есть европейских. Не знаю, как медведи, а люди в самом деле добрые.

Я в день, в два перезнакомился со всеми жителями, то есть с обществом, и в первый раз увидел настоящих сибиряков в их собственном гнезде: в Сибири родившихся и никогда ни за Уральским хребтом с одной стороны,

[1] Все носил с собою (лат.).

ни за морем с другой – не бывших. Петербург, Москва и Европа были им известны по слухам от приезжих «сверху» чиновников, торговцев и другого люда, как Америка, Восточный и Южный океаны с островами известны были им от наших моряков, возвращавшихся Сибирью или «берегом» (как говорят моряки) домой, «за хребет», то есть в Европу.

Итак, весь люд составляло общество, всего человек, сколько помнится, тридцать, начиная с архиерея и губернатора и кончая чиновниками и купцами. Все это составляло компактный круг, в котором я, хотя и проезжий с моря – по застигшим меня морозам и частию по болезни ног, – занял на два месяца прочное положение и не знал, когда выеду.

Поневоле пришлось вглядываться в эту кучку новых для меня лиц и в каждое лицо отдельно.

Но не природных сибиряков было всего три-четыре человека, приехавших из Европы, то есть из Петербурга: это губернатор да еще, может быть, несколько чиновников – и только. Архиерей был урожденный сибиряк.

Остальные духовные лица, чиновники и купцы тоже все сибиряки, частью местные, частью приезжие сверху, из Иркутска. Все это составляло сибирскую буржуазию, там на месте урожденную, выросшую и созревшую или, скорее, застывшую в своих природных формах и оттого имеющую свой сибирский отпечаток: со своим оригинальным свободным взглядом на мир божий вообще и свой независимый характер, безо всякой печати крепостного права, хотя в то же время к «предержащим властям» почтительную, скромную, но носящую в себе свое достоинство.

Припоминаю, что в путевых своих очерках («Фрегат «Паллада») я слегка говорил о якутском обществе огулом, не сказав лично почти ни о ком. Протекло с тех пор тридцать лет с лишком: я перезабыл имена, но не забыл добрые, ласковые лица, радушие и баловство, оказываемое ежедневно мне, как и невольному путешественнику, нечаянно, по болезни и по милости замерзавшей реки, двухмесячному гостю.

Значит, у меня «память сердца» сильнее «рассудка памяти печальной». Что ж, это, надеюсь, хорошо!

Зачем помнить имена, когда предо мной целая галлерея полных жизни лиц, как будто я гляжу на них и они все на меня? Я забыл сказать, что я застал тут своих спутников с фрегата. Они торопились и уехали до того, как река стала. То же радушие, то же гостеприимство было оказано и им, и кстати или некстати и мне.

Из не сибиряков упомяну о гражданском губернаторе, управлявшем Якутскою областью с тех пор, как она, незадолго до нашего приезда туда,

отделена была от иркутского гражданского управления. Но главным шефом и военной и гражданской части оставался все-таки генерал-губернатор Восточной Сибири, известный впоследствии под именем графа Амурского, Николай Николаевич Муравьев.

Губернатором же был – назову его Петром Петрович Игоревым (настоящих имен я принял за правило не приводить: не в именах дело) – бывший до Якутска губернатором в одной из губерний Европейской России, где как-то неумело поступил с какими-то посланными в ту губернию на житье поляками – и будто бы за это «на некое был послан послушанье» в отдаленный край. Стало быть, он в своем роде был почетный ссыльный.

Лично любезный, тонкий, пожалуй образованный... чиновник. Чиновник – от головы до пят, как Лир был король от головы до пят.

И все почти тогда такие были: «Grattez un russe, – говорит старый Наполеон, – et vous trouverez un tartare»; он прибавил бы: «ou un tchinovnik»[2], если бы знал нас покороче.

Сибирь не видала крепостного права, но вкусила чиновничьего – чуть ли не горшего – ига. Сибирская летопись изобилует такими ужасами, начиная с знаменитого Гагарина и кончая... не знаю кем. Чиновники не перевелись и теперь там. Если медведи в Сибири, по словам Сперанского, добрее зауральских, зато чиновники сибирские исправляли их должность и отличались нередко свирепостью.

Вглядываясь поближе в губернатора, я не мог надивиться, как могли назначить на такой пост петербургского, пожалуй умного, тонкого редактора докладов, отношений, донесений, словом примерного правителя любой канцелярии, в глухой край, требующий энергии, силы воли, железного характера, вечной бодрости, крепости, свежести лет и здоровья, словом такой личности, как был генерал-губернатор Н. Н. Муравьев. Он, кажется, нарочно создан для совершения переворотов в пустом, безлюдном крае! Он и совершил их не мало. Об этом скажет история, «но мы истории не пишем...» – повторю вслед за нашим баснописцем.

Этот Петр Петрович был довольно дряблый старичок, с приятным, но значительно подержанным лицом, не без морщин, с подагрическим румянцем, с умными, тонко, отчасти лукаво смотревшими из-за золотых очков глазами, – маленький, кругленький, с брюшком.

Это начальник края, раскинувшегося с Ледовитого моря с одной стороны, до Восточного океана с другой и до подножия Станового хребта с

---

[2] Поскоблите русского и вы найдете татарина… или чиновника (франц.).

третьей. И ничего: дела шли себе ни валко, ни шатко, ни на сторону. Это и можно объяснить только тем, что в этой ледяной пустыне было больше зверей, чем людей, так что, собственно, губернатор был бы не нужен. А со зверями купцы распоряжались отлично.

«Тут бы такого же молодца военного, думалось мне, как генерал-губернатор, которого я успел несколько покороче рассмотреть в устьях Амура, куда он приезжал посмотреть нашу эскадру и в свите которого я плыл с Амура по Охотскому морю на нашей шкуне «Восток» и провел несколько дней в местечке Аяне, нашем крайнем пункте на этом море».

В беседах с ним я успел вглядеться в него, наслушаться его мыслей, намерений, целей!

Какая энергия! Какая широта горизонтов, быстрота соображений, неугасающий огонь во всей его организации, воля, боровшаяся с препятствиями, с «bâtons dans les roues»[3], как он выражался, которыми тормозили его ретивый пыл! Да это отважный, предприимчивый янки! Небольшого роста, нервный, подвижной. Ни усталого взгляда, ни вялого движения я ни разу не видал у него. Это и боевой отважный борец, полный внутреннего огня и кипучести в речи, в движениях.

Его угадал император Николай Павлович, и из гражданского губернатора Тулы призвал на пост генерал-губернатора Восточной Сибири. Ни тот, ни другой не были чиновниками и поняли друг друга.

И вдруг такому деятелю, в своем роде титану, как Муравьев, дали в помощники чиновника, дельца, редактора докладов, донесений и отношений! «Да ведь вы не на своем месте!» – хотелось мне сказать после первых свиданий и разговоров с губернатором. У меня еще так свеж был в памяти образ настоящего пионера-бойца с природой, с людьми на месте – с инородцами, разными тунгусами, орочами, соседними с Сибирью китайцами, чтоб отвоевать от них Амур, – и в то же время бороться за хребтом с графом Нессельроде, о котором он не мог говорить хладнокровно, и обо всех, кто кидал ему «bâtons dans les roues» – в Петербурге с одной стороны, с другой, там на месте, он одолевал природу, оживлял, обрабатывал и населял бесконечные пустыни.

Но его, в свою очередь, одолевали чиновники, между прочим и якутский губернатор, на которого он постоянно косился и также на других, приезжих из-за хребта петербургских чиновников.

---

[3] С палками в колесах (франц.).

Чиновники не разделяли его пыла, упирались, смотрели на все его затеи, задумчиво ковыряя в носу, и писали доклады, донесения, тоже подкидывали исподтишка, где могли, своему шефу «bâtons dans les roues».

Пылкий, предприимчивый дух этого энергического борца возмущался: человек не выдерживал, скрежетал зубами, и из обыкновенно ласкового, обходительного, приличного и любезного он превращался на мгновение в рыкающего льва. И тогда плохо было нарушителю закона. Я видел его и ласковым, любезным, и тоже рыкающим. Он со мной на Амуре был откровенен, не стеснялся в беседах, как с лицом посторонним тамошним делам.

Впрочем, это я видел после в Иркутске... А теперь я увлекся воспоминанием о Муравьеве и отвлекся от якутского губернатора. Но кто не увлекался этою яркою личностью, кто сколько-нибудь знал ее: только враги ее!

Когда я, разобравшись на своей квартире, пришел к губернатору Игореву и отдал человеку карточку, Игорев почти выбежал ко мне в залу, протянул ласково руку и провел прямо в кабинет, к письменному столу, заваленному бумагами, пакетами, газетами и частью книгами.

– Милости просим, мы давно ждали вас, – сказал он, оглядывая меня зорко из-за очков.

– Каким образом? Разве вы знали обо мне что-нибудь? – спросил я не без удивления.

Я ожидал, что он отпустит мне комплимент насчет литературы: «Вон у него книги, думал я, газеты, может быть есть «Современник», где я печатал свои труды». Я уж поднял голову, стал играть брелоками: «Вот, мол, каково: от моря и до моря, от чухон до чукчей и якутов...» Но он быстро разочаровал меня.

– Как же, – сказал он, – ведь вы с Николаем Николаевичем ехали по Охотскому морю. Он недавно проехал и сказывал... рекомендовал...

Я упал с облаков. Он наслаждался моим смущением и лукаво смотрел на меня сквозь очки.

– Откушать, откушать милости прошу ко мне, – наконец заговорил он, – Вы наш гость... на нас лежит обязанность... Вам где отвели квартиру? Хорошо ли, удобно ли?

– У мещанина Соловьева: очень удобно, – сказал я. – Две большие комнаты, просто, но прилично меблированные. Я и насчет стола уговорился с хозяевами...

– Ну, какой у них стол! Языки оленьи да пельмени, пельмени да языки... Сегодня откушаете у меня и завтра у меня. Я попрошу и его преосвященство. Вы были у него?

– Вот сейчас еду...

– Так поедемте вместе – вот и кстати. У меня повар, я вам скажу, порядочный, конечно из Петербурга. Пробовал я приучать из здешних... да куда!..

Тут он вдался в кулинарные подробности, напоминал отчасти гоголевского Петуха, – потом превратился опять в лощеного, чистенького, светского петербургского чиновника-маркиза и представил меня архиепископу Иннокентию, которому суждено было впоследствии занять кафедру московского митрополита.

Я уже писал в своем путешествии об этой почтенной своеобразной личности, о которой теперь есть полная, прекрасная книга (Барсукова), и не стану ни повторять своего, ни заимствовать из чужой книги.

Он – тоже крупная историческая личность. О нем писали и пишут много и много будут писать – и чем дальше населяется, оживляется и гуманизируется Сибирь, тем выше и яснее станет эта апостольская фигура.

Личное мое впечатление было самое счастливое. Вот природный сибиряк, самим господом богом для Сибири ниспосланный апостол-миссионер!

– А что за душа! Что за характер! – хвалил его губернатор, когда мы ехали к нему. – Вы только представьте себе, что он сотворил в наших американских колониях – именно «сотворил», – повторил он с ударением. – А нашу Якутскую область он, представьте, искрестил вдоль и поперек. Где только он не был!.. На Алеутских островах жил с алеутами, учил их и молиться и жить по-человечески, есть не одну рыбу да белок, а с хлебом. Теперь, как его сделали архиереем, он еще учительствует между двухсот тысяч якутов... Он верхом первый открыл вместо Охотска Аян, более удобный пункт для переезда через прежнее Семигорье...

Мы в это время подъехали к архиерейскому дому.

Я слышал и читал много и сам о преосвященном: как он претворял диких инородцев в людей, как разделял их жизнь и прочее. Я все-таки представлял себе владыку сибирской паствы подобным зауральским иерархам: важным, серьезным, смиренного вида.

Доложили архиерею о нас. Он вышел нам навстречу. Да, действительно, это апостол, миссионер!.. Каким маленьким, дрябленьким старичком показался мне любезный, приятный, вежливый маркиз-губернатор пред

этою мощною фигурой, в синевато-серебристых сединах, с нависшими бровями и светящимися из-под них умными ласковыми глазами и доброю улыбкой.

Он осенил меня широким крестом и обнял.

– Добро пожаловать, мы вас давно ждали...

Я испугался. «И он! Да что это такое...»

– Николай Николаевич так много сказал нам доброго и хорошего о вас, что мы с нетерпением ждали, хотели познакомиться. Мы рады такому гостю.

– Ах, этот Николай Николаевич! – сорвалось у меня, – оценил меня в рубль и не дал заслужить пред вами самому хоть на гривенник.

Владыка закатился таким добрым и сердечным хохотом, что заразил и губернатора и меня.

– Прошу садиться. Пожалуйте, пожалуйте в мою келью! – усаживал он нас на диван и присел сам, продолжая ласково смотреть на меня.

Мы стали беседовать. Преосвященный расспрашивал меня подробно о моем путешествии и всей эскадры тоже. Оказалось, однако, что и суша и море были одинаково знакомы владыке с того времени, когда он еще в сане протоиерея Вениаминова жил с дикарями, учил их веровать в бога, жить по-человечески и написал об этом известные всему ученому свету книги. Архиерей питал глубокое уважение и к московскому митрополиту Филарету, о жизни и познаниях которого говорил с большим увлечением. Долго мы беседовали, но пора было уходить, и тогда только Игорев приступил со своею просьбой к преосвященному.

– Я к вашему преосвященству с покорнейшею просьбой, – сказал губернатор.

– Слушаю, ваше превосходительство, и исполню приказание! – шутил архиерей.

– Вот наш приезжий гость обещал сегодня у меня обедать... так не удостоите ли, ваше преосвященство, разделить мою убогую трапезу.

Они не переставали титуловать друг друга – преосвященством и превосходительством.

– Его превосходительство «без просьбы» к убогой трапезе не пригласит! – не без иронии заметил архиерей. – Я, ваше превосходительство, со своей стороны, готов исполнить приказание, но надо доложить архиерею: не знаю, какую резолюцию он положит, позволит ли монаху Иннокентию отлучиться из кельи – хоть бы и «на убогую трапезу» к игемону Петру...

Он опять закатился смехом, мы тоже. Поговорив еще кое о чем, мы, приняв его благословение и обещание «разделить убогую трапезу», которая была назначена в четыре часа, – уехали.

Я отправился к себе все еще устраиваться, а губернатор сказал, что ему надо написать несколько бумаг в Иркутск к генерал-губернатору и, между прочим, уведомить его также о моем прибытии.

– Зачем? – с удивлением спросил я.

– Да он так рекомендовал вас его преосвященству и мне: видно, что он очень благоволит вам: ему будет небезинтересно узнать, что вы благополучно доехали.

Обед или «убогая трапеза» у губернатора совершилась очень прилично. Кроме архиерея, обедал еще один чиновник, служащий у губернатора. Была уха, жаркое – рыба для архиерея и дичь для меня. Пирожное не помню какое.

Время между тем шло да шло. Советники областного правления, другие чиновники и купцы перебывали у меня все. Тут были и Акинф Иванович, и Павел Петрович, и разные другие. Все объявляли, что приходят ко мне как к заезжему гостю и как к человеку, которого очень хвалил, слышь, Николай Николаевич преосвященному и губернатору.

Так незаметно подкралась зима со своими 20, 25° мороза. Все облеклись в медвежьи шубы и подпоясались кушаками.

В один хороший зимний день, то есть когда морозу было всего градусов двадцать, к крыльцу моему подъехал на своей лошади и вошел ко мне Иван Иванович Андреев.

– Осторожней, осторожней! – услышал я его голос еще из передней. Он принял от кучера две бутыли, поставил их на стулья и вошел в комнату своеобразно, свободно, с шиком, свойственным сибирякам.

Это был плотный человек высокого роста, коренастый, с красноватым здоровым лицом, такими же руками и шеей. Одним словом, он блистал здоровьем, как лучами. Я уже знал его, потому что прежде виделся с ним у него, на его обедах, и у других.

Бутыли обратили мое внимание.

– Что это такое? – спросил я.

– А водка-с!

– Я не пью водки, ведь вы знаете! – сказал я засмеявшись.

– Знаем, знаем – не в первый раз мы это видали... Но вы никого не потчуете!.. Мы сами выпьем.

Он с любовью посмотрел на бутыли и все не мог успокоиться и приговаривал:

– Как же не пить водки!

– Я не пью не от добродетели, – заметил я, – а потому что нервы мои не позволяют.

Он задумался и налил себе рюмку.

– Нервы! – повторил он и от удивления захлопал глазами.

– Точно вы не слыхали никогда о нервах: ведь они и у вас есть, – сказал я.

Он задумчиво смотрел на меня, точно я говорил ему о предмете, ему вовсе неизвестном.

– Как не слышать, – сказал он и поставил рюмку на стол. – Слыхать-то слыхал, – проговорил он наконец. – За хребтом, говорят, много женщин есть, нервами страдают. И здесь есть одна: все нервы да нервы!

– Поверьте, они и у вас есть... да только вы не нервный. Мне вредно пить, оттого я и не пью, – прибавил я.

– И мне и всем, говорят, вредно, да вот мы пьем же.

И он задумался.

– А впрочем, кто их знает, они, пожалуй, и у меня есть, – сказал он потом. – Вот, когда пожалуете откушать ко мне... Я за тем и приехал, чтобы просить вас... Так если пожалуете за полчаса до обеда, я расскажу вам о случае со мной и с архиереем. Покажу вам письмо его...

– Хорошо, я буду у вас за полчаса до обеда.

Он выпил рюмку своей же водки и уехал.

Дня через два я явился к Ивану Ивановичу за полчаса до обеда.

Маленький слон уже ждал меня.

– Милости просим, пожалуйте!

И он увлек меня к себе в кабинет. Домашние его были заняты хозяйством в ожидании приезда других гостей.

– Вот, изволите видеть, – начал Иван Иванович, садясь сам и усаживая меня, – здесь письмо архиерея. А вот что было со мной. Надо вам доложить, что ко мне приходят разные лица по винному управлению и с каждым я выпиваю по стаканчику – это утром – водки. А потом уж пойдет чай и все другое прочее. Водка стоит у меня на столе. Всякий войдет и прямо к столу...

– А вы, Иван Иванович?

– И я: без меня никто не пьет. Закусим чем бог послал: икры, нельмовых пупков, селедки... У нас везде, знаете, закуска своя и чужая, из-за хребта... Ну-с, закусим и выпьем. А там и за дело. Придет, бывало, еще и доктор Добротворский; он тоже не глуп выпить водки, но где ему против меня! Он на двенадцатой, много, много на пятнадцатой рюмке отстает, а я продолжаю. Потом позовут на обед, то у того, то у другого: опять водка...

– Сколько же рюмок в день на вашу долю придется, Иван Иванович? – широко раскрывая глаза, спросил я.

– Да рюмок тридцать, сорок. Ведь после обеда ужин: опять водка! Так в день-то и наберется...

Я смотрел на него если не с уважением, то с удивлением и не знал, что сказать. А он весело смотрел на меня своими ясными, светлосерыми глазами.

– Ну вот, точь-в-точь так и архиерей смотрел на меня, как вы смотрите... Лекаря Добротворского куда-то услали на следствие, – продолжал он, помолчав. – Я по обыкновению выпивал свои тридцать, сорок рюмок в день, ничтоже сумняшеся, – и ничего. Как вдруг получаю от преосвященного вот это самое письмо...

И он подал мне письмо. Я забыл теперь точную редакцию его, но содержание было следующее: «До меня постоянно доходят слухи, да и сам я нередко бываю свидетелем, как вы, почтеннейший Иван Иванович, злоупотребляете спиртными напитками. Не в качестве какого-нибудь нравоучителя, а в качестве друга вашего и вашего семейства я предостерегаю вас, что последнее может лишиться отца, если вы не сделаетесь умереннее в употреблении горячих напитков. Поэтому прошу вас, – я не говорю совсем прекратить, а только уменьшите количество потребляемых вами спиртных напитков, и вы сохраните вашей семье отца...» и так далее в том же тоне.

Я медленно свернул письмо и отдал ему.

– И что же, только? – спросил я.

– Нет-с, не только... Я прочел это самое письмо... и затосковал. Когда на другой, на третий день ко мне приехали по винному откупу с отчетами, я выпил, это правда, только меньше прежнего; на второй, на третий день еще меньше, а на четвертый я ни с кем не выпил определенного стаканчика. Напрасно ко мне приступают, чтоб я пил: ни-ни! Я только все больше да больше задумываюсь и повторяю: «Не могу!» – «Да почему не можете?» – добиваются. «Нутро болит!» – отвечаю я. Дальше все то же, становлюсь задумчивее и к архиерею не еду: совестно владыки-то. День за днем, я

тоскую, худею, никуда не показываюсь. Знакомые уговаривают пить, а я все свое: «Нутро болит!» Владыко не раз обо мне спрашивает: «А что это не видать Ивана Ивановича? Что с ним?» Говорят ему: «У него нутро болит. Он не пьет водки и от всех прячется». А архиерей только смеется. Так прошло месяца полтора. Я тоскую, худею, молчу, совсем зачах...

Тут великан вздохнул на всю комнату.

– ...На меня уж рукой махнули и пьют водку без меня. Я вздыхаю да задумываюсь. У меня для всех и на все один ответ: «Нутро болит!» Вот, вдруг говорят, приехал со следствия лекарь Добротворский. Он, на радостях, чуть не прямо с дороги – ко мне. Вбежал и остановился, так и шарахнулся даже назад и все глядит на меня, словно никогда не видал. «Что с тобой? – наконец закричал в изумлении. – Ты на себя не похож! Что у тебя болит? Говори!» Я только взглянул на него и головой покачал. Велел подать закуску, водки, налил ему: «А ты что ж?» – говорит. Я опять только смотрю на него да головой качаю. Так лекарь и уехал, ничего не добился. По всем домам только и звону, что я водки не пью, стало быть нездоров. Наконец он заставил-таки меня заговорить. Я рассказал ему все, что и вам докладываю, и показал письмо архиерея. Он слушал меня, слушал, а когда я кончил, руками всплеснул и закричал: «Дурак ты, ах ты дурак!» Схватил рюмку, налил в нее водки и, наступая на меня, приказывал: «Пей!» – «Нутро болит», – говорю я. «Врешь, ничего у тебя не болит. Пей!» Ну... мы вот и выпили. Я рюмки три: больше он не дал. «Довольно, говорит, будет с тебя сегодня». На другой день я выпил четыре, на третий, четвертый – тоже. И так... недели в три... дошел до своего счета. И вот теперь, слава богу, пью попрежнему и здоров попрежнему. Когда я владыке все это рассказал, он засмеялся и только рукой махнул. «Делайте, говорит, как знаете!»

– Что ж это значит: к чему этот рассказ? – спросил я.

– Вот это и значит, что у меня нервы, должно быть, есть. Они мне эту болезнь и дали, хворость-то!..

Он замолчал и задумался. Я засмеялся, как архиерей. Да что и было другого делать?

– Ну, вот и гости пожаловали, – сказал Иван Иванович, – милости просим откушать!

Тут гостеприимные хозяева и приехавшие гости сели за стол: всех человек пятнадцать. Пошли кулебяки и разные разности. Перед обедом все мужчины выпили и закусили. За обедом ели с большим аппетитом и говорили с одушевлением.

После обеда гости разъехались, а хозяева легли спать. Я тоже ушел домой, но вечером, по настойчивому приглашению хозяев, опять вернулся, и другие вслед за мной. Все уселись за бостон, кроме меня. Я не умел играть в эту устаревшую игру и подсаживался от нечего делать то к одному, то к другому из играющих. И опять то тот, то другой выйдут из-за карточного стола – и к водке.

– Вот какие вы в ваши лета, – сказал мне один гость, – кровь с молоком! А я моложе вас, да весь серый стал...

– Отчего же, – спросил я, – от сибирских морозов, должно быть...

– Нет-с, не от морозов; что нам морозы, а все от водочки! – сказал он, выпив уж не знаю которую рюмку.

С наступлением зимы началось катанье на бешеных лошадях. Других там и не было. Хорошая упряжь была только у одного советника. Другие, опоясавшись кушаками, мчались в чем попало и как попало, – и всегда на бешеных лошадях.

Так проводили мы время в Якутске. Я дома приводил в порядок свои путевые записки и обедал то у того, то у другого из жителей города, редко дома, между прочим изредка у губернатора.

Другая «убогая трапеза» состоялась опять у него. Однажды зимой он пришел ко мне в медвежьей шубе, в очках, со своими подагрическими пятнами на щеках, любезный по обыкновению: маркиз маркизом. Его сопровождали два казака с пиками, чтоб отгонять собак. На дворе было всего градусов двадцать морозу. Всего! Excusez du peu![4] Игорев для моциона не ездил на лошадях, а ходил пешком. Впрочем, до меня было недалеко.

– Нынче я получил нельму, – начал он, – вон какую, – и он показал какую. – Что с ней делать? Как приготовить?

Я подумал немного.

– Так легкомысленно нельзя решать. Надо спросить у архиерея, – отвечал я с улыбкой, усаживая Игорева в кресло. Казаки остались в прихожей.

– И в самом деле нельзя: я же хотел просить и его преосвященство к обеду. От вас я прямо к нему. А вы тоже не пойдете ли со мной? – сказал губернатор.

– Пожалуй, хоть я недавно был у него, – отвечал я.

[4] Самая малость! (франц.)

Немного спустя мы отправились ко владыке. Он с обычною добротой и веселостью встретил нас обоих и усадил в своих покоях.

Игорев «изложил ему свою просьбу» в виде нового приглашения на новую «убогую трапезу».

– У меня нельма, – объявил он и ему, – вот какая! – Он показал какая. – Что из нее сделать?

Архиерей ласково посмотрел на него, на меня, подумал с минуту и коротко отвечал: «Ботвинье!»

Мы все засмеялись, преосвященный первый.

– Ботвинье, так ботвинье и сделаем, – сказал Игорев.

Ботвинье и сделали, да еще со льдом. А вместо пирожного подали мороженое. И это при двадцати градусах морозу! Запили всё глотком рому или коньяку из-за хребта, уж не помню, и я вернулся домой в одном пальто с бобровым воротником. И ничего!

Преосвященный не звал никогда к себе обедать. Он держался строгой монашеской жизни: ел уху да молочное, а по постным дням соблюдал положенный пост. А светским людям, по его мнению, необходимо было за обедом мясо.

Кроме того, губернатор полагал, что и оклад преосвященного был умеренный, и не позволял ему особых расходов на стол. Но преосвященный любил, чтоб я ездил к нему на вечерний чай. Он выставлял тогда целый арсенал монашеского, как он называл, угощения. Кроме чаю, тут появлялись чернослив, изюм, миндаль и т. д. – но вдобавок ко всему вино. Преосвященному хотелось угостить меня на славу. Сам он выпивал, по-монашески, одну рюмку, а я, увы! ни одной, особенно вечером.

За обедом, тогда и после, я еще мог выпить рюмку мадеры; пивал также и наливку из чудесных сибирских ягод: мамуры, морошки и других. Но вечером ничего не мог пить, не исключая и мадеры, в чем и сознался откровенно архиерею.

– Так я знаю, чем вас угостить! – сказал он ласково и велел подать лафиту.

Служка поставил бутылку красного вина, которого я в рот не беру, два стаканчика и с поклоном вышел.

Не помню, как я отделался от красного вина в этот вечер. Но в следующие дни я ездил к архиерею не один, а привозил с собою молодого прокурора, который, выпив свой стаканчик, выпивал и мой, чуть преосвященный отвернется в сторону.

– Ведь это для вас особенной жертвы не составит? – осторожно осведомился я.

– Ни малейшей! – весело сказал прокурор, – напротив...

И он продолжал осушать стаканчик за стаканчиком.

Видя вообще воздержный, чисто монашеский образ жизни владыки, я дивился, конечно про себя, встречая его на обедах, на которых приводилось быть мне самому. Он точно угадал мою мысль и однажды задумчиво заметил мне:

– Вот вы меня нередко встречаете на обедах у здешних жителей, начиная с губернатора, областных чиновников и до купцов. Все они составляют здесь одно общество, из которого выдаемся разве только мы с губернатором. Приняв раз приглашение у кого-нибудь из них – ну, хотя бы на именины хозяина, – на каком основании откажу я другому?.. Вот я поневоле и езжу ко всем; но везде меня угощают моими монастырскими кушаньями. Я приеду, благословлю трапезу, прослушаю певчих, едва прикоснусь к блюдам и уезжаю, предоставляя другим оканчивать обед по-своему.

И архиерей добродушно засмеялся.

На этих вечерних беседах у преосвященного говорилось обо всем, – всего более о царствовавшем тогда императоре Николае Павловиче. Преосвященный любил рассказывать о приеме его государем, о разговоре их, о расспросах императора о суровом крае Восточной Сибири. Между прочим, преосвященный рассказал мне о своем назначении, когда в Петербурге узнал о смерти своей жены, сначала в архимандриты и вслед за тем на кафедру Якутского, Алеутского и Курильского архиепископа.

– На Курильских островах и церкви нет, – заметил докладывающий.

– Выстроят, – сказал государь и продолжал писать.

Я теперь забыл, была ли на этих островах выстроена церковь, может быть преосвященный и сказал мне, да я забыл. Знаю только, что преосвященный Иннокентий, по высочайшему повелению, именовался Якутским, Алеутским и Курильским архиепископом.

Так проходило время и близилось к моему отъезду. Между тем в городе случилось происшествие. Как-то ночью из острога отлучились арестанты, да не одни, а с сторожившими их казаками. В ту же ночь был убит один якут.

Не будь этого последнего обстоятельства, никто не стал бы наводить справки о том, отлучались ли арестанты одни, или вместе с казаками.

Город всполошился, особенно вследствие предполагаемого участия казаков в попойке арестантов и в убийстве якута. Все общество разделилось на две партии: одна доказывала, что арестанты уходили из острога тайком, через подкоп; другая, напротив, стояла на том, что дело не обошлось без содействия и участия казаков.

В интересах губернатора было утверждать первое, тогда как архиерей поддерживал второе мнение.

Я в это время уже собирался ехать в Иркутск, где мне предстояло свидание с генерал-губернатором, и обе партии старались наперерыв заинтересовать меня – каждая в свою пользу.

Я только усмехался про себя, положив ни слова не говорить об этом генерал-губернатору. Судьба, однако, решила иначе.

Но вот настало и двадцать седьмое ноября, день моего отъезда из Якутскаг. Я приступил к прощальным визитам, объездил всех: и областных чиновников и купцов. Архиерей на прощанье опять осенил меня широким благословением, обнял и расцеловал, сопроводил добрыми напутствиями и целою приветственною речью к генерал-губернатору.

От него поехал я к губернатору, но, к удивлению, не застал его. Его даже в городе не оказалось: он уехал объезжать область, сказали его домашние.

Прощальный обед мне состоялся у Ивана Ивановича, куда собрался меня провожать почти весь город.

Угощение было, что называется, на славу, – чисто сибирское. Наливка лилась рекой. Не было забыто и «холодненькое» (шампанское) из-за хребта. Оно там стоило семь рублей бутылка – это правда: но там нет ни театров, ни других увеселительных мест, ни тех дам... которые стоят мужчинам больших расходов, так что денег было тратить некуда.

На этом обеде дело еще не кончилось. Прямо из-за стола все поехали меня провожать за город до какой-то церкви, в двух, если не ошибаюсь, верстах от Якутска.

Там опять из саней вынырнуло «холодненькое», и ему снова была оказана немалая честь. И на мою долю пришлась еще пара стаканов. По словам одного из тогдашних жителей Сибири, которого я иногда вижу и теперь, я, держа этот последний стакан в руках, обратился к присутствующим с речью:

– Вы, господа, думаете, что я ничего не пью, но я все притворялся. Я горький пьяница и только от вас прятался.

– Знаем, какой вы пьяница! – со смехом отвечали мне из толпы, – нас не проведете!

Так мне рассказывал о моем отъезде из Якутска и о моих последних словах мой знакомый.

От него же слышал я следующее сказание о преосвященном Иннокентии. «Были мы в светлое воскресение в соборе, – говорил мой знакомый, – губернатор, все наши чиновники, купцы... Народу собралось видимо-невидимо. Служил владыко с нашим духовенством. После обедни его преосвященство благословил всех нас, со всеми похристосовался. «Ну, говорит, а теперь прошу за мной!» Губернатор, чиновники, купцы и все мы недоумевали, куда он нас везет, и с разинутыми ртами последовали за ним. Смотрим, а он из церкви прямо в острог, христосуется с заключенными и каждого дарит на праздник от скудных средств своих. И что за лицо у него было при этом: ясное, тихое, покойное! Невольно и мы за ним полезли в карманы и повытаскали оттуда кто что мог. Раскошелились и купцы – пуще всех Иван Иванович. В общем набралось много денег, которые все и пошли в пользу арестантов. Тогда только владыко, еще раз благословив всех, отпустил нас по домам».

Но возвращаюсь к рассказу о моем отъезде из Якутска. Объявив присутствующим о том, что я горький пьяница, я расцеловался со всеми и повалился в свою повозку.

Станции три я проспал. Мой Тимофей расплачивался с ямщиками. На четвертой, открыв глаза, я увидел возок. Спрашиваю: кто тут?

– Губернатор Игорев, – говорят.

– Как, губернатор! – невольно повторил я. – Я хотел с ним проститься в Якутске, да мне у него дома сказали, что он уехал в объезд своей области.

– Да он и объезжает ее, – отвечали мне.

Я вошел в станционную избу.

– Ба, ба, ба! – воскликнул Игорев, делая вид, что удивился. – Я и не знал, что вы уезжаете от нас...

Я смотрел на него, как смотрят все с похмелья и, должно быть, с недоверчивою улыбкой на лице.

– Право, так, – продолжал он. – А я, вот видите, делаю объезд своей области. Да как же вы-то уехали, не дождавшись моего возвращения? Вы теперь в Иркутск ведь? Да?

– Да, в Иркутск, – заметил я смеясь.

Мы напились вместе чаю: у него был дорожный несессер. Он много говорил об объезде Якутской области, о происшествии в городе, об убитом якуте, о том, что арестанты уходили по ночам через подкоп одни, а что казаки, сторожившие их, в попойке и драке не участвовали: ни-ни! И прочее. Словом, все противное тому, что пред моим отъездом говорила мне другая партия, в надежде, что я разделю то или другое мнение и соответственно тому донесу обо всем генерал-губернатору в Иркутске.

В моих печатных записках, «Фрегат «Паллада», я упоминал, кажется, что приехал в Иркутск с сильно отмороженным лицом, в самый праздник рождества Христова. Я позвал доктора.

Эскулап спросил:

– Скоро ли вам надо поправиться?

– Да к новому году. С недельку, так и быть, посижу дома.

Он велел прикладывать к опухоли винную ягоду да теплого молока. Через день все лицо вздулось, но зато через неделю опухоль значительно опала, и в первый день 1855 года я мог явиться к генерал-губернатору Восточной Сибири с поздравлением.

Его зала была полна генералами, чиновниками, купцами. Николай Николаевич Муравьев в мундире и орденах с большим достоинством принимал поздравления. Я явился к нему на этот раз в полном параде – в черном фраке и белом галстуке. Сначала он очень обрадовался мне. Потом вдруг отступил и, обыкновенно обходительный и любезный, обратился ко мне, как строгий начальник, с сердитым лицом и побелевшим носом.

– Отчего это нет почты из Аяна? – спросил он у меня сурово.

– Да... теперь им там не до почты, – отвечал я, невольно изменяя своему плану вследствие этой внезапной суровости генерал-губернатора. – Весь город, губернатор и архиерей заняты тем, что убили якута и...

– Странно, – перебил меня Муравьев, – они все там заняты тем, что всякий день везде случается, и никто не заботится о том, чего нигде не бывает, то есть что почта не приходит. – Отчего же ее нет из Аяна? – строго допрашивал он меня.

Я и тут нашелся.

– Ваше превосходительство, – заметил я, – почта не могла притти, потому что снега нынче очень глубоки. Олени не могут отрывать мох, который служит им пищей, и дохнут во множестве. Оттого и почта не пришла.

На мое замечание, что губернатор занят теперь объездом своей области, генерал-губернатор спросил, почему я это знаю и где я его встретил? Выслушав мой ответ, он только улыбнулся и не сказал ничего.

Николай Николаевич Муравьев немедленно отправил офицеров: одного в Камчатку, снять там пост после геройского отбития англичан от этого полуострова, а другого в Аян, откуда не приходила почта.

После того он опять сделался гуманен, обходителен, приглашал меня каждый день обедать у него, и, как я ни порывался ехать дальше, в Европу, он старался удержать меня до какого-то бала, который должен быть у него в скором времени.

Подоспевший командир нашего фрегата успел-таки до этого бала уехать в Европейскую Россию, подозревая почему-то, что генерал-губернатор нарочно задерживает нас для того, чтоб его письменные донесения пришли в Петербург прежде наших словесных объяснений. Во всяком случае не моих объяснений: я, по возвращении, несколько дней, кроме друзей, ни с кем не виделся. Другое дело командир фрегата.

За обедом у себя генерал-губернатор всячески старался быть нам приятным и потчевал нас тропическими блюдами. Чего-чего не подавали у него! Между прочим, в десерте фигурировали маринованные ананасы, в своем соку разумеется.

– У вас есть лучше угощение, – сказал я однажды, – это нам и в Индии надоело: там каждый день возили ананасы, как картофель, на лодках...

– Какое же? – спросил Николай Николаевич.

– А огурцы и квас, каких нигде нет, – сказал я смеясь.

С тех пор огурцы и квас стали появляться на столе генерал-губернатора.

Жена Николая Николаевича, француженка, не меньше его отличалась гуманностью, добротой и простотой. Она избегала пользоваться его выдающимся положением в Сибири и со своей стороны не заявляла никаких претензий на исключительное внимание к себе подвластных мужу лиц. Раз как-то она заметила мне, что боится ходить по улицам Иркутска пешком от бродячих коров. Я вспомнил якутского губернатора Игорева, который шествовал по Якутску с двумя казаками, вооруженными пиками, для защиты его от собак, и сказал супруге Николая Николаевича, что она может составить себе охрану и не из двух казаков.

Она возразила, что предпочитает вовсе не ходить по улицам, чем лично для себя пользоваться услугами солдат и других лиц, зависящих от ее мужа.

Точно так же поступила она и муж ее с одним заседателем, который не выставил ей каких-то лошадей на станции. Между тем генерал-губернатор очень распек того же заседателя, который вздумал сделать это с каким-то проезжим. Может быть, этого требовала сибирская политика?.. И то может быть!

Со всеми в городе Е. Н. Муравьева была очень внимательна и обходительна и нередко посещала, даже вне Иркутска, например Трубецких, чего сам Николай Николаевич не мог делать по своему положению.

Но я, в качестве свободного гражданина, широко пользовался своим правом посещать и тех, и других, и третьих, не стесняясь никакими служебными или другими соображениями.

Так, по приглашению С[вербеева], я перебывал у всех декабристов, у Волконских, у Трубецких, у Якушкина и других. Они, правда, жили вне города, в избах. Но что это были за избы? Крыты они чем-то вроде соломы или зимой, пожалуй, снега, внутри сложены из бревен, с паклей в пазах, и тому подобное. Но подавали там все на серебре, у князя (так продолжали величать там разжалованных декабристов князей) была своя половина, у княгини своя; людей было множество. Когда я спросил князя-декабриста, как это он сделал, что дети его родились в Сибири, а между тем в их манерах заметны все признаки утонченного воспитания, – вот что он ответил: «А вот, когда будете на половине (слышите: «на половине»!) моей жены, то потрудитесь спросить у нее: это ее дело».

И точно. Глядя на лицо княгини, на изящные черты ее, на величие, сохранившееся в этих чертах, я понял, что такая женщина могла дать тонкое воспитание своим детям.

Я тогда не застал уже в Иркутске молодого князя М. С. Волконского (ныне обер-гофмейстера и товарища министра просвещения), который так ласково приютил меня на пустынном берегу Аяна. Я встретил его, после крайнего Востока, на крайнем Западе, именно в Вильдбаде, когда он шел рядом с колясочкой больного ногами своего отца.

Другой княгини-декабристки я не застал уже в живых. Зато тут же познакомился с декабристами: Якушкиным и недавно женившимся Поджио.

Между тем тот же князь-декабрист В[олконский] ходил в нагольном тулупе по базарам, перебранивался со ссыльными на поселение или просто с жителями.

Для него, как для китайца, весь мир заключался в той среде, в которой он вращался, и не разбавленное другим миросозерцание было основою всей его жизни.

Он наделил меня письмами в Москву и Петербург, потому-де, что будто письма от декабристов в Казани на почте вскрываются. Это, может быть, была и правда.

Говорят, не знаю, правда ли, что какой-то чиновник, приехавший из Иркутска в Петербург с какими-то донесениями к государю, очень хотел накидать «bâtons dans les roues» генерал-губернатору. Представляя свои донесения императору, он, между прочим, сказал, что Н. Н. Муравьев, где встретит, очень ласково обращается с поселенными вне Иркутска декабристами, никакою работой их не занимает, что хотя по положению своему сам не бывает у них, но что супруга его посещает декабристов и т. д.

Император будто бы выслушал чиновника и заметил: «Стало быть, Муравьев понял, чего я хотел».

Но это я привожу в виде анекдота, не ручаясь за правду его.

Кстати, теперь же приведу другое сказание, которое слышал от самого Н. Н. Муравьева, когда мы плыли еще вместе по Охотскому морю на шкуне «Восток». Однажды вечером мы вдвоем ходили по палубе, и речь зашла о государственных преступниках, которых у него было не мало, между прочим о П[етрашевском]. На вопрос мой, где он находится, Муравьев сказал мне, но я теперь забыл. Я прибавил только, что видал его где-то мельком, но что знакомые мои говорили, что он – сумасшедший, что он собирал в своей квартире рабочих, раздавал им деньги, учил их не повиноваться своим хозяевам и прочее. Те брали у него деньги и смеялись над ним. Словом, все считали его за сумасшедшего. Муравьев внимательно выслушал меня и потом заметил: «Вы мне открываете глаза на этого человека: я считал его в здравом уме и, получив о нем важную бумагу, как о серьезном преступнике, счел нужным сам поехать к нему. Я едва вошел к нему в тюрьму, как он начал бомбардировать меня жалобами... как вы думаете, на кого и на что? на сенат, на государя, что его не так судили... и бог знает понес какую ахинею, точно приехал из-за тридевяти земель! Я счел необходимым предупредить его, что я приехал, чтоб облегчить его положение, а он делает все, чтоб отягчить его, потому что все, что он теперь мне скажет, я, по обязанности своей, вследствие данной мне о нем инструкции, обязан донести правительству. Поэтому нет ли чего-нибудь такого в его положении, чем я, как генерал-губернатор, мог бы облегчить его участь. Тогда он стал жаловаться, что приставленный к нему унтер-офицер стесняет его... Я не дал ему договорить: «Вот это мое прямое дело»,

– сказал я и приставил к нему другого унтер-офицера. «Что ж он, работает?» – спросил я. «Славны бубны за горами, – сказал Муравьев. – Какое работает, ничего не делает! Но вы открыли мне на него глаза. Он, точно, сумасшедший».

Так, кажется, Муравьев и поступал со всеми ссыльными.

Другой княгини, Трубецкой, декабристки, как я сказал, я уже не застал в живых. Но дочери ее были уже просватаны – одна за москвича Свербеева, другая за моего петербургского приятеля, кяхтинского градоначальника Ребиндера, и даже чуть ли уже не была за ним замужем: я теперь забыл. Обе они тогда носили траур и были очень интересны, особенно младшая.

Вдруг явилась там княгиня Волконская, супруга фельдмаршала, князя П. М. Волконского. Где она только не бывала? В Париже и в Чите, в Петербурге и в Египте. Свербеев рассказывал мне о ней баснословные вещи. В Иркутске она явилась просто повидаться со своим родным братом С. Г. Волконским. Свербеев убеждал меня, что и мне следует к ней явиться.

– Зачем же? – спросил я.

– Да как же? все перебывали у нее, а вы нет! Поедемте! – и повез меня.

У нее был круг кресел – вроде как были табуретки при французском дворе, – и она сама председательствовала на диване. Это была очень живая, подвижная старушка и безумолку говорила то с тем, то с другим посетителем. Представление меня она сочла должным и сейчас же заговорила со мной по-французски. Потом обратилась к Свербееву, потом к новому посетителю и так далее.

– Sans adieu![5] – сказала она мне на прощанье. И таким образом визит мой кончился.

Я тут перезнакомился со многими другими, между прочим с гражданским губернатором, военным генералом Венцелем, которого очень хвалили все, начиная с генерал-губернатора, за его мягкость, гуманность, – с инженером Клейменовым, с адъютантами генерал-губернатора, из которых один, его родной племянник, был потом сам генерал-губернатором Восточной Сибири, когда дядя его уволился с этого поста и был назначен, кажется, членом Государственного совета.

Делать больше в Иркутске было нечего. Я стал уставать и от путешествия по Сибири, как устал от путешествия по морям. Мне хотелось скорей в Европу, за Уральский хребет, где... у меня ничего не было. Брат мой был женат, сестры были замужем, одна из них вдова. Все они были

[5] Не прощаюсь! (франц.).

заняты своими интересами. В Петербурге тоже я был один, свободен, как ветер.

Не помню, дождался ли я пресловутого бала у генерал-губернатора: думаю, что нет, иначе бы я помнил его.

Знаю только, что 14 января 1855 года я покинул Иркутск и погряз в пространной Барабинской степи, простирающейся чуть не до Екатеринбурга.

Жидки это «воспоминания о Якутске», – скажет читатель. Что делать? В свое время я написал, что мог, что написано в печатной книге. Остальное пишу на память, сквозь туман прошлого: не мудрено, что вышло туманно...

Pela Sibéria Oriental

Em Yakutsk e Irkutsk

"Mas que Deus a tenha, essa natureza morta e gélida!"

IVAN GONTCHARÓV

Há uns trinta anos, passei dois meses, do final de setembro até o final de novembro, na região do Polo, é claro, do Norte. Na verdade, em Yakutsk, mas dali é um pulo até lá. Escrevi sobre essa capital nos ensaios sobre minha circum-navegação[1], e não quero entediar o leitor repetindo a descrição.

Para falar a verdade, não há o que descrever. A natureza... pode-se dizer que lá não há natureza alguma. Toda ela está representada nos sete versos que abrem o famoso poema *Voinaróvski*, de Ryléiev:

> Às margens do amplo Lena
> Aparece uma longa linha de casas
> E um iurte de madeira.
> Ao redor, de pinho uma cerca
> Desponta por debaixo da neve,
> E parecem orgulhosas, no selvagem vale,
> Das igrejas as altas cúpulas.

É isso.

Em meus relatos de viagem, tentei em vão descrever Yakutsk, e acho que fiz o meu melhor. Mas não precisaria fazer um inquérito, folhear um livro, e

[1] Aqui o autor se refere ao seu livro *Фрегат "Паллада"* (*A Fragata Pallada*), em que esmiúça suas experiências de sua viagem. (n.t.)

ainda por cima o meu. Bastaria ter trazido esses sete versos e já teríamos uma fotografia verossímil de Yakutsk e sua natureza.

– Bom, mas isso tudo também temos em Petersburgo – diz o leitor –, um rio largo, muita neve, pinheiros à vontade, e também igrejas aos montes. E se você olhar a periferia de Petersburgo ou Výborg, verá também, talvez, algo parecido a um iurte. Ah, o orgulho, nada mais é preciso dizer!

Para completar o quadro, Petersburgo precisaria das nevascas iacutas, e Yakutsk, dos degelos petersburgueses.

Talvez Petersburgo possa ainda se vangloriar, já que, às vezes, congela as bochechas dos cocheiros e embranquece suas barbas com neve, mas não chega nem perto de Yakutsk. O degelo em Yakutsk é uma gota no oceano quando comparado ao de Petersburgo.

E isso é muito natural: Yakutsk está a uma latitude de 62ºN, enquanto Petersburgo não está muito longe disso, a 61ºN.

Mas já estou quebrando a promessa de não descrever a natureza iacuta. Se, em minha viagem, descrevi alguma coisa ao invés de citar os versos pictóricos anteriores para encerrar logo o assunto, não é, de forma alguma, por desconhecimento ou ignorância do começo desse poema. Pelo contrário, lembro-me que, chegando à cidade, declamei esses versos; e não os citei, como se costuma dizer na imprensa, "por motivo de força maior". Citar alguma coisa de Ryléiev[2], ainda que fosse uma simples descrição da natureza, teria sido inconveniente.

Mas que Deus a tenha, essa natureza morta e gélida! Vou falar das pessoas vivas que encontrei por lá.

A natureza era tão gelada e seca quanto eram boas e gentis as pessoas. Cobriam-me de elogios e me mimavam com sua hospitalidade, e os moradores competiam entre si para me agradar e serem amáveis de alguma forma.

Não tive tempo de avaliar minuciosamente meu companheiro do navio, porque recebi de cada morador um sinal de atenção, de bondade. Gozei amplamente disso tudo, não porque estivesse precisando de coisa alguma. Na verdade, minhas duas malas-baús e meu companheiro bastariam às minhas necessidades e mesmo caprichos: *omnia mecum portabam*[3]. Mas recebi todos

---

[2] Kondráti Fiódorovitch Ryléiev (1795-1826), crítico literário e poeta russo que fazia uso de seu cargo público para ajudar nos tribunais as pessoas mais simples. Ao falar que referenciar algo dele seria inconveniente, Gontcharóv fala a partir de sua experiência como censor literário. Ainda que se quisesse citar um poema de Ryléiev, ele seria cortado da versão final, e o autor advertido, multado ou preso. (n.t.)

[3] Em latim, no texto, "Levava de tudo comigo". (n.t.)

esses sinais de carinho com o mesmo afeto com que me foram oferecidos. Percebi que eles precisavam mais oferecer os favores do que eu aceitá-los, e isso me deixava tão feliz quanto os alegrava ajudar.

De fato, os moradores nativos da Sibéria são pessoas boas. Speránski teria dito que até os ursos daqui são mais bonzinhos do que os do lado dos Urais, isto é, os europeus. Eu não sei dos ursos, mas as pessoas realmente são boas.

Em um ou dois dias, conheci todos os moradores, isto é, a sociedade, e pela primeira vez vi siberianos de verdade em seu habitat natural: os nascidos e criados na Sibéria, que, por um lado, nunca foram para lá dos Montes Urais, nem, por outro, viajaram além-mar. Petersburgo, Moscou e a Europa eram conhecidas pelos rumores dos que vinham "de cima", os funcionários, comerciantes ou pessoas de outro povo, já que a América, os oceanos Pacífico e Antártico e suas ilhas eram conhecidos através de nossos marinheiros, que voltavam para casa pela Sibéria ou "pela praia" (como diziam os marinheiros), "além da cordilheira", ou seja, em direção à Europa.

Assim, a sociedade era formada por, salvo engano, umas trinta pessoas, começando pelo hierarca e pelo governador, e descendo até os funcionários e comerciantes. Por causa das nevascas e, em parte, por uma enfermidade na perna, eu participei desse círculo compacto por dois meses, apesar de ter vindo do mar e não saber quando partiria.

Querendo ou não, precisei ver esse monte de gente nova e também cada um deles individualmente.

Mas entre os não siberianos, havia apenas três ou quatro pessoas que vieram da Europa, ou seja, de Petersburgo: o governador e mais alguns funcionários, e só. O bispo tinha nascido na Sibéria.

Os outros membros da igreja, os funcionários públicos e os comerciantes também eram todos siberianos, em parte dali mesmo, em parte vindos de cima, de Irkutsk. E essa era a burguesia da Sibéria, nascida e criada ali mesmo ou, melhor, solidificada em suas formas naturais e, por isso, tinha sua marca siberiana: com sua visão original e livre sobre o mundo de Deus e seu caráter autônomo, sem nenhum selo de servidão, embora modesta ao mesmo tempo, por respeitar as "autoridades que existem" e manter sua dignidade.

Lembro-me que, em meus escritos de viagem (*A Fragata "Pallada"*), falei rapidamente sobre a sociedade iacuta de maneira geral, mas não disse quase nada sobre as pessoas em particular. Mais de trinta anos se passaram desde então: esqueci os nomes, mas não esqueci as pessoas boas e gentis, assim como o carinho e os paparicos que recebia todos os dias, para aquela que foi

uma visita involuntária, acidental, causada por uma doença e graças ao rio congelado.

Ou seja, tenho uma "lembrança afetiva" mais forte que uma "memória racional da tristeza"[4]. E isso, espero que seja algo bom!

De que adiantaria decorar os nomes, se diante de mim há uma galeria inteira de rostos cheios de vida, como se eu os estivesse olhando e eles para mim? Esqueci de dizer que me encontrei meus colegas de viagem da fragata. Assim que o rio derreteu, se apressaram para ir embora. E eles recebiam a mesma cordialidade e hospitalidade que eram dadas a mim, com ou sem razão.

Dos que não eram siberianos, mencionarei o governador civil, responsável por administrar o estado de Yakutsk, que pouco antes de nossa chegada havia se separado da região administrativa de Irkutsk. Mas o chefe principal das unidades militar e civil ainda era o governador-geral da Sibéria Oriental, Nikolai Nikoláievitch Muravióv, mais tarde nomeado como Conde Amurski.

Antes de ser governador de Yakutsk, o governador civil – vou chamá-lo de Piotr Petrovitch Igoriév (via de regra, não uso os nomes de verdade: nomes não importam) – já tinha administrado uma das regiões da Rússia europeia, onde, certa vez, recebeu de maneira desastrada uns poloneses que tinham ido morar naquela região; e supostamente teria sido por isso que "fora mandado por algum tempo para os serviços"[5] na distante fronteira. De certa forma, ele passou a ser um exilado honorário.

Pessoalmente era um... funcionário agradável, magro, e talvez até inteligente, mas era um funcionário público da cabeça aos pés, assim como Lear era um rei da cabeça aos pés.

E naquela época, quase todos eram assim: "*Grattez un russe* – disse o velho Napoleão – *et vous trouverez un tartare*"; e se nos conhecesse por mais tempo, adicionaria: "*ou un tchinovnik*"[6].

A Sibéria não tinha visto a servidão, mas experimentou a mordaça do funcionalismo, que por pouco não é ainda mais amarga. A crônica siberiana é cheia desses horrores, começando com o famoso Gagárin e terminando... não sei com quem. Os funcionários não são mais transferidos para lá. Se os ursos da Sibéria, nas palavras de Speránski, são mais bonzinhos do que os dos Urais, os funcionários siberianos, pelo contrário, tomaram seu lugar e muitas vezes se distinguem por sua ferocidade.

---

[4] Referência ao poema "O meu gênio", de Konstantin Bátiuchkov (1787-1855). (n.t.)

[5] Citação da opera A. Púchkin, *Boris Godunóv*. (n.t.)

[6] Literalmente, "Lixe um russo e encontrará um tártaro... ou um funcionário público". (n.t.)

Olhando mais de perto para o governador, pergunto-me como puderam nomear para esse posto um petersburguês, bom para escrever relatórios e preencher planilhas, talvez até inteligente e refinado, em poucas palavras, um chefe exemplar de qualquer escritório, para trabalhar nesta região remota, que exige energia, força de vontade, caráter de ferro, vigor infindável, firmeza, alguém à flor da idade e com saúde, enfim, uma personalidade como a do governador-geral N. N. Muravióv. Acho que ele foi colocado aqui justamente para fazer mudanças em uma região inóspita e desabitada! E ele as fez, e muitas. Isso conta a história, "mas nós não escrevemos história..." – faço eco de nosso fabulista[7].

Esse Piotr Petrovitch era um velhinho bonachão com sua barriga flácida, um rosto agradável, mas bastante desgastado, visível pelas rugas e marcas de doença, com um olhar inteligente que passava por cima dos óculos dourados de maneira delicada e astuta.

Ele era o chefe da região, que se estendia desde o oceano Ártico, de um lado, até o oceano Pacífico, do outro, e também, até o pé da cordilheira Stanovói. E é isso: os negócios iam de mal a pior. Isso só se explica por haver mais animais do que gente nesse deserto de gelo, então, o governador nem seria tão necessário. E os comerciantes se davam muito bem com os bichos.

"Em minha opinião, seria ótimo termos um jovem soldado como governador-geral, que iria inspecionar o esquadrão enquanto eu viajaria pelo mar de Okhotsk em sua comitiva, a bordo da escuna 'Vostok', passaria alguns dias no vilarejo de Aian, nosso ponto mais remoto desse mar, e veria a nascente do Amur".

Em nossas conversas, consegui espreitá-lo, ouvir seus pensamentos, planos e objetivos!

Quanta energia! Que amplitude de horizontes, rapidez de raciocínio, fogo eterno em toda a sua constituição, que vontade de combater os obstáculos, os "*bâtons dans les roues*"[8], como costumava dizer, que aplacavam sua ígnea chama! Sim, era um ianque corajoso e empreendedor! Ele era nervoso, agitado e não muito alto. Nunca o vi com o olhar abatido ou fazer algum movimento desnecessário. Era também um corajoso combatente, cheio de uma chama interior e fervilhante no discurso e em seus movimentos.

O imperador Nicolau I o encontrou por acaso e o passou de governador civil de Tula para governador-geral da Sibéria Oriental. Nem um dos dois eram funcionários públicos, e eles se entendiam.

---

[7] Referência à fábula "O Lobo e o Cordeiro", de Ivan Krýlov (1769-1844). (n.t.)
[8] Em francês, no texto, "Paus nas rodas". (n.t.)

E de repente, deram para o governador-geral um assistente parecido ao seu porte titânico, um homem de negócios, um palestrante, escritor de relatórios, um preenchedor de planilhas! "Você não está no lugar certo!" – eu quis dizer a ele depois dos primeiros encontros e conversas com o governador civil. Eu tenho uma memória muito vívida da imagem de um verdadeiro bandeirante em meio à natureza, junto às pessoas dali – de diferentes nacionalidades, os vários tungúsicos, os orotchi, os chineses que moram perto da Sibéria para guerrear pelo rio Amur – e ao mesmo tempo em disputa pela cordilheira com o conde Nesselrod, de quem ele não conseguia falar sem se exaltar. De sua ira não escapavam nem mesmo aqueles que, por um lado em Petersburgo e por outro ali mesmo, metiam-lhe os "*bâtons dans les roues*". Não fossem eles, conseguiria conquistar a natureza, dar vida, cultivar e povoar o descampado sem fim.

Mas ele tinha sido vencido pelos funcionários públicos, como o governador de Yakutsk, de quem sempre desdenhava assim como dos outros petersburgueses, vindos do outro lado da cordilheira.

Os funcionários não compartilhavam de seu ardor, resistiam, olhavam para seus planos e, cutucando pensativamente o nariz, preparavam suas palestras e relatórios, e quando conseguiam, metiam também os "*bâtons dans les roues*" de seu chefe.

A alma ardente e trabalhadora desse enérgico guerreiro se rebelava: o homem não se aguentava, rangia os dentes e subitamente deixava de ser o costumeiro homem amável, educado, respeitoso e cortês para virar um leão rugindo. E na época, era muito ruim ir contra a lei. Eu o vi ser amável e cortês, mas também mostrar as garras. Ele se abriu comigo quando estávamos no rio Amur e falou como se eu não tivesse nada a ver com os assuntos dali.

No entanto, eu vi isso mais tarde em Irkutsk... Eu me deixei levar pelas memórias de Muravióv e fui arrastado para longe do governador civil de Yakutsk. Mas quem conhecia essa figura, ainda que só um pouco, não podia resistir ao impulso de se deixar levar por ela, a não ser seus inimigos!

Depois de me instalar em meu apartamento, fui visitar o governador civil e dei o meu cartão de visitas para o criado. Igoriév quase saiu correndo para me encontrar, estendeu carinhosamente a mão e me levou direto para o escritório, até uma escrivaninha entulhada de papéis, pacotes, revistas e parcialmente de livros.

– Seja bem-vindo, esperávamos por você há muito tempo – disse, olhando-me fixamente por trás dos óculos.

– Como assim? Será que o senhor ficou sabendo alguma coisa de mim? – perguntei surpreso.

Eu esperava que ele me fizesse algum elogio quanto à literatura: "Ele tem livros, pensei, alguns jornais, pode ser que tenha *O Contemporâneo*, onde publiquei meus trabalhos". Já tinha levantado a cabeça e começado a brincar com o chaveiro: "veja, ele diria, como são as coisas: de mar a mar, dos finlandeses aos chukchis e iacutos..." Mas ele rapidamente me decepcionou.

– Mas é claro – disse –, o senhor viajou para o Mar de Okhotsk com o Nikolai Nikoláievitch. Não faz muito tempo que ele passou por aqui e contou... recomendou...

Eu fiquei sem chão. Ele notou minha confusão e me olhou maliciosamente por cima dos óculos.

– Tenha a bondade de vir comer alguma coisa – disse finalmente –, o senhor é nosso convidado... nós temos a obrigação... Onde fica a casa? É boa e confortável?

– É um apartamento muito confortável do senhor Soloviów – respondi. – Dois quartos grandes, simples, mas mobiliados adequadamente. E quanto à comida, eu já conversei com os donos...

– O senhor chama aquilo de comida? É língua de cervo e *pelmeni*, *pelmeni* e língua de cervo... Hoje e amanhã o senhor vai almoçar conosco. Vou convidar sua Reverendíssima também. Já foi visitá-lo?

– Estava indo agora mesmo...

– Então, calhou de irmos juntos. Eu tenho um cozinheiro, confesso, muito bom, vindo, é claro, de Petersburgo. Até tentei ensinar os daqui... sem chance!...

Depois, ele passou a dar detalhes culinários, lembrava em parte o Petukh de Gógol[9], e logo voltou a ser o educado, asseado e requintado funcionário-marquês de Petersburgo e me apresentou ao arcebispo Inocêncio, que depois acabou por se tornar o metropolita de Moscou.

Já escrevi em minhas viagens sobre essa figura respeitável e única, a quem recentemente se dedicou um excelente livro (de Barsukóv), e não vou me repetir, nem tomar emprestado do livro de outrem.

O arcebispo é uma grande figura histórica, de quem já se escreveu, se escreve e ainda escreverão muito. E quanto mais longe a Sibéria for povoada,

[9] Referência ao personagem do segundo volume de *Almas Mortas*, de Gógol (1809-1852). (n.t.)

revitalizada e humanizada, mais alta e brilhante se tornará essa figura apostólica.

Minha impressão foi a melhor possível. Era um siberiano nascido e criado, um apóstolo-missionário enviado à Sibéria pelo próprio Deus, nosso Senhor!

– Mas que alma! E que caráter! – elogiou o governador enquanto se dirigia até o bispo. – O senhor só pode imaginar o que ele fez pelas nossas colônias na América[10] – ele fez *mesmo* – repetiu com ênfase. – E o nosso estado de Yakutsk, imagine só, ele esquadrinhou de cima a baixo, de leste a oeste. Esteve em toda parte!... Viveu com os nativos das ilhas Aleutas, ensinou-os a rezar e a viver civilizadamente, a não comer só peixe e esquilo, mas do pão também. Agora que o ordenaram bispo, ele ainda ensina cerca de duzentos mil iacutos... Ao invés de seguir pelo Mar de Okhotsk, foi o primeiro a cavalgar por Aián, que se provou uma rota mais conveniente para atravessar a antiga Semigórie...

Naquele momento, chegamos à casa do bispo.

Eu mesmo ouvi e li muito sobre o reverendo: a história de como tinha transformado os povos selvagens em cidadãos, dividiu o pão com eles e assim por diante. Ainda assim, imaginei o pastor do rebanho siberiano como um hierarca semelhante aos do lado dos Urais: imponente, austero, de semblante humilde.

Informaram o hierarca sobre nós. Ele veio ao nosso encontro. E realmente era um apóstolo, um missionário!... O governador gentil, simpático e bem-educado me pareceu um velhote baixinho e flácido diante dessa poderosa figura, de cabelos grisalhos azul-prateados, com sobrancelhas salientes, olhos inteligentes e carinhosos que brilhavam e um sorriso envolvente.

Ele me abençoou com uma grande cruz e me abraçou.

– Bem-vindo, estávamos à sua espera há algum tempo...

Eu tomei um susto. "Até ele! Mas o que é isso..."

– Nikolai Nikoláievitch nos contou tantas coisas boas a seu respeito que estávamos ansiosos para conhecê-lo. É uma visita muito bem-vinda.

– Mas esse Nikolai Nikoláievitch! – deixei escapar. – Ele me vendeu como lebre e eu nem poderei passar por gato.

[10] É preciso ressaltar que o território do Alaska só foi transferido formalmente para os Estados Unidos em 1867, cerca de 10 anos após o momento histórico da narrativa. (n.t.)

O senhorzinho soltou uma gargalhada tão amável e sincera que nos contagiou.

– É melhor sentar. Venham, venham aos meus aposentos! – ele nos ofereceu o sofá e depois se sentou, sem tirar os olhos carinhosos de mim.

E começamos a conversar. O bispo me questionou minuciosamente sobre a viagem e também sobre toda a frota. No entanto, parecia que tanto a terra quanto o mar eram velhos conhecidos dele desde quando ainda estava na ordem de Veniamínov, época em que vivia com os nativos das Aleutas e os ensinava a acreditar em Deus, a viver de maneira civilizada. Ele escreveu sobre isso em seu livro, conhecido por toda a comunidade acadêmica. O hierarca nutria profundo respeito por Filariét, o metropolita de Moscou, de cuja vida e conhecimentos falava com grande entusiasmo. Conversamos muito, mas o tempo passava voando, então Igoriév fez seu pedido para o bispo.

– Dirijo-me a Vossa Reverendíssima com um humilde pedido – disse o governador.

– Pode falar, Vossa Excelência, seu pedido é uma ordem! – brincou o hierarca.

– Aqui está nosso visitante que prometeu almoçar conosco hoje... então, Vossa Reverendíssima não me daria o prazer de dividir um pão duro em minha casa?

Eles não paravam de se chamar pelos títulos: Reverendíssima e Excelência.

– Vossa Excelência não vai convidá-lo para repartir o pão duro "sem pedir" – disse o bispo com certa ironia. – De minha parte, Excelência, estou pronto para cumprir sua ordem, mas é preciso avisar o hierarca: não sei qual resolução ele vai tomar, se vai permitir que o monge Inocêncio deixe o monastério, ainda que seja para um "pão velho" na casa do senhor Piotr...

Ele começou a rir de novo, e nós acompanhamos. Depois de mais alguma conversa e de termos recebido sua bênção e sua promessa de "dividir o pão duro", o que seria feito às quatro horas, partimos.

Eu resolvi voltar para casa e me acomodar. O governador disse que precisava escrever alguns documentos para o governador-geral de Irkutsk e informá-lo também da minha presença.

– Para quê? – perguntei surpreso.

– Ele falou muito bem do senhor para mim e para o bispo, e com certeza o tem em alta conta. Ele terá interesse em saber que você conseguiu chegar são e salvo.

O almoço ou "pão duro" na casa do governador foi muito bem feito. Além do bispo, outro funcionário do governador veio para o almoço. Tinha sopa e assado de peixe para o bispo e de caça da época para mim. Não me lembro do que era a torta.

O tempo foi passando. Todos os conselheiros governamentais, os outros funcionários e comerciantes foram chamados para me ver. Vieram Akinf Ivanovitch, Pavel Petrovitch e muitos outros. Todos diziam que tinham vindo me ver por eu ser um visitante e também um homem de quem o bispo e o governador ouviram muito bem por parte de, veja só, Nikolái Nikoláievitch.

E assim, imperceptivelmente, foi chegando o inverno com seus 20º, 25º abaixo de zero. Todos vestiam casacos de urso e apertavam os cintos.

Em um belo dia de inverno, ou seja, quando o frio era de uns 20º negativos, Ivan Ivanovitch Andriêev veio até minha varanda em seu cavalo, desmontou e entrou.

– Cuidado, cuidado! – ouvi sua voz lá de fora. Ele pegou duas garrafas do cocheiro, colocou-as na mesinha e entrou no quarto de modo peculiar, à vontade, com o estilo característico dos siberianos.

Era um homem corpulento e alto, de aparência forte e com o rosto avermelhado, assim como as mãos e o pescoço. Em suma, ele emanava saúde. Eu já o conhecia, porque o tinha visto em seus almoços e na casa de amigos.

As garrafas chamaram minha atenção.

– O que é isso aí? – perguntei.

– É vodca, meu senhor!

– Eu não bebo vodca, você sabe disso! – disse, já rindo.

– A gente sabe, não é a primeira vez vemos isso... Mas como o senhor não convidou ninguém!... Beberemos nós mesmos.

Ele olhou para as garrafas com amor, não conseguiu se conter e disse:

– Como pode alguém não beber vodca!

– Eu não bebo e não é por virtude – ressaltei –, mas porque meus nervos não permitem.

Ele ficou pensativo e se serviu de um copo.

– Nervos! – repetiu e riu satisfeito com os olhos.

– Pelo jeito, você nunca ouviu falar disso. Sabe, você também tem nervos – disse.

Ele ficou me olhando pensativo, como se eu estivesse falando sobre um tema completamente desconhecido.

– Como não ouvi falar – disse ele, colocando o cálice na mesa. – É claro que ouvi – disse por fim. – Além das cordilheiras, dizem, tem um monte de mulheres que sofrem de nervos. E aqui tem uma também que é só nervos!

– Acredite, você também os tem... só não sofre deles. Eu passo mal se beber, por isso, não bebo – acrescentei.

– Dizem que faz mal para todo mundo, mas estamos aqui bebendo.

E ficou pensando.

– E além do mais, como podem saber se eu tenho isso? – disse depois. – Bom, quando der, venha almoçar comigo... Eu vim aqui pedir... Se você puder, chegue meia hora antes do almoço, contarei o incidente comigo e com o bispo. E vou mostrar uma carta dele...

– Está bem, irei à sua casa meia hora antes do almoço.

Ele serviu mais um copo de vodca e foi embora.

Dois dias depois, fui à casa de Ivan Ivanovitch meia hora antes do almoço.

O elefantinho já estava me esperando.

– Tenha a bondade, entre!

E ele me levou para seu escritório. Sua família estava ocupada com os preparativos, à espera dos outros convidados.

– Bom, tenha a bondade – começou Ivan Ivanovitch, sentando-se e apontando-me a cadeira –, aqui está a carta do bispo. E foi isso que aconteceu comigo. É preciso dizer que várias pessoas me visitam por conta de assuntos ligados ao plantio do figo, e com cada uma delas bebo um copinho de vodca – isto é, pelas manhãs. E então vem o chá e tudo corre como de costume. E a vodca fica em minha mesa. Todo mundo chega e vai nela direto...

– E você, Ivan Ivanovitch?

– E eu, bem, ninguém bebe sem mim. Vamos beliscar o que Deus nos dá: caviar, entranhas de salmão, arenque... Temos de tudo, sabe, petiscos daqui e do outro lado da cordilheira... Então, vamos comer e beber. Depois, ao que interessa. O doutor Dobrotvórski também viria, ele que não é ruim de copo, mas que nem se compara a mim! Ele para no décimo segundo, quando muito no décimo quinto, e eu continuo firme. Depois me chamam para almoçar, ora um, ora outro, e tome vodca...

– E de sua parte, são quantos copos por dia, Ivan Ivanovitch? – perguntei, arregalando os olhos.

– Uns trinta, quarenta. É que depois do almoço vem o jantar, e tome vodca! Então, ao longo do dia vai somando...

Se eu não o olhava com respeito, era ao menos com espanto, mas não sabia o que dizer. E ele me fitava satisfeito com seus olhos azuis-claros.

– Olha aí, você está fazendo a mesma cara que o bispo fez para mim... Enviaram o doutor Dobrotvórski para algum lugar ver não sei o quê – continuou depois de uma pausa. – Eu geralmente bebo meus trinta, quarenta copos por dia, sem dúvida, e não tem problema. De repente, recebo essa carta do bispo...

E ele me entregou a tal carta. Já esqueci as palavras exatas da carta, mas o conteúdo era assim: "Sempre chegam a mim rumores, e eu próprio já fui testemunha ocular, de que o senhor, respeitabilíssimo Ivan Ivanovitch, abusa das bebidas alcoólicas. Venho preveni-lo não como uma espécie de professor moral, mas na qualidade de amigo seu e de sua família, que ela pode acabar sem o pai, se você não maneirar no álcool. Por isso, eu peço para você diminuir a bebida – nem digo parar de vez –, e você preservará a cabeça de sua família..." e assim por diante, no mesmo tom.

Eu dobrei a carta devagar e a devolvi.

– Bom, e qual é a dúvida? – perguntei.

– Nenhuma, meu senhor, mas é que... eu li essa carta... e fiquei triste. No dia seguinte ou no outro, quando me procuraram acerca dos relatórios do plantio de figo, eu bebi, é verdade, mas menos do que antes; fui diminuindo no segundo, no terceiro, e no quarto dia já não bebi nada com ninguém, nem um golinho. Chamavam-me para beber, em vão: de jeito nenhum! Eu ia ficando pensativo e repetia: "Não posso!" – "E por que não?" – perguntavam. "Estou com dor na barriga!" – eu respondia. E fui ficando mais pensativo, já não ia mais ter com o bispo, porque tinha vergonha dele. Os dias foram passando, e eu perdia peso, não ia a lugar nenhum, fiquei melancólico. Os conhecidos tentavam me convencer a beber, e eu só com a minha "dor na barriga!" O bispo perguntou sobre mim algumas vezes: "E alguém viu o Ivan Ivanovitch? O que aconteceu com ele?" E diziam: "A barriga dele dói. Ele não bebe vodca e está se escondendo de todo mundo". E o bispo só dava risada. E assim passou um mês e meio, mais ou menos. Melancólico, emagrecendo, taciturno, ficando doente...

E o gigante suspirou por todo o cômodo.

–... Eles desistiram de mim e bebiam vodca. Eu ficava suspirando e pensando. E só tinha uma resposta para tudo: "estou com dor na barriga!" E dizem que o doutor Dobrotvórski veio por causa disso. Felizmente, ele veio quase que direto da estrada para me ver. Entrou apressado, parou e deu um pulo para trás quando me viu, como se nunca o tivesse feito. "O que você tem? – gritou, por fim, impressionado. – Você está muito diferente! O que está doendo? Diga!" Eu só olhei para ele e balancei a cabeça. Mandei trazer algo para ele comer, servi a vodca: "E o que aconteceu?" – disse. Novamente eu só olhei para ele e balancei a cabeça. E o médico foi embora sem entender nada. Pela cidade corria o boato que eu não estava bebendo vodca e tinha ficado doente. Por fim, ele me convenceu a falar. Contei a ele tudo o que estou relatando a você e mostrei-lhe a carta do bispo. Ele ficou me ouvindo, ouvindo, e quando eu terminei, ergueu as mãos e gritou: "você é um idiota, ai, mas como você é idiota!" Ele agarrou o copo, serviu vodca e, enfiando-o na minha mão, ordenou: "Beba!" – "Minha barriga está doendo", – respondi. "É mentira, não está doendo coisíssima nenhuma. Beba!" E então... bebemos. Quase três copos: ele não me deu mais do que isso. "Já tomou o bastante por hoje", ele disse. No dia seguinte, bebi quatro, no terceiro e no quarto também. E assim... em três semanas... cheguei à conta original. E hoje em dia, graças a Deus, bebo como de costume e já estou saudável como antes. Quando contei tudo isso para o bispo, ele começou a rir e acenou com a mão. "Faça como quiser!", disse.

– E o que isso significa? Qual é o sentido dessa história? – perguntei.

– Isso significa que sofro de nervos. Foram eles que me deixaram doente, e que moléstia!...

Ele ficou em silêncio e depois soltou uma risada. Eu comecei a rir, como o bispo. E o que mais poderia fazer?

– E não é que já receberam os convidados? – disse Ivan Ivanovitch. – Tenha a bondade de vir comer alguma coisa!

Na sala, sentados à mesa, estavam os acolhedores anfitriões e os convidados: cerca de quinze pessoas. Trouxeram tortas e outras coisinhas. Antes do almoço, todos os homens beberam e petiscaram. E durante, comeram com grande apetite e conversaram com entusiasmo.

Depois do almoço, os convidados partiram e os anfitriões foram se deitar. Eu também fui para casa, mas à noite, diante do pedido insistente dos donos da casa, voltei para encontrar os demais. Todos foram jogar bóston, menos eu. Como não sabia jogar aquele jogo ultrapassado, ficava sentado ora ao

lado de um jogador, ora de outro. E de vez em quando, alguém se levantava da mesa de carteado e ia até a vodca.

– Olha como você está bem – um dos convidados me disse –, está na flor da idade! E eu, que sou mais novo que você, já estou todo grisalho...

– Por quê? – perguntei. – Deve ser culpa do frio siberiano...

– Não, senhor, não é o frio, coisa nenhuma, é culpa da vodca! – dizia, bebendo já não sei qual copo.

Com a chegada do inverno, começaram as montarias nos cavalos bravios. Não havia mansos. Apenas um dos conselheiros tinha um arreio bom, enquanto os demais amarravam os cavalos com cintos e disparavam do jeito que dava.

E assim passávamos os dias em Yakutsk. Eu organizava minhas anotações de viagem e almoçava ora com um, ora com outro morador da cidade, raramente sozinho, e às vezes, na casa do governador.

Mais uma vez, repartiu-se um "pão duro" em sua casa. Certo inverno, ele veio me visitar com seu casaco de pelo de urso, de óculos, com manchas nas bochechas, gentil como sempre: o marquês exemplar. Dois cossacos o acompanhavam com suas lanças para afugentar os cães. Devia estar fazendo vinte graus negativos lá fora. No máximo! *Excusez du peu*![11] Para se exercitar um pouco, Igoriév preferiu ir andando e não a cavalo. E sua casa não era muito longe da minha.

– Hoje eu ganhei um salmão branco – começou –, veja que maravilha! – e me mostrou. – Então, o que faremos com ele? Como vamos prepará-lo?

Eu pensei um pouco.

– Não se pode resolver isso assim desse jeito. É preciso perguntar ao bispo – respondi com um sorriso, oferecendo a poltrona a Igoriév. Os cossacos ficaram no vestíbulo.

– Realmente, não dá. E eu queria convidar Sua Reverendíssima para almoçar também. Saindo daqui, vou direto para lá. Você que vir comigo? – perguntou o governador.

– Pode ser, embora o tenha visto recentemente – respondi.

Pouco depois, fomos ver o bispo. Com sua bondade e alegria habituais, ele nos recebeu e ofereceu lugares para sentar em seu aposento.

Igoriév "fez o pedido", convidando-o novamente para um "pão duro".

---

[11] Em francês, no original, "Uma bobagem". (n.t.)

– Tenho um salmão branco – começou –, veja que maravilha! – e mostrou. – E o que faremos com ele?

O bispo olhou gentilmente para ele, para mim, pensou um pouco e respondeu de uma vez: “botvinia!”.

Todos começamos a rir, e o bispo foi o primeiro.

– Um ensopado, então vamos fazer o ensopado – disse Igoriév.

E fizeram a botvinia com gelo. Junto com a torta, serviram sorvete. E fazia 20º negativos! Deram alguns goles de rum ou conhaque vindo do outro lado da cordilheira, já não me lembro, e eu voltei para casa com meu casaco de gola de castor. E assim foi!

O bispo nunca convidava ninguém para almoçar em sua casa, pois levava uma vida abnegada de monge: comia sopa com leite e seguia os jejuns à risca. Mas, em sua opinião, as pessoas deveriam comer carne antes do almoço.

Além disso, o governador achava que o ordenado do bispo era modesto e não permitia que ele gastasse muito com comida. De qualquer forma, o bispo adorava que eu aparecesse para o chá da tarde. Ele sempre trazia um arsenal inteiro de delícias monasteriais, como ele chamava. Além do chá, servia ameixas, nozes, etc. – e para beber, vinho. O bispo gostava de me fazer alguns mimos. Ele mesmo bebia uma taça, à maneira eclesiástica; já eu – infelizmente! – não podia beber nem isso, sobretudo à noite.

Antes, durante ou depois do almoço, só podia beber uma taça de um Madeira e bebericar um licor de bagas siberianas: feito de framboesa do ártico, amora branca e outras. Mas à noite não podia beber nada, nem mesmo um Madeira, e já tinha dito isso claramente ao bispo.

– Então, sei o que servir a você! – disse carinhosamente e mandou trazer um Lafite.

O criado trouxe duas taças e uma garrafa de vinho tinto, que eu nem levaria à boca, fez uma reverência e saiu.

Não me lembro de como consegui escapar do vinho tinto naquela noite. E desde então, não fui mais sozinho ao bispo, mas acompanhado de um jovem procurador, que, tendo bebido sua taça, entornou a minha também, assim que o bispo se distraiu.

– Mas isso não é muito sacrifício para você? – perguntei com cautela.

– Nem um pouco! – respondeu o procurador alegremente. – Pelo contrário...

E continuava a beber uma taça atrás da outra.

Ao ver a vida abnegada e puramente monasterial do bispo, ficava impressionado ao vê-lo nos almoços, dos quais tive o prazer de participar, mas, é claro, guardava a impressão para mim. Ele adivinhou o meu pensamento e, certa vez, estando pensativo, disse-me:

– Sabe, você me encontra com frequência nos almoços dos cidadãos daqui, começando pelo governador e passando pelos comerciantes e funcionários públicos. Todos eles compõem a sociedade local, da qual eu e o governador não fazemos parte. Depois de aceitar um convite – vai, digamos que seja o aniversário do anfitrião –, como que irei recusar o outro?... Então, visito todo mundo a contragosto; mas em toda parte gostam da minha culinária monasterial. Eu venho, abençoo a mesa, ouço as músicas, belisco a comida e vou embora, deixando os outros terminarem o almoço à sua maneira.

E o bispo riu afavelmente.

Durante as conversas noturnas com o bispo, falava-se de tudo, principalmente sobre o então tsar Nicolau I[12]. O bispo adorava contar sobre sua reunião com o imperador, suas conversas e questionamentos acerca da inóspita fronteira da Sibéria Oriental. Aliás, o bispo me contou a respeito de sua nomeação e a chegada da notícia em Petersburgo da morte de sua esposa, primeiro ao arquimandrita e depois ao arcebispo das cátedras iacuta, aleúte e das Ilhas Curilas.

– Não há igrejas nas Ilhas Curilas – ressaltou o palestrante.

– Serão construídas – disse o imperador e continuou a escrever.

Agora não lembro se alguma igreja foi construída nessas ilhas, provavelmente sim, me disseram, mas acabei me esquecendo. Só sei que o bispo Inocêncio, por ordens superiores, foi nomeado arcebispo dessa região.

E assim, o tempo foi passando e a minha partida chegando. Enquanto isso, algo estranho aconteceu na cidade. Certa noite, alguns prisioneiros conseguiram escapar da prisão, e não fizeram isso sozinhos, mas com a ajuda dos guardas cossacos. Nessa mesma noite, um iacuto foi assassinado.

Se não fosse esse agravante, ninguém teria investigado se os prisioneiros haviam fugido sozinhos ou se os cossacos ajudaram.

A cidade ficou em choque, principalmente por causa da suposta participação dos cossacos na fuga dos prisioneiros e no assassinato do iacuto. A sociedade se dividiu em dois grupos: um defendia que os presos fugiram

---

[12] Nicolau I (1796-1855), imperador da Rússia de 1825 a 1855, que ficou conhecido como o Czar de Ferro em função do regime de terror de seu governo. (n.t.)

furtivamente da prisão, através de um túnel; o outro, pelo contrário, achava que a fuga não teria dado certo sem a conivência e a participação dos cossacos.

Era do interesse do governador reforçar a primeira versão, enquanto o bispo defendia a outra.

Nessa época, eu já me preparava para ir a Irkutsk, onde me encontraria com o governador-geral, enquanto os dois partidos tentavam de qualquer jeito me captar para o seu lado.

Eu só achava graça e não pensava em dizer uma palavra sobre isso ao governador-geral. O destino, entretanto, decidiu o contrário.

Eis que chega o dia 27 de novembro, o dia de minha saída de Yakutsk. Fui à casa de todos para me despedir, tanto dos funcionários públicos quanto dos comerciantes. Na despedida, o bispo me abençoou com um amplo gesto, abraçou-me e beijou-me, dando seus votos de despedida e deixando um discurso de saudação inteiro para entregar ao governador-geral.

Saindo dali, fui à casa do governador civil, mas, por incrível que pareça, ele não estava, tampouco na cidade. Os familiares me disseram que ele tinha saído para inspecionar a região.

Tive um almoço de despedida na casa de Ivan Ivanovitch, onde quase toda a cidade foi se despedir de mim.

A comida era de primeira, siberiana mesmo. O licor de frutas fluía como um rio. Não esqueceram o "geladinho" (champanhe) que vinha do outro lado da cordilheira. Lá custava sete rublos a garrafa, é verdade, mas lá não há teatros, lugares de entretenimento, nem aquelas damas... que fazem os homens torrar suas fortunas. Então, não havia no que gastar o dinheiro.

Mas as surpresas desse almoço ainda não haviam acabado. Assim que saímos da mesa, todo mundo resolveu me levar até uma igreja, que ficava, se não me engano, a dois quilômetros da cidade.

Chegando lá, tiraram mais um "geladinho" do trenó, e de novo o trataram com bastante respeito. A minha parte eram duas taças. De acordo com um dos moradores da Sibéria, que ainda encontro às vezes, fiz um discurso para os presentes, segurando a última taça nas mãos:

– Vocês pensam, senhores, que eu não bebo nada, mas eu só estava fingindo. Na verdade, sou um bêbado inveterado e estava escondendo isso de vocês.

– Nós sabemos que você é um bêbado! – Responderam da multidão em meio a risadas. – Você não engana ninguém!

E foi assim que meu conhecido me contou sobre as minhas últimas palavras na despedida de Yakutsk.

Ele também me contou a seguinte história sobre o bispo Inocêncio. "Todo mundo estava na igreja durante a Páscoa – disse meu conhecido –, o governador, os funcionários, os comerciantes... Era uma multidão de gente invisível. O bispo oficiava com os padres. Depois da missa, abençoou e cumprimentou a todos. 'Bom, agora peço que venham comigo!', disse. Eu, o governador, os funcionários, os comerciantes e todos os demais presentes nem pensamos aonde ele nos levaria, apenas o seguimos, boquiabertos. Fomos para ver. Ele saiu da igreja e foi direto à prisão, cumprimentou os presos e deu um presente a cada um deles, de acordo com seus parcos meios. E com que cara ele fez isso: brilhante, pacífica, plácida! Sem titubear, enfiamos também as mãos nos bolsos e tiramos o que podíamos dar. Até os comerciantes participaram, e Ivan Ivanovitch foi quem mais deu dentre todos nós. Conseguimos arrecadar muito dinheiro, que foi usado para ajudar os prisioneiros. Só então, depois de nos abençoar mais uma vez, o bispo nos deixou ir para casa".

Mas voltarei à história de minha partida de Yakutsk. Depois de anunciar aos presentes que era um bêbado inveterado, beijei a todos e entrei no coche.

Dormi cerca de três estâncias. E meu querido Timoféi pagou o cocheiro. Na quarta, quando abri os olhos, vi uma carruagem. E perguntei: quem é aquele?

– É Igoriév, o governador civil – dizem.

– Como assim, o governador!? – repeti, sem pensar. – Queria me despedir dele em Yakutsk, mas me disseram em sua casa que ele havia saído para inspecionar a região.

– E ele está inspecionando – responderam.

Entrei no isbá da estalagem.

– Ora, ora, ora! – exclamou Igoriév, fingindo estar surpreso. – Eu não sabia que você estava nos deixando...

Olhei para ele com uma cara de quem está de ressaca e, provavelmente, com um sorriso constrangido no rosto.

– Pois é – continuou. – E eu, como pode ver, estou inspecionando a região. E como você partiu sem esperar meu retorno? Por acaso, você não estaria em Irkutsk? Não é?

– Sim, estou – observei rindo.

Tomamos chá juntos. Ele estava com uma bolsa de viagem e me falou muito sobre a inspeção no estado de Yakutsk, o incidente na cidade, o assassinato do iacuto, sobre a fuga dos prisioneiros pelo túnel e que os cossacos responsáveis pela guarda não participaram nem da fuga nem do assassinato: de jeito nenhum! E assim por diante. Em suma, falou o contrário de tudo o que o outro grupo disse, na esperança de que eu aderisse a essa ou aquela opinião e levasse, por consequência, o assunto para o governador-geral de Irkutsk.

Nas minhas notas de viagem publicadas, a *Fragata "Pallada"*, mencionei, me parece, que cheguei a Irkutsk com o rosto queimado pelo frio, logo no Natal. Chamei um médico.

O esculápio perguntou:

– Você tem pressa para se recuperar?

– Sim, até o ano novo. Se for assim por uma semana, poderei ficar em casa.

Ele me recomendou aplicar uma compressa de figo e leite morno no inchaço. No primeiro dia, meu rosto piorou, mas depois de uma semana o inchaço começou a diminuir significativamente, e, no primeiro dia de 1855, consegui visitar o governador-geral da Sibéria Oriental com os desejos de ano novo.

Sua sala estava repleta de generais, funcionários e comerciantes. Vestindo um uniforme de gala e medalhas, Nikolai Nikoláievitch Muraviów recebeu os votos com muita dignidade. Desta vez, fui à sua casa como manda o figurino: de fraque preto e gravata branca. A princípio, ele ficou muito feliz em me ver, mas, de repente, ficou com um pé atrás e, apesar de geralmente ser agradável e carinhoso, passou a me tratar como um chefe rígido, com o rosto severo e o nariz empoado.

– Por que não recebi nenhuma correspondência da cidade de Aian? – perguntou secamente.

– É... ainda não deu tempo de chegar – respondi, mudando involuntariamente de ideia devido à rispidez súbita do governador-geral. – A cidade inteira, o governador civil e o bispo estão ocupados com o assassinato de um iacuto e...

– Que estranho – interrompeu Muraviów –, todo mundo está ocupado com algo que acontece todos os dias, e ninguém se preocupa com o que não acontece em lugar nenhum, ou seja, com a correspondência que não chega. E por que não chegou nenhuma carta de Aian? – questionou com severidade.

E me vi naquela situação.

– Sua Excelência – disse –, a correspondência não chegou ainda, porque a neve está muito alta. As renas não conseguem achar musgo para comer e estão morrendo às dezenas. É por isso que as cartas não estão chegando.

Quando disse que o governador civil estava ocupado com a inspeção do estado, perguntou como eu sabia disso e onde o havia encontrado. Depois de ouvir minha explicação, ele apenas sorriu e não disse mais nada.

Sem demora, Nikolai Nikoláievitch Muraviów enviou seus oficiais: um a Kamchatka, para assumir o posto após a vitória heroica sobre os ingleses nessa península, e outro a Aian, de onde as cartas não vinham.

Depois disso, o governador-geral voltou a ser humano e educado, convidando-me para almoçar todos os dias em sua casa. E como eu não pretendia continuar minha viagem pela Europa, tentou me convencer a participar de um baile que ele organizaria em um futuro próximo.

Apesar de ter chegado a tempo ao baile, o comandante de nossa fragata preferiu ir à Rússia europeia antes da data marcada para o evento. Por algum motivo, suspeitava que o governador-geral estava tentando nos detendo deliberadamente para que seus relatórios chegassem a Petersburgo antes de termos a oportunidade de nos explicar. De qualquer maneira, eu não precisava dar explicações: durante a minha viagem de volta, por vários dias não me encontrei com ninguém, além dos meus amigos. Já com o comandante da fragata a história era diferente.

Antes do almoço, o governador-geral tentou ser agradável de todas as formas e nos serviu diferentes pratos tropicais. E quanta coisa ofereceu! Para a sobremesa havia abacaxis marinados no próprio suco, claro.

– Você tem algo melhor – disse –, também estamos enjoados disso na Índia, porque traziam abacaxis em botes todos os dias, como se fossem batatas...

– Que tipo de comida? – perguntou Nikolai Nikoláievitch.

– Pepinos e *kvas*, coisa que não há em lugar nenhum – disse rindo.

Desde então, não faltaram mais na mesa do governador-geral.

A esposa de Nikolai Nikoláievitch, uma francesa, não era muito diferente dele quanto à humanidade, bondade e simplicidade. Ela evitava fazer uso da posição privilegiada do marido na Sibéria e, por sua vez, não tinha qualquer pretensão de obter tratamento especial por parte de seus subalternos. Certa vez, disse-me que tinha medo de andar pelas ruas de Irkutsk por causa das vacas desgarradas. Eu me lembrei de Igoriév, o governador civil de Yakutsk,

que perambulava pela região com dois cossacos armados com lanças para espantar os cães, então, sugeri à esposa de Nikolái Nikoláievitch que ela poderia arrumar um guarda-costas e nem precisava ser um par de cossacos.

Ela não gostou da ideia, preferia não andar pelas ruas a colocar um soldado ou outro subalterno a seu dispor.

E eles lidaram da mesma forma com um assessor que esqueceu de colocar os cavalos a seu dispor em uma paragem. No entanto, o governador-geral o repreendeu, já que pensou estar lidando com uma viajante qualquer. Pode ser que essa fosse uma exigência de se fazer política na Sibéria?... É bem capaz!

E. N. Muravióva era muito atenciosa e educada com todos os cidadãos. De vez em quando, visitava todo mundo, incluindo a cercania de Irkutsk, como os Trubiétski, coisa que o próprio Nikolái Nikoláievitch não poderia fazer por causa de seu cargo.

Mas, na qualidade de cidadão livre, gozei amplamente de meu direito de visitar quem eu bem entendesse, sem me privar por razões oficiais ou quaisquer outras que fossem.

Assim, a convite de Sverbiéev, visitei todos os dezembristas, os Volkónski, os Trubiétski, os Iakúchkin e outros. É verdade que eles viviam fora da cidade, em isbás. E como eram esses isbás? Os tetos eram feitos de algo parecido com palha, ou neve, no inverno; por dentro, havia toras de madeira com estopa nos vãos e coisas semelhantes, mas dentro era tudo de prata. O príncipe (continuavam a se referir aos príncipes dezembristas degredados pelo título nobiliárquico) tinha uma metade para si; e a princesa, a sua. Era muita gente. Quando perguntei ao príncipe-dezembrista como ele conseguiu que seus filhos, nascidos na Sibéria, tivessem todos os traços de uma educação refinada, ele respondeu: “Bom, já que você está na metade do caminho (notem bem: “na metade”!) de minha esposa, pergunte por lá, porque isso é assunto dela”.

E realmente. Só de ver o rosto da princesa, seus traços refinados e a altivez refletida neles, entendi que essa mulher conseguiria dar uma educação refinada a seus filhos.

Nessa época, não consegui encontrar o jovem príncipe M. S. Volkónski (agora membro da alta corte e vice-ministro da Educação), que tão gentilmente me refugiou na inóspita fronteira de Aian. Após minha passagem pelo extremo leste, encontrei-o na outra ponta, mais especificamente em Wildbad, na Alemanha, onde ele passou por mim empurrando a cadeira de rodas de seu pai, que sofria das pernas.

Não consegui encontrar outro príncipe-dezembrista vivo. No entanto, encontrei-me com os dezembristas Iakuchkiny e o recém-casado Podjio.

Enquanto isso, o príncipe-dezembrista Volkónski andava pelos bazares com um casaco de lã de ovelha, trocava algumas palavras com os exilados e com os moradores.

Para ele, assim como para os chineses, o mundo inteiro estava contido em seu círculo, e não seria alargado por nenhum outro ponto de vista, pois era a base de toda a sua vida.

Ele me entregou muitas cartas para Moscou e São Petersburgo, porque, se dizia, as cartas dos dezembristas estavam sendo abertas no correio de Kazan. E isso provavelmente aconteceria.

Dizem, e não sei se é verdade, que um funcionário veio de Irkutsk para São Petersburgo com um comunicado para o imperador e queria meter "*bâtons dans les roues*" do governador-geral. Ao expor suas impressões ao czar, disse, entre outras coisas, que N. N. Muravióv tratava os dezembristas de Irkutsk, onde ele morava, de maneira muito branda, e que não lhes atribuía nenhuma função, nem os visitava, por causa de seu posto, embora sua esposa os encontrasse.

O imperador parecia ter ouvido o funcionário e disse: "Então Muravióv entendeu o que eu queria".

Mas eu cito isso na forma de uma anedota, sem pôr minha mão no fogo.

A propósito, agora vou contar mais uma história que ouvi do próprio N. N. Muravióv, quando velejávamos no Mar de Okhotsk a bordo da escuna "Vostok". Certa noite, nós dois estávamos caminhando pelo convés e conversávamos sobre os condenados por crime de lesa-majestade, que não eram poucos, e eventualmente sobre Petrachévski[13]. Quando perguntei de seu paradeiro, Muravióv me disse, mas agora esqueci. Só vou dizer que o vi de passagem, mas que meus conhecidos disseram que ele enlouqueceu, juntou trabalhadores em seu apartamento, distribuiu dinheiro e os ensinou a não obedecer a seus patrões, e por aí vai. Os trabalhadores pegaram o dinheiro e riram da cara dele. Enfim, todos achavam que ele havia enlouquecido. Muravióv me ouviu atentamente e acrescentou: "Você abriu meus olhos para esse homem, porque eu achava que ele era são. Recebi um documento importante a respeito dele, como se fosse um criminoso perigoso, achei que não poderia deixar de vê-lo pessoalmente. Mal tinha me aproximado dele na

[13] Mikhail Petrachévski (1821-1866), filósofo e político de posições radicais e revolucionárias, conhecido por ter criado o Círculo de Petrachévski, grupo em que se discutia questões polêmicas da época. (n.t.)

prisão e comecei a ser bombardeado por suas reclamações... e você, acha que eram de quem ou de quê? Do Senado, do imperador, que não o tinham julgado direito... e Deus sabe que tipo de bobagem ele ainda tiraria da cartola! Achei necessário avisá-lo que eu tinha vindo aliviar a sua situação, mas que ele estava fazendo de tudo para piorá-la. E que, em vista da atribuição e das instruções que me foram dadas, eu seria obrigado a transmitir tudo o que fosse dito ao imperador. Desta forma, na qualidade de governador-geral, eu não poderia ajudar em nada para suavizar a sua pena. Então, passou a reclamar que o suboficial designado para ele o estava incomodando... Eu nem o deixei terminar: "isso, sim, é da minha alçada", disse, e troquei o suboficial. "E como é, ele está trabalhando?" – perguntei. "Essas pérolas do outro lado da cordilheira – disse Muravióv. – Que trabalha o quê, não faz nada! Mas você me abriu os olhos para ele. Ele está definitivamente louco".

Ao que parece, Muravióv tratava todos os exilados desse jeito.

Não consegui encontrar em vida a outra princesa Trubetskaia, a pequena dezembrista, como eu a chamava. Mas suas filhas já estavam prometidas, uma para o moscovita Sverbiéev, e a outra para o meu amigo petersburguês Rebindier, o prefeito de Kyakhta, ou por pouco não teria se casado com ele... já não me lembro. Ambas estavam de luto e eram muito interessantes, principalmente a mais jovem.

De repente, surgiu a princesa Volkónskaia, esposa do príncipe P. M. Volkónski, que foi marechal de campo. E para onde é que ela não viajou? Esteve em Paris e em Chita, em São Petersburgo e no Egito. Sverbiéev me contou histórias impressionantes sobre ela. Ela só apareceu em Irkutsk para se despedir de seu irmão de sangue, S. G. Volkónski. Sverbiéev me convenceu que eu deveria visitá-la.

– E para quê? – perguntei.

– Como para quê? Todo mundo a visitou, só você que não! Vamos! – e me levou.

Ela tinha um círculo de poltronas – parecidas com banquinhos de um palácio francês – e ela mesma presidia a conversa a partir do divã. Era uma velhinha muito vívida e jovial, que falava sem parar com um convidado de cada vez. Ela achou que eu deveria me apresentar, por isso, passou a falar comigo em francês. Depois, se dirigiu a Sverbiéev, então a um terceiro e assim por diante.

– *Sans adieu*[14]! – disse-me quando nos despedimos. E assim minha visita acabou.

Fiz muitas amizades por aqui, como o governador civil, o general Ventsel, que foi muito elogiado por todos, a começar pelo governador-geral, por sua gentileza e humanidade; o engenheiro Kleimenovy; ou os assistentes do governador-geral: um deles, que era seu sobrinho, assumiu depois seu cargo, quando o tio pediu exoneração para ser nomeado, ao que parece, membro do Conselho de Estado.

Não havia mais nada a se fazer em Irkutsk. E também comecei a me cansar da viagem pela Sibéria, do mesmo jeito que me aborreci com a circumnavegação. Queria ir logo para a Europa, atravessar a cordilheira dos Urais, e estar onde... eu não tinha nada. Meu irmão havia se casado, minhas irmãs também, uma delas inclusive já era viúva. Todos estavam ocupados com seus assuntos. Em São Petersburgo eu continuaria sozinho e livre como o vento.

Não me lembro se cheguei a esperar pelo baile do governador-geral: acho que não, do contrário, teria me lembrado.

Só sei que em 14 de janeiro de 1855 deixei Irkutsk e atolei na vasta estepe de Barabinsk, que se estendia até Ekaterinburgo.

O tema era “lembranças de Yakutsk” – dirá o leitor. Mas o que se pode fazer? Na época, escrevi como pude o que está publicado no livro. O resto escrevo de memória, através da neblina do passado, então, não é de se admirar que tenha ficado nublado...

[14] No original, em francês, “Sem adeus”. (n.t.)

A MULHER DO CAPITÃO

ANDREAS KARKAVITSAS

O TEXTO: A mulher do capitão foi publicado originalmente em 1899, no livro *Λόγια της Πλώρης* ("Palavras da proa" ou "Prosas de proa"), de Andreas Karkavitsas, coletânea de narrativas ambientadas no mar grego, centradas em temas folclóricos e na população dos portos, navios e ilhas. Por se enquadrar dentro do movimento realista, aprofunda-se em aspectos sociais, sendo que a temática dos casamentos arranjados ocupa boa parte da produção dos contistas gregos desta fase. Essa temática encontra-se no conto de Karkavitsas, explorada sob o viés da renovação nacional, da exaltação da força da juventude, pois, em lugar do drama de jovens apaixonados separados, há um relato humorístico e entremeado de erotismo, em que se satiriza o velho e a mãe casamenteira e se exalta a união dos jovens gregos.

Texto traduzido: Καρκαβίτσας, Α. *Λόγια της Πλώρης*. Αθήνα: Γράμματα, 1994, σελίδες 93-102.

O AUTOR: Andreas Karkavitsas (1866-1922), romancista grego, nasceu em Lechainá, na Élide. Foi médico militar e teve uma longa vivência na Grécia rural e interiorana, que retratou em seus contos e romances. Enquadra-se ideologicamente no movimento do realismo etnográfico que ocupou boa parte do cenário literário grego das últimas décadas do séc. XIX e início do XX. Inicialmente, utilizou a *katharévousa* (língua grega purista artificial), mas não tardou a abraçar o demótico, no qual se destacou como um grande estilista. Explorou temas e modos expressivos vernáculos em um período em que a literatura buscava consolidar uma identidade neo-helênica por meio do conto realista.

O TRADUTOR: Théo de Borba Moosburger é bacharel em Letras (Grego Antigo) pela UFPR e mestre e doutor em Estudos da Tradução pela UFSC. Estudou grego moderno e música popular grega em Atenas. Tem traduções publicadas do grego antigo, medieval e moderno, e também do islandês, língua à qual se dedica paralelamente, com interesse especial na literatura islandesa medieval. Para a (n.t.) traduziu Kostas Karyotákis, Giorgos Seféris, Aléxandros Papadiamántis, Ilias Venézis, Odysseas Elýtis, Emmanouil Roidis e Nikos Engonópoulos.

Η Καπετανισσα

"Τ' όμορφο καράβι θέλει κι όμορφη καπετάνισσα."

ΑΝΔΡΕΑΣ ΚΑΡΚΑΒΙΤΣΑΣ

Τον καπετάνιο μας όλοι τον εμακάριζαν για την καλή καρδιά, τη γλήγορη γολέτα και την όμορφη γυναίκα του. Οι προξενήτρες στο νησί, για να παινέψουν το γαμπρό, έλεγαν:

«Καλόγνωμος σαν τον καπεταν-Παλούμπα».

Οι ναυτικοί όταν ήθελαν να συστήσουν κάποιο καράβι:

«Καλοτάξιδο σαν τη γολέτα του καπεταν-Παλούμπα».

Κι οι νέοι, όταν μιλούσαν για την αγαπητικιά τους:

«Όμορφη σαν τη γυναίκα του καπεταν-Παλούμπα».

Ήταν φημισμένος σε όλα τα Δωδεκάνησα αυτός και το έχει του.

«Τήρα καλά, κακομοίρη: την καπετάνισσα και τα μάτια σου!» μου είπε όταν την έφερε στη γολέτα νύφη. «Δεν ξέρεις, καλό παιδί, πόσο την αγαπώ! Τρέμω να την αφήσω μοναχή και να φύγω».

Ε, καλά! Και ποιος δεν το ήξερε; Απάνω στα εξήντα χρόνια του ο καπεταν-Παλούμπας αποφάσισε να παντρευτεί. Το αποφάσισε – όχι, ψέματα είπα. Η τύχη το έφερε. Εκεί που γύριζε σε κάποιο νησί, είδε άξαφνα τη Λενιώ να κολυμπά κι ανατρίχιασε σύψυχος. Μια πάνα σηκώθηκε από τα μάτια του και είδε τη ζωή αλλιώς κι αλλιώτικα. Η ματιά της κόρης χτύπησε την πέτρινη καρδιά του ναυτικού και πήδηξε κεφαλόβρυσο το αίσθημα. Το λυγερό κορμί, που έφευγε λαυράκι στα νερά, ξάφνισε τα νεύρα του· και το γέλιο, που απέμενε οκνό στον αέρα, τον τύλιξε σε πόθους και σε όνειρα.

Δε χασομερίζει· βάνει τα γιορτινά του, τη φουφουλοβράκα τσακιστή ανεμιστή, γαλάζες κάλτσες, μυτερά παπούτσια· ζώνει στη μέση κοκκινομέταξο ζωνάρι, περνά το κεντητό γιλέκο· λεβέντικα τσακίζει στο πλευρό το

τουνεζίνικο φέσι και τρέχει στο σπίτι της Λενιώς. Πριν όμως πατήσει στη βάρκα, πισωγυρίζει και κρεμά στην αριστερή μασχάλη χρωματιστό μεταξομάντιλο, και παίρνει στο χέρι γαρουφαλοκέντητο πορτοκάλι. Το ένα γάμου κάλεσμα, το άλλο συμπεθεριάς σημάδι.

«Γεια σας κι ήρθα» λέει της γριάς. «Είμαι ο καπετάνιος της *υρα-Δέσποινας*, που άραξε προχτές στο νησί σας. Τ' όμορφο καράβι θέλει κι όμορφη καπετάνισσα. Ήρθα να πάρω το Λενιώ γυναίκα μου. Αν είναι με το θέλημα του Θεού και την ευκή σου, αύριο τη στεφανώνω».

«Καλώς ήρθατε και καλώς κοπιάσατε, σαν τον καλόν το χρόνο» απάντησε η γριά γλυκομίλητη. «Ο λόγος απ' το στόμα σου και στου Θεού τ' αυτί».

Ήταν έξυπνη η μάνα της Λενιώς, ψημένη στη ζωή, από τα μικρά της χρόνια χήρα. Βουτηχτής ο άντρας της, καθώς ανέβαινε με το δίχτυ του γεμάτο, τον έκοψε το σκυλόψαρο στα δύο, σαν πράσο. Άφησε πεντάρφανο το κορίτσι του. Εκείνη πάλεψε με τον κόσμο, ανάθρεψε γαρουφαλίτσα πρόσχαρη τη Λενιώ. Δεν έλεγε όμως ποτέ να της δώσει άντρα γέροντα. Ούτε και διάβαινε στο νου της τέτοιο κακό. Όταν συχνά πυκνά συλλογιζόταν το γαμπρό, έβλεπε πάντα ένα μεστωμένο και γερό παλικάρι χρόνων είκοσι, με μουστάκι μαύρο, δυνατά μπράτσα και στήθος πλατύ, απαράλλαχτο σαν το Μακεδόνα που βάζουν στην πλώρη τους πολλά καράβια. Αλλά τώρα, μόλις είδε τον καπεταν-Παλούμπα, καλοδέματον αληθινά, πάντα όμως ψαρο-μάλλη, ταμπακορούφη, σαλιάρη και τέλος γέροντα, δε δίστασε να δώσει αμέσως το λόγο της. Γέροντας, σου λέει, μα καπετάνιος· και καπετάνοι δε βρίσκονται κάθε μέρα στο νησί!

Ο καπεταν-Παλούμπας στεφανώθηκε τη Λενιώ, και μόλις έφτασε στη Σύρα, ολάκερο βίο ξόδεψε για τα στολίδια της.

«Γυναίκα μου, κυρά μου, αφέντρα μου! Να τα φορείς να χαίρεσαι» της είπε δακρύζοντας από χαρά και περηφάνια όταν την είδε λαμπροστολισμένη σαν τη Λιογέννητη. «Αν δεν σου φτάνουν αυτά, σου παίρνω κι άλλα. Κι αν δεν αρκούν και κείνα, πουλώ και τη γολέτα μου, να σε χρυσοντύσω σαν την Τηνιακιά».

Εκείνη δεν είπε τίποτα, παρ' απόμεινε κοιτάζοντας τα φανταχτερά ρούχα της. Καθρέφτης ο ίσκιος της. Και όταν αργά σήκωσε τα μάτια πάνω του, το πικρό χαμόγελό της δεν ήθελε να ειπεί αν έβγαινε απρόθυμη από το νησί, ή ότι της δώσαν άντρα γέροντα.

Μέσα στη γολέτα ήμαστε όλοι κι όλοι εξ νομάτοι. Ο καπετάνιος με το γραμματικό του δυο· εγώ και το ναυτόπουλο άλλοι δυο και δυο ναύτες Μυκονιάτες. Άλλος κανείς. Μα ο γραμματικός, ο Πέτρος Ζούμπερος, ήταν ο

ναύτης μας, ο κυβερνήτης, ψυχή και στόλος της όμορφης γολέτας μας. Μόλις ίδρωνε το μουστάκι του. Τα μαύρα του μαλλιά έφευγαν από το πλατύ μέτωπο, ανέβαιναν στην κορυφή, κατέβαιναν κατσαρά στα λαιμοτράχηλα, σαν πολυτρίχι που ζει δροσερό, μεταξωτό επάνω σε μελαχρινό κεφαλοκόλονο. Είχε τα μπράτσα δυνατά, πλατύ το στήθος, άτρομο το βλέμμα. Αν τον έβλεπε η γρια-μάνα της Λενιώς, βέβαια θα γνώριζε τον ονειρεμένο της γαμπρό. Τον είδε όμως η κόρη. Τον είδε και τον γνώρισε για φαντασιά της μάνας της, μπορεί και για στοχασμό δικό της. Έβγαλε αμέσως τα μεταξωτά, έκλεισε τα χρυσαφικά σ' ένα κοχυλοστόλιστο κουτάκι κι έλαμψε στο κατάστρωμα, με το κόκκινο μεσοφόρι και τον άσπρο σάκο της. Ωιμέ, τ' ήταν εκείνο! Τι πλάσμα ήταν εκείνο που έπεσε, δώρο τ' ουρανού ή του κυμάτου γέλασμα, στο άχαρο σκαφίδι μας! Άλλαξε αμέσως η έρμη ζωή του ναύτη. Το καράβι έγινε σπίτι της. Από την αυγή ώς το βράδυ το γύριζε, το στόλιζε, το περιποιόταν σα νοικοκυριό της. Ανέβαινε στο κάσαρο, κατέβαινε στην πλώρη, συγύριζε τα φτωχόρουχα στα γιατάκια μας· έμπαινε στο μαγεριό, έβγαινε στο τσιμπούκι να δέσει μαζί μας τους φλόκους. Τι ήθελες και δεν έκανε του καθενός; Ποιος είχε ράψιμο να του ράψει· ποιος μπάλωμα να τον μπαλώσει· ποιος είχε λύπη στην καρδιά να τη σηκώσει με το δροσάτο γέλιο της, με το γλυκόλογό της. Πουλάκι, θαρρείς, αγαπησιάρικο και ομορφόπλουμο, πέταξε από τα δέντρα τής παράδεισος στην κούρνια μας, και με το φτερούγισμα, με τον κελαηδισμό του, άπλωσε βάλσαμο στις τυραννισμένες ψυχές, ανάδωσε τη χαρά, πλανεύτρα την ελπίδα, τον πόνο και το μόχθο άβλαβα και ποθητά. Έφευγε η μαρτιάτικη μέρα γοργή σα διάνεμα. Ερχόταν η αυγή και λέγαμε: ποτέ να μη νυχτώσει! Νύχτωνε και λέγαμε: πότε θα ξημερώσει; Την ημέρα όλοι μαζί, χαρά, τραγούδι, γέλια. Τη νύχτα μοναχός καθένας, συλλογισμένος, μισάνθρωπος! Ένας τ' αλλουνού απόφευγε το συναπάντημα, παραξηγούσε το βλέμμα, με τον παραμικρό λόγο άπλωνε το χέρι στο λάζο, σα να τον είχε αντίδικο. Κάθε χαραυγή το μάτι ανυπόμονο γύριζε στου καπετάνιου την κάμαρη, λες κι ήταν σημάδι τ' ουρανού να δείξει τον καιρό της ημέρας. Και όταν τέλος χάραζε στο κεφαλόσκαλο το κόκκινο μεσοφόρι κι έχυνε στο κατάστρωμα του κρεβατιού τη ζεστασιά, του θηλυκού το μόσκο και της νυχτιάς τα μυστικά, αλί στους ταύρους και τα κόκκινα μεσοφόρια!

Άξαφνα ο ουρανός συγνέφιασε. Όχι ο ουρανός ψηλά, ο πλατύχωρος θόλος. Εκείνος ξακολουθούσε ολογάλαζος και ηλιολουσμένος την ημέρα, τη νύχτα κοσμοστόλιστος να σκεπάζει το τρυφερό θάμα που έπεσε στη γολέτα μας. Ερωτευμένος, λες, ήταν και κείνος μαζί του κι έβλεπε κι αναγάλλιαζε. Άλλος ουρανός συγνέφιασε· το μέτωπο του καπεταν-Παλούμπα. Η καλογνωμιά της Λενιώς δεν του άρεσε. Την ήθελε τη γυναίκα του, μα την

ήθελε δική του. Ούτε από τον αέρα της δεν χάριζε κουρέλι στους άλλους. Στην αρχή έκαμε παράπονα, έπειτα την περιόρισε.

«Από την άκρη του κάσαρου δεν έχει να κάμεις βήμα!» της είπε ορθά κοφτά.

Και για να βάλει σύνορο, άπλωσε στο ξύλο που κρατά τους κουβάδες ένα καραβόπανο. Χωρίστηκε έτσι σε δυο η γολέτα. Εδώ η κόλαση· εκεί παράδεισος. Εκείνη θύμωσε.

«Παλιόγερε!» ψιθύρισε πεισματικά. «Παλιόγερε! Με πήρες περιστέρι από τον κόρφο της μάνας μου και κοντεύεις να με κάνεις κουρούνα με τις γκρίνιες σου!»

Και λύθηκε στα δάκρια. Μα δε βάσταξε πολύ. Σε λίγο πάλι τα γέλια και τα χάχανα. Σβούρα πάλι απ᾽ άκρη σ᾽ άκρη στο κατάστρωμα. Το μεσοτοίχι που πίστεψε ακλόνητο εκείνος, έγινε μαγνάδι στη θέληση της γυναίκας. Την κονταυγή, όταν ο καπετάνιος ξενυχτισμένος βαρυροχάλιζε στην κάμαρη, ξέφευγε αχτίνα από το πλευρό του κι ερχότανε να πλύνει μαζί μας το κατάστρωμα. Ωχρόδροση σαν αυγινή μοσκιά, με τα χρυσόμαλλα κυματιστά στον άνεμο, με τον άσπρο σάκο αφρόντιστα κουμπωμένο και το κόκκινο μεσοφόρι σφιχτοσηκωμένο στα γόνατα, τσαλαβουτούσε στα νερά κι έτριβε τα σανίδια ξαναμμένη, τρελή. Μέσα στα σμιχτά φορέματα το λυγερό κορμί, λαχταριστό κι ολότρεμο, έδενε την ψυχή μας. Κάτω από τα χυτά μαρμαροτράχηλα ανάτελνε αυγερινός το στήθος της· και κάτω από το μεσοφούστανο – π᾽ ανάθεμά το! – οι γάμπες τορνευτές, τα τριανταφυλλένια ακροδάχτυλα, έφευγαν περιστέρια στο νερό. Εκείνης όμως, αδιάφορη, έτριβε με πάθος τα σανίδια και κάθε τόσο αργυρογελώντας έλεγε στον Πέτρο Ζούμπερο:

«Ε, καλό γραμματικούδι! Δε με παίρνετε μούτσο σας;»

Και ξεχνιότανε κοιτάζοντάς τον με τα μάτια γλαρά, με τέτοιο ανάδεμα των χειλιών, που έλεγες ήταν μέλισσα κι έτρεχε να κολλήσει σε γλυκόχυμο ανθό. Μα αμέσως, ξαφνιασμένη από το κάμωμά της, «Σουτ!» σφύριζε, βάζοντας το ροδοδάχτυλο στα διψασμένα χειλάκια της και βλέποντας ολόγυρα, «Σουτ, μη μας ακούσει ο γέρος!»

Και λέγοντας «Σουτ!» έβαζε κάτι γέλια, κάτι τρελούτσικα, πεταχτά, κυματιστά γέλια, που και νεκρό μπορούσαν ν᾽ αναστήσουν. Αλλά σε λίγο το γκουχ γκουχ! εσαχλοβρόντα μέσα στην κάμαρη κι η Λενιώ έσβηνε πίσω στο κάσαρο. Έκλεινε τότε η πύλη τής παράδεισος κι έμεναν όξω, ταπεινοί και περίλυποι, οι εξόριστοι δαίμονες. Εδώ ανάτελνε και κει φώτιζε η μέρα. Γέλια εκεί, τραγούδια και μπουζούκια· βάσανα εδώ, δουλειά και καταφρόνια. Ο μπούφος σφιχτοκρατεί στα νύχια την άδολη τρυγόνα· ελεύθερος αναγυρίζει

τα φτερά της· ψηλαφά τους κόρφους, μαδά λυσσάρης τα μεταξένια πούπουλα, σφίγγει την και πνίγει στα νεκρά στήθη του. Δε φτάνει πια σε μας παρά το σβησμένο γέλιο της. Το γέλιο που φορτώνει μολύβι την καρδιά, το αίμα φέρνει στο κεφάλι μας. Έτσι τη συνηθίσαμε πάντα μαζί, που πίστεψε καθένας πως η γυναίκα κείνη ήρθε να σκορπίσει σε όλους τη χάρη της κι όχι σ΄ ένα μοναχά. Έτσι, φαίνεται, το συνήθισε και κείνη. Γιατί άξαφνα, εκεί που τριβόταν σα χαϊδεμένη γάτα κοντά στον καπετάνιο, πεταγόταν απάνω και μέριαζε το καραβόπανο φωνάζοντας τρομαχτικά:

«Παναγία, βόηθα! Παναγία, βόηθα!»

Κι ευθύς που δροσόλουζε το καράβι με τη ματιά της, γύριζε πίσω γελαστά κι έλεγε στον τρομαγμένον αφέντη της:

«Τίποτα, καλέ! Τίποτα... Έλεγα πως ήταν βαπόρι να μας κόψει».

Έτσι ξημερωθήκαμε μια μέρα μπρος στην Καλλίπολη. Να ειπώ την αλήθεια, ξημέρωσε η μέρα κι όχι εμείς. Η *υρα-Δέσποινα* στο σύθαμπο αρμένιζε ακόμη. Πυκνή καταχνιά πλάκωνε τα Μπουγάζια, κι ούτε θάλασσα, ούτε στεριά, ούτε δέντρο μάς έδειχνε. Μόνο μια στιγμή, μια μοναχή στιγμή, δεξιά μου φάνηκε ένας μιναρές, κάποιο σπιτάκι, ένας μύλος με ανοιγμένες φτερωτές, κάτι αληθινό και ψεύτικο! Χρυσό τρεμόφεγγε το μισοφέγγαρο του μιναρέ· έσβηνε και θάμπωνε, έλαμπε κι έσβηνε. Το σπιτάκι παραφουσκωμένο πισωπατούσε, μουλωχτά έφευγε. Οι φτερωτές τού μύλου ακίνητες, πείσμα έδειχναν και το ξάφνισμα ενού δράκου. Σύντροφοι όμως ήταν και τους κοίταζα με ψυχοπόνια. Μα ζηλιάρα η καταχνιά έσυρε και κει την υγρή σκέπη της, μας ξεμονάχιασε στη γολέτα.

Καθένας έπιασε τώρα τη θέση του. Ο καπεταν-Παλούμπας κοντά στο τιμόνι· ο γραμματικός ορθός στο τσιμπούκι· οι άλλοι ναύτες ζερβόδεξα στις κουπαστές· το ναυτόπουλο στο κορζέτο ψηλά· εγώ με τον κόχυλα και το γλωσσίδι της καμπάνας στα χέρια.

«Μπου... μπου! Νταγκ... νταγκ-νταγκ!»

Σφύριζα μια και δεκαείκοσι απαντούσαν στο σφύριγμά μου. Μπουρούδες εμπρός, καμπάνες πίσω, δεξιά σφυρίχτρες, αριστερά μας σήμαντρα. Κέρατα, όστρακα, ξύλα, μέταλλα και ανθρώπινα λαρύγγια δε βροντοφωνούσαν άλλο, με κάθε τρόπο, βραχνά, παραπονιάρικα είτε απειλητικά, παρά την τρομερή προσταγή:

«Σταθείτε! Φυλαχτείτε! Μη και τρακάραμε!»

Όλοι το έλεγαν και το ένιωθαν όλοι να πέφτει χιονοβολή στην ψυχή τους. Και μονάχα η καταχνιά, αδιάφορη, επίμενε να συσμίγει τους ατμούς κρύους και να τυλίγει, να τυλίγει τα τόσα τέρατα που βρουχιόνταν περίτρομα στους κόρφους της.

Άξαφνα, βλέπω κάτω ασημοστρωμένη τη θάλασσα. Μπουλούκι θαλασσοπούλια πέταξαν λες από την πλώρη μας, απλώθηκαν γραμμή ολότρεμη, ξύρισαν με το φτερό τα νερά, χάθηκαν πέρα σαν μαύρο φίδι μακρύτατο, που φεύγει τη φωτιά. Και ζερβόδεξα, φαντάσματα να κατεβαίνουν απάνω μας, πανιά και ξάρτια καραβιών, που έτρεχαν αιθεροπλανεμένα, θαρρείς, να βρουν τον πόρο τους. Οι ναύτες τυλιγμένοι στην καταχνιά μόλις ξεχώριζαν, ψυχές ανεμοκίνητες που ταξιδεύουν στο χάος. Έτρεχαν και κείνοι ζερβόδεξα, κοίταζαν ολόγυρά τους, κάτω στα νερά κι απάνω στον αέρα, μην ξεβράσει κακό η θάλασσα και μη βρέξει χάλαρα ο ουρανός. Έτρεχαν και φώναζαν και σφύριζαν δαιμονισμένα:

«Σταθείτε! Φυλαχτείτε! Μη και τρακάραμε!»

«Μπου... μπου! Νταγκ... νταγκ-νταγκ!»

Φυσώ και γω τον κόχυλα και τινάζω το γλωσσίδι της καμπάνας ξετρελαμένος. Σα να φύσηξαν Τρίτωνες στ᾽ όργανό μου, η καταχνιά σηκώθηκε από τη Ρούμελη. Φάνηκαν τώρα οι πλαγιές πράσινες, τα χτίρια ροδισμένα, τ᾽ ακρογιάλια γελαστά, κατάγλαυκη η θάλασσα. Ο ήλιος χρυσόθρονος ανέβαινε σπέρνοντας παντού, στο χόρτο και το λιθάρι, στον άμμο και τα νερά, σωρό τις διαμαντόπετρες. Τα πλεούμενα με κατάβροχα πανιά φρόντιζαν να πιάσουν τη γραμμή τους. Και κάτω κει, από το στενό της μάδυτος, πρόβαλε τρεχάτο, σα να έκοψε τις αλυσίδες του, το αράπικο βαπόρι ερχάμενο καταπάνω μας.

Μα η *υρα-Δέσποινα* αρμένιζε ακόμη στο σύθαμπο. Γύρω μας, και στην ανατολή αντίκρυ, έστεκε η καταχνιά σκοταδερή, αέρινος Καύκασος, σα να μας είχε πείσμα. Μονάχα δυο τρεις φορές ο ήλιος λόγχισε τ᾽ αδυνατότερα μέρη κι έδειξε τη φυλακή μας ασημοχρύσωτο κρύσταλλο. Κάτω στα νερά μονοπάτι φιδωτό έδενε τα δυο ακρογιάλια. Μα εγώ ξακολουθούσα πάντα να ρίχνω με τον κόχυλα και την καμπάνα μου βουή και κλάγγασμα στον αλαλαγμό και το θρήνο.

«Μπου... μπου! Νταγκ... νταγκ-νταγκ!»

Μια στιγμή κάπως άκουσα ψιθυρίσματα στην πλώρη κατάνακρα. Βάνω τ᾽ αυτί μου. Ένα γέλιο μικρό, γαργαλιστικό, γνώριμο γέλιο έρχεται να μου παγώσει την καρδιά. Και μια φωνίτσα μασημένη, κελαηδιστή, ακούω να λέει:

«Αχ, τι καλά! Τι όμορφα... Έτσι πάντα... Έτσι πάντα... Αιώνια έτσι!»

Ήταν η φωνή της καπετάνισσας.

«Γιατί έτσι πάντα;» ρωτάει του γραμματικού η φωνή, τρυφερή και κείνη.

«Για να είμαστε οι δυο μονάχοι, οι δυο μας σ᾽ όλο τον κόσμο... Και γύρω μας μεταξοσέντονα όπως τώρα· μεταξοσέντονα με χρυσές ούγιες, με

δαντελένιες άκρες, με στημόνι από δροσιά. Γύρω κι απάνω και κάτω μας μεταξοσέντονα σαν αυτά, που δεν τα γνώρισε αργαλειός, που δεν τα ύφανε υφάντρα. Μεταξοσέντονα σαν αυτά που τ' άπλωσε στη θάλασσα νεράιδας χέρι, να κρύψουν στις χαρές τους εσέ, καλέ μου, κι εμέ τη σκλάβα σου».

Άνοιξα τα μάτια διπλά· τίποτα δεν έβλεπα. Η καταχνιά έσφυξε πάλι και θάμπωσε και σκέπασε όλα με μυστήριο. Χάθηκε η Ρούμελη, έσβησε η θάλασσα, πάνε τα καράβια που γύρευαν τη γραμμή τους· έσβησε και τ' αράπικο που έτρεχε πριν καταπάνω μας. Και μέσα στο σταχτόμαυρο πλοκό πύρινα φίδια, οι σαγίτες, έφευγαν ψηλά με βραχνό σφύριγμα, με τρελή γοργάδα, εκουφοβρόντουν ψηλά, έβρεχαν καντήλια πέρα δώθε, λες κι ήθελαν να ιστορήσουν στ' αστέρια τη μοίρα μας. Όχι στην πλώρη, μήτε δίπλα μου δεν ξεχώριζα τίποτα. Τον κελαηδισμό τους μόνον άκουα, και κείνον κομματιαστό, πνιγμένο, σα να ερχότανε από το πηγάδι μέσα.

Δαίμονας μ' έπιασε να πάω κοντά. Έλα όμως που δε μπορούσα ν' αφήσω τη θέση μου! Έπρεπε ν' απαντάω και γω κάθε δυο λεφτά στον αλαλαγμό. Ήμουν εκείνη την ώρα η φωνή της γολέτας· η ψυχή της ήμουν. Και ξακολούθησα τακτικά να φυσώ τον κόχυλα και να κινώ της καμπάνας το γλωσσίδι με δύναμη, λες κι ήθελα να τη σπάσω.

«Μπου... μπου! Νταγκ... νταγκ-νταγκ!»

Εκείνη την ώρα ακούω τον καπετάνιο, με φωνή πεισμωμένη, να κράζει κοντά του το μικρό ναυτόπουλο. Απελπίστηκε από τον άνεμο και σκέφτηκε του Επιτάφιου το κερί. Σε κείνο δεν αντιστέκεται η καταχνιά ούτε στιγμή. Το ναυτόπουλο ήταν ο μικρότερος κι ο αθωότερος μέσα στη γολέτα. Νίφτηκε αμέσως, φόρεσε τα γιορτινά του, έβαλε το κερί μ' ευλάβεια σ' ένα κουτάκι, το άναψε και το απίθωσε με μια κλωστή κάτω στα νερά.

«Λύτρωσέ μας, Χριστέ, όπως λύτρωσες τον κόσμο!» δεήθηκε.

Στη στιγμή – τ' ορκίζομαι – στη στιγμή έρχετ' ένα φύλλο και σαρώνει από τη γολέτα την αντάρα. Την κουρέλιασε, την έσπρωξε στις σκοτεινές σπηλιές σαν κατάδικο. Ο ήλιος χρύσωσε τώρα τα σίδερα, διαμαντοστόλισε τα σχοινιά, βερνίκωσε το μπαστούνι, τα κατάρτια, τις σταύρωσες· έδειξε νοτισμένα ξύλα και πανιά. Αλί! Έδειξε κι ένα αντρόγυνο που γλυκοφιλιόταν δίπλα στον αργάτη.

Δεν πρόφτασα να καλοκοιτάξω, κι ακούω πίσω μου τέτοιο βόγκο, που νόμισα πως το στοιχειό της θάλασσας χύθηκε να μας καταπιεί. Δεν ήταν το στοιχειό· ήταν ο καπεταν-Παλούμπας· έτρεξε από το κάσαρο κακό δρολάπι απάνω τους. Εκείνοι, καθώς άκουσαν το βόγκο του, κατάλαβαν πως τα μεταξοσέντονα τους πρόδωσαν. Τινάχτηκαν ντροπιασμένοι.

«Έλα!» φωνάζει ο γραμματικός. «Έλα μαζί μου!»

Και με το λόγο πηδά στη θάλασσα. Έκαμε να ακολουθήσει το Λενιώ. Αλλά μόλις αντίκρισε το κύμα, πισωπάτησε ολότρεμη. Πλάκωσε τότε ο καπεταν-Παλούμπας κι άπλωσε τα χοντρόχερά του στα χρυσά μαλλιά. Δεν πρόφτασε. Βρόντος ακούστηκε, και τινάχτηκαν ξύλα κι άνθρωποι στη θάλασσα. Το αράπικο, τρέχοντας να κερδίσει το δρόμο του, ήρθε σωτήρας της λυγερής και σκόρπισε πανιά μαδέρια την *υρα-Δέσποινα*. Τι απόγινε ο γραμματικός; Πώς σώθηκε η ερωταριά; Δεν ξέρω τίποτα. Μπορεί να χαίρονται κάπου τη ζωή, όπως την ονειρεύτηκε ο καπεταν-Παλούμπας. Εκείνον όμως τον είδα σακατεμένο, άγριο, μελαγχολικό στο περιγιάλι. Τίποτα πια δεν έβρισκε κανείς να του παινέψει.

Πάει κι η καλή καρδία, πάει κι η γλήγορη γολέτα, πάει κι η όμορφη γυναίκα του!

A MULHER DO CAPITÃO

"O belo navio precisa também de uma bela capitoa."

ANDREAS KARKAVITSAS

Todos nós considerávamos nosso capitão bem-aventurado por seu bom coração, sua veloz goleta e sua bela mulher. As casamenteiras na ilha, para elogiarem o noivo, diziam:

"É bem ajuizado como o capitão Paloumbas".

Os marujos, quando queriam apresentar algum barco:

"Bom de navegar como a goleta do capitão Paloumbas".

E os jovens, quando falavam sobre sua amada:

"Bela como a mulher do capitão Paloumbas".

Era famoso em todas as ilhas do Dodecaneso, ele e seus haveres.

"Preste bem atenção, infeliz: cuida da capitoa como se ela fosse os teus olhos!", disse-me, quando a trouxe, noiva, a bordo. "Meu bom rapaz, você não sabe o quanto eu a amo! Pensar em deixá-la sozinha e partir me faz tremer".

Ora bem! E quem não sabia disso? No alto de seus sessenta anos, o capitão Paloumbas decidiu se casar. Decidiu – não, minto. Aconteceu por acaso. Quando dava voltas em uma ilha, viu de repente Lenió nadando, e arrepiou-se de corpo e alma. Alçaram-se véus de seus olhos, e ele viu a vida de outro modo. O olhar da moça golpeou o coração de pedra do marinheiro e o sentimento jorrou como nascente. O corpo esbelto, que fugia como robalo na água, eriçou seus nervos; e o riso, que restava preguiçoso no ar, envolveu-o em desejos e em sonhos.

Não perde tempo; veste suas roupas festivas, sua *vraka*[1] enfeitada com tufos, vincada, esvoaçante, meias azuis, sapatos bicudos; cinge-se com cinto de seda vermelho, põe a jaleca bordada; deita de lado, à maneira dos valentões, o fez tunisino e corre à casa de Lenió. Mas antes de pisar no barco, dá meia-volta e pendura na axila esquerda um lenço de seda colorido, e pega com a mão uma maçã salpicada de cravos. Aquilo, pedido de casamento; este, sinal de parentesco.

"Olá, cá estou", diz para a velha. "Sou o capitão do *Kyrá-Déspoina*, que ancorou anteontem na ilha de vocês. O belo navio precisa também de uma bela capitoa. Vim tomar Lenió como minha mulher. Se for com a vontade de Deus e a tua bênção, amanhã a desposo".

"Bem-vindo, e entre bem, como o bom ano", respondeu a velha com fala doce. "Fale que Deus escuta".

Era esperta a mãe de Lenió, escaldada na vida, viúva desde jovem. Seu marido era mergulhador, quando subia com a rede cheia, veio um tubarão e partiu-o em dois, como um alho-poró. Deixou sua filha órfã. Aquela lidou com o mundo, criou Lenió como um cravoeiro jovial. Porém, jamais dizia que lhe daria um marido velho. Sequer lhe passava pela cabeça um mal assim. Sempre que vislumbrava o genro, via um rapagão vigoroso e maduro de vinte anos, com bigode preto, braços fortes e peito largo, sem tirar nem pôr igual ao Macedônio que muitos barcos colocam em suas proas. Mas agora, assim que viu o capitão bem composto de verdade, mas, não obstante, grisalho, mascando tabaco, babão, e, enfim, velho, não hesitou em lhe dar imediatamente sua palavra. Velho, lhe diz, mas capitão; e capitães não se acham todo dia na ilha!

Capitão Paloumbas desposou Lenió e, tão logo chegou a Siros, gastou toda uma fortuna para suas joias.

"Minha mulher, minha senhora, minha patroa! Use isso com alegria!", disse-lhe, chorando de alegria e orgulho ao vê-la brilhando enfeitada como a Nascida-do-Sol. "Se isso não lhe bastar, arrumo mais para você. E se ainda não bastar, eu vendo minha goleta, para vestir você em ouro como a Nossa Senhora de Tinos".

Ela não disse nada, só ficou olhando suas roupas esplendorosas. Espelho era sua sombra. E quando alçou lentamente os olhos sobre ele, seu sorriso amargo não queria dizer se saía a contragosto da ilha, nem que lhe deram um velho como marido.

---

[1] Espécie de calças largas usadas na vestimenta tradicional grega. (n.t.)

Em nossa goleta éramos, todos juntos, seis tripulantes. O capitão e seu secretário, dois; eu e o jovem marinheiro, mais dois, e ainda dois marinheiros de Mýkonos. Mais ninguém. Só que o secretário, o Pétros Zoúmberos, era o nosso marujo, o governante, alma e timão de nossa bela goleta. Mal lhe suava o bigode. Seus cabelos negros partiam da larga fronte, subiam ao topo, desciam, crespos, pela nuca, como avenca que vive fresca, sedosa sobre capitel de coluna. Tinha os braços fortes, largo o peito, destemido o olhar. Se a velha mãe de Lenió o visse, certamente reconheceria seu sonhado genro. Mas o viu a filha. Viu-o e reconheceu-o como sonho da mãe, quiçá também como devaneio seu. Apanhou de imediato seu vestido de seda, guardou as joias de ouro em uma caixinha enfeitada com madrepérola, e brilhou no convés, com o saiote vermelho e seu casaco branco. Oh, que era aquilo! Que criatura era aquela que caíra, dádiva do céu ou gracejo das ondas, em nosso sisudo barcote! Mudou de imediato a erma vida de marinheiro. O barco virou casa dela. Do raiar do dia até de noite, percorria-o, enfeitava-o, ajeitava-o como seu lar. Subia ao tombadilho, descia à proa, arrumava as roupas pobres em nossas camas; entrava na cozinha, saía ao joanete para amarrar as velas conosco. O que não fazia para agradar a cada um? A quem precisasse de costura, costurava; de remendo, remendava; quem tinha dor no coração era animado com o refrigério do riso dela, com a fala doce dela. Era como se um passarinho queridinho e de bela plumagem tivesse voado das árvores do paraíso ao nosso poleiro, e com o farfalhar de suas asas, com seu canto, espalhou bálsamo nas almas torturadas, exalou alegria, fazendo a esperança, a dor e o afã parecerem coisas inermes e desejáveis. Ia-se o dia de março veloz como um piscar de olhos. Vinha a aurora e dizíamos: que não anoiteça nunca! Anoitecia e dizíamos: quando amanhecerá? De dia todos juntos, alegria, cantoria, risos. De noite cada um só, pensativo, misantropo! Um evitava deparar-se com o outro, interpretava mal o olhar, pelo menor motivo levava a mão ao punhal, como se fosse inimigo. Toda manhã, os olhos impacientes voltavam-se para a câmara do capitão, como se fosse sinal dos céus que indicasse o tempo do dia. E quando, por fim, raiava no patamar o saiote vermelho e derramava no convés o calor da cama, o aroma feminino e os mistérios da noite, ai ai dos touros e os saiotes vermelhos!

De repente o céu se nublou. Não o céu no alto, mas a cúpula espaçosa. Aquele continuava profundamente azul e ensolarado de dia, de noite enfeitado, cobrindo o terno milagre que caíra em nossa goleta. Parecia ele também apaixonado por ela, a observá-la regozijando-se. Um outro céu se nublou; a fronte do capitão Paloumbas. A bondade de Lenió não lhe aprazia.

Queria sua mulher, mas a queria sua. Sequer de seus ares não concedia um trapo aos demais. No início, queixou-se, depois a restringiu.

“Você não dá um passo além do canto do tombadilho!”, disse-lhe, curto e grosso.

E, para demarcar a fronteira, estendeu no pau que sustenta os baldes uma vela. A goleta assim foi dividida em duas. Aqui o inferno; lá, o paraíso. Aquela se enfureceu.

“Velho idiota!”, murmurou, teimosa. “Velho idiota! Você me tomou pombinha do seio da minha mãe e está prestes a me transformar em uma coruja com sua rabugice!”

E desfez-se em lágrimas. Mas não durou muito. Em pouco tempo, ria e gargalhava novamente. Rodava novamente como pião de lado a outro no convés. A divisória que aquele julgava inabalável tornou-se um véu que obedecia a vontade da mulher. Pouco antes de raiar o dia, quando o capitão, após vigília noturna, roncava pesadamente na câmara, ela escapulia como um raio de seu lado e vinha lavar conosco o convés. Pálida e fresca como perfume da aurora, com os cabelos dourados ondulantes ao vento, com o casaco branco apoiado com desleixo e o saiote justo levantado até os joelhos, pisava na água e esfregava o soalho eriçada, ensandecida. Dentro das vestes apertadas, o corpo esbelto, desejável e tremulante, amarrava nossas almas. Abaixo do pescoço modelado arguiam-se, brisa da manhã, seus seios; e abaixo do saiote – que maldito seja – as panturrilhas torneadas, as pontas dos dedos róseas, escapavam como pombas na água. Ela, porém, indiferente, esfregava o soalho com afinco e de quando em quando, com sorriso de prata, dizia ao Petros Zoúmbaros:

“Ei, bom secretarinho! Eu podia virar sua grumete?”

E distraía-se olhando-o com os olhos umedecidos, com movimento dos lábios tal que se podia pensar que era uma abelha que corria para grudar em uma flor suculenta e doce. Mas de imediato, surpresa com seu gracejo, “Psiu!”, soprou, colocando o dedo róseo nos lábios sedentos e olhando ao redor, “Psiu, que o velho não nos escute!”

E ao dizer “Psiu!”, soltava uns risinhos, loucos, rapidinhos, uns risinhos ondulados que podiam até ressuscitar um morto. Mas logo em seguida o cof cof! trovejava viscoso dentro da câmara e Lenió esvaía-se atrás do tombadilho. Fechava então seu portal o paraíso e ficavam de fora, acabrunhados e amargurados, os demônios degredados. Aqui se punha o sol, lá brilhava o dia.

Risos lá, cantoria e bouzouki[2]; tormentos aqui, afã e desdém. O bufo segura tenazmente nas garras a cândida rola; desimpedido vira-lhe as asas; tateia-lhe os seios, carpe-lhe, cúpido, as plumas de seda, aperta e sufoca-a em seu peito morto. Não chega até nós senão o riso apagado dela. O riso que carrega o coração de chumbo leva o sangue às nossas cabeças. Habituamo-nos sempre juntos, pois cada um acreditava que aquela mulher viera para espalhar entre todos sua graça, e não a um apenas. Assim, parece, também ela se habituara. Porque, de repente, bem quando se esfregava como gata acariciada junto ao capitão, sobressaltava-se e afastava a vela, gritando terrivelmente:

"Nossa Senhora, acode! Nossa Senhora, acode!"

E assim que refrescava o barco com seu olhar, voltava para trás sorridente e dizia ao seu senhor espavorido:

"Nada, querido! Nada... Eu achei que era um vapor que vinha para cima de nosso barco".

Assim amanhecemos um dia diante de Kallípoli. Para dizer a verdade, o dia amanheceu, não nós. O *Kyrá-Déspina* velejava ainda no lusco-fusco. Uma densa neblina comprimia os Portos, e não avistávamos nem mar, nem terra, nem uma árvore sequer. Apenas por um instante, um instante solitário, à minha direita, vislumbrei um minarete, um casebre, um moinho com as pás abertas, coisa de verdade e de mentira! Tremeluzia dourada a crescente do minarete; esvaía-se e anuviava-se, brilhava e esvaía-se. O casebre intumescido andava para trás, fugia sorrateiro. As pás do moinho, imóveis, mostravam obstinação e o sobressalto de uma serpente. Mas eram companheiros, e eu as observava com dor na alma. Mas a neblina ciumenta arrastou lá também sua coberta úmida, isolou-nos na goleta.

Cada um agora assumiu seu posto. Capitão Paloumbas junto ao timão; o secretário de pé no joanete; os demais marujos à esquerda e à direita nas amuradas; o jovem marinheiro em cima, no cesto da gávea; eu com a concha e a lingueta do sino nas mãos.

"Bu... bu! Dang... dang-dang!"

Soprava uma vez e uns vinte respondiam à minha toada. Sirenes em frente, sinos atrás, apitos à direita e sinetes à nossa esquerda. Chifres, conchas, paus, metais e laringes humanas não trovejavam nada mais, de todos os modos, roucos, lamentosos ou ameaçadores, além da terrível ordem:

"Parem! Cuidado! Não abalroemos!"

---

[2] Instrumento popular grego (aqui usado como metonímia para festa, alegria). (n.t.)

Todos diziam isso e todos sentiam cair tempestade de neve em suas almas. Só a neblina, indiferente, insistia em adensar os vapores frios e envolver, envolver todos os monstros que rugiam espavoridos em seu regaço.

De repente, vejo embaixo o mar forrado de prata. Aves marítimas voaram em bando, até parecia que, de nossa proa, estenderam-se em uma linha tremulante, sulcaram as águas com as asas, perderam-se ao longe como uma cobra preta muito comprida, que foge do fogo. E à esquerda e à direita, como fantasmas precipitando-se sobre nós, velas e mastros de barcos que erravam no éter, quiçá em busca de sua rota. Os marinheiros envoltos na neblina mal se divisavam, almas movidas ao vento que viajavam no caos. Corriam aqueles também à direita e à esquerda, olhavam ao seu redor, à água embaixo e ao ar acima, vai que o mar não regurgita algum mal e vai que o céu não manda uma chuva devastadora. Corriam e berravam e assoviavam endemoninhados:

"Parem! Cuidado! Não abalroemos!"

"Bu... bu! Dang... dang-dang!"

Eu também assopro minha concha e agito a lingueta do sino como louco. Como se Tritões tivessem soprado meu instrumento, a neblina se levantou da costa de Roúmeli. Viam-se agora as encostas verdes, as construções rosadas, as praias sorridentes, o azul profundo do mar. O sol em seu trono dourado subia, semeando em toda parte, na relva e nas rochas, na areia e na água, pedrinhas de diamante aos montes. As embarcações com velas encharcadas tratavam de recobrar seus contornos. E lá embaixo, vindo do estreito de Mádito, irrompeu correndo, como se tivesse quebrado seus grilhões, o vapor turco vindo bem sobre nós.

Mas o *Kyrá-Déspina* velejava ainda no lusco-fusco. À nossa volta, e no oriente que nos defrontava, elevava-se, tenebrosa, a neblina, Cáucaso de ar, como se tivesse cismado conosco. Apenas duas ou três vezes o sol lancetou as partes mais débeis e mostrou nossa prisão, cristal banhado a ouro e prata. Embaixo nas águas uma senda serpenteante juntava as duas costas. Mas eu continuava sempre a soar minha concha e o sino, toada e clangor, à ululação e ao lamento.

"Bu... bu! Dang... dang-dang!"

Por um instante escutei uns sussurros no canto da proa. Um riso breve, como gargalhada, riso conhecido vem para gelar-me o coração. E uma vozinha mastigada, rouxinolante, eu escuto dizendo:

"Ah, como é bom! Que lindo... Assim sempre... Assim sempre... Eternamente assim!"

Era a voz da mulher do capitão.

"Por que assim sempre?", pergunta a voz do secretário, também com ternura.

"Para ficarmos os dois sozinhos, só nós dois no mundo inteiro... E à nossa volta lençóis de seda como agora; lençóis de seda com ourelas douradas, com bordas rendadas, com urdidura de orvalho. À nossa volta, e sobre nós e embaixo de nós lençóis de seda como estes, que jamais tear viu igual, que jamais tecelã teceu igual. Lençóis de seda como estes, que a mão de uma *neráida*[3] estendeu sobre o mar, para que ocultassem em suas graças a ti, meu bem, e a mim, tua escrava".

Abri os olhos em dobro; não enxergava nada. A neblina apertou novamente e turvou e cobriu tudo com mistério. Roúmeli perdeu-se de vista, esvaiu-se o mar, lá se vão os barcos cujos contornos davam volta; esvaiu-se também o vapor turco que havia pouco corria para cima de nós. E em meio à tela cinza escura serpentes de fogo, os sinalizadores, partiam às alturas com um assovio rouco, com velocidade louca, estrondeavam secas no alto, faziam chover velas aqui e ali, como se quisessem narrar para as estrelas nossa sorte. Não na proa, mas sequer ao meu lado eu não enxergava nada. O rouxinolar dos dois eu só ouvia, e picotado também, sufocado, como se viesse do fundo do poço.

Um demônio me tomou para eu ir mais perto. Só que eu não podia abandonar meu posto! Eu devia também responder a cada dois minutos à ululação. Naquele momento eu era a voz da goleta; eu era a sua alma. E segui soprando regularmente a concha e movendo a lingueta do sino com força, como se quisesse quebrá-lo.

"Bu... bu! Dang... dang-dang!"

Naquele momento escuto o capitão, com voz resoluta, chamando para perto de si o jovem marujo. Perdeu esperança de vento e pensou na vela do Epitáfio. Àquela não resiste a neblina um instante sequer. O jovem marujo era o mais novo e o mais inocente dentro da goleta. Lavou-se imediatamente, vestiu seu traje festivo, colocou com devoção a vela em uma caixinha, acendeu-a e arriou-a com um barbante às águas embaixo.

"Salva-nos, Cristo, como salvaste o mundo!", rezou.

No mesmo instante – eu juro – no mesmo instante bate um pé de vento e varre a bruma da goleta. Esfarrapou-a, lançou-a às cavernas escuras como a

---

[3] Ser imaginário do folclore grego (a palavra vem das antigas nereidas), que designa uma jovem de beleza sobrenatural. (n.t.)

um condenado. O sol dourou agora os ferros, ornou com diamantes as cordas, envernizou a verga, os mastros e os mastaréus; revelou madeiras e velas molhadas. Ai! Mostrou também um casal que se beijava docemente do lado do cabrestante.

Não cheguei a olhar direito, e escuto atrás de mim um urro tamanho, que pensei que a assombração do mar se lançara para nos engolir. Não era a assombração; era o capitão Paloumbas; correu do tombadilho como um furacão ruim sobre eles. Os dois, ao ouvirem o urro dele, compreenderam que os lençóis de seda os traíram. Sobressaltaram-se envergonhados.

“Vem!”, exclama o secretário. “Vem comigo!”

E com essa fala pula no mar. Lenió fez menção de segui-lo. Mas assim que se deparou com as ondas, negaceou para trás, tremendo. Precipitou-se sobre ela então o capitão Paloumbas e estendeu as mãos grossas nos cabelos dourados. Não deu tempo. Um estrondo soou, e madeiras e pessoas foram lançadas ao mar. O vapor turco, correndo para cortar seu caminho, chegou salvador da esbelta e transformou o *Kyrá-Déspina* em destroços de velas e tábuas. O que foi feito do secretário? Como se salvou a namoradinha? Não sei de nada. Pode ser que estejam em algum lugar gozando a vida, como a sonhara o capitão Paloumbas. Este, porém, eu vi estropiado, selvagem, melancólico na praia. Nada mais se encontrava para elogiá-lo.

Lá se vai o bom coração, lá se vai a veloz goleta, lá se vai sua bela mulher!

ALGUNS CONTOS DO DIA E DA NOITE

GUY DE MAUPASSANT

O TEXTO: Publicado em 1885, *Contes du jour et de la nuit* é o oitavo livro de contos de Maupassant. O título remete ao contraste entre o dia e a noite, à oposição entre luz e trevas, e também, à natureza humana e seu lado obscuro. Os contos aqui traduzidos, “Le crime au père Boniface” (“O crime do velho Boniface”), “Rose”, “L’ivrogne” (“O bêbado”), “Une vendetta” (“Uma vendeta”) e “Le gueux” (“O mendigo”), ilustram as relações entre os personagens, os princípios de sua construção conforme o título do livro e os temas que regem seus respectivos enredos, a saber, assassinato, amor, traição, vingança e fome.

Texto traduzido: Maupassant, G. de. “Le crime au père Boniface”; “Rose”; “L’ivrogne”; “Une vendetta”; “Le gueux”. In. *Contes du jour et de la nuit*. Paris: C. Marpon & E. Flammarion, 1885.

O AUTOR: Guy de Maupassant (1850-1893), escritor e jornalista francês, nasceu em Tourville-sur-Arques. Ligado a Flaubert e Zola, Maupassant marcou a literatura francesa com seus romances, incluindo *Une vie (*1883) e *Bel-Ami (*1885), mas especialmente por seus contos ou novelas, como *Le Horla* (1887). Dono de um estilo narrativo particular, suas obras se destacam pelo vigor realista, pela presença do fantástico e pelo pessimismo. Sua carreira literária se limitou apenas a uma década, de 1880 a 1890, em cujo período publicou mais de trezentos contos e seis romances, antes de cair gradualmente na loucura e morrer pouco antes dos 43 anos.

O TRADUTOR: Cílio Lindemberg de Araújo Santos, tradutor, escritor e poeta, é graduado em Letras Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Para a (n.t.) traduziu Mary E. Wilkins Freeman, Olivia Howard Dunbar e Charlotte Brontë.

QUELQUES CONTES DU JOUR ET DE LA NUIT

“Alors un doute traversa sa cervelle obscurcie,
un doute indécis, un soupçon vague.”

GUY DE MAUPASSANT

LE CRIME AU PÈRE BONIFACE

Ce jour-là le facteur Boniface, en sortant de la maison de poste, constata que sa tournée serait moins longue que de coutume, et il en ressentit une joie vive. Il était chargé de la campagne autour du bourg de Vireville, et, quand il revenait, le soir, de son long pas fatigué, il avait parfois plus de quarante kilomètres dans les jambes.

Donc la distribution serait vite faite ; il pourrait même flaner un peu en route et rentrer chez lui vers trois heures de relevée. Quelle chance !

Il sortit du bourg par le chemin de Sennemare et commença sa besogne. On était en juin, dans le mois vert et fleuri, le vrai mois des plaines.

L’homme, vêtu de sa blouse bleue et coiffé d’un képi noir à galon rouge, traversait par des sentiers étroits les champs de colza, d’avoine ou de blé, enseveli jusqu’aux épaules dans les récoltes ; et sa tête, passant au-dessus des épis, semblait flotter sur une mer calme et verdoyante qu’une brise légère faisait mollement onduler.

Il entrait dans les fermes par la barrière de bois plantée dans les talus qu’ombrageaient deux rangées de hêtres, et saluant par son nom le paysan : « Bonjour, maît’ Chicot, » il lui tendait son journal *le Petit Normand*. Le fermier essuyait sa main à son fond de culotte, recevait la feuille de papier et la glissait dans sa poche pour la lire à son aise après le repas de midi. Le chien, logé dans un baril, au pied d’un pommier penchant, jappait avec fureur

en tirant sur sa chaîne ; et le piéton, sans se retourner, repartait de son allure militaire, en allongeant ses grandes jambes, le bras gauche sur sa sacoche, et le droit manœuvrant sur sa canne qui marchait comme lui d'une façon continue et pressée.

Il distribua ses imprimés et ses lettres dans le hameau de Sennemare, puis il se remit en route à travers champs pour porter le courrier du per-cepteur qui habitait une petite maison isolée à un kilomètre du bourg.

C'était un nouveau percepteur, M. Chapatis, arrivé la semaine dernière, et marié depuis peu.

Il recevait un journal de Paris, et, parfois, le facteur Boniface, quand il avait le temps, jetait un coup d'œil sur l'imprimé, avant de le remettre au destinataire.

Donc, il ouvrit sa sacoche, prit la feuille, la fit glisser hors de sa bande, la déplia, et se mit à lire tout en marchant. La première page ne l'intéressait guère ; la politique le laissait froid ; il passait toujours la finance, mais les faits divers le passionnaient.

Ils étaient très nourris ce jour-là. Il s'émut même si vivement au récit d'un crime accompli dans le logis d'un garde-chasse, qu'il s'arrêta au milieu d'une pièce de trèfle, pour le relire lentement. Les détails étaient affreux. Un bûcheron, en passant au matin auprès de la maison forestière, avait remarqué un peu de sang sur le seuil, comme si on avait saigné du nez. « Le garde aura tué quelque lapin cette nuit, » pensa-t-il ; mais en approchant il s'aperçut que la porte demeurait entr'ouverte et que la serrure avait été brisée.

Alors, saisi de peur, il courut au village prévenir le maire, celui-ci prit comme renfort le garde champêtre et l'instituteur ; et les quatre hommes revinrent ensemble. Ils trouvèrent le forestier égorgé devant la cheminée, sa femme étranglée sous le lit, et leur petite fille, âgée de six ans, étouffée entre deux matelas.

Le facteur Boniface demeura tellement ému à la pensée de cet assassinat dont toutes les horribles circonstances lui apparaissaient coup sur coup, qu'il se sentit une faiblesse dans les jambes, et il prononça tout haut :

– Nom de nom, y a-t-il tout de même des gens qui sont canailles !

Puis il repassa le journal dans sa ceinture de papier et repartit, la tête pleine de la vision du crime. Il atteignit bientôt la demeure de M. Chapatis ; il ouvrit la barrière du petit jardin et s'approcha de la maison. C'était une construction basse, ne contenant qu'un rez-de-chaussée, coiffé d'un toit

mansardé. Elle était éloignée de cinq cents mètres au moins de la maison la plus voisine.

Le facteur monta les deux marches du perron, posa la main sur la serrure, essaya d'ouvrir la porte, et constata qu'elle était fermée. Alors, il s'aperçut que les volets n'avaient pas été ouverts, et que personne encore n'était sorti ce jour-là.

Une inquiétude l'envahit, car M. Chapatis, depuis son arrivée, s'était levé assez tôt. Boniface tira sa montre. Il n'était encore que sept heures dix minutes du matin, il se trouvait donc en avance de près d'une heure. N'importe, le percepteur aurait dû être debout.

Alors il fit le tour de la demeure en marchant avec précaution, comme s'il eût couru quelque danger. Il ne remarqua rien de suspect, que des pas d'homme dans une plate-bande de fraisiers.

Mais tout à coup, il demeura immobile, perclus d'angoisse, en passant devant une fenêtre. On gémissait dans la maison.

Il s'approcha, et enjambant une bordure de thym, colla son oreille contre l'auvent, pour mieux écouter ; assurément on gémissait. Il entendait fort bien de longs soupirs douloureux, une sorte de râle, un bruit de lutte. Puis, les gémissements devinrent plus forts, plus répétés, s'accentuèrent encore, se changèrent en cris.

Alors Boniface, ne doutant plus qu'un crime s'accomplissait en ce moment-là même, chez le percepteur, partit à toutes jambes, retraversa le petit jardin, s'élança à travers la plaine, à travers les récoltes, courant à perdre haleine, secouant sa sacoche qui lui battait les reins, et il arriva, exténué, haletant, éperdu à la porte de la gendarmerie.

Le brigadier Malautour raccommodait une chaise brisée au moyen de pointes et d'un marteau. Le gendarme Rautier tenait entre ses jambes le meuble avarié et présentait un clou sur les bords de la cassure ; alors le brigadier, mâchant sa moustache, les yeux ronds et mouillés d'attention, tapait à tous coups sur les doigts de son subordonné.

Le facteur, dès qu'il les aperçut, s'écria :

– Venez vite, on assassine le percepteur, vite, vite !

Les deux hommes cessèrent leur travail et levèrent la tête, ces têtes étonnées de gens qu'on surprend et qu'on dérange.

Boniface, les voyant plus surpris que pressés, répéta :

– Vite ! Vite ! Les voleurs sont dans la maison, j'ai entendu les cris, il n'est que temps.

Le brigadier, posant son marteau par terre, demanda :

– Qu'est-ce qui vous a donné connaissance de ce fait ?

Le facteur reprit :

– J'allais porter le journal avec deux lettres quand je remarquai que la porte était fermée et que le percepteur n'était pas levé. Je fis le tour de la maison pour me rendre compte, et j'entendis qu'on gémissait comme si on eût étranglé quelqu'un ou qu'on lui eût coupé la gorge ; alors je m'en suis parti au plus vite pour vous chercher. Il n'est que temps.

Le brigadier se redressant, reprit :

– Et vous n'avez pas porté secours en personne ?

Le facteur effaré répondit :

– Je craignais de n'être pas en nombre suffisant.

Alors le gendarme, convaincu, annonça :

– Le temps de me vêtir et je vous suis.

Et il entra dans la gendarmerie, suivi par son soldat qui rapportait la chaise.

Ils reparurent presque aussitôt, et tous trois se mirent en route, au pas gymnastique, pour le lieu du crime.

En arrivant près de la maison, ils ralentirent leur allure par précaution, et le brigadier tira son revolver, puis ils pénétrèrent tout doucement dans le jardin et s'approchèrent de la muraille. Aucune trace nouvelle n'indiquait que les malfaiteurs fussent partis. La porte demeurait fermée, les fenêtres closes.

– Nous les tenons, murmura le brigadier.

Le père Boniface, palpitant d'émotion, le fit passer de l'autre côté, et, lui montrant un auvent :

– C'est là, dit-il.

Et le brigadier s'avança tout seul, et colla son oreille contre la planche. Les deux autres attendaient, prêts à tout, les yeux fixés sur lui.

Il demeura longtemps immobile, écoutant. Pour mieux approcher sa tête du volet de bois, il avait ôté son tricorne et le tenait de sa main droite.

Qu'entendait-il ? Sa figure impassible ne révélait rien, mais soudain sa moustache se retroussa, ses joues se plissèrent comme pour un rire silencieux, et enjambant de nouveau la bordure de buis, il revint vers les deux hommes, qui le regardaient avec stupeur.

Puis il leur fit signe de le suivre en marchant sur la pointe des pieds ; et, revenant devant l'entrée, il enjoignit à Boniface de glisser sous la porte le journal et les lettres.

Le facteur, interdit, obéit cependant avec docilité.

– Et maintenant, en route, dit le brigadier.

Mais, dès qu'ils eurent passé la barrière il se retourna vers le piéton, et, d'un air goguenard, la lèvre narquoise, l'œil retroussé et brillant de joie :

– Que vous êtes un malin, vous ?

Le vieux demanda :

– De quoi ? j'ai entendu, j'vous jure que j'ai entendu.

Mais le gendarme, n'y tenant plus, éclata de rire. Il riait comme on suffoque, les deux mains sur le ventre, plié en deux, l'œil plein de larmes, avec d'affreuses grimaces autour du nez. Et les deux autres, affolés, le regardaient.

Mais comme il ne pouvait ni parler, ni cesser de rire, ni faire comprendre ce qu'il avait, il fit un geste, un geste populaire et polisson.

Comme on ne le comprenait toujours pas, il le répéta, plusieurs fois de suite, en désignant d'un signe de tête la maison toujours close.

Et son soldat, comprenant brusquement à son tour, éclata d'une gaieté formidable.

Le vieux demeurait stupide entre ces deux hommes qui se tordaient.

Le brigadier, à la fin, se calma, et lançant dans le ventre du vieux une grande tape d'homme qui rigole, il s'écria :

– Ah ! farceur, sacré farceur, je le retiendrai l' crime au père Boniface !

Le facteur ouvrait des yeux énormes et il répéta :

– J'vous jure que j'ai entendu.

Le brigadier se remit à rire. Son gendarme s'était assis sur l'herbe du fossé pour se tordre tout à son aise.

– Ah ! t'as entendu. Et ta femme, c'est-il comme ça que tu l'assassines, hein, vieux farceur ?

– Ma femme ?…

Et il se mit à réfléchir longuement, puis il reprit :

– Ma femme… Oui, all' gueule quand j'y fiche des coups… Mais all' gueule, que c'est gueuler, quoi. C'est-il donc que M. Chapatis battait la sienne ?

Alors le brigadier, dans un délire de joie le fit tourner comme une poupée par les épaules, et il lui souffla dans l'oreille quelque chose dont l'autre demeura abruti d'étonnement.

Puis le vieux, pensif, murmura :

– Non… point comme ça… point comme ça… point comme ça… all' n' dit rien, la mienne… J'aurais jamais cru… si c'est possible… on aurait juré une martyre…

Et, confus, désorienté, honteux, il reprit son chemin à travers les champs, tandis que le gendarme et le brigadier, riant toujours et lui criant, de loin, de grasses plaisanteries de caserne, regardaient s'éloigner son képi noir, sur la mer tranquilles des récoltes.

ROSE

Les deux jeunes femmes ont l'air ensevelies sous une couche de fleurs. Elles sont seules dans l'immense landau chargé de bouquets comme une corbeille géante. Sur la banquette du devant, deux bannettes de satin blanc sont pleines de violettes de Nice, et sur la peau d'ours qui couvre les genoux un amoncellement de roses, de mimosas, de giroflées, de marguerites, de tubéreuses et de fleurs d'oranger, noués avec des faveurs de soie, semble écraser les deux corps délicats, ne laissant sortir de ce lit éclatant et parfumé que les épaules, les bras et un peu des corsages dont l'un est bleu et l'autre lilas.

Le fouet du cocher porte un fourreau d'anémones, les traits des chevaux sont capitonnés avec des ravenelles, les rayons des roues sont vêtus de réséda ; et, à la place des lanternes, deux bouquets ronds, énormes, ont l'air des deux yeux étranges de cette bête roulante et fleurie.

Le landau parcourt au grand trot la route, la rue d'Antibes, précédé, suivi, accompagné par une foule d'autres voitures enguirlandées, pleines de femmes disparues sous un flot de violettes. Car c'est la fête des fleurs à Cannes.

On arrive au boulevard de la Foncière, où la bataille a lieu. Tout le long de l'immense avenue, une double file d'équipages enguirlandés va et revient comme un ruban sans fin. De l'un à l'autre on se jette des fleurs. Elles passent dans l'air comme des balles, vont frapper les frais visages, voltigent et retombent dans la poussière où une armée de gamins les ramasse.

Une foule compacte, rangée sur les trottoirs, et maintenue par les gendarmes à cheval qui passent brutalement et repoussent les curieux à pied comme pour ne point permettre aux vilains de se mêler aux riches, regarde, bruyante et tranquille.

Dans les voitures on s'appelle, on se reconnaît, on se mitraille avec des roses. Un char plein de jolies femmes vêtues de rouge comme des diables, attire et séduit les yeux. Un monsieur qui ressemble aux portraits d'Henri IV lance avec une ardeur joyeuse un énorme bouquet retenu par un élastique. Sous la menace du choc les femmes se cachent les yeux et les hommes baissent la tête, mais le projectile gracieux, rapide et docile, décrit une courbe et revient à son maître qui le jette aussitôt vers une figure nouvelle.

Les deux jeunes femmes vident à pleines mains leur arsenal et reçoivent une grêle de bouquets ; puis, après une heure de bataille, un peu lasses enfin, elles ordonnent au cocher de suivre la route du golfe Juan, qui longe la mer.

Le soleil disparaît derrière l'Esterel, dessinant en noir, sur un couchant de feu, la silhouette dentelée de la longue montagne. La mer calme s'étend, bleue et claire, jusqu'à l'horizon où elle se mêle au ciel, et l'escadre, ancrée au milieu du golfe, a l'air d'un troupeau de bêtes monstrueuses, immobiles sur l'eau, animaux apocalyptiques, cuirassés et bossus, coiffés de mâts frêles comme des plumes, et avec des yeux qui s'allument quand vient la nuit.

Les jeunes femmes, étendues sous la lourde fourrure, regardent languissamment. L'une dit enfin :

– Comme il y a des soirs délicieux, où tout semble bon. N'est-ce pas, Margot ?

L'autre reprit :

– Oui, c'est bon. Mais il manque toujours quelque chose.

– Quoi donc ? Moi je me sens heureuse tout à fait. Je n'ai besoin de rien.

– Si. Tu n'y penses pas. Quel que soit le bien-être qui engourdit notre corps, nous désirons toujours quelque chose de plus… pour le cœur.

Et l'autre, souriant :

– Un peu d'amour ?

– Oui.

Elles se turent, regardant devant elles, puis celle qui s'appelait Marguerite murmura : La vie ne me semble pas supportable sans cela. J'ai besoin d'être aimée, ne fût-ce que par un chien. Nous sommes toutes ainsi, d'ailleurs, quoi que tu en dises, Simone.

– Mais non, ma chère. J'aime mieux n'être pas aimée du tout que de l'être par n'importe qui. Crois-tu que cela me serait agréable, par exemple, d'être aimée par… par…

Elle cherchait par qui elle pourrait bien être aimée, parcourant de l'œil le vaste paysage. Ses yeux, après avoir fait le tour de l'horizon, tombèrent sur les deux boutons de métal qui luisaient dans le dos du cocher, et elle reprit, en riant : « par mon cocher. »

M^me^ Margot sourit à peine et prononça, à voix basse :

– Je t'assure que c'est très amusant d'être aimée par un domestique. Cela m'est arrivé deux ou trois fois. Ils roulent des yeux si drôles que c'est à mourir de rire. Naturellement, on se montre d'autant plus sévère qu'ils sont

plus amoureux, puis on les met à la porte, un jour, sous le premier prétexte venu parce qu'on deviendrait ridicule si quelqu'un s'en apercevait.

M^me^ Simone écoutait, le regard fixe devant elle, puis elle déclara :

– Non, décidément, le cœur de mon valet de pied ne me paraîtrait pas suffisant. Raconte-moi donc comment tu t'apercevais qu'ils t'aimaient.

– Je m'en apercevais comme avec les autres hommes, lorsqu'ils devenaient stupides.

– Les autres ne me paraissent pas si bêtes à moi, quand ils m'aiment.

– Idiots, ma chère, incapables de causer, de répondre, de comprendre quoi que ce soit.

– Mais toi, qu'est-ce que cela te faisait d'être aimée par un domestique. Tu étais quoi… émue… flattée ?

– Émue ? non – flattée – oui, un peu. On est toujours flatté de l'amour d'un homme quel qu'il soit.

– Oh, voyons, Margot !

– Si, ma chère. Tiens, je vais te dire une singulière aventure qui m'est arrivée. Tu verras comme c'est curieux et confus ce qui se passe en nous dans ces cas-là.

Il y aura quatre ans à l'automne, je me trouvais sans femme de chambre. J'en avais essayé l'une après l'autre cinq ou six qui étaient ineptes, et je désespérais presque d'en trouver une, quand je lus, dans les petites annonces d'un journal, qu'une jeune fille sachant coudre, broder, coiffer, cherchait une place, et qu'elle fournirait les meilleurs renseignements. Elle parlait en outre l'anglais.

J'écrivis à l'adresse indiquée, et, le lendemain, la personne en question se présenta. Elle était assez grande, mince, un peu pâle, avec l'air très timide. Elle avait de beaux yeux noirs, un teint charmant, elle me plut tout de suite. Je lui demandai ses certificats ; elle m'en donna un en anglais, car elle sortait, disait-elle, de la maison de lady Rymwell, où elle était restée dix ans.

Le certificat attestait que la jeune fille était partie de son plein gré pour rentrer en France et qu'on n'avait eu à lui reprocher, pendant son long service, qu'un peu de *coquetterie française*.

La tournure pudibonde de la phrase anglaise me fit même un peu sourire et j'arrêtai sur-le-champ cette femme de chambre.

Elle entra chez moi le jour même ; elle se nommait Rose.

Au bout d'un mois je l'adorais.

C'était une trouvaille, une perle, un phénomène.

Elle savait coiffer avec un goût infini ; elle chiffonnait les dentelles d'un chapeau mieux que les meilleures modistes et elle savait même faire les robes.

J'étais stupéfaite de ses facultés. Jamais je ne m'étais trouvée servie ainsi.

Elle m'habillait rapidement avec une légèreté de mains étonnante. Jamais je ne sentais ses doigts sur ma peau, et rien ne m'est désagréable comme le contact d'une main de bonne. Je pris bientôt des habitudes de paresse excessives, tant il m'était agréable de me laisser vêtir, des pieds à la tête, et de la chemise aux gants, par cette grande fille timide, toujours un peu rougissante, et qui ne parlait jamais. Au sortir du bain, elle me frictionnait et me massait pendant que je sommeillais un peu sur mon divan ; je la considérais, ma foi, en amie de condition inférieure, plutôt qu'en simple domestique.

Or, un matin, mon concierge demanda avec mystère à me parler. Je fus surprise et je le fis entrer. C'était un homme très sûr, un vieux soldat, ancienne ordonnance de mon mari.

Il paraissait gêné de ce qu'il avait à dire. Enfin, il prononça en bredouillant :

– Madame, il y a en bas le commissaire de police du quartier.

Je demandai brusquement :

– Qu'est-ce qu'il veut ?

– Il veut faire une perquisition dans l'hôtel.

Certes, la police est utile, mais je la déteste. Je trouve que ce n'est pas là un métier noble. Et je répondis, irritée autant que blessée :

– Pourquoi cette perquisition ? À quel propos ? Il n'entrera pas.

Le concierge reprit :

– Il prétend qu'il y a un malfaiteur caché.

Cette fois j'eus peur et j'ordonnai d'introduire le commissaire de police auprès de moi pour avoir des explications. C'était un homme assez bien élevé, décoré de la Légion d'honneur. Il s'excusa, demanda pardon, puis m'affirma que j'avais, parmi les gens de service, un forçat !

Je fus révoltée ; je répondis que je garantissais tout le domestique de l'hôtel et je le passai en revue.

– Le concierge, Pierre Courtin, ancien soldat.

– Ce n'est pas lui.

– Le cocher François Pingau, un paysan champenois, fils d'un fermier de mon père.

– Ce n'est pas lui.

– Un valet d'écurie, pris en Champagne également, et toujours fils de paysans que je connais, plus un valet de pied que vous venez de voir.

– Ce n'est pas lui.

– Alors, monsieur, vous voyez bien que vous vous trompez.

– Pardon, madame, je suis sûr de ne pas me tromper. Comme il s'agit d'un criminel redoutable, voulez-vous avoir la gracieuseté de faire comparaître ici, devant vous et moi, tout votre monde.

Je résistai d'abord, puis je cédai, et je fis monter tous mes gens, hommes et femmes.

Le commissaire de police les examina d'un seul coup d'œil, puis déclara :

– Ce n'est pas tout.

– Pardon, monsieur, il n'y a plus que ma femme de chambre, une jeune fille que vous ne pouvez confondre avec un forçat.

Il demanda :

– Puis-je la voir aussi ?

– Certainement.

Je sonnai Rose qui parut aussitôt. À peine fut-elle entrée que le commissaire fit un signe, et deux hommes que je n'avais pas vus, cachés derrière la porte, se jetèrent sur elle, lui saisirent les mains et les lièrent avec des cordes.

Je poussai un cri de fureur, et je voulus m'élancer pour la défendre. Le commissaire m'arrêta :

– Cette fille, madame, est un homme qui s'appelle Jean-Nicolas Lecapet, condamné à mort en 1879 pour assassinat précédé de viol. Sa peine fut commuée en prison perpétuelle. Il s'échappa voici quatre mois. Nous le cherchons depuis lors.

J'étais affolée, atterrée. Je ne croyais pas. Le commissaire reprit en riant :

– Je ne puis vous donner qu'une preuve. Il a le bras droit tatoué. La manche fut relevée. C'était vrai. L'homme de police ajouta avec un certain mauvais goût :

– Fiez-vous-en à nous pour les autres constatations.

Et on emmena ma femme de chambre !

Eh bien, le croirais-tu, ce qui dominait en moi ce n'était pas la colère d'avoir été jouée ainsi, trompée et ridiculisée ; ce n'était pas la honte d'avoir été ainsi habillée, déshabillée, maniée et touchée par cet homme… mais une… humiliation profonde… une humiliation de femme. Comprends-tu ?

– Non, pas très bien ?

– Voyons… Réfléchis… Il avait été condamné… pour viol, ce garçon… eh bien ! je pensais… à celle qu'il avait violée… et ça… ça m'humiliait… Voilà… Comprends-tu, maintenant ?

Et Mme Margot ne répondit pas. Elle regardait droit devant elle, d'un œil fixe et singulier les deux boutons luisants de la livrée, avec ce sourire de sphinx qu'ont parfois les femmes.

L'IVROGNE

I

Le vent du nord soufflait en tempête, emportant par le ciel d'énormes nuages d'hiver, lourds et noirs, qui jetaient en passant sur la terre des averses furieuses.

La mer démontée mugissait et secouait la côte, précipitant sur le rivage des vagues énormes, lentes et baveuses, qui s'écroulaient avec des détonations d'artillerie. Elles s'en venaient tout doucement, l'une après l'autre, hautes comme des montagnes, éparpillant dans l'air, sous les rafales, l'écume blanche de leurs têtes ainsi qu'une sueur de monstres.

L'ouragan s'engouffrait dans le petit vallon d'Yport, sifflait et gémissait, arrachant les ardoises des toits, brisant les auvents, abattant les cheminées, lançant dans les rues de telles poussées de vent qu'on ne pouvait marcher qu'en se tenant aux murs, et que les enfants eussent été enlevés comme des feuilles et jetés dans les champs par-dessus les maisons.

On avait hâlé les barques de pêche jusqu'au pays, par crainte de la mer qui allait balayer la plage à marée pleine, et quelques matelots, cachés derrière le ventre rond des embarcations couchées sur le flanc, regardaient cette colère du ciel et de l'eau.

Puis ils s'en allaient peu à peu, car la nuit tombait sur la tempête, enveloppant d'ombre l'Océan affolé, et tout le fracas des éléments en furie.

Deux hommes restaient encore, les mains dans les poches, le dos rond sous les bourrasques, le bonnet de laine enfoncé jusqu'aux yeux, deux grands pêcheurs normands, au collier de barbe rude, à la peau brûlée par les rafales salées du large, aux yeux bleus piqués d'un grain noir au milieu, ces yeux perçants des marins qui voient au bout de l'horizon, comme un oiseau de proie.

Un d'eux disait :

– Allons, viens-t'en, Jérémie. J'allons passer l' temps aux dominos. C'est mé qui paye.

L'autre hésitait encore, tenté par le jeu et l'eau-de-vie, sachant bien qu'il allait encore s'ivrogner s'il entrait chez Paumelle, retenu aussi par l'idée de sa femme restée toute seule dans sa masure.

Il demanda :

– On dirait qu' t'as fait une gageure de m' soûler tous les soirs. Dis-mé, qué qu' ça te rapporte, pisque tu payes toujours ?

Et il riait tout de même à l'idée de toute cette eau-de-vie bue aux frais d'un autre ; il riait d'un rire content de Normand en bénéfice.

Mathurin, son camarade, le tirait toujours par le bras.

– Allons, viens-t'en, Jérémie. C'est pas un soir à rentrer, sans rien d' chaud dans le ventre. Quéqu' tu crains ? Ta femme va-t-il pas bassiner ton lit ?

Jérémie répondait :

– L'aut' soir que je n'ai point pu r'trouver la porte… Qu'on m'a quasiment r'pêché dans le ruisseau de d'vant chez nous !

Et il riait encore à ce souvenir de pochard, et il allait tout doucement vers le café de Paumelle, dont la vitre illuminée brillait ; il allait, tiré par Mathurin et poussé par le vent, incapable de résister à ces deux forces.

La salle basse était pleine de matelots, de fumée et de cris. Tous ces hommes, vêtus de laine, les coudes sur les tables, vociféraient pour se faire entendre. Plus il entrait de buveurs, plus il fallait hurler dans le vacarme des voix et des dominos tapés sur le marbre, histoire de faire plus de bruit encore.

Jérémie et Mathurin allèrent s'asseoir dans un coin et commencèrent une partie, et les petits verres disparaissaient, l'un après l'autre, dans la profondeur de leurs gorges.

Puis ils jouèrent d'autres parties, burent d'autres petits verres. Mathurin versait toujours, en clignant de l'œil au patron, un gros homme aussi rouge que du feu et qui rigolait, comme s'il eût su quelque longue farce ; et Jérémie engloutissait l'alcool, balançait sa tête, poussait des rires pareils à des rugissements en regardant son compère d'un air hébété et content.

Tous les clients s'en allaient. Et, chaque fois que l'un d'eux ouvrait la porte du dehors pour partir, un coup de vent entrait dans le café, remuait en tempête la lourde fumée des pipes, balançait les lampes au bout de leurs chaînettes et faisait vaciller leurs flammes ; et on entendait tout à coup le choc profond d'une vague s'écroulant et le mugissement de la bourrasque.

Jérémie, le col desserré, prenait des poses de soûlard, une jambe éten-due, un bras tombant ; et de l'autre main il tenait ses dominos.

Ils restaient seuls maintenant avec le patron, qui s'était approché, plein d'intérêt.

Il demanda :

– Eh ben, Jérémie, ç'a va-t-il, à l'intérieur ? Es-tu rafraîchi à force de t'arroser ?

Et Jérémie bredouilla :

– Pus qu'il en coule, pus qu'il fait sec, là-dedans.

Le cafetier regardait Mathurin d'un air finaud. Il dit :

– Et ton fré, Mathurin, ous qu'il est à c't heure ?

Le marin eut un rire muet :

– Il est au chaud, t'inquiète pas.

Et tous deux regardèrent Jérémie, qui posait triomphalement le double six en annonçant :

– V'là le syndic.

Quand ils eurent achevé la partie, le patron déclara :

– Vous savez, mes gars, mé, j' va m' mettre au portefeuille. J' vous laisse une lampe et pi l' litre. Y en a pour vingt sous à bord. Tu fermeras la porte au dehors, Mathurin, et tu glisseras la clef d'sous l'auvent comme t'as fait l'aut' nuit.

Mathurin répliqua :

– T'inquiète pas. C'est compris.

Paumelle serra la main de ses deux clients tardifs, et monta lourdement son escalier en bois. Pendant quelques minutes, son pesant pas résonna dans la petite maison ; puis un lourd craquement révéla qu'il venait de se mettre au lit.

Les deux hommes continuèrent à jouer ; de temps en temps, une rage plus forte de l'ouragan secouait la porte, faisait trembler les murs, et les deux buveurs levaient la tête comme si quelqu'un allait entrer. Puis Ma-thurin prenait le litre et remplissait le verre de Jérémie. Mais soudain, l'horloge suspendue sur le comptoir sonna minuit. Son timbre enroué ressemblait à un choc de casseroles, et les coups vibraient longtemps, avec une sonorité de ferraille.

Mathurin aussitôt se leva, comme un matelot dont le quart est fini :

– Allons, Jérémie, faut décaniller.

L'autre se mit en mouvement avec plus de peine, prit son aplomb en s'appuyant à la table ; puis il gagna la porte et l'ouvrit pendant que son compagnon éteignait la lampe.

Lorsqu'ils furent dans la rue, Mathurin ferma la boutique ; puis il dit :

– Allons, bonsoir, à demain.

Et il disparut dans les ténèbres.

II

Jérémie fit trois pas, puis oscilla, étendit les mains, rencontra un mur qui le soutint debout et se remit en marche en trébuchant. Par moments une bourrasque, s'engouffrant dans la rue étroite, le lançait en avant, le faisait courir quelques pas ; puis quand la violence de la trombe cessait, il s'arrêtait net, ayant perdu son pousseur, et il se remettait à vaciller sur ses jambes capricieuses d'ivrogne.

Il allait, d'instinct, vers sa demeure, comme les oiseaux vont au nid. Enfin, il reconnut sa porte et il se mit à la tâter pour découvrir la serrure et placer la clef dedans. Il ne trouvait pas le trou et jurait à mi-voix. Alors il tapa dessus à coups de poing, appelant sa femme pour qu'elle vînt l'aider :

– Mélina ! Eh ! Mélina !

Comme il s'appuyait contre le battant pour ne point tomber, il céda, s'ouvrit, et Jérémie, perdant son appui, entra chez lui en s'écroulant, alla rouler sur le nez au milieu de son logis, et il sentit que quelque chose de lourd lui passait sur le corps, puis s'enfuyait dans la nuit.

Il ne bougeait plus, ahuri de peur, éperdu, dans une épouvante du diable, des revenants de toutes les choses mystérieuses des ténèbres, et il attendit longtemps sans oser faire un mouvement. Mais, comme il vit que rien ne remuait plus, un peu de raison lui revint, de la raison trouble de pochard.

Et il s'assit, tout doucement. Il attendit encore longtemps, et, s'enhardissant enfin, il prononça :

– Mélina !

Sa femme ne répondit pas.

Alors, tout d'un coup, un doute traversa sa cervelle obscurcie, un doute indécis, un soupçon vague. Il ne bougeait point ; il restait là, assis par terre,

dans le noir, cherchant ses idées, s'accrochant à des réflexions incomplètes et trébuchantes comme ses pieds.

Il demanda de nouveau :

– Dis-mé qui que c'était, Mélina ? Dis-mé qui que c'était. Je te ferai rien.

Il attendit. Aucune voix ne s'éleva dans l'ombre. Il raisonnait tout haut, maintenant.

– Je sieus-ti bu, tout de même ! Je sieus-ti bu ! C'est li qui m'a boissonné comma, çu manant ; c'est li, pour que je rentre point. J' sieus-ti bu !

Et il reprenait :

– Dis-mé qui que c'était, Mélina, ou j' vas faire quéque malheur.

Après avoir attendu de nouveau, il continuait, avec une logique lente et obstinée d'homme saoûl :

– C'est li qui m'a r'tenu chez ce fainéant de Paumelle ; et l's autres soirs itou, pour que je rentre point. C'est quéque complice. Ah ! charogne !

Lentement il se mit sur les genoux. Une colère sourde le gagnait, se mêlant à la fermentation des boissons.

Il répéta :

– Dis-mé qui qu' c'était, Mélina, ou j' vas cogner, j' te préviens !

Il était debout maintenant, frémissant d'une colère foudroyante, comme si l'alcool qu'il avait au corps se fût enflammé dans ses veines. Il fit un pas, heurta une chaise, la saisit, marcha encore, rencontra le lit, le palpa et sentit dedans le corps chaud de sa femme.

Alors, affolé de rage, il grogna :

– Ah ! t'étais là, saleté, et tu n' répondais point.

Et, levant la chaise qu'il tenait dans sa poigne robuste de matelot, il l'abattit devant lui avec une furie exaspérée. Un cri jaillit de la couche ; un cri éperdu, déchirant. Alors il se mit à frapper comme un batteur dans une grange. Et rien, bientôt, ne remua plus. La chaise s'envolait en morceaux ; mais un pied lui restait à la main, et il tapait toujours, en haletant.

Puis soudain il s'arrêta pour demander :

– Diras-tu qui qu' c'était, à c't' heure ?

Mélina ne répondit pas.

Alors, rompu de fatigue, abruti par sa violence, il se rassit par terre, s'allongea et s'endormit.

Quand le jour parut, un voisin, voyant sa porte ouverte, entra. Il aperçut Jérémie qui ronflait sur le sol, où gisaient les débris d'une chaise, et, dans le lit, une bouillie de chair et de sang.

UNE VENDETTA

La veuve de Paolo Saverini habitait seule avec son fils une petite maison pauvre sur les remparts de Bonifacio. La ville, bâtie sur une avancée de la montagne, suspendue même par places au-dessus de la mer, regarde, par-dessus le détroit hérissé d'écueils, la côte plus basse de la Sardaigne. À ses pieds, de l'autre côté, la contournant presque entièrement, une coupure de la falaise, qui ressemble à un gigantesque corridor, lui sert de port, amène jusqu'aux premières maisons, après un long circuit entre deux murailles abruptes, les petits bateaux pêcheurs italiens ou sardes, et, chaque quin-zaine, le vieux vapeur poussif qui fait le service d'Ajaccio.

Sur la montagne blanche, le tas de maisons pose une tache plus blanche encore. Elles ont l'air de nids d'oiseaux sauvages, accrochées ainsi sur ce roc, dominant ce passage terrible où ne s'aventurent guère les navires. Le vent, sans repos, fatigue la mer, fatigue la côte nue, rongée par lui à peine vêtue d'herbe ; il s'engouffre dans le détroit, dont il ravage les deux bords. Les traînées d'écume pâle, accrochées aux pointes noires des innombrables rocs qui percent partout les vagues, ont l'air de lambeaux de toiles flottant et palpitant à la surface de l'eau.

La maison de la veuve Saverini, soudée au bord même de la falaise, ouvrait ses trois fenêtres sur cet horizon sauvage et désolé.

Elle vivait là, seule, avec son fils Antoine et leur chienne « Sémillante », grande bête maigre, aux poils longs et rudes, de la race des gardeurs de troupeaux. Elle servait au jeune homme pour chasser.

Un soir, après une dispute, Antoine Saverini fut tué traîtreusement, d'un coup de couteau, par Nicolas Ravolati, qui, la nuit même, gagna la Sardaigne.

Quand la vieille mère reçut le corps de son enfant, que des passants lui rapportèrent, elle ne pleura pas, mais elle demeura longtemps immobile à le regarder ; puis, étendant sa main ridée sur le cadavre, elle lui promit la vendetta. Elle ne voulut point qu'on restât avec elle, et elle s'enferma auprès du corps avec la chienne, qui hurlait. Elle hurlait, cette bête, d'une façon continue, debout au pied du lit, la tête tendue vers son maître, et la queue serrée entre les pattes. Elle ne bougeait pas plus que la mère, qui, penchée maintenant sur le corps, l'œil fixe, pleurait de grosses larmes muettes en le contemplant.

Le jeune homme, sur le dos, vêtu de sa veste de gros drap trouée et déchirée à la poitrine, semblait dormir ; mais il avait du sang partout : sur la chemise arrachée pour les premiers soins ; sur son gilet, sur sa culotte, sur la face, sur les mains. Des caillots de sang s'étaient figés dans la barbe et dans les cheveux.

La vieille mère se mit à lui parler. Au bruit de cette voix, la chienne se tut.

– Va, va, tu seras vengé, mon petit, mon garçon, mon pauvre enfant. Dors, dors, tu seras vengé, entends-tu ? C'est la mère qui le promet ! Et elle tient toujours sa parole, la mère, tu le sais bien.

Et lentement elle se pencha vers lui, collant ses lèvres froides sur les lèvres mortes.

Alors, Sémillante se remit à gémir. Elle poussait une longue plainte monotone, déchirante, horrible.

Elles restèrent là, toutes les deux, la femme et la bête, jusqu'au matin.

Antoine Saverini fut enterré le lendemain, et bientôt on ne parla plus de lui dans Bonifacio.

Il n'avait laissé ni frère ni proches cousins. Aucun homme n'était là pour poursuivre la vendetta. Seule, la mère y pensait, la vieille.

De l'autre côté du détroit, elle voyait du matin au soir un point blanc sur la côte. C'est un petit village sarde, Longosardo, où se réfugient les bandits corses traqués de trop près. Ils peuplent presque seuls ce hameau, en face des côtes de leur patrie, et ils attendent là le moment de revenir, de retourner au maquis. C'est dans ce village, elle le savait, que s'était réfugié Nicolas Ravolati.

Toute seule, tout le long du jour, assise à sa fenêtre, elle regardait là-bas en songeant à la vengeance. Comment ferait-elle sans personne, infirme, si près de la mort ? Mais elle avait promis, elle avait juré sur le cadavre. Elle ne pouvait oublier, elle ne pouvait attendre. Que ferait-elle ? Elle ne dormait plus la nuit, elle n'avait plus ni repos ni apaisement, elle cherchait, obstinée. La chienne, à ses pieds, sommeillait, et, parfois, levant la tête, hurlait au loin. Depuis que son maître n'était plus là, elle hurlait souvent ainsi, comme si elle l'eût appelé, comme si son âme de bête, inconsolable, eût aussi gardé le souvenir que rien n'efface.

Or, une nuit, comme Sémillante se remettait à gémir, la mère, tout à coup, eut une idée, une idée de sauvage vindicatif et féroce. Elle la médita jusqu'au matin ; puis, levée dès les approches du jour, elle se rendit à l'église. Elle pria, prosternée sur le pavé, abattue devant Dieu, le suppliant de l'aider, de la soutenir, de donner à son pauvre corps usé la force qu'il lui fallait pour venger le fils.

Puis elle rentra. Elle avait dans sa cour un ancien baril défoncé, qui recueillait l'eau des gouttières ; elle le renversa, le vida, l'assujettit contre le sol avec des pieux et des pierres ; puis elle enchaîna Sémillante à cette niche, et elle rentra.

Elle marchait maintenant, sans repos, dans sa chambre, l'œil fixé toujours sur la côte de Sardaigne. Il était là-bas, l'assassin.

La chienne, tout le jour et toute la nuit, hurla. La vieille, au matin, lui porta de l'eau dans une jatte ; mais rien de plus : pas de soupe, pas de pain.

La journée encore s'écoula. Sémillante, exténuée, dormait. Le lende-main, elle avait les yeux luisants, le poil hérissé, et elle tirait éperdument sur sa chaîne.

La vieille ne lui donna encore rien à manger. La bête, devenue furieuse, aboyait d'une voix rauque. La nuit encore se passa.

Alors, au jour levé, la mère Saverini alla chez le voisin, prier qu'on lui donnât deux bottes de paille. Elle prit de vieilles hardes qu'avait portées autrefois son mari, et les bourra de fourrage, pour simuler un corps humain.

Ayant piqué un bâton dans le sol, devant la niche de Sémillante, elle noua dessus ce mannequin, qui semblait ainsi se tenir debout. Puis elle figura la tête au moyen d'un paquet de vieux linge.

La chienne, surprise, regardait cet homme de paille, et se taisait, bien que dévorée de faim.

Alors la vieille alla acheter chez le charcutier un long morceau de boudin noir. Rentrée chez elle, elle alluma un feu de bois dans sa cour, auprès de la niche, et fit griller son boudin. Sémillante, affolée, bondissait, écumait, les yeux fixés sur le gril, dont le fumet lui entrait au ventre.

Puis la mère fit de cette bouillie fumante une cravate à l'homme de paille. Elle la lui ficela longtemps autour du cou, comme pour la lui entrer dedans. Quand ce fut fini, elle déchaîna la chienne.

D'un saut formidable, la bête atteignit la gorge du mannequin, et, les pattes sur les épaules, se mit à la déchirer. Elle retombait, un morceau de sa proie à la gueule, puis s'élançait de nouveau, enfonçait ses crocs dans les

cordes, arrachait quelques parcelles de nourriture, retombait encore, et rebondissait, acharnée. Elle enlevait le visage par grands coups de dents, mettait en lambeaux le col entier.

La vieille, immobile et muette, regardait, l'œil allumé. Puis elle renchaîna sa bête, la fit encore jeûner deux jours, et recommença cet étrange exercice.

Pendant trois mois, elle l'habitua à cette sorte de lutte, à ce repas conquis à coups de crocs. Elle ne l'enchaînait plus maintenant, mais elle la lançait d'un geste sur le mannequin.

Elle lui avait appris à le déchirer, à le dévorer, sans même qu'aucune nourriture fût cachée en sa gorge. Elle lui donnait ensuite, comme récompense, le boudin grillé pour elle.

Dès qu'elle apercevait l'homme, Sémillante frémissait, puis tournait les yeux vers sa maîtresse, qui lui criait : « Va ! » d'une voix sifflante, en levant le doigt.

Quand elle jugea le temps venu, la mère Saverini alla se confesser et communia un dimanche matin, avec une ferveur extatique ; puis, ayant revêtu des habits de mâle, semblable à un vieux pauvre déguenillé, elle fit marché avec un pêcheur sarde, qui la conduisit, accompagnée de sa chienne, de l'autre côté du détroit.

Elle avait, dans un sac de toile, un grand morceau de boudin. Sémillante jeûnait depuis deux jours. La vieille femme, à tout moment, lui faisait sentir la nourriture odorante, et l'excitait.

Elles entrèrent dans Longosardo. La Corse allait en boitillant. Elle se présenta chez un boulanger et demanda la demeure de Nicolas Ravolati. Il avait repris son ancien métier, celui de menuisier. Il travaillait seul au fond de sa boutique.

La vieille poussa la porte et l'appela :

– Hé ! Nicolas !

Il se tourna ; alors, lâchant sa chienne, elle cria :

– Va, va, dévore, dévore !

L'animal, affolé, s'élança, saisit la gorge. L'homme étendit les bras, l'étreignit, roula par terre. Pendant quelques secondes, il se tordit, battant le

sol de ses pieds ; puis il demeura immobile, pendant que Sémillante lui fouillait le cou, qu'elle arrachait par lambeaux.

Deux voisins, assis sur leur porte, se rappelèrent parfaitement avoir vu sortir un vieux pauvre avec un chien noir efflanqué qui mangeait, tout en marchant, quelque chose de brun que lui donnait son maître.

La vieille, le soir, était rentrée chez elle. Elle dormit bien, cette nuit-là.

LE GUEUX

Il avait connu des jours meilleurs, malgré sa misère et son infirmité.

À l'âge de quinze ans, il avait eu les deux jambes écrasées par une voiture sur la grand'route de Varville. Depuis ce temps-là, il mendiait en se traînant le long des chemins, à travers les cours des fermes, balancé sur ses béquilles qui lui avaient fait remonter les épaules à la hauteur des oreilles. Sa tête semblait enfoncée entre deux montagnes.

Enfant trouvé dans un fossé par le curé des Billettes, la veille du jour des Morts, et baptisé pour cette raison, Nicolas Toussaint, élevé par charité, demeuré étranger à toute instruction, estropié après avoir bu quelques verres d'eau-de-vie offerts par le boulanger du village, histoire de rire, et, depuis lors vagabond, il ne savait rien faire autre chose que tendre la main.

Autrefois la baronne d'Avary lui abandonnait pour dormir, une espèce de niche pleine de paille, à côté du poulailler, dans la ferme attenante au château : et il était sûr, aux jours de grande famine, de trouver toujours un morceau de pain et un verre de cidre à la cuisine. Souvent il recevait encore là quelques sols jetés par la vieille dame du haut de son perron ou des fenêtres de sa chambre. Maintenant elle était morte.

Dans les villages, on ne lui donnait guère : on le connaissait trop ; on était fatigué de lui depuis quarante ans qu'on le voyait promener de masure en masure son corps loqueteux et difforme sur ses deux pattes de bois. Il ne voulait point s'en aller cependant, parce qu'il ne connaissait pas autre chose sur la terre que ce coin de pays, ces trois ou quatre hameaux où il avait traîné sa vie misérable. Il avait mis des frontières à sa mendicité et il n'aurait jamais passé les limites qu'il était accoutumé de ne point franchir.

Il ignorait si le monde s'étendait encore loin derrière les arbres qui avaient toujours borné sa vue. Il ne se le demandait pas. Et quand les pay-sans, las de le rencontrer toujours au bord de leurs champs ou le long de leurs fossés, lui criaient :

– Pourquoi qu'tu n'vas point dans l's autes villages, au lieu d' béquiller toujours par ci ?

Il ne répondait pas et s'éloignait, saisi d'une peur vague de l'inconnu, d'une peur de pauvre qui redoute confusément mille choses, les visages nouveaux, les injures, les regards soupçonneux des gens qui ne le connaissaient pas, et les gendarmes qui vont deux par deux sur les routes et qui le

faisaient plonger, par instinct, dans les buissons ou derrière les tas de cailloux.

Quand il les apercevait au loin, reluisants sous le soleil, il trouvait soudain une agilité singulière, une agilité de monstre pour gagner quelque cachette. Il dégringolait de ses béquilles, se laissait tomber à la façon d'une loque, et il se roulait en boule, devenait tout petit, invisible, rasé comme un lièvre au gîte, confondant ses haillons bruns avec la terre.

Il n'avait pourtant jamais eu d'affaires avec eux. Mais il portait cela dans le sang, comme s'il eût reçu cette crainte et cette ruse de ses parents, qu'il n'avait point connus.

Il n'avait pas de refuge, pas de toit, pas de hutte, pas d'abri. Il dormait partout, en été, et l'hiver il se glissait sous les granges ou dans les étables avec une adresse remarquable. Il déguerpissait toujours avant qu'on se fût aperçu de sa présence. Il connaissait les trous pour pénétrer dans les bâtiments ; et le maniement des béquilles ayant rendu ses bras d'une vi-gueur surprenante, il grimpait à la seule force des poignets jusque dans les greniers à fourrages où il demeurait parfois quatre ou cinq jours sans bouger, quand il avait recueilli dans sa tournée des provisions suffisantes.

Il vivait comme les bêtes des bois, au milieu des hommes, sans connaître personne, sans aimer personne, n'excitant chez les paysans qu'une sorte de mépris indifférent et d'hostilité résignée. On l'avait surnommé « Cloche », parce qu'il se balançait, entre ses deux piquets de bois ainsi qu'une cloche entre ses portants.

Depuis deux jours, il n'avait point mangé. Personne ne lui donnait plus rien. On ne voulait plus de lui à la fin. Les paysannes, sur leurs portes, lui criaient de loin en le voyant venir :

– Veux-tu bien t'en aller, manant ! V'là pas trois jours que j'tai donné un morciau d' pain !

Et il pivotait sur ses tuteurs et s'en allait à la maison voisine, où on le recevait de la même façon.

Les femmes déclaraient, d'une porte à l'autre :

– On n' peut pourtant pas nourrir ce fainéant toute l'année.

Cependant le fainéant avait besoin de manger tous les jours.

Il avait parcouru Saint-Hilaire, Varville et les Billettes, sans récolter un centime ou une vieille croûte. Il ne lui restait d'espoir qu'à Tournolles ; mais il lui fallait faire deux lieues sur la grand'route, et il se sentait las à ne plus se traîner, ayant le ventre aussi vide que sa poche.

Il se mit en marche pourtant.

C'était en décembre, un vent froid courait sur les champs, sifflait dans les branches nues ; et les nuages galopaient à travers le ciel bas et sombre, se hâtant on ne sait où. L'estropié allait lentement, déplaçant ses supports l'un après l'autre d'un effort pénible, en se calant sur la jambe tordue qui lui restait, terminée par un pied bot et chaussé d'une loque.

De temps en temps, il s'asseyait sur le fossé et se reposait quelques minutes. La faim jetait une détresse dans son âme confuse et lourde. Il n'avait qu'une idée : « manger », mais il ne savait par quel moyen.

Pendant trois heures, il peina sur le long chemin ; puis, quand il aperçut les arbres du village, il hâta ses mouvements.

Le premier paysan qu'il rencontra, et auquel il demanda l'aumône, lui répondit :

– Te r'voilà encore, vieille pratique ! Je s'rons donc jamais débarrassés de té ?

Et *Cloche* s'éloigna. De porte en porte on le rudoya, on le renvoya sans lui rien donner. Il continuait cependant sa tournée, patient et obstiné. Il ne recueillit pas un sou.

Alors il visita les fermes, déambulant à travers les terres molles de pluie, tellement exténué qu'il ne pouvait plus lever ses bâtons. On le chassa de partout. C'était un de ces jours froids et tristes où les cœurs se serrent, où les esprits s'irritent, où l'âme est sombre, où la main ne s'ouvre ni pour donner ni pour secourir.

Quand il eut fini la visite de toutes les maisons qu'il connaissait, il alla s'abattre au coin d'un fossé, le long de la cour de maître Chiquet. Il se décrocha, comme on disait pour exprimer comment il se laissait tomber entre ses hautes béquilles en les faisant glisser sous ses bras. Et il resta longtemps immobile, torturé par la faim, mais trop brute pour bien pé-nétrer son insondable misère.

Il attendait on ne sait quoi, de cette vague attente qui demeure constamment en nous. Il attendait au coin de cette cour, sous le vent glacé, l'aide mystérieuse qu'on espère toujours du ciel ou des hommes, sans se demander comment, ni pourquoi, ni par qui elle lui pourrait arriver. Une bande de poules noires passait, cherchant sa vie dans la terre qui nourrit tous les êtres. À tout instant, elles piquaient d'un coup de bec un grain ou un insecte invisible, puis continuaient leur recherche lente et sûre.

Cloche les regardait sans penser à rien ; puis il lui vint, plutôt au ventre que dans la tête, la sensation plutôt que l'idée qu'une de ces bêtes-là serait bonne à manger grillée sur un feu de bois mort.

Le soupçon qu'il allait commettre un vol ne l'effleura pas. Il prit une pierre à portée de sa main, et, comme il était adroit, il tua net, en la lançant, la volaille la plus proche de lui. L'animal tomba sur le côté en remuant les ailes. Les autres s'enfuirent, balancés sur leurs pattes minces, et Cloche, escaladant de nouveau ses béquilles, se mit en marche pour aller ramasser sa chasse, avec des mouvements pareils à ceux des poules.

Comme il arrivait auprès du petit corps noir taché de rouge à la tête, il reçut une poussée terrible dans le dos qui lui fit lâcher ses bâtons et l'envoya rouler à dix pas devant lui. Et maître Chiquet, exaspéré, se pré-cipitant sur le maraudeur, le roua de coups, tapant comme un forcené, comme tape un paysan volé, avec le poing et avec le genou par tout le corps de l'infirme, qui ne pouvait se défendre.

Les gens de la ferme arrivaient à leur tour qui se mirent avec le patron à assommer le mendiant. Puis, quand ils furent las de le battre, ils le ramassèrent et l'emportèrent, et l'enfermèrent dans le bûcher pendant qu'on allait chercher les gendarmes.

Cloche, à moitié mort, saignant et crevant de faim, demeura couché sur le sol. Le soir vint, puis la nuit, puis l'aurore. Il n'avait toujours pas mangé.

Vers midi, les gendarmes parurent et ouvrirent la porte avec précaution, s'attendant à une résistance, car maître Chiquet prétendait avoir été attaqué par le gueux et ne s'être défendu qu'à grand'peine.

Le brigadier cria :

– Allons, debout !

Mais Cloche ne pouvait plus remuer, il essaya bien de se hisser sur ses pieux, il n'y parvint point. On crut à une feinte, à une ruse, à un mauvais vouloir de malfaiteur, et les deux hommes armés, le rudoyant, l'empoignèrent et le plantèrent de force sur ses béquilles.

La peur l'avait saisi, cette peur native des baudriers jaunes, cette peur du gibier devant le chasseur, de la souris devant le chat. Et, par des efforts surhumains, il réussit à rester debout.

– En route ! dit le brigadier. Il marcha. Tout le personnel de la ferme le regardait partir. Les femmes lui montraient le poing ; les hommes ricanaient, l'injuriaient : on l'avait pris enfin ! Bon débarras.

Il s'éloigna entre ses deux gardiens. Il trouva l'énergie désespérée qu'il lui fallait pour se traîner encore jusqu'au soir, abruti, ne sachant seulement plus ce qui lui arrivait, trop effaré pour rien comprendre.

Les gens qu'on rencontrait s'arrêtaient pour le voir passer, et les paysans murmuraient :

– C'est quéque voleux !

On parvint, vers la nuit, au chef-lieu du canton. Il n'était jamais venu jusque-là. Il ne se figurait pas vraiment ce qui se passait, ni ce qui pouvait survenir. Toutes ces choses terribles, imprévues, ces figures et ces maisons nouvelles le consternaient.

Il ne prononça pas un mot, n'ayant rien à dire, car il ne comprenait plus rien. Depuis tant d'années d'ailleurs qu'il ne parlait à personne, il avait à peu près perdu l'usage de sa langue ; et sa pensée aussi était trop confuse pour se formuler par des paroles.

On l'enferma dans la prison du bourg. Les gendarmes ne pensèrent pas qu'il pouvait avoir besoin de manger, et on le laissa jusqu'au lendemain.

Mais, quand on vint pour l'interroger, au petit matin, on le trouva mort, sur le sol. Quelle surprise !

Alguns contos do dia e da noite

"Então uma dúvida atravessou seu cérebro obscurecido,
uma dúvida indistinta, uma vaga suspeita."

GUY DE MAUPASSANT

O CRIME DO VELHO BONIFACE

Naquele dia, o carteiro Boniface, ao sair do correio, constatou que seu itinerário seria mais curto que de costume, e sentiu uma alegria viva por isso. Ele era o encarregado da zona rural aos arredores do vilarejo de Vireville e, quando voltava, à noite, de suas passadas longas e cansadas, às vezes tinha mais de quarenta quilômetros nas pernas.

Então, a distribuição seria rapidamente feita; ele poderia até vagar um pouco pelo caminho e voltar para casa por volta das três da tarde. Que sorte!

Ele deixou o vilarejo pela estrada para Sennemare e começou sua labuta. Era junho, no mês verde e florido, o verdadeiro mês das planícies.

O homem, vestido com seu casaco azul e usando um quepe preto com tiras vermelhas, cruzou por caminhos estreitos os campos de canola, aveia ou trigo, enterrado até os ombros nas plantações; e sua cabeça, passando acima das espigas, parecia flutuar em um mar calmo e verdejante, que uma brisa leve ondulava suavemente.

Entrava nas fazendas pelo portão de madeira plantado nos aterros sombreados por duas fileiras de faias e, ao cumprimentar pelo nome o camponês: "Bom dia, Seu Chicot", entregava-lhe seu jornal *Le Petit Normand*[1]. O

[1] Houve um periódico semanal em Orne, na região da Normandia, no norte francês, chamado *Le Petit Normand*, publicado entre 1884 e 1890. Um ano mais tarde de seu primeiro número, em 1885, surge a primeira edição de *Contes du jour et de la nuit*. (n.t.)

fazendeiro limpava a mão no fundo de sua calça curta, recebia a folha de papel e a enfiava em seu bolso para lê-la à vontade após a refeição do meio-dia. O cachorro, alojado em um barril, ao pé de uma macieira inclinada, latia furiosamente puxando sua corrente; e o pedestre, sem olhar para trás, partia novamente com sua aparência militar, esticando suas pernas compridas, o braço esquerdo na bolsa, e o direito manobrando a bengala, que andava como ele de forma contínua e apressada.

Distribuiu seus impressos e cartas no povoado de Sennemare, e depois partiu novamente pelos campos para carregar a correspondência do cobrador de impostos que morava em uma pequena casa isolada a um quilômetro do vilarejo.

Era um novo cobrador de impostos, Sr. Chapatis, que havia chegado na semana anterior e se casado recentemente.

Ele recebia um jornal de Paris e, às vezes, o carteiro Boniface, quando tinha tempo, olhava de relance os impressos, antes de entregá-los ao destinatário.

Então, abriu sua bolsa, pegou um folheto, puxou-o dentre os demais, desdobrou e começou a lê-lo enquanto caminhava. A primeira página dificilmente o interessava; a política lhe era indiferente; ele sempre pulava as finanças, mas as notícias diversas o fascinavam.

Elas estavam bem pesadas naquele dia. Ele ficou tão profundamente comovido com a história de um crime cometido na cabana de um guarda-caça, que ele parou no meio de um campo de trevo, para relê-la lentamente. Os detalhes eram terríveis. Um lenhador, ao passar de manhã perto da casa da floresta, notou um pouco de sangue sobre a soleira, como se alguém tivesse sangrado pelo nariz. “O guarda deve ter matado algum coelho essa noite”, pensou; mas, ao se aproximar, percebeu que a porta estava entreaberta e que a fechadura havia sido quebrada.

Então, tomado pelo medo, ele correu até o vilarejo para avisar o prefeito, que tomou como reforço um guarda rural e um professor; e os quatro homens voltaram juntos. Eles encontraram o guarda florestal com a garganta cortada em frente à lareira, sua esposa estrangulada debaixo da cama e sua filha pequena, de seis anos, sufocada entre dois colchões.

O carteiro Boniface ficou tão impressionado com a ideia desse assassinato e todas as circunstâncias horríveis que lhe surgiam uma após a outra, que sentiu uma fraqueza nas pernas, e disse em voz alta:

– Meu Deus, como existe gente perversa nesse mundo!

Em seguida, colocou o jornal de volta em sua cinta de papel e foi embora, com a cabeça cheia da visão do crime. Ele logo chegou à residência do Sr. Chapatis; abriu o portão do pequeno jardim e se aproximou da casa. Era uma construção baixa, contendo apenas um andar térreo, coberto por um telhado de mansarda. E estava a, pelo menos, quinhentos metros de distância da casa mais próxima.

O carteiro subiu os dois degraus externos da varanda, colocou a mão sobre a fechadura, tentou abrir a porta e percebeu que estava fechada. Então, viu que as venezianas não haviam sido abertas e que ninguém ainda havia saído naquele dia.

Uma preocupação o invadiu, porque Sr. Chapatis, desde sua chegada, se levantava bem cedo. Boniface puxou seu relógio. Ainda era sete e dez da manhã, ele estava, portanto, quase uma hora adiantado. De qualquer forma, o cobrador de impostos já deveria estar de pé.

Então, deu a volta pela residência, caminhando com cuidado, como se corresse algum perigo. Não notou nada de suspeito, apenas alguns passos humanos em um canteiro de morangos.

Mas de repente, ele permaneceu imóvel, paralisado de angústia, ao passar em frente a uma janela. Alguém gemia dentro da casa.

Ele se aproximou e, pisando sobre uma borda de tomilho, encostou sua orelha no toldo para escutar melhor; certamente alguém gemia. Ele podia ouvir muito bem longos suspiros dolorosos, uma espécie de chiado, o barulho de luta. Em seguida, os gemidos ficaram mais fortes, mais repetidos, se acentuaram ainda mais, se transformaram em gritos.

Então Boniface, não mais duvidando de que um crime estava sendo cometido naquele exato momento, na casa do cobrador de impostos, disparou a toda velocidade, cruzou novamente o pequeno jardim, atravessou a planície através das plantações, correndo sem fôlego, sacudindo a bolsa que batia em suas costas, até chegar exausto, ofegante e perturbado à porta da delegacia.

O brigadeiro Malautour consertava uma cadeira quebrada com pregos e um martelo. O oficial Rautier segurava entre as pernas a mobília danificada e colocava um prego nas bordas da ruptura; então o brigadeiro, mastigando seu bigode, com os olhos redondos e úmidos de atenção, acertava toda vez os dedos de seu subordinado.

O carteiro, assim que os viu, exclamou:

– Venham rápido, estão assassinando o cobrador de impostos, rápido, rápido!

Os dois homens pararam de trabalhar e ergueram a cabeça, as cabeças espantadas de pessoas surpresas e perturbadas.

Boniface, vendo-os mais surpresos do que apressados, repetiu:

– Rápido, rápido! Os ladrões estão dentro da casa, eu ouvi os gritos, não há tempo a perder.

O brigadeiro, colocando o martelo no chão, perguntou:

– Como foi que o senhor tomou conhecimento desse fato?

O carteiro retomou:

– Eu estava indo entregar o jornal com duas cartas quando percebi que a porta estava fechada e que o cobrador ainda não tinha se levantado. Eu dei a volta pela casa para confirmar isso, e ouvi gemidos como se tivessem estrangulado ou cortado a garganta de alguém, de modo que vim o mais rápido possível para procurá-los. Não há tempo a perder.

O brigadeiro se endireitando, retomou:

– E você não foi pessoalmente ao resgate?

O carteiro perplexo respondeu:

– Eu temi estar em menor número.

Então o policial, convencido, anunciou:

– Espere me vestir, que o seguirei.

E ele entrou na delegacia, seguido por seu soldado que levava a cadeira de volta.

Eles reapareceram quase imediatamente, e todos os três partiram, em ritmo de corrida, para a cena do crime.

Ao se aproximarem da casa, diminuíram a velocidade por precaução e o brigadeiro sacou o revólver, depois entraram lentamente no jardim e se acercaram da parede. Nenhum novo vestígio indicava que os criminosos haviam partido. A porta permanecia fechada, assim como as janelas.

– Nós os pegamos – murmurou o brigadeiro.

O velho Boniface, palpitando de emoção, levou-o para o outro lado e lhe mostrou um toldo:

– É ali – disse ele.

E o brigadeiro avançou sozinho e encostou a orelha contra a borda. Os outros dois esperavam, prontos para tudo, com os olhos fixos nele.

Ele permaneceu por muito tempo imóvel, escutando. Para aproximar mais a cabeça da veneziana de madeira, retirou o tricórnio, segurando-o com a mão direita.

O que ele ouviu? Seu rosto impassível não revelava nada, mas de repente seu bigode se contraiu, suas bochechas se enrugaram como uma risada silenciosa, e pisando novamente sobre a borda de buxo, voltou em direção aos dois homens, que o olhavam com espanto.

Em seguida, fez sinal para que o seguissem, na ponta dos pés; e, voltando para a entrada, ordenou a Boniface que enfiasse por debaixo da porta o jornal e as cartas.

O carteiro, estupefato, obedeceu, mas com docilidade.

– E agora, vamos embora –, disse o brigadeiro.

Mas assim que passaram pelo portão, ele se virou para o pedestre, e, com um ar zombeteiro e um sorriso malicioso, ergueu os olhos, que brilhavam de alegria:

– Como o senhor é esperto, não é?

O velho perguntou:

– Como assim? Eu o ouvi, juro que o ouvi.

Mas o brigadeiro, não aguentando mais, caiu na risada. Ele ria como se o sufocassem, as duas mãos sobre a barriga, dobrada ao meio, os olhos cheios de lágrimas, com caretas horríveis em torno do nariz. E os outros dois, confusos, olhavam para ele.

Mas como não conseguia falar, nem parar de rir, ou dar a entender o que tinha, fez um gesto, um gesto popular e travesso.

Como ainda não o entendiam, ele repetiu várias vezes seguidas, indicando com um aceno de cabeça a casa ainda fechada.

E seu soldado, que havia compreendido bruscamente, chorava de rir.

O velho permaneceu estúpido entre esses dois homens, que se contorciam.

O brigadeiro, por fim, acalmou-se, e dando na barriga do velho um tapa bem forte de quem está brincando, exclamou:

– Ah! Palhaço, palhaço maldito, lembrarei disso como o crime do velho Boniface!

O carteiro arregalou os olhos e repetiu:

– Eu juro que ouvi.

O brigadeiro voltou a rir. Seu oficial sentou-se na grama da vala para se contorcer à vontade.

– Ah, você ouviu. E sua esposa, é desse jeito que você a assassina, hein, velho palhaço?

– Minha esposa?...

E ele começou a pensar por muito tempo, depois retomou:

– Minha esposa... Sim, ela grita quando eu bato na... mas ela grita, grita mesmo, e como. Então, era o Sr. Chapatis que estava... batendo na dele?

De imediato, o brigadeiro, em um delírio de alegria, o fez virar como um boneco pelos ombros, e sussurrou em seu ouvido algo que deixou o outro atordoado de espanto.

Então, o velho, pensativo, murmurou:

– Não... assim não... assim não... assim não... ela não diz nada, a minha.... Eu nunca teria imaginado... se possível... eu teria jurado que era um martírio...

E, confuso, desorientado e envergonhado, retomou seu caminho pelos campos, enquanto o oficial e o brigadeiro, ainda rindo e gritando com ele, de longe, piadas grosseiras de quartel, viam seu quepe preto se afastar, no mar calmo das colheitas.

ROSE

As duas jovens mulheres pareciam estar enterradas sob uma camada de flores. Elas estavam sozinhas em uma imensa carruagem carregada de buquês como uma cesta gigante. No banco da frente, dois beliches de cetim branco estão cheios de violetas de Nice, e sobre a pele de urso que cobria seus joelhos um amontoado de rosas, mimosas, goivos-amarelos, margaridas, tuberosas e flores de laranjeira, atadas com fitas de seda, parecia esmagar os dois corpos delicados, deixando escapar desse leito deslumbrante e perfumado apenas seus ombros, braços e um pouco de seus corpetes, um azul e outro lilás.

O chicote do cocheiro carregava uma bainha de anêmonas, os arreios dos cavalos estavam acolchoados com goivos, os raios das rodas estavam revestidos de resedá; e, no lugar das lanternas, dois buquês redondos, enormes, pareciam os dois olhos estranhos dessa besta florida e sobre rodas.

A carruagem percorria velozmente a estrada, a rua Antibes, precedida, seguida, acompanhada por uma multidão de outros veículos decorados com guirlandas, cheios de mulheres perdidas sob uma onda de violetas. Porque era o Festival das Flores[2] em Cannes.

Chegaram ao bulevar Foncière, onde a batalha acontece. Ao longo da imensa avenida, uma fila dupla de guirlandas decoradas ia e voltava como uma faixa sem fim. De um lado a outro, jogavam flores umas nas outras. E passavam pelo ar como balas, atingiam os rostos frescos, esvoaçavam e caíam sobre a poeira, onde um exército de crianças as apanhava.

Uma multidão compacta, alinhada sobre as calçadas, e mantida pelos policiais a cavalo que passavam brutalmente e repeliam os passantes curiosos como para não permitir aos vilões de se misturar aos ricos, assistia, barulhenta e quieta.

Nas carruagens, as pessoas se chamavam, se reconheciam e atiravam rosas umas às outras. Uma delas, alegórica, cheia de mulheres bonitas vestidas de vermelho como demônios, atrai e seduz os olhos. Um senhor que parecia com os retratos de Henri IV[3] lançava com alegre fervor um enorme buquê preso por um elástico. Sob a ameaça de choque, as mulheres cobriam os olhos e os homens abaixavam as cabeças, mas o gracioso projétil, rápido e

---

[2] Na França, o Festival das Flores, surgido em 1870, costuma ser parte das políticas municipais de caridade. Embora ofereça divertimento para as multidões, sua causa é beneficente. (n.t.)

[3] Henri de Bourbon ou Henri IV (1553-1610), rei de Navarre e da França. (n.t.)

dócil, formava uma curva e retornava ao seu mestre que imediatamente o jogava em direção a uma nova figura.

As duas jovens mulheres esvaziavam seu arsenal com ambas as mãos e recebiam uma saraivada de buquês; então, depois de uma hora de batalha, finalmente um pouco cansadas, ordenam ao cocheiro que siga a estrada do golfo de Juan, que passa junto ao mar.

O sol desapareceu por trás da cordilheira de Esterel, desenhando de preto, em um pôr do sol ardente, a silhueta serrilhada da longa montanha. O mar calmo se estendia, azul e claro, até o horizonte onde se misturava ao céu, e a esquadra, ancorada no meio do golfo, se assemelhava a um rebanho de bestas monstruosas, imóveis na água, animais apocalípticos, blindados e corcundas, cobertos por mastros frágeis como penas, e com olhos que se acendiam quando chegava a noite.

As jovens mulheres, esticadas sob a pele pesada, olhavam languidamente. Uma finalmente disse:

– Como há noites deliciosas onde tudo parece bom. Não é, Margot?

A outra continuou:

– Sim, é bom. Mas sempre falta alguma coisa.

– O que seria? Eu mesma me sinto feliz por completo. Não preciso de nada.

– Sim. Você não pensa sobre isso. Independentemente do bem-estar que entorpece nosso corpo, sempre desejamos algo mais... para o coração.

E a outra, sorrindo:

– Um pouco de amor?

– Sim.

E se calaram, olhando para frente, até que, aquela que se chamava Marguerite, murmurou:

– A vida não me parece suportável sem isso. Preciso ser amada, nem que seja por um cachorro. Além do mais, diga o que disser, somos todos assim, Simone.

– De jeito nenhum, minha querida. Prefiro não ser amada de forma alguma do que sê-lo por qualquer pessoa. Você acha que seria bom para mim, por exemplo, ser amada por... por...

Ela estava procurando por quem ela poderia ser amada, passando os olhos pela vasta paisagem. Seus olhos, após contornarem o horizonte, caíram sobre

os dois botões de metal que brilhavam nas costas do cocheiro, e ela retomou, rindo: “por meu cocheiro”.

A Sra. Margot mal sorriu e disse em voz baixa:

– Garanto que é muito divertido ser amada por um empregado. Isso já aconteceu comigo duas ou três vezes. Eles reviram os olhos de uma forma tão engraçada que nos faz morrer de rir. Naturalmente, é preciso parecer ainda mais severa quanto mais eles se apaixonam, então os demitimos, um dia, sob o primeiro pretexto que vem à mente porque seríamos ridicularizadas se alguém percebesse.

A Sra. Simone escutava, com o olhar fixo para frente, até que disse:

– Não, decididamente, o coração de meu criado não me parece suficiente. Então, diga-me como você percebeu que eles te amavam.

– Eu percebia da mesma maneira que acontece com outros homens, quando eles se tornavam estúpidos.

– Os outros não parecem tão idiotas, para mim, quando eles me amam.

– Idiotas, minha querida, incapazes de conversar, de responder, de compreender o que quer que seja.

– Mas você, como se sentia ao ser amada por um empregado? Você ficava como... emocionada... lisonjeada?

– Emocionada? Não... Lisonjeada... Sim, um pouco. Sempre nos sentimos lisonjeadas com o amor de qualquer homem.

– Ora, vamos, Margot!

– Sim, minha querida. Ouça, vou lhe contar uma aventura singular que aconteceu comigo. Você verá como é curioso e confuso o que ocorre conosco em casos assim.

Há quatro anos, no outono, me vi sem camareira. Tentei uma após a outra, cinco ou seis, que eram ineptas, e estava quase desesperada para encontrar uma, quando li, nos classificados de um jornal, que uma jovem que sabia costurar, bordar e fazer penteados, procurava um emprego, e que ela proporcionaria as melhores informações. Além do mais, falava inglês.

Escrevi para o endereço indicado, e no dia seguinte a pessoa em questão se apresentou. Ela era bastante alta, magra, um pouco pálida e parecia muito tímida. Tinha belos olhos negros e uma tez encantadora, que me satisfez de imediato. Pedi-lhe suas referências: ela me deu uma em inglês, pois estava saindo, dizia ela, da casa da senhora Rymwell, onde havia trabalhado por dez anos.

A carta de recomendação atestava que a jovem havia partido de boa vontade para retornar à França, e que durante seu longo serviço só havia sido repreendida por um pouco de coquetismo francês.

O tom puritano da frase em inglês me fez até sorrir um pouco e eu contratei a camareira na hora.

Ela entrou em minha casa naquele mesmo dia. Seu nome era Rose.

Depois de um mês, eu a adorava.

Foi um achado, uma pérola, um fenômeno.

Ela sabia fazer penteados com um bom gosto infinito; sabia dar um efeito de amassado à renda de um chapéu melhor do que os melhores modistas, e sabia até fazer vestidos.

Fiquei estupefata com suas faculdades. Nunca tinha sido servida assim.

Ela me vestia rapidamente com uma leveza de mãos surpreendente. Eu nunca sentia seus dedos sobre minha pele, e nada me incomoda mais do que o contato com a mão de uma empregada doméstica. Logo desenvolvi hábitos excessivos de preguiça, pois gostava muito que me vestissem, dos pés à cabeça, da camisola às luvas, por essa jovem alta e tímida, que sempre corava um pouco, e que não falava jamais. Ao sair do banho, ela me esfregava e massageava enquanto eu cochilava um pouco em meu divã; eu a considerava, pode acreditar, como uma amiga de condição inferior, ao invés de uma simples empregada.

Porém, uma manhã, meu porteiro pediu misteriosamente para falar comigo. Fiquei surpresa e o deixei entrar. Ele era um homem muito confiável, um soldado veterano, um antigo oficial de ordenança de meu marido.

Ele parecia desconfortável com o que tinha a dizer. Finalmente, ele disse, gaguejando:

– Senhora, lá embaixo está o comissário de polícia do distrito.

Eu perguntei abruptamente:

– O que ele quer?

– Ele quer fazer uma busca no hotel.

Claro, a polícia é útil, mas eu a detesto. Não acho que seja uma profissão nobre. E eu respondi, tanto irritada quanto magoada:

– Por que essa busca? Com que propósito? Ele não vai entrar.

O porteiro retomou:

– Ele afirma que há um criminoso escondido.

Desta vez, tive medo e ordenei que o comissário de polícia fosse trazido a mim para ter mais explicações. Era um homem bastante educado, condecorado pela Legião de Honra[4]. Ele se desculpou, pediu perdão e depois afirmou que havia, dentre os domésticos, um condenado!

Fiquei indignada; respondi que lhe garantiria revistar todos os empregados do hotel.

– O porteiro, Pierre Courtin, soldado veterano.

– Não é ele.

– O cocheiro François Pingau, um camponês de Champagne, filho de um fazendeiro arrendatário de meu pai.

– Não é ele.

– Um cavalariço, também vindo de Champagne, filho de camponeses que conheço, além de um criado, o qual você acabou de ver.

– Não é ele.

– Então, senhor, você pode ver que está enganado.

– Perdão, senhora, tenho certeza de que não me engano. Como se trata de um criminoso temível, queira ter a cortesia de trazer aqui, diante da senhora e de mim, todos os seus domésticos.

De início, eu resisti, mas logo cedi e reuni todos à nossa frente, homens e mulheres.

O comissário de polícia os examinou de relance e declarou:

– Isso não são todos.

– Perdão, senhor, há apenas minha camareira, uma jovem que você não pode confundir com um condenado.

Ele perguntou:

– Posso vê-la também?

– Certamente.

Chamei Rose que apareceu imediatamente. Assim que ela entrou, o comissário fez um sinal e dois homens que eu não tinha visto, escondidos atrás da porta, lançaram-se sobre ela, agarraram-lhe as mãos, amarrando-as com cordas.

Soltei um grito de fúria, e quis me jogar para defendê-la. O comissário me impediu:

---

[4] A Ordem Nacional da Legião de Honra é uma instituição encarregada das condecorações honorárias da França. (n.t.)

– Esta jovem, senhora, é um homem que se chama Jean-Nicolas Lecapet, condenado à morte em 1879 por assassinato precedido de estupro. Sua pena foi comutada para prisão perpétua. Ele escapou há quatro meses. Estamos procurando por ele desde então.

Fiquei perturbada, chocada. Não podia acreditar. Rindo, o comissário continuou:

– Eu só posso lhe dar uma prova. Ele tem o braço direito tatuado.

A manga foi levantada. Era verdade. O policial acrescentou com certo mau gosto:

– Confie em nós para as outras constatações.

E levaram minha camareira!

Bem, acredite, o que me dominou não foi a raiva por ter sido usada assim, enganada e ridicularizada; não foi a vergonha de ter sido vestida, despida, manipulada e tocada por aquele homem... mas uma... profunda humilhação... a humilhação de uma mulher. Você entende?

– Não, receio que não?

– Vejamos... Pense bem... Ele havia sido condenado... por estupro, esse rapaz... bem! Eu pensei... naquela que ele estuprou... e isso... isso me humilhou... É isso... Você me entende agora?

E a Sra. Margot não respondeu. Olhava para frente, com o olhar fixo e singular para os dois botões brilhantes da libré, com aquele sorriso de esfinge que às vezes têm as mulheres.

O BÊBADO

I

O vento do norte soprava como uma tempestade, carregando pelo céu enormes nuvens de inverno, pesadas e escuras, que ao passar sobre a terra lançavam aguaceiros furiosos.

O mar agitado rugia e sacudia a costa, precipitando sobre a costa ondas enormes, lentas e viscosas, que desabavam com detonações de artilharia. Chegavam suavemente, uma após a outra, altas como montanhas, espalhando-se no ar, sob as rajadas, a espuma branca de suas cabeças como o suor de monstros.

O furacão mergulhava no pequeno vale de Yport, soprava e uivava, arrancando as ardósias dos telhados, quebrando os toldos, derrubando as chaminés, lançando nas ruas rajadas de vento que só se podia andar agarrado às paredes, enquanto as crianças eram carregadas como folhas e arremessadas nos campos acima das casas.

Os barcos de pesca haviam sido puxados para a terra firme por medo do mar, que varreria a praia na maré cheia, e alguns marinheiros, escondidos por trás do ventre redondo das embarcações que estavam deitadas de lado, observavam a ira do céu e da água.

Então, eles se foram aos poucos, porque a noite caía sobre a tempestade, envelopando de sombras o oceano perturbado, e todo o choque dos elementos em fúria.

Dois homens ainda permaneceram, com as mãos nos bolsos, as costas curvas sob a borrasca, os gorros de lã caídos até os olhos, dois grandes pescadores normandos, com barbas aparadas e ásperas, com a pele queimada pelas rajadas salgadas do mar aberto, com os olhos azuis pontilhados por um grão preto no meio, aqueles olhos penetrantes de marinheiros que enxergam até o fim do horizonte, como uma ave de rapina.

Um deles dizia:

– Vamo, vam'embora, Jérémie. Vamo passar o tempo jogando dominó. É eu que pago.[5]

---

[5] Para caracterizar o modo de falar dos camponeses, Maupassant emprega o dialeto de Bourbonnais, região histórico-cultural do centro da França. (n.t.)

O outro ainda hesitou, tentado pelo jogo e pelo conhaque, sabendo muito bem que se embebedaria novamente se entrasse no estabelecimento de Paumelle, e impedido também pela ideia de sua esposa ficar sozinha no casebre.

Ele perguntou:

– Parece que tu fez uma aposta pra m'embebedar toda noite. Me diga, o que ganha com isso, já que tá sempre pagando?

E ele ria mesmo assim com a ideia de todo aquele conhaque bebido às custas de outro; ele ria com uma risada feliz de normando beneficiado.

Mathurin, seu camarada, puxava-o sempre pelo braço.

– Vamo, vamo, Jérémie. Não é uma noite pra voltar pra casa sem nada quente na barriga. Tá com medo de quê? Tua mulher num vai aquecer a cama, não?

Jérémie respondeu:

– Teve uma noite qu'eu num consegui encontrar a porta... Que quase me pescaram no riacho na frente de casa!

E ele ainda ria dessa lembrança de pinguço, e ia bem lentamente em direção ao bar de Paumelle, cuja janela iluminada brilhava; ele ia, puxado por Mathurin e empurrado pelo vento, incapaz de resistir a essas duas forças.

O salão interior estava cheio de marinheiros, fumaça e gritos. Todos esses homens, vestidos de lã, com os cotovelos sobre as mesas, vociferavam para serem ouvidos. Quanto mais bebedores entravam, mais era preciso gritar no meio do estrondo de vozes e dominós golpeados sobre o mármore, apenas para fazer mais barulho.

Jérémie e Mathurin sentaram-se em um canto e começaram uma partida, enquanto os copinhos desapareciam, um após o outro, no fundo de suas gargantas.

Em seguida, jogaram outras partidas e beberam outros copinhos. Mathurin derramava sempre, piscando para o dono do bar, um homem gordo, tão vermelho quanto o fogo, que estava rindo, como se soubesse de alguma farsa; e Jérémie engolia o álcool, balançava a cabeça, ria como um rugido, olhando para seu parceiro com um ar entorpecido e feliz.

Todos os clientes estavam saindo. E cada vez que algum deles abria a porta externa para sair, uma rajada de vento entrava no bar, fazia girar como em uma tempestade a fumaça espessa dos cachimbos, balançava as luminárias até o fim de seus fios e fazia suas chamas piscarem; e de repente se ouvia o choque profundo de uma onda quebrando e o rugido da borrasca.

Jérémie, com o colarinho frouxo, fazia poses de bêbado, uma perna estendida, um braço caído; e na outra mão segurava seu dominó.

Eles ficaram sozinhos com o proprietário, que havia se aproximado, cheio de interesse.

Ele perguntou:

– Então, Jérémie, tá tudo bem aí por dentro? Tá se sentindo revigorado por estar se regando?

E Jérémie gaguejou:

– Quanto mais águo, mais seco fico dentro.

O dono do bar olhou para Mathurin astutamente. Ele disse:

– E teu mano, Mathurin, ondé que ele tá uma hora dessa?

O marinheiro deu uma risada muda:

– Ele está aquecido, preocupe não.

E os dois olharam para Jérémie, que triunfantemente baixou o duplo seis, anunciando:

– Tua vez agora.

Quando terminaram a partida, o proprietário declarou:

– Bom, meus chapas, eu já vou indo dormir. Deixo uma lamparina e um litro. O que ainda tem fica por uns vinte centavos. Tu vai fechar a porta por fora, Mathurin, e vai tirar a chave pelo toldo, como tu fez na noite passada.

Mathurin respondeu:

– Esquenta não. Já entendi.

Paumelle apertou a mão dos dois clientes atrasados e subiu pesadamente as escadas de madeira. Durante alguns minutos, seus passos pesados ecoaram em sua casinha; então, um forte estalo revelou que ele acabara de se deitar.

Os dois homens continuaram a jogar; de vez em quando, uma fúria mais intensa do furacão sacudia a porta, fazia tremer as paredes, enquanto os dois bebedores levantavam a cabeça como se alguém fosse entrar. Depois, Mathurin pegava o litro e preenchia o copo de Jérémie. Mas, de repente, o relógio suspenso sobre o balcão bateu meia-noite. Seu tom rouco soou como o choque de panelas, e as badaladas vibravam por muito tempo, com som de sucata.

Mathurin se levantou de imediato, como um marinheiro cujo turno acabou:

– Vamo, Jérémie, vam'embora.

O outro começou a se mover com mais dificuldade e recuperou a compostura ao se apoiar na mesa; em seguida, alcançou a porta e a abriu enquanto seu companheiro apagava a luminária.

Quando eles já estavam na rua, Mathurin fechou a loja; e então disse:

– Bom, boa noite, até amanhã.

E desapareceu nas sombras.

II

Jérémie deu três passos, depois cambaleou, estendeu as mãos, encontrou uma parede que o susteve e retomou sua caminhada aos tropeços. Às vezes, uma borrasca se precipitava pela rua estreita, jogava-o para frente, fazendo-o correr alguns passos; então, quando a violência da tromba d'água cessou, ele parou abruptamente, tendo perdido seu empurrador, e voltou a cambalear sobre as pernas caprichosas de bêbado.

Instintivamente, ele ia para sua casa, como os pássaros vão ao ninho. Finalmente, reconheceu sua porta e começou a tateá-la para encontrar a fechadura e inserir a chave. Ao não conseguir encontrar o buraco, dizia palavrões em voz baixa. Então, bateu com socos, chamando sua esposa para que viesse ajudá-lo:

– Mélina! Ei! Mélina!

Como ele se apoiava contra o batente da porta para não cair, ele cedeu, se abriu, e Jérémie, perdendo seu apoio, entrou em sua casa desabando, rolou de nariz no meio de sua residência e sentiu que algo pesado passou por cima de seu corpo, fugindo depois noite adentro.

Ele não se mexeu mais, atordoado de medo, perturbado, em um terror do diabo, com os vultos de todas as coisas misteriosas da escuridão, e esperou muito tempo sem ousar fazer movimento algum. Mas, ao ver que nada mais se mexia, um pouco de razão voltou a ele, a razão confusa de um pinguço.

E ele se sentou, lentamente. Esperou muito tempo ainda e, finalmente se encorajando, articulou:

– Mélina!

Sua esposa não respondeu.

Então, repentinamente, uma dúvida atravessou seu cérebro obscurecido, uma dúvida indistinta, uma vaga suspeita. Ele não se moveu; ele ficou lá,

sentado no chão, no escuro, procurando em seus pensamentos, agarrando-se a reflexões incompletas e hesitantes como seus pés.

Ele perguntou novamente:

– Me diz quem que era, Mélina? Me diz quem que era. Não vou fazer nada contigo.

Ele esperou. Nenhuma voz se ergueu das sombras. Ele raciocinava em voz alta agora.

– Eu bebi tudo, de qualquer maneira! Eu bebi tudo! Foi ele que m'embebedou assim, aquele jeca; foi ele, pr'eu não poder entrar. Eu bebi tudo!

E ele retomava:

– Me diga quem que era, Mélina, ou vou fazer uma desgraça.

Depois de ter esperado novamente, ele continuava, com uma lógica lenta e obstinada de homem alcoolizado:

– Foi ele que me reteve lá no preguiço do Paumelle; e nas outras noites também, só pr'eu não poder voltar. Eram cúmplices. Ah! Carniças!

Lentamente, ele se ajoelhou. E foi tomado por uma raiva surda, que se misturava com a fermentação das bebidas.

Ele repetiu:

– Me diga quem era, Mélina, ou vou te bater, tô te dizendo!

Ele estava de pé agora, tremendo de uma raiva ameaçadora, como se o álcool que ele tinha no corpo tivesse se incendiado em suas veias. Ele deu um passo, colidiu com uma cadeira, agarrou-a, caminhou de novo, encontrou a cama, apalpou-a e sentiu sobre ela o corpo quente de sua esposa.

Então, louco de raiva, grunhiu:

– Ah, tu tava aí, vadia, e tu nem respondia!

E levantando a cadeira que segurava em seu robusto punho de marinheiro, ele a abateu diante de si com uma fúria exasperada. Um grito jorrou do leito; um grito desesperado, angustiante. Então, ele começou a bater como uma debulhadora no celeiro. E logo nada mais se mexeu. A cadeira foi reduzida a pedaços, mais um pé ficou em sua mão, enquanto ele ainda batia, ofegante.

Então, de repente, parou para perguntar:

– Vai dizer quem que era a essa hora?

Mélina não respondeu.

Então, abatido pelo cansaço, aturdido pela violência, voltou a se sentar no chão, deitando e adormecendo.

Quando o dia nasceu, um vizinho, vendo sua porta aberta, entrou. Ele avistou Jérémie que roncava no chão, onde jaziam os restos de uma cadeira, e, na cama, um purê de carne e sangue.

UMA VENDETA

A viúva de Paolo Saverini morava sozinha com o filho em um casebre às ameias de Bonifácio. A cidade, construída sobre uma saliência da montanha, mesmo suspensa em alguns pontos acima do nível do mar, dá, por cima do estreito pontiagudo de recifes, para a costa inferior da Sardenha. A seus pés, do outro lado, contornando-a quase inteiramente, um corte do penhasco, que parece um gigantesco corredor, serve-lhe de porto e conduz até as primeiras casas, após um longo circuito entre dois paredões íngremes, pequenos barcos de pesca italianos ou sardos, e, a cada quinze dias, o velho vapor vagaroso que serve em Ajaccio.

Sobre a montanha branca, a pilha de casas representa uma mancha mais branca ainda. Elas se parecem com ninhos de pássaros selvagens, suspensas nessa rocha, dominando essa passagem terrível onde os navios dificilmente se aventuram. O vento, sem descanso, cansa o mar, cansa a costa nua, roída por ele e quase nem revestida de capim; ele corre pelo estreito, cujas bordas devasta. As trilhas de espuma clara, agarradas às pontas negras das incontáveis rochas que perfuram as ondas em todos os lugares, parecem fragmentos de telas flutuando e pulsando na superfície da água.

A casa da viúva Saverini, soldada à beira do mesmo penhasco, abria suas três janelas nesse horizonte selvagem e desolado.

Ela vivia lá, sozinha, com seu filho Antoine e sua cadela “Sémillante”, uma grande fera magra, de pelo comprido e áspero, da raça de cães pastores. Ela era usada pelo jovem para caçar.

Uma noite, após uma disputa, Antoine Saverini foi morto traiçoeiramente, com um golpe de faca, por Nicolas Ravolati, que, naquela mesma noite, fugiu para a Sardenha.

Quando a velha mãe recebeu o corpo do filho, que os transeuntes lhe trouxeram, ela não chorou, mas permaneceu imóvel por muito tempo olhando para ele; então, estendendo a mão enrugada sobre o cadáver, prometeu-lhe uma vendeta. Ela não quis que ninguém ficasse consigo e se trancou ao lado do corpo com a cadela, que uivava. Ela uivava, esse animal, de maneira contínua, de pé ao pé da cama, com a cabeça esticada em direção ao seu dono e a cauda apertada entre as patas. Ela não se movia mais do que a mãe, que, inclinada agora sobre o corpo, com o olhar fixo, chorava grandes e silenciosas lágrimas enquanto o contemplava.

O rapaz, de bruços, vestido em sua jaqueta de lã feltrada, perfurada e rasgada no peito, parecia dormir; mas havia sangue por toda parte: na camisa rasgada para os primeiros socorros; no colete, nas roupas de baixo, no rosto, nas mãos. Coágulos de sangue se solidificaram em sua barba e nos cabelos.

A velha mãe começou a falar com ele. Ao som dessa voz, a cadela se calou.

– Pronto, pronto, você será vingado, meu pequeno, meu menino, meu pobre filho. Durma, durma, você será vingado, está me ouvindo? É sua mãe que está prometendo! E ela sempre cumpre o que diz, sua mãe, você bem sabe.

E lentamente, ela se inclinou em sua direção, pressionando seus lábios frios sobre os lábios mortos.

Então, Sémillante tornou a ganir. Ela proferia um longo murmúrio monótono, angustiante e horrível.

Elas ficaram lá, as duas, a mulher e a fera, até de manhã.

Antoine Saverini foi enterrado no dia seguinte, e logo não se falou mais dele em Bonifácio.

Ele não deixou nem irmãos nem primos próximos. Nenhum homem estava lá para seguir com a vendeta. Sozinha, a velha mãe pensava nisso.

Do outro lado do estreito, ela via de manhã à noite um ponto branco na costa. Trata-se de um vilarejo da Sardenha, Longosardo, onde os bandidos da Córsega perseguidos de perto se refugiam. Eles povoam quase sozinhos essa aldeia, em frente à costa de sua terra natal, e lá aguardam o momento de voltar, de retornar ao maqui[6]. Foi nesse vilarejo, ela sabia, que Nicolas Ravolati havia se refugiado.

Completamente sozinha, o dia inteiro, sentada em sua janela, ela olhava para lá, pensando na vingança. Como ela faria sem ninguém, deficiente, tão perto da morte? Mas ela havia prometido, havia jurado sobre o cadáver. Ela não podia esquecer, ela não podia esperar. O que faria? Já não dormia à noite, não tinha mais descanso nem apaziguamento, só pensava, obstinada. A cadela, a seus pés, adormecia, e às vezes, levantando a cabeça, uivava ao longe.

---

[6] *Maquis*, no original, refere-se ao lugar onde os grupos de resistência na França se escondiam dos nazistas, na Segunda Guerra Mundial, e aos próprios integrantes desses grupos, também chamados de *maquisards*. (n.t.)

Depois que seu dono se foi, costumava uivar assim, como se o chamasse, como se sua alma animal, inconsolável, também tivesse retido na memória o que nada apaga.

Uma noite, porém, como Sémillante recomeçava seus ganidos, a mãe, de repente, teve uma ideia, uma ideia de selvagem vingativo e feroz. Ela meditou sobre isso até de manhã; então, de pé desde o amanhecer, foi à igreja. Ela rezou prostrada na calçada, abatida perante Deus, suplicando-lhe que a ajudasse, que a sustentasse, que desse ao seu pobre corpo extenuado a força de que precisava para vingar seu filho.

Então, ela voltou para casa. Ela tinha em seu quintal um antigo barril surrado, que coletava água das calhas; ela virou, esvaziou e o fixou no chão com estacas e pedras; depois, acorrentou Sémillante à casinha, e entrou de novo em casa.

Ela agora caminhava sem parar em seu quarto, com o olhar ainda fixo na costa da Sardenha. Lá estava ele, o assassino.

A cadela, o dia todo e a noite toda, uivava. A velha, pela manhã, trouxe-lhe água em uma tigela; mas nada mais: nem sopa, nem pão.

O dia passou novamente. Sémillante, exausta, dormia. No dia seguinte, seus olhos estavam brilhantes, o pelo eriçado, e ela puxava freneticamente sua corrente.

A velha mais uma vez não lhe deu nada para comer. O animal, como que enlouquecido, latia com a voz rouca. Mais uma noite se passou.

Então, com o nascer do dia, a mãe Saverini foi ao vizinho esperar que lhe dessem dois fardos de palha. Ela pegou alguns trapos velhos, anteriormente usados por seu marido, e os encheu com forragem, para simular um corpo humano.

Após enfiar um pedaço de madeira no chão, em frente à casinha de Sémillante, amarrou esse manequim à madeira, que assim parecia estar de pé. Então, ela representou a cabeça por meio de um saco de linho velho.

A cadela, surpresa, observava esse homem de palha e se calava, ainda que consumida pela fome.

Então, a velha foi comprar no açougueiro uma longa peça de morcela. Ao voltar para casa, fez uma fogueira no quintal, perto da casinha, e assou a linguiça. Sémillante, enlouquecida, saltava, espumava, de olhos fixos na grelha, cujo aroma entrava em seu estômago.

Em seguida, a mãe fez desse mingau fumegante uma gravata para o homem de palha. Ela o amarrou por um bom tempo ao redor do pescoço, para que penetrasse bem. Quando terminou, desatou a cadela.

Com um salto espantoso, a fera atingiu a garganta do manequim e, com as patas em seus ombros, começou a rasgá-lo. Voltava ao chão, com um pedaço da presa na boca, e se lançava novamente, cravando suas presas nas cordas, arrancando alguns pedaços de comida, voltava ao chão e saltava novamente, obstinada. Ela arrancou o rosto a dentadas, retalhando todo o pescoço.

A velha, imóvel e muda, observava com os olhos iluminados. Então, voltou a acorrentar o animal, fazendo-o jejuar por mais dois dias, além de recomeçar o estranho exercício.

Durante três meses, acostumou a cadela a esse tipo de luta, a essa refeição conquistada a dentadas. Agora ela não mais a acorrentava, mas a lançava com um gesto para o manequim.

Havia ensinado a ela a rasgá-lo, a devorá-lo, sem que qualquer comida ficasse escondida em sua garganta. Como recompensa, dava-lhe em seguida a morcela grelhada.

Assim que percebia o homem, Sémillante estremecia, depois voltava os olhos para sua dona, que lhe gritava: “Vai!” com uma voz sibilante, levantando o dedo.

Quando julgou que havia chegado a hora, a mãe Saverini foi se confessar e receber a comunhão em um domingo de manhã, com um fervor extático; depois, tendo vestido roupas masculinas e parecendo um pobre velho esfarrapado, fez um acordo com um pescador sardo, que a conduziu, acompanhada de sua cadela, até o outro lado do estreito.

Ela tinha, em uma bolsa de lona, um grande pedaço de morcela. Sémillante jejuava há dois dias. A idosa, a todo momento, fazia com que ela sentisse o cheiro da comida perfumada e a provocava.

Elas chegaram em Longosardo. A córsica ia mancando. Ela se apresentou em uma padaria e perguntou pela residência de Nicolas Ravolati. Ele havia retomado sua antiga profissão, a de carpinteiro. Ele trabalhava sozinho nos fundos de sua loja.

A velha empurrou a porta e o chamou:

– Ei, Nicolas!

Ele se virou; então, soltando sua cadela, ela gritou:

– Vai, vai, devora, devora!

A fera, enlouquecida, se lançou, agarrando-o pela garganta. O homem estendeu os braços, abraçou-a, e rolaram pelo chão. Durante alguns segundos, ele se contorceu, batendo no chão com os pés; depois permaneceu imóvel, enquanto Sémillante escavava seu pescoço, o qual rasgava em pedaços.

Dois vizinhos, sentados à porta, lembraram-se perfeitamente de ter visto um pobre velho sair com um cachorro preto magrelo que comia, enquanto caminhavam, alguma coisa marrom que seu dono lhe dava.

No fim da tarde, a velha havia voltado para casa. Ela dormiu bem naquela noite.

O MENDIGO

Ele havia tido dias melhores, apesar de sua miséria e deficiência.

À idade de quinze anos, teve as duas pernas esmagadas por um carro na estada principal de Varville. Desde então, mendigava se arrastando ao longo dos caminhos, através dos pátios das fazendas, balançando-se em suas muletas que o faziam erguer os ombros à altura das orelhas. Sua cabeça parecia estar afundada entre duas montanhas.

Criança encontrada em uma vala pelo padre de Billettes[7], à véspera do Dia de Finados, e batizada, por essa razão, de Nicolas de Todos os Santos, criado pela caridade, conservou-se estrangeiro a qualquer instrução, aleijado após ter bebido alguns copos de conhaque oferecidos pelo padeiro do vilarejo, história engraçada, e desde então vagabundo, não sabia fazer nada, além de estender a mão.

Antigamente, a baronesa de Avary o deixava dormir em uma espécie de casinha cheia de palha, ao lado do galinheiro, na fazenda adjacente ao castelo: e ele tinha a certeza, nos dias de grande fome, de sempre encontrar um pedaço de pão e um copo de cidra na cozinha. Frequentemente, ele recebia ainda lá algumas moedas jogadas pela velha dama do alto de sua escadaria ou das janelas de seu quarto. Agora, ela estava morta.

Nos vilarejos, dificilmente lhe davam algo: conheciam-no demais; estavam fartos dele depois de quarenta anos, vendo-o deslocar de cabana em cabana seu corpo esfarrapado e disforme sobre duas pernas de madeira. Ele não queria ir embora, entretanto, como não conhecia outra coisa sobre a terra senão esse canto do país, essas três ou quatro aldeias por onde ele havia arrastado sua vida miserável. Ele havia posto fronteiras ao redor de sua mendicância e jamais teria passado os limites que estava acostumado a não cruzar.

Ele não sabia se o mundo ainda se estendia para além das árvores que sempre bloquearam sua visão. Ele não se perguntava sobre isso. E quando os camponeses, cansados de encontrá-lo sempre à margem de seus campos ou ao longo de suas valas, gritavam-lhe:

– Por que é que tu não vai pros outros vilarejos, em vez de ficar sempre passeando de muletas por aqui?

[7] Refere-se ao Claustro e à Igreja de Billettes, em Paris, edificados no século XIII. (n.t.)

Ele não respondia e se distanciava, tomado por um medo vago do desconhecido, por um medo de pobre que teme confusamente mil coisas, os novos rostos, os insultos, os olhares desconfiados das pessoas que não o conheciam, e os policiais que iam de dois em dois pelas estradas e que o faziam mergulhar, por instinto, nos arbustos ou por trás das pilhas de seixos.

Quando os via de longe, reluzentes sob o sol, ele encontrava de repente uma agilidade singular, uma agilidade de monstro para encontrar algum esconderijo. Ele tropeçava em suas muletas, caía como um caco, rolava feito uma bola, apequenava-se, ficando invisível, raso como uma lebre na toca, confundindo seus trapos marrons com a terra.

Contudo, ele jamais havia lidado com eles. Mas carregava isso no sangue, como se tivesse recebido esse pavor e essa destreza de seus pais, os quais ele nunca conheceu.

Ele não tinha refúgio, nem teto, nem cabana, nem abrigo. Dormia em todos os lugares no verão, e no inverno se metia por baixo das granjas ou nos estábulos com uma habilidade notável. Sempre fugia antes que percebessem sua presença. Conhecia os buracos para se infiltrar nas propriedades; e tendo o manuseio das muletas lhe proporcionado um vigor surpreendente, escalava apenas com a força dos punhos até o alto dos celeiros, onde permanecia às vezes por quatro ou cinco dias sem se mover, quando havia coletado em sua ronda provisões suficientes.

Ele vivia como os animais dos bosques, no meio dos homens, sem conhecer ninguém, sem amar ninguém, apenas despertando nos camponeses uma espécie de desprezo indiferente e hostilidade resignada. Foi apelidado de "Sino", porque se balançava entre suas duas estacas de madeira tal como um sino entre suas vigas.

Por dois dias, não havia comido. Ninguém lhe dava mais nada. Não o queriam mais por lá, pelo visto. Os camponeses, às suas portas, gritavam-lhe de longe quando o viam:

– Quer fazer o favor de ir simbora, malcriado!? Faz nem três dias que te dei um pedaço de pão!

E ele se virava em seus apoios e ia para a casa vizinha, onde o recebiam da mesma maneira.

As mulheres declaravam, de porta em porta:

– Não podemos alimentar esse preguiçoso o ano todo.

No entanto, o preguiçoso tinha necessidade de comer todos os dias.

Ele havia perambulado por Saint-Hilaire, Varville e por Billettes, sem obter um centavo ou sobras velhas. Agora, sua única esperança estava em Tournolles; mas teria que percorrer duas léguas pela estrada principal, e ele se sentia cansado a ponto de não se arrastar mais, tendo a barriga tão vazia quanto o bolso.

Mesmo assim, ele partiu.

Era dezembro, um vento frio corria pelos campos, sibilando pelos galhos nus; e as nuvens galopavam através do céu baixo e escuro, apressando-se ninguém sabe para onde. O aleijado avançava devagar, movendo seus suportes um após o outro com um esforço árduo, parando sobre a perna torcida que lhe restava, terminada por um pé torto, calçado por um trapo.

De tempos em tempos, sentava-se nas valas e descansava por alguns minutos. A fome lançava uma angústia em sua alma confusa e carregada. Ele só pensava em uma coisa: "comer", mas não sabia como.

Durante três horas, penou sobre o longo caminho; então, quando avistou as árvores do vilarejo, apressou seus movimentos.

O primeiro camponês que encontrou, e a quem pediu esmolas, respondeu-lhe:

– Lá vem tu de novo, velho praticante! Então, não vamos nos livrar nunca de ti?

E Sino ia embora. De porta em porta, era maltratado e mandado embora sem nada. Mesmo assim, continuava sua ronda, paciente e obstinado. E não conseguia obter um centavo.

Então, foi visitar as fazendas, passear pelas terras macias de chuva, tão exausto que não podia mais levantar suas estacas, sendo expulso de todos os lugares. Era um daqueles dias frios e tristes em que os corações se apertam, que as mentes se irritam, que a alma se torna obscura, que a mão não se abre nem para dar nem para socorrer.

Quando acabou de visitar todas as casas que conhecia, caiu no canto de uma vala, ao lado do pátio de Seu Chiquet. Ele se soltou, como diziam, para mostrar como caía com suas altas muletas, fazendo-as deslizar sob os braços. E ele ficou imóvel muito tempo, torturado pela fome, mas grosseiro demais para compreender totalmente sua miséria insondável.

Ele esperava sabe-se lá o quê, dessa vaga expectativa que permanece constantemente em nós. Esperava no canto desse pátio, sob o vento gelado, a ajuda misteriosa que sempre se espera do céu ou dos homens, sem se perguntar como, por que ou por quem ela poderia chegar. Um bando de

galinhas pretas passava, procurando sua vida na terra que nutre todos os seres. A todo instante, pegavam de uma bicada um grão ou um inseto invisível, e depois continuavam sua busca lenta e segura.

Sino as observava sem pensar em nada; então, ocorreu-lhe, antes na barriga do que na cabeça, a sensação mais do que a ideia de que um daqueles animais seria bom para comer grelhado em um fogo de madeira seca.

A suspeita de que poderia cometer um roubo não passou por sua cabeça. Ele pegou uma pedra ao alcance de sua mão e, como era habilidoso, matou na hora, lançando-a na ave mais próxima dele. O animal caiu de lado, mexendo as asas. Os outros fugiram, equilibrando-se nas patas esguias, e Sino, escalando de novo suas muletas, partiu para apanhar sua caça, com movimentos parecidos aos das galinhas.

Ao se aproximar do pequeno corpo negro manchado de vermelho na cabeça, ele recebeu um empurrão terrível nas costas que o fez largar suas estacas e rolar dez passos à sua frente. E Seu Chiquet, exasperado, jogou-se em cima do saqueador, golpeando-o e batendo como um louco, tal como bate um camponês roubado, com o punho e com o joelho, em todo o corpo do aleijado, que não podia se defender.

O pessoal da fazenda chegou também e se juntou ao patrão para nocautear o mendigo. Depois, quando se cansaram de bater nele, pegaram, levaram e o trancaram no depósito de madeira enquanto alguém ia chamar os policiais.

Sino, meio morto, sangrando e morrendo de fome, permaneceu deitado no chão. O entardecer veio, depois a noite, depois o amanhecer. Ele ainda não tinha comido.

Ao meio-dia, os policiais apareceram e abriram a porta com precaução, esperando alguma resistência, pois Seu Chiquet afirmou ter sido atacado pelo mendigo e só conseguiu se defender com grande dificuldade.

O oficial gritou:

– Vamos, de pé!

Mas Sino não podia mais se mexer, ele tentou se erguer sobre seus pés, mas não conseguiu. Pensaram que era uma farsa, um truque, uma má vontade de criminoso, e os dois homens armados, maltratando-o, agarraram e o fincaram à força com suas muletas.

O medo se apoderou dele, aquele medo nato de policiais, aquele medo da caça diante do caçador, do rato diante do gato. E, por esforços sobre-humanos, ele conseguiu ficar de pé.

– Andando! – disse o policial.

Ele caminhou. Todo o pessoal da fazenda o viu partir. As mulheres lhe mostravam o punho; os homens zombavam e o insultavam: finalmente, levaram-no dali! Boa viagem.

Ele se distanciou entre seus dois guardiões. E encontrou a energia desesperada de que precisava para se arrastar mais até a noite, atordoado, nem mesmo sabendo o que estava acontecendo com ele, confuso demais para compreender alguma coisa.

As pessoas que o conheciam, paravam para vê-lo passar, enquanto os camponeses murmuravam:

– É um ladrão!

Perto do anoitecer, eles chegaram à sede cantonal[8]. Ele nunca tinha vindo tão longe. Ele realmente não imaginava o que estava acontecendo, nem o que poderia ocorrer. Todas aquelas coisas horríveis, imprevistas, aqueles rostos e casas novas o consternavam.

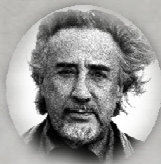
Ele não falou uma palavra, não tendo nada a dizer, pois não entendia mais nada. Por tantos anos, aliás, não falava com ninguém, quase havia perdido o uso de sua língua; e seu pensamento também estava confuso demais para ser formulado em palavras.

Ele foi trancado na prisão da cidade. Os policiais acharam que ele não precisava comer e o deixaram até o dia seguinte.

Mas, quando vieram interrogá-lo, de manhã cedo, encontraram-no morto no chão. Que surpresa!

[8] Ou do condado, antiga unidade de subdivisão administrativo-territorial francesa, onde se localizavam os principais serviços administrativos nas zonas rurais, tais como delegacia, escritório da receita pública etc. (n.t.)

Tenho sede de inocência

Romain Gary

O texto: O conto "Tenho sede de inocência" ("J'ai soif d'innocence"), integra a coletânea *Les oiseaux vont mourir au Pérou, gloire à nos illustres pionniers*, de Romain Gary, publicada em 1962. Escrito em primeira pessoa e em tom de diário, nele o autor discute a mesquinhez da vida atual que leva à necessidade de buscar horizontes mais puros. Ao fugir da França para o Taiti, um lugar paradisíaco e de gente simples, o lugar acaba lhe revelando surpresas, que lhe põem no caminho de Gauguin. Irônico, o autor questiona sua própria condição de colonizador e fraqueza moral, como também a questão imperialista, oferecendo um desfecho que se aproxima do gênero cômico.

Texto traduzido: Gary, R. "J'ai soif d'innocence". In. *Les oiseaux vont mourir au Pérou, gloire à nos illustres pionniers*. Paris: Gallimard, 1962.

O autor: Romain Gary (1914-1980), romancista franco-lituano, nasceu em Vilnius. Após passar a infância na capital lituana e depois em Varsóvia, se transferiu a Niza, na França, onde obteve a cidadania e pode participar da Segunda Guerra como aviador do exército francês. Herói da Resistência, recebeu várias condecorações, e ao término do conflito, entrou para a carreira diplomática na qual permaneceu até 1974. Autor de inúmeros romances, adotou muitos pseudônimos, sendo o único escritor a ter recebido duas vezes o prêmio Goncourt, por *Les Racines du ciel* (1956) e *La Vie devant soi* (1975). Escreveu também contos, peças de teatro, ensaios e viu algumas de suas obras serem adaptadas ao cinema.

A tradutora: Ana Magda Stradioto-Casolato, pesquisadora e tradutora, é bacharela em Letras Francês e mestranda no Programa de Pós-graduação LETRA, na área de Tradução e Poética, pela USP.
Contato: ana.stradioto@usp.br

J'AI SOIF D'INNOCENCE

"J'avais soif d'innocence.
J'éprouvais le besoin de m'évader."

ROMAIN GARY

Lorsque je décidai enfin de quitter la civilisation et ses fausses valeurs et de me retirer dans une île du Pacifique, sur un récif de corail, au bord d'une lagune bleue, le plus loin possible d'un monde mercantile entièrement tourné vers les biens matériels, je le fis pour des raisons qui ne surprendront que les natures vraiment endurcies.

J'avais soif d'innocence. J'éprouvais le besoin de m'évader de cette atmosphère de compétition frénétique et de lutte pour le profit où l'absence de tout scrupule était devenue la règle et où, pour une nature un peu délicate et une âme d'artiste comme la mienne, il devenait de plus en plus difficile de se procurer ces quelques facilités matérielles indispensables à la paix d'esprit.

Oui, c'est surtout de désintéressement que j'avais besoin. Tous ceux qui me connaissent savent le prix que j'attache à cette qualité, la première et peut-être même la seule que j'exige de mes amis. Je rêvais de me sentir entouré d'êtres simples et serviables, au cœur entièrement incapable de calculs sordides, auxquels je pourrais tout demander, leur accordant mon amitié en échange, sans craindre que quelque mesquine considération d'intérêt ne vint ternir nos rapports.

Je liquidai donc les quelques affaires personnelles dont je m'occupai et arrivais à Tahiti au début de l'été.

Je fus déçu par Papeete.

La ville est charmante, mais la civilisation y montre partout le bout de l'oreille, tout y a un prix, un salaire, un domestique y est un salarié et non un ami et s'attend à être payé au bout du mois, l'expression « gagner sa vie » y

revient avec une insistance pénible et, ainsi que je l'ai dit, l'argent était une des choses que j'étais décidé à fuir le plus loin possible.

Je résolus donc d'aller vivre dans une petite île perdue des Marquises, Taratora, que je choisis au hasard sur la carte, et où le bateau du Comptoir Perlier d'Océanie jetait l'ancre trois fois par an.

Dès que je pris pied sur l'île, je sentis que mes rêves étaient enfin sur le point de se réaliser.

Toute la beauté mille fois décrite, mais toujours bouleversante, lorsqu'on la voit enfin de ses propres yeux, du paysage polynésien, s'offrit à moi au premier pas que je fis sur la plage : la chute vertigineuse des palmiers de la montagne à la mer, la paix indolente d'une lagune que les récifs entouraient de leur protection, le petit village aux paillotes dont la légèreté même semblait indiquer une absence de tout souci et d'où courait déjà vers moi, les bras ouverts, une population dont, je le sentis immédiatement, on pouvait tout obtenir par la gentillesse et l'amitié.

Car, comme toujours avec moi, c'est surtout à la qualité des êtres humains que je fus le plus sensible.

Je trouvai là sur pied une population de quelques centaines de têtes qu'aucune des considérations de notre capitalisme mesquin ne paraissait avoir touchée et qui était à ce point indifférente au lucre que je pus m'installer dans la meilleure paillote du village et m'entourer de toutes les nécessités immédiates de l'existence : avoir mon pêcheur, mon jardinier, mon cuisinier, tout cela sans bourse délier, sur la base de l'amitié et de la fraternité la plus simple et la plus touchante et dans le respect mutuel.

Je devais cela à la pureté d'âme des habitants, à leur merveilleuse candeur, mais aussi à la bienveillance particulière à mon égard de Taratonga.

Taratonga était une femme âgée d'une cinquantaine d'années, fille d'un chef dont l'autorité s'était étendue autrefois sur plus de vingt îles de l'archipel. Elle était entourée d'un amour filial par la population de l'île et, dès mon arrivée, je déployai tous mes efforts pour m'assurer son amitié. Je le fis tout naturellement, sans essayer de me montrer différent de ce que j'étais, mais, au contraire, en lui ouvrant mon âme. Je lui exposai les raisons qui m'avaient poussé à venir dans son île, mon horreur du vil mercantilisme et du matérialisme sordide, mon besoin déchirant de redécouvrir ces qualités de désintéressement et d'innocence hors desquelles il n'est point de survie pour l'humain, et je lui confiai ma joie et ma gratitude d'avoir enfin trouvé tout cela auprès de son peuple. Taratonga me dit qu'elle me comprenait parfaitement et qu'elle n'avait elle-même qu'un but dans la vie : empêcher que

l'argent ne vint souiller l'âme des siens. Je compris l'allusion et l'assurai solennellement que pas un sou n'allait sortir de ma poche pendant tout mon séjour à Taratora. Je rentrai chez moi et, pendant les semaines qui suivirent, je fis mon mieux pour observer la cosigne qui m'avait été donnée si discrètement. Je pris même tout l'argent que j'avais et l'enterrai dans un coin de ma case.

J'étais dans l'île depuis trois mois, lorsqu'un jour un gamin m'apporta un cadeau de celle que je pouvais désormais appeler mon amie Taratonga.

C'était un gâteau de noix, qu'elle avait préparé elle-même à mon intention, mais ce qui me frappa immédiatement ce fut la toile dans laquelle le gâteau était enveloppé.

C'était une grossière toile à sac, mais peinte des couleurs étranges, qui me rappelaient vaguement quelque chose ; et, au premier abord, je ne sus quoi.

J'examinai la toile plus attentivement et mon cœur fit un bond prodigieux dans ma poitrine.

Je dus m'asseoir.

Je pris la toile sur mes genoux et la déroulai soigneusement. C'était un rectangle de cinquante centimètres sur trente et la peinture était craquelée et à demi effacée par endroits.

Je restai là un moment, fixant la toile d'un œil incrédule.

Mais il n'y avait pas de doute possible.

J'avais devant moi un tableau de Gauguin.

Je ne suis pas grand connaisseur en matière de peintures, mais il y a aujourd'hui des noms dont chacun sait reconnaître sans hésiter la manière. Je déployai encore une fois la toile d'une main tremblante et me penchai sur elle. Elle représentait un petit coin de la montagne tahitienne et des baigneuses au bord d'une source, et les couleurs, les silhouettes, le motif lui-même étaient à ce point reconnaissables que, malgré le mauvais état de la toile, il était impossible de s'y tromper.

J'eus, à droite, du côté du foie, ce pincement douloureux qui, chez moi, accompagne toujours les grands élans du cœur.

Une œuvre de Gauguin, dans cette petite île perdue ! Et Taratonga qui s'en était servie pour envelopper son gâteau ! Une peinture qui, vendue à Paris, devait valoir cinq millions ! Combien d'autres toiles avait-elle utilisées ainsi pour faire des paquets ou pour boucher des trous ? Quelle perte prodigieuse pour l'humanité !

Je me levai d'un bond et me précipitai chez Taratonga pour la remercier de son gâteau.

Je la trouvai en train de fumer sa pipe devant sa maison, face à la lagune. C'était une forte femme, aux cheveux grisonnants, et malgré ses seins nus, elle conservait, même dans cette attitude, une dignité admirable.

– Taratonga, lui dis-je, j'ai mangé ton gâteau. Il était excellent. Merci.

Elle parut contente.

– Je t'en ferai un autre aujourd'hui.

J'ouvris la bouche, mais ne dis rien. C'était le moment de faire preuve de tact. Je n'avais pas le droit de donner à cette femme majestueuse l'impression qu'elle était une sauvage qui se servait des œuvres d'un des plus grands génies du monde pour faire des paquets. J'avoue que je souffre d'une sensibilité excessive, mais je tenais à éviter cela à tout prix.

Quitte à recevoir un autre gâteau enveloppé dans une toile de Gauguin, je devais me taire. La seule chose qui n'a pas de prix, c'est l'amitié.

Je revins donc dans ma case et attendis.

L'après-midi, le gâteau arriva, enveloppé dans une autre toile de Gauguin. Elle était dans un état encore plus piteux que la précédente. Quelqu'un semblait même avoir gratté la toile avec un couteau. Je faillis me précipiter chez Taratonga. Mais je me retins. Il fallait procéder avec prudence. Le lendemain, j'allai la voir et lui dis avec simplicité que son gâteau était la meilleure chose que j'eusse jamais mangée.

Elle sourit avec indulgence et bourra sa pipe.

Au cours des huit jours suivants, je reçus de Taratonga trois gâteaux enveloppés dans trois toiles de Gauguin. Je vivais des heures extraordinaires. Mon âme chantait – il n'y a pas d'autre mot pour décrire les heures d'intense émotion artistique que j'étais en train de vivre.

Puis le gâteau continua à arriver, mais sans enveloppe.

Je perdis complètement le sommeil. Ne restait-il plus d'autres toiles, ou bien Taratonga avait-elle simplement oublié d'envelopper le gâteau ? Je me sentais vexé et même légèrement indigné. Il faut bien reconnaître que malgré toutes leurs qualités, les indigènes de Taratora ont également quelques graves défauts dont une certaine légèreté, qui fait qu'on ne peut jamais compter sur eux complètement. Je pris quelques pilules pour me calmer et essayai de trouver un moyen de parler à Taratonga sans attirer son attention sur son ignorance. Finalement, j'optait pour la franchise. Je retournai chez mon amie.

– Taratonga, lui dis-je, tu m'as envoyé à plusieurs reprises des gâteaux. Ils étaient excellents. Ils étaient, de plus, enveloppés dans des toiles de sacs peintes qui m'ont vivement intéressé. J'aime les couleurs gaies. D'où les as-tu ? En as-tu d'autres ?

– Oh ! ça… dit Taratonga avec indifférence. Mon grand-père en avait tout un tas.

– Tout… un tas ? bégayai-je.

– Oui, il les avait reçues d'un Français qui habitait l'île et qui s'amusait comme ça, à couvrir des toiles de sacs avec des couleurs. Il doit m'en rester encore.

– Beaucoup ? murmurai-je.

– Oh ! je ne sais pas. Tu peux les voir. Viens.

Elle me conduisit dans une grange pleine de poissons secs et de coprah. Par terre, couvertes de sable, il y avait une douzaine de toiles de Gauguin. Elles étaient toutes peintes sur des sacs et avaient beaucoup souffert, mais il y en avait plusieurs qui étaient encore en assez bon état. J'étais pâle et tenais à peine sur mes jambes. « Mon Dieu, pensais-je encore, quelle perte irréparable pour l'humanité, si je n'étais pas passé par là ! » Cela devait aller chercher dans les trente millions…

– Tu peux les prendre, si tu veux, dit Taratonga.

Un combat terrible se livra alors dans mon âme. Je connaissais le désintéressement de ces êtres merveilleux et ne voulais pas introduire dans l'île, dans l'esprit de ses habitants, ces notions mercantiles de prix et de valeur qui ont déjà sonné le glas de tant de paradis terrestres. Mais tous les préjugés de notre civilisation, que je tenais malgré tout bien ancré en moi, m'empêchaient d'accepter un tel cadeau sans rien offrir en échange. D'un geste, j'arrachai de mon poignet la superbe montre en or que je possédais et la tendis à Taratonga.

– Laisse-moi t'offrir à mon tour un cadeau, la priai-je.

– Nous n'avons pas besoin de ça ici pour savoir l'heure, dit-elle. Nous n'avons qu'à regarder le soleil.

Je pris alors une décision pénible.

– Taratonga, lui dis-je, je suis malheureusement obligé de rentrer en France. Des raisons humanitaires me l'ordonnent. Justement, le bateau arrive dans huit jours et je vais vous quitter. J'accepte ton cadeau. Mais à condition que tu me permettes de faire quelque chose pour toi et le tiens. J'ai un peu d'argent. Oh ! très peu. Permets-moi de te le laisser. Vous avez tout de même besoin d'outils et de médicaments.

– Comme tu voudras, dit-elle avec indifférence.

Je remis sept cent mille francs à mon amie. Puis je saisis les toiles et courus vers ma paillote. Je passai une semaine d'inquiétude en attendant le bateau. Je ne savais pas ce que je craignais au juste. Mais j'avais hâte de partir de là. Ce qui caractérise certaines natures artistiques, c'est que la contemplation égoïste de la beauté ne leur suffit pas, elles éprouvent au plus haut point le besoin de partager cette joie avec leurs semblables. J'étais pressé de rentrer en France, d'aller chez les marchands de tableaux leur offrir mes trésors. Il y en avait pour une centaine de millions. La seule chose qui m'irritait, c'était que l'État allait sûrement prélever trente à quarante pour cent du prix obtenu. Car tel est l'envahissement par notre civilisation du domaine le plus privé du monde, celui de la beauté.

À Tahiti, je dus attendre quinze jours un bateau pour la France. Je parlai aussi peu que possible de mon atoll et de Taratonga. Je ne voulais pas que l'ombre de quelque main commerçante vint se jeter sur mon paradis. Mais le propriétaire de l'hôtel où j'étais descendu connaissait bien l'île et Taratonga.

– C'est une fille assez sensationnelle, me dit-il un soir.

Je gardai le silence. Je trouvai le mot « fille », appliqué à un des êtres les plus nobles que je connaisse, parfaitement outrageant.

– Elle vous a naturellement fait voir ses peintures ? demanda mon hôte.

Je me redressai.

– Pardon ?

– Elle fait de la peinture et assez bien, ma parole. Elle a passé trois ans aux Arts décoratifs à Paris, il y a une vingtaine d'années. Et lorsque les cours du coprah sont devenus ce que vous savez, avec les synthétiques, elle est revenue dans l'île. Elle fait des espèces d'imitations de Gauguin assez étonnantes. Elle a un contrat régulier avec l'Australie. Ils lui paient ses toiles vingt mille francs la pièce. Elle vit de ça… Qu'est-ce qu'il y a, mon vieux ? Ça ne va pas ?

– Ce n'est rien, bafouillai-je.

Je ne sais pas où je trouvai la force de me lever, de monter dans ma chambre et de me jeter sur le lit. Je demeurai là, prostré, saisi par un profond, un invincible dégoût. Une fois de plus, le monde m'avait trahi. Dans les grandes capitales comme dans le plus petit atoll du Pacifique, les calculs les plus sordides avilissent les âmes humaines. Il ne me restait vraiment qu'à me retirer dans une île déserte et à vivre seul avec moi-même si je voulais satisfaire mon lancinant besoin de pureté.

TENHO SEDE DE INOCÊNCIA

"Eu tinha sede de inocência.
Sentia uma necessidade de me evadir."

ROMAIN GARY

Quando, enfim, decidi deixar a civilização e seus falsos valores e me recolher em uma ilha do Pacífico, em um recife de corais, à beira de uma lagoa azul, o mais longe possível de um mundo mercenário inteiramente voltado aos bens materiais, eu o fiz por razões que surpreenderão somente aqueles de natureza verdadeiramente insensível.

Eu tinha sede de inocência. Sentia uma necessidade de me evadir dessa atmosfera de competição frenética e de disputa pelo lucro em que a ausência de escrúpulos se tornou a regra e onde, para uma natureza um pouco delicada e uma alma de artista como a minha, se tornava cada vez mais difícil obter alguns confortos materiais indispensáveis à paz de espírito.

Sim, era sobretudo de altruísmo que precisava. Todos aqueles que me conhecessem sabem o valor que dou a essa qualidade, a primeira e talvez mesmo a única que exijo de meus amigos. Sonhava estar rodeado de seres simples e prestativos, de um coração completamente incapaz de ganâncias sórdidas, aos quais poderia tudo pedir, retribuindo-lhes com a minha amizade, sem temer que alguma ponderação mesquinha de interesse viesse interferir em nossas relações.

Resolvi, então, os poucos negócios pessoais que administrava e cheguei ao Taiti no começo do verão.

Fiquei decepcionado com Papeete[1].

[1] Situada no Taiti, capital da Polinésia Francesa. (n.t.)

A cidade era charmosa, mas a civilização se deixava perceber por todo parte, tudo tinha um preço, um salário, onde um empregado era um assalariado e não um amigo e esperava ser pago no final do mês, e assim, a expressão "ganhar a vida" voltava com uma insistência dolorosa e, como eu disse, o dinheiro era uma das coisas de que havia decidido ficar o mais longe possível.

Decidi, então, ir viver em uma pequena ilha perdida das Marquesas[2], Taratora, que escolhi ao acaso no mapa, e onde o barco da frota Pérolas da Oceania ancorava três vezes por ano.

Assim que pus os pés na ilha, senti, enfim, que meus sonhos estavam prestes a ser realizar.

Toda beleza mil vezes descrita da paisagem da Polinésia, mas ainda assim impactante quando vista finalmente pelos próprios olhos, se oferecia a mim logo que pisei pela primeira vez na praia: a inclinação vertiginosa das palmeiras da montanha até o mar, a paz ociosa de uma lagoa que os arrecifes cercaram com sua proteção, a pequena aldeia de bangalôs cuja própria leveza parecia indicar uma ausência de toda preocupação e de onde já corria para mim, de braços abertos, uma população que, senti imediatamente, se poderia conseguiria tudo pela gentileza e amizade.

Afinal, como sempre acontece comigo, é sobretudo à qualidade dos seres humanos que sou mais sensível.

Encontrei ali a pé uma população de algumas centenas de cabeças que nenhuma das considerações do nosso capitalismo mesquinho parecia haver tocado e que era a tal ponto indiferente ao lucro que pude me instalar no melhor bangalô da aldeia e me cercar de todas as necessidades imediatas da existência: ter o meu pescador, meu jardineiro, meu cozinheiro, tudo isso sem gastar um centavo, na base da mais simples e tocante amizade e fraternidade e no respeito mútuo.

Devia tudo isso à pureza de alma dos habitantes, à sua maravilhosa candura, mas também à benevolência particular para comigo de Taratonga.

Taratonga era uma mulher de aproximadamente cinquenta anos, filha de um chefe cuja autoridade se estendeu outrora por mais de vinte ilhas do arquipélago. Ela era cercada de um amor filial pela população da ilha e, desde a minha chegada, empreguei todos os esforços para garantir sua amizade. Fiz isso com muita naturalidade, sem tentar me mostrar diferente do que sou, mas, ao contrário, abrindo-lhe minha alma. Expliquei-lhe as razões que me

[2] O arquipélago das Ilhas Marquesas é um dos cinco que integram a Polinésia Francesa. (n.t.)

levaram a vir para sua ilha, meu horror pelo vil mercantilismo e pelo materialismo sórdido, minha necessidade pungente de redescobrir essas qualidades do desinteresse e da inocência fora das quais não há sobrevivência possível para o humano, e lhe confiei minha alegria e minha gratidão por ter finalmente encontrado tudo isso junto do seu povo. Taratonga me disse que me compreendia perfeitamente e que ela mesma só tinha um objetivo na vida: impedir que o dinheiro corrompesse a alma dos seus. Entendi a alusão e assegurei-a solenemente que nem um centavo sairia do meu bolso durante toda minha estadia em Taratora. Voltei para casa e, durante as semanas que se seguiram, fiz o possível para observar a recomendação que me foi dada tão discretamente. Até mesmo peguei todo o dinheiro que tinha e o enterrei em um canto da minha cabana.

Estava na ilha há três meses, quando um dia um menino me trouxe um presente daquela que agora eu poderia chamar de minha amiga Taratonga.

Era um bolo de nozes, que ela mesma tinha preparado para mim, mas o que me chamou a atenção imediatamente foi o pano em que o bolo estava embrulhado.

Era um pano de saco grosseiro, mas pintado com cores estranhas, que me lembravam vagamente alguma coisa; e, à primeira vista, não soube o quê.

Examinei o pano mais atentamente e meu coração deu um salto tremendo em meu peito.

Tive que me sentar.

Peguei o pano no colo e o desenrolei cuidadosamente. Era um retângulo de cinquenta por trinta centímetros e a tinta estava craquelada e meio apagada em algumas partes.

Fiquei assim por um momento, olhando incrédula e fixamente para o pano.

Mas não havia qualquer dúvida.

Tinha diante de mim uma tela de Gauguin.

Não sou um grande perito em matéria de pinturas, mas hoje existem nomes que todos podem reconhecer sem hesitar. Com as mãos trêmulas, abri o pano mais uma vez e me inclinei sobre ele. Representava um pequeno canto da montanha taitiana e banhistas à beira de uma fonte, e as cores, as silhuetas e o próprio tema eram tão reconhecíveis que, apesar do mau estado do pano, era impossível se enganar a respeito.

Senti, à direita, do lado do fígado, aquela pontada dolorosa que, comigo, se segue sempre aos grandes arroubos do coração.

Uma obra de Gauguin, nessa pequena ilha perdida! E Taratonga que se serviu de uma para embrulhar seu bolo! Uma pintura que, vendida em Paris, deveria valer cinco milhões! Quantos outros panos teria ela usado dessa forma para fazer pacotes ou tapar buracos? Que perda prodigiosa para a humanidade!

Levantei-me de um salto e corri até o bangalô de Taratonga para agradecê-la pelo bolo.

Encontrei-a fumando seu cachimbo na frente de sua casa, que dava para a lagoa. Era uma mulher forte, de cabelos grisalhos, e apesar dos seios nus, conservava, mesmo assim, uma dignidade admirável.

– Taratonga – eu disse –, comi seu bolo. Era excelente. Obrigado.

Ela pareceu contente.

– Vou fazer outro para você hoje.

Abri a boca, mas não disse nada. Era o momento de ter cautela. Eu não tinha o direito de dar a essa majestosa mulher a impressão de que era uma selvagem que usava obras de arte de um dos maiores gênios do mundo para fazer pacotes. Confesso que sofro de uma sensibilidade excessiva, mas tinha que evitar isso a todo custo.

Mesmo correndo o risco de receber outro bolo embrulhado em uma tela de Gauguin, deveria me calar. A única coisa que não tem preço é a amizade.

Então, voltei para minha cabana e esperei.

À tarde, o bolo chegou, embrulhado em outra tela de Gauguin. Estava em um estado ainda mais lamentável que a anterior. E até mesmo parecia que alguém havia raspado a tela com uma faca. Quase corri até a casa de Taratonga. Mas me contive. Era preciso agir com prudência. No dia seguinte, fui vê-la e lhe disse com simplicidade que seu bolo era a melhor coisa que eu já tinha comido.

Ela sorriu com indulgência e encheu seu cachimbo.

Ao longo dos oito dias seguintes, recebi de Taratonga três bolos embrulhados em três telas de Gauguin. Eu vivia horas extraordinárias. Minha alma cantava – não havia outra palavra para descrever as horas de intensa emoção artística que estava vivendo.

Em seguida, o bolo continuou a chegar, mas sem embrulho.

Perdi completamente o sono. Não haveria mais telas, ou então Taratonga tinha simplesmente esquecido de embrulhar o bolo? Eu me sentia magoado e até mesmo ligeiramente indignado. É preciso reconhecer que, apesar de todas

as suas qualidades, os nativos de Taratora têm igualmente alguns graves defeitos, incluindo uma certa leviandade, que faz com que não se possa nunca contar com eles completamente. Tomei alguns tranquilizantes para me acalmar e tentei achar um modo de falar com Taratonga sem chamar sua atenção sobre sua ignorância. Finalmente, optei pela franqueza. Voltei até a casa de minha amiga.

– Taratonga – eu disse –, você me mandou bolos várias vezes. Eram excelentes. E estavam, aliás, embrulhados em panos pintados que me interessaram profundamente. Gosto de cores alegres. Onde você os conseguiu? Você tem outros?

– Ah! Isso... – disse Taratonga com indiferença. – Meu avô tinha um monte deles.

– Um... monte? – gaguejei.

– Sim, ele os ganhou de um francês que morou na ilha e que se divertia assim, cobrindo panos de saco com cores. Devo ainda ter alguns.

– Muitos? – murmurei.

– Ah! Não sei. Você pode vê-los. Venha.

Ela me levou a um celeiro cheio de peixes secos e copra. No chão, cobertas de areia, havia uma dúzia de telas de Gauguin. Estavam todas pintadas em sacos e muito mal conservadas, mas havia várias que ainda estavam em boas condições. Eu estava pálido e mal me segurava em pé. "Meu Deus, pensava eu ainda, que perda irreparável para a humanidade, se eu não tivesse passado por aqui!" Isso deveria valer uns trinta milhões...

– Você pode pegá-los, se quiser – disse Taratonga.

Um combate terrível tomou conta da minha alma. Eu sabia do desinteresse desses seres maravilhosos e não queria trazer para a ilha, para o espírito de seus habitantes, essas noções mercantis de preço e de valor que já tinham sido o fim de tantos paraísos terrestres. Mas todos os preconceitos de nossa civilização, que eu ainda mantinha firmemente ancorados em mim, me impediam de aceitar tal presente sem oferecer nada em troca. Em um gesto súbito, tirei do meu pulso o magnífico relógio de ouro que tinha e o dei à Taratonga.

– Deixe-me lhe dar em retribuição um presente – implorei a ela.

– Não temos necessidade disso aqui para saber as horas – disse. – Basta que olhemos o sol.

Então, tomei uma decisão penosa.

– Taratonga – eu disse –, infelizmente tenho que voltar para a França. Razões humanitárias me ordenam. Justamente, o barco chega em oito dias e vou deixá-los. Aceito seu presente. Mas com a condição de que você me permita fazer alguma coisa por você e pelos seus. Tenho um pouco de dinheiro. Ah! Muito pouco. Permita-me deixá-lo com você. Vocês precisam, ainda assim, de ferramentas e medicamentos.

– Como quiser – disse ela com indiferença.

Entreguei sete mil francos para minha amiga. Em seguida, recolhi as telas e corri para meu bangalô. Tive uma semana de inquietude esperando o barco. Eu não sabia o que temia ao certo. Mas tinha pressa de partir de lá. O que caracteriza certas naturezas artísticas é que a contemplação egoísta da beleza não lhes é suficiente, sentem no mais alto grau a necessidade de dividir essa alegria com seus semelhantes. Tinha pressa de voltar para a França, de ir até os *marchands* para oferecer meus tesouros. Havia nisso uma centena de milhões. A única coisa que me irritava era que o Estado iria certamente recolher de trinta a quarenta por cento do preço obtido. Pois tal é a usurpação por nossa civilização do domínio mais privado do mundo, o da beleza.

No Taiti, tive que esperar quinze dias por um barco para a França. Falava o menos possível do meu atol e de Taratonga. Eu não queria que sequer a sombra de alguma mão comerciante se atirasse sobre meu paraíso. Mas o proprietário do hotel onde estava hospedado conhecia bem a ilha de Taratonga.

– É uma moça muito impressionante – disse-me ele uma noite.

Fiquei calado. Achava a palavra “moça”, usada para se referir a um dos seres mais nobres que conheci, totalmente ultrajante.

– Naturalmente, ela mostrou para você as pinturas? – perguntou meu anfitrião.

Eu me endireitei.

– Como?

– Ela pinta e muito bem, pode acreditar. Ela passou três anos na Escola Nacional de Artes Decorativas em Paris, há mais ou menos vinte anos atrás. E quando os preços da copra mudaram, como você sabe, com os sintéticos, ela voltou para a ilha. Ela faz algumas imitações de Gauguin muito admiráveis. Ela tem um contrato regular com a Austrália. Eles lhe pagam vinte mil francos por cada tela. Ela vive disso... O que houve, meu velho? Tudo bem?

– Não é nada – balbuciei.

Não sei onde encontrei forças para me levantar, ir para o meu quarto e me jogar na cama. Fiquei lá, prostrado, tomado por um desgosto profundo e invencível. Mais uma vez, o mundo havia me traído. Tanto nas grandes capitais quanto no menor atol do Pacífico, as ganâncias mais sórdidas aviltam as almas humanas. Restava-me apenas me recolher em uma ilha deserta e viver sozinho comigo mesmo se quisesse satisfazer minha lancinante necessidade de pureza.

A ARANHA-CARANGUEJO

ERCKMANN-CHATRIAN

O TEXTO: O conto "L'araignée-crabe" ("A aranha-caranguejo") integra a coletânea *Contes fantastiques*, da dupla francesa Erckmann-Chatrian, publicada em 1860. Em meio a cenários selvagens e bucólicos, muitas vezes descrevendo as regiões fronteiriças entre a França e a Alemanha e o povo local, o fantástico e o inesperado ganham vida neste conto que inicia narrando a sossegada vida de um vilarejo, famoso por suas águas termais curativas, mas que logo se vê abalado por misteriosas aparições de esqueletos e cadáveres, dando início a uma sequência de episódios macabros que revelam uma realidade inquietante.

Texto traduzido: Erckmann-Chatrian. "L'araignée-crabe". In. *Contes fantastiques*. Paris: L. Hachette et Cie., 1860, pp. 339-361.

OS AUTORES: Erckmann-Chatrian é o pseudônimo adotado por dois escritores franceses: Émile Erckmann (1822-1899) e Alexandre Chatrian (1826-1890). Ambos nasceram no departamento de Meurthe (atual Mosela), mas se conheceram apenas em 1847. Embora também tenham escrito sob seus respectivos nomes, por mais de três décadas publicaram em conjunto romances históricos, nos quais teciam críticas ao regime monárquico bonapartista, além de dezenas de contos de teor fantástico, peças teatrais e ensaios filosóficos. Em suas obras, o realismo rústico, influenciado pelos contadores de histórias da Floresta Negra germânica, se transfigura em uma espécie de épico popular.

O TRADUTOR: André Luís Berndt é mestre em Estudos da Tradução pela PGET/UFSC e bacharel em Letras – Língua Francesa e Literaturas de Língua Francesa pela mesma instituição. Atua como pesquisador e tradutor de textos literários franceses, com ênfase em autoras do século XVII pouco difundidas no Brasil, como Madeleine de Scudéry e Mademoiselle de La Force.

L'ARAIGNÉE-CRABE

"Elle est là... blottie dans sa toile...
et guettant sa proie du fond de la caverne !"

ERCKMANN-CHATRIAN

Les eaux thermales de Spinbronn, situées dans le Hundsrück, à quelques lieues de Pirmesens, jouissaient autrefois d'une magnifique réputation. Tous les goutteux, tous les graveleux de l'Allemagne s'y donnaient rendez-vous ; l'aspect sauvage du pays ne les rebutait pas. On se logeait dans de jolies maisonnettes au fond du défilé ; on se baignait dans la cascade, qui tombe en larges nappes d'écume de la cime des rochers ; on buvait une ou deux carafes d'eau minérale par jour, et le docteur de l'endroit, Daniel Hâselnoss, qui distribuait ses ordonnances en grande perruque et habit marron, faisait d'excellentes affaires.

Aujourd'hui, les eaux de Spinbronn ne figurent plus au *Codex* ; on ne voit plus, dans ce pauvre village, que de misérables bûcherons, et, chose triste à dire, le docteur Hâselnoss est parti !

Tout cela résulte d'une suite de catastrophes fort étranges, que le conseiller Brêmer de Pirmesens me racontait l'autre soir.

*

– Vous saurez, maître Frantz, me dit-il, que la source de Spinbronn sort d'une espèce de caverne, haute d'environ cinq pieds et large de douze à quinze ; l'eau a soixante-sept degrés centigrades de chaleur... elle est saline. Quant à la caverne, toute couverte au dehors de mousse, de lierre et de broussailles, on n'en connaît pas la profondeur, attendu que les exhalaisons thermales empêchent d'y pénétrer.

» Cependant, chose singulière, on avait remarqué, dès le siècle dernier, que des oiseaux des environs, des grives, des tourterelles, des éperviers, s'y engouffraient à plein vol, et l'on ne savait à quelle influence mystérieuse attribuer cette particularité.

» En 1801, à la saison des eaux, par une circonstance encore inexpliquée, la source devint plus abondante, et les baigneurs qui se promenaient au bas, sur la pelouse, virent tomber de la cascade un squelette humain blanc comme la neige.

» Vous jugez, maître Frantz, de l'effroi général ; on crut naturellement qu'un meurtre avait été commis les années précédentes à Spinbronn, et qu'on avait jeté le corps de la victime dans la source... Mais le squelette ne pesait pas plus de douze livres, et Hâselnoss en conclut qu'il devait avoir séjourné dans le sable plus de trois siècles, pour être réduit à cet état de dessiccation.

» Ce raisonnement, très-plausible, n'empêcha pas une foule de baigneurs, désolés d'avoir bu de l'eau saline, de partir avant la fin du jour ; les plus véritablement goutteux et graveleux se consolèrent... Mais la débâcle continuant, tout ce que la caverne renfermait de débris, de limon et de détritus fut dégorgé les jours suivants ; un véritable ossuaire descendit de la montagne : des squelettes d'animaux de toute sorte... de quadrupèdes, d'oiseaux, de reptiles... bref, tout ce qui se pouvait concevoir de plus horrible.

» Hâselnoss fit paraître aussitôt un opuscule, pour démontrer que tous ces ossements provenaient d'un monde antédiluvien ; que c'étaient des ossements fossiles accumulés là dans une sorte d'entonnoir pendant le déluge universel... c'est-à-dire quatre mille ans avant le Christ, et que, par conséquent, on pouvait les considérer comme de véritables pierres, et qu'il ne fallait pas s'en dégoûter... Mais son ouvrage avait à peine rassuré les goutteux, qu'un beau matin, le cadavre d'un renard, puis celui d'un épervier avec toutes ses plumes, tombèrent de la cascade.

» Impossible de soutenir que ces restes étaient antérieurs au déluge... Aussi le dégoût fut-il si grand, que chacun s'empressa de faire son paquet et d'aller prendre les eaux ailleurs. « Quelle infamie ! s'écriaient les belles dames... Quelle horreur !... Voilà d'où provenait la vertu de ces eaux minérales... Ah ! plutôt périr de la gravelle, que de continuer un tel remède ! »

» Au bout de huit jours, il ne restait plus à Spinbronn qu'un gros Anglais, à la fois chiragre et podagre, qui se faisait appeler sir Thomas Hawerburch, commodore... et qui menait grand train selon l'habitude des sujets britanniques en pays étranger.

» Ce personnage, gros et gras, le teint fleuri, mais les mains littéralement nouées par la goutte, aurait bu du bouillon de squelette pour se guérir de son infirmité. Il rit beaucoup de la désertion des autres malades et s'installa dans le plus joli chalet, à mi-côte, annonçant le dessein de passer l'hiver à Spinbronn. »

Ici le conseiller Brêmer absorba lentement une ample prise de tabac, comme pour ranimer ses souvenirs ; il secoua du bout des ongles son jabot de fines dentelles, et poursuivit :

– Cinq ou six ans avant la révolution de 1789, un jeune médecin de Pirmesens, nommé Christian Weber, était parti pour Saint-Domingue dans l'espoir d'y faire fortune. Il avait effectivement amassé quelque cent mille livres dans l'exercice de sa profession, lorsque la révolte des nègres éclata.

» Je n'ai pas besoin de vous rappeler les traitements barbares que subirent nos malheureux compatriotes à Haïti. Le docteur Weber eut le bonheur d'échapper au massacre et de sauver une partie de sa fortune. Il voyagea dès lors dans l'Amérique du Sud et notamment dans la Guyane française. En 1801, il revint à Pirmesens et fut s'établir à Spinbronn, où le docteur Hâselnoss lui céda sa maison et sa clientèle défunte.

» Christian Weber amenait avec lui une vieille négresse appelée Agathe : une affreuse créature, le nez épaté, les lèvres grosses comme le poing, la tête enveloppée d'un triple étage de foulards aux couleurs tranchantes. Cette pauvre vieille adorait le rouge ; elle avait des boucles d'oreilles en anneaux qui lui tombaient jusque sur les épaules, et les montagnards du Hundsrück venaient la contempler de six lieues à la ronde.

» Quant au docteur Weber, c'était un homme grand, sec, invariablement vêtu d'un habit bleu de ciel à queue de morue et de culottes de peau de daim. Il portait un chapeau de paille flexible et des bottes à retroussis jaune clair, sur le devant desquelles pendaient deux glands d'argent.

» Il causait peu ; son rire avait quelque chose du tic nerveux, et ses yeux gris, d'habitude calmes et méditatifs, brillaient d'un éclat singulier à la moindre apparence de contradiction. Chaque matin, il faisait un tour de promenade dans la montagne, laissant aller son cheval à l'aventure et sifflotant, toujours sur le même ton, je ne sais quel air de chanson nègre. Enfin, cet original avait rapporté de Haïti une quantité de cartons pleins d'insectes bizarres... les uns noirs et mordorés, gros comme des œufs ; les autres petits et scintillants comme des étincelles. Il semblait y tenir beaucoup plus qu'à ses malades, et, de temps en temps, en revenant de ses promenades, il rapportait quelques papillons piqués sur la coiffe de son chapeau.

» A peine établi dans la vaste maison de Hâselnoss, il en peupla la basse-cour d'oiseaux étrangers, d'oies de Barbarie aux joues écarlates, de pintades, et d'un paon blanc, perché d'habitude sur le mur du jardin, et qui partageait, avec la négresse, l'admiration des montagnards.

» Si j'entre dans ces détails, maître Frantz, c'est qu'ils me rappellent ma première jeunesse ; le docteur Christian se trouvait être à la fois mon cousin et mon tuteur, et dès son retour en Allemagne, il était venu me prendre et m'installer chez lui à Spinbronn. La noire Agathe m'inspira bien d'abord quelque frayeur, je ne pus me faire que difficilement à sa physionomie hétéroclite ; mais elle était si bonne femme, elle savait si bien confectionner les pâtes aux épices, elle fredonnait de sa voix gutturale de si étranges chansonnettes en faisant claquer ses doigts, et levant tour à tour ses grosses jambes en cadence, que je finis par la prendre en bonne amitié.

» Le docteur Weber, s'était naturellement lié avec sir Thomas Hawerburch, lequel représentait à lui seul le plus clair de sa clientèle, et je ne tardai pas à m'apercevoir que ces deux originaux avaient ensemble de longs conciliabules. Ils s'entretenaient de choses mystérieuses, de transmissions de fluides et se livraient à de certains gestes bizarres, qu'ils avaient observés l'un et l'autre dans leurs voyages : sir Thomas en Orient et mon tuteur en Amérique. Cela m'intriguait beaucoup. Comme il arrive aux enfants, j'étais toujours à l'affût de ce que l'on paraissait vouloir me cacher ; mais désespérant à la fin de rien découvrir, je pris le parti d'interroger Agathe, et la pauvre vieille, après m'avoir fait promettre de n'en rien dire, m'avoua que mon tuteur était sorcier.

» Du reste, le docteur Weber exerçait une influence singulière sur l'esprit de la négresse, et cette femme, d'habitude si gaie et toujours prête à s'amuser d'un rien, tremblait comme une feuille, quand par hasard les yeux gris de son maître s'arrêtaient sur elle.

» Tout ceci, maître Frantz, ne semble avoir aucun rapport avec les sources de Spinbronn... Mais attendez, attendez... vous verrez par quel singulier concours de circonstances mon histoire s'y rapporte.

» Je vous ai dit que des oiseaux s'élançaient dans la caverne, et même d'autres animaux plus grands. Après le départ définitif des baigneurs, quelques vieux habitants du village se rappelèrent qu'une jeune fille nommée Loïsa Müller, qui habitait avec sa vieille grand-mère infirme, une maisonnette au versant de la côte, avait disparu subitement, il y avait de cela une cinquantaine d'années. Elle était partie un matin pour chercher de l'herbe dans la forêt, et depuis on n'avait plus eu de ses nouvelles... Seulement, trois

ou quatre jours plus tard, des bûcherons qui descendaient de la montagne avaient trouvé sa faucille et son tablier à quelques pas de la caverne.

» Dès lors il fut évident pour tout le monde que le squelette tombé de la cascade, et sur lequel Hâselnoss avait fait de si belles phrases, n'était autre que celui de Loïsa Müller... La pauvre jeune fille avait sans doute été attirée dans le gouffre, par l'influence mystérieuse que subissaient presque journellement des êtres plus faibles !

» Cette influence, quelle était-elle? Nul ne le savait. Mais les habitants de Spinbronn, superstitieux comme tous les montagnards, prétendirent que le diable habitait la caverne, et la terreur se répandit dans les environs.

» Or, une après-midi du mois de juillet 1802, mon cousin opérait un nouveau classement de ses insectes dans ses cartons. Il en avait pris plusieurs d'assez curieux la veille. J'étais près de lui, tenant d'une main la bougie allumée, et de l'autre l'aiguille que je faisais rougir.

» Sir Thomas, assis, la chaise renversée contre le bord d'une fenêtre, les pieds sur un tabouret, nous regardait faire et fumait un cigare d'un air rêveur.

» J'étais fort bien avec sir Thomas Hawerburch, et je l'accompagnais chaque jour au bois dans sa calèche... Il se plaisait à m'entendre bavarder en anglais, et voulait faire de moi, disait-il, un véritable gentleman.

» Quand il eut étiqueté tous ses papillons, le docteur Weber ouvrit enfin la boîte de ses plus gros insectes, et dit : « J'ai pris hier un magnifique cerf-volant, le grand *lucanus cervus* des chênes du Hartz. Il a cette particularité que la serre droite se bifurque en cinq branches... C'est un sujet rare. »

» En même temps, je lui présentai l'aiguille, et comme il perçait l'insecte avant de le fixer sur le liège, sir Thomas, jusqu'alors impassible, se leva, et, s'approchant d'un carton, il se prit à considérer l'*araignée crabe* de la Guyane, avec un sentiment d'horreur qui se peignait d'une manière frappante sur sa grosse figure vermeille. « Voilà bien, s'écria-t-il, l'œuvre la plus affreuse de la création... Rien qu'à la voir... je me sens frémir ! »

» En effet, une pâleur subite se répandit sur sa face. « Bah ! dit mon tuteur, tout cela n'est que préjugé d'enfance. On a entendu crier sa nourrice, on a eu peur, et l'impression vous est restée. Mais si vous considériez l'araignée avec un fort microscope, vous seriez émerveillé du fini de ses organes, de leur disposition admirable, de leur élégance même. – Elle me dégoûte, interrompit le commodore brusquement... pouah ! »

» Il s'était retourné sur les talons : « Oh ! je ne sais pourquoi, fit-il, l'araignée m'a toujours glacé le sang ! »

» Le docteur Weber se prit à rire, et moi, qui partageais le sentiment de sir Thomas, je m'écriai : « Oui, cousin, vous devriez sortir de la boîte cette vilaine bête... elle est dégoûtante... elle dépare toutes les autres... – Petit animal, me dit-il, tandis que ses yeux scintillaient, qui vous force de la regarder ? Si cela ne vous plaît pas, allez vous promener ailleurs. »

» Évidemment, il se fâchait ; et sir Thomas, qui se trouvait alors devant la fenêtre à contempler la montagne, se tournant tout à coup, vint me prendre par la main, et me dit d'un accent plein de bonté : « Votre tuteur, Frantz, tient à son araignée... Nous aimons mieux les arbres. la verdure... Allons faire un tour de promenade. – Oui, allez, s'écria le docteur, et revenez pour le souper, à six heures. »

» Puis élevant la voix : « Sans rancune, sir Hawerburch. »

» Le commodore se retourna en riant, et nous montâmes dans sa voiture, qui l'attendait comme d'habitude devant la porte de la maison.

» Sir Thomas voulut conduire lui-même et congédia son domestique. Il me fit prendre place près de lui sur le même siège, et nous partîmes pour Rothalps.

» Pendant que la voiture montait lentement le sentier sablonneux, une tristesse invincible s'empara de mon âme. Sir Thomas, de son côté, était grave. Il s'aperçut de ma tristesse et me dit : « Vous n'aimez pas les araignées, Frantz, ni moi non plus. Mais, grâce au ciel, il n'y en a pas de dangereuses dans ce pays. L'*araignée crabe* que votre tuteur a dans sa boîte vient de la Guyane française. Elle habite les grandes forêts marécageuses constamment remplies de vapeurs chaudes, d'exhalaisons brûlantes ; il lui faut cette température pour vivre. Sa toile, ou pour mieux dire son vaste épervier, enveloppe tout un fourré. Elle y prend des oiseaux, comme nos araignées prennent des mouches. Mais chassez de votre esprit ces dégoûtantes images, et buvez un coup de mon vieux bourgogne. »

» Alors se retournant, il souleva le couvercle de la seconde banquette, et retira de la paille une sorte de gourde, dont il me versa dans un gobelet de cuir une pleine rasade.

» Quand j'eus bu, toute ma bonne humeur revint et je me pris à rire de ma frayeur.

» La voiture, attelée d'un petit cheval des Ardennes maigre et nerveux comme une chèvre, grimpait le sentier presque à pic. Des milliards d'insectes

bourdonnaient dans les bruyères. A notre droite, à cent pas au plus, s'étendait au-dessus de nous la lisière sombre des forêts du Rothalps, dont les profondeurs ténébreuses, pleines de ronces et d'herbes folles, laissaient voir de loin en loin quelques éclaircies inondées de lumière. A notre gauche, tombait le ruisseau de Spinbronn, et, plus nous montions, plus les nappes argentées flottant dans l'abîme se teignaient d'azur, et redoublaient leur bruit de cymbales.

» J'étais captivé par ce spectacle. Sir Thomas, renversé sur le siège, les genoux à la hauteur du menton, s'abandonnait à ses rêveries habituelles, tandis que le cheval, travaillant des pieds et penchant la tête sur le poitrail, pour faire contrepoids à la voiture, nous suspendait en quelque sorte au flanc du roc. Bientôt cependant nous atteignîmes une pente moins rapide : le pâquis des Chevreuils entouré d'ombres tremblotantes... J'avais eu toujours la tête tournée et les yeux perdus dans l'immense perspective. A l'apparition des ombres, je me retournai et nous vis à cent pas de la caverne de Spinbronn. Les broussailles environnantes étaient d'un vert magnifique, et la source qui, avant de tomber du plateau, s'étend sur un lit de sable et de cailloux noirs, était si limpide qu'on l'aurait crue glacée, si de pâles vapeurs n'eussent couvert sa surface.

» Le cheval venait de s'arrêter de lui-même pour respirer ; sir Thomas, se levant, promena quelques secondes ses regards sur le paysage : « Comme tout est calme », dit-il.

» Puis après un instant de silence : « Si vous n'étiez pas là, Frantz, je me baignerais volontiers dans le bassin. – Mais, commodore, lui dis-je, pourquoi ne vous baigneriez-vous pas ? Je puis très-bien aller faire un petit tour aux environs... Il y a sur la montagne voisine un grand pâquis tout plein de fraises... Je vais en cueillir un bouquet... Dans une heure, je serai de retour. – Hé ! je veux bien, Frantz... c'est une bonne idée... Le docteur Weber, prétend que je bois trop de bourgogne... Il faut combattre le vin par l'eau minérale... Ce petit lit de sable me plaît. »

» Alors, ayant mis tous deux pieds à terre, il attacha le cheval au tronc d'un petit bouleau et me salua de la main comme pour me dire : « Vous pouvez partir. »

» Je le vis s'asseoir sur la mousse et tirer ses bottes... Comme je m'éloignais, il se retourna en me criant : « Dans une heure, Frantz ! »

» Ce furent ses dernières paroles.

» Une heure après je revenais à la source. Le cheval, la voiture et les habits de sir Thomas s'offrirent seuls à mes regards. Le soleil baissait. Les ombres

s'allongeaient. Pas une chanson d'oiseau sous le feuillage... pas un bruissement d'insecte dans les hautes herbes... Un silence de mort planait sur la solitude ! Ce silence m'effraya... Je montai sur le rocher qui domine la caverne ; je regardai à droite et à gauche... Personne ! J'appelai... Pas de réponse ! Le bruit de ma voix, répété par les échos me faisait peur... La nuit tombait lentement... Une angoisse indéfinissable m'oppressait... Tout à coup l'histoire de la jeune fille disparue me revint à l'esprit ; et je me pris à descendre en courant ; mais, arrivé devant la caverne, je m'arrêtai saisi d'une terreur inexprimable : en jetant un regard dans l'ombre noire de la source, je venais de découvrir deux points rouges immobiles... puis de grandes lignes s'agitant d'une façon bizarre au milieu des ténèbres, et cela à une profondeur où peut-être nul œil humain n'avait encore pénétré. La peur donnait à ma vue, à tous mes organes une subtilité de perception inouïe. Pendant quelques secondes, j'entendis très-distinctement une cigale entonner sa complainte du soir sur la lisière du bois, un chien aboyer au loin, bien loin, dans la vallée... Puis mon cœur, un instant comprimé par l'émotion, se prit à battre avec fureur et je n'entendis plus rien !

» Alors, poussant un cri horrible, je m'enfuis, abandonnant le cheval... la voiture... En moins de vingt minutes, bondissant par-dessus les rochers, les broussailles, j'avais atteint le seuil de notre maison, et je criais d'une voix étouffée : « Courez!... courez!... sir Hawerburch est mort!... sir Hawerburch est dans la caverne!... »

» Après ces mots, prononcés en présence de mon tuteur, de la vieille Agathe et de deux ou trois personnes invitées ce soir-là par le docteur, je m'évanouis. J'ai su depuis que pendant une heure j'avais eu le délire.

» Tout le village était parti à la recherche du commodore... Christian Weber les avait entraînés... A dix heures du soir, toute cette foule revenait, ramenant la voiture, et sur la voiture les habits de sir Hawerburch. Ils n'avaient rien découvert... Impossible de faire dix pas dans la caverne sans être suffoqué.

» Pendant leur absence, Agathe et moi nous étions restés assis dans l'angle de la cheminée... Moi, bégayant de terreur des mots incohérents ; elle, les mains croisées sur les genoux, les yeux tout grands ouverts, allant de temps en temps à la fenêtre pour voir ce qui se passait, car on voyait du pied de la montagne les flambeaux courir par les bois... On entendait les voix rauques, lointaines, s'appeler l'une l'autre dans la nuit.

» A l'approche de son maître, Agathe se prit à trembler. Le docteur entra brusquement... pâle... les lèvres serrées... le désespoir empreint sur la face...

Une vingtaine de bûcherons le suivaient en tumulte, avec leurs grands feutres à larges bords... leurs figures hâlées... agitant les débris de leurs torches. A peine dans la salle, les yeux étincelants de mon tuteur semblèrent chercher quelque chose... il aperçut la négresse, et sans qu'un mot eût été échangé entre eux, la pauvre femme se prit à crier : « Non ! non ! je ne veux pas ! – Et moi ! je veux ! » répliqua le docteur d'un accent dur.

» On eût dit que la négresse venait d'être saisie par une puissance invincible. Elle frissonna des pieds à la tête, et Christian Weber lui désignant un siège, elle s'y assit avec la rigidité cadavérique.

» Tous les assistants, témoins de ce spectacle épouvantable, bonnes gens aux mœurs primitives et grossières, mais pleins de sentiments pieux, se signèrent, et moi qui ne connaissais pas alors, même de nom, la terrible puissance magnétique de la volonté, je me pris à trembler, croyant qu'Agathe était morte.

» Christian Weber s'était approché de la négresse, et lui passant la main sur le front d'un geste rapide : « Y êtes-vous ? fit-il. – Oui, maître. – Sir Thomas Hawerburch ? »

» A ces mots, elle eut un nouveau tressaillement... « Le voyez-vous ? – Oui... oui... fit-elle d'une voix étranglée... Je le vois ! – Où est-il ? – Là-haut... au fond de la caverne... mort ! – Mort ! dit le docteur... Comment ? – L'araignée... Oh ! l'araignée crabe... Oh ! – Calmez votre agitation, fit le docteur tout pâle, dites-nous clairement... – L'araignée crabe le tient à la gorge... il est là... dans le fond... sous la roche... enveloppé de liens... Ah !... »

» Christian Weber promena un regard froid sur les assistants, qui, penchés en cercle, les yeux hors de la tête, écoutaient... et je l'entendis murmurer : « C'est horrible ! horrible !... »

Puis il reprit : « Vous le voyez ? – Je le vois... – Et l'araignée... est-elle grosse ? – Oh ! maître, jamais... jamais je n'en ai vu d'aussi grosse... ni sur les bords du Mocaris... ni dans les terres basses de Konanama... Elle est grosse comme ma tête !... »

» Il y eut un long silence. Tous les assistants se regardaient, la face livide, les cheveux hérissés. Christian Weber, seul, paraissait calme ; ayant passé plusieurs fois les mains sur le front de la négresse, il reprit : « Agathe, racontez-nous comment la mort a frappé sir Hawerburch. – Il se baignait dans le bassin de la source... L'araignée le voyait par derrière, le dos nu. Elle avait faim, depuis longtemps elle jeûnait ; elle le voyait, les bras sur l'eau. Tout à coup, elle sortit comme l'éclair, et planta ses griffes autour du cou du commodore, qui cria : « Oh ! oh ! mon Dieu ! » Elle le piqua et s'enfuit. Sir

Hawerburch s'affaissa dans l'eau et mourut. Alors, l'araignée revint et l'entoura de son filet, et elle nagea doucement, doucement, jusqu'au fond de la caverne. Elle tirait le fil. Maintenant il est tout noir. »

» Le docteur, se retournant vers moi, qui ne me sentais plus d'épouvante : « Est-il vrai, Frantz, que le commodore se soit baigné ? – Qui, cousin. – A quelle heure ? – A quatre heures. – A quatre heures... il faisait très-chaud, n'est-ce pas ? – Oh ! oui ! – C'est bien cela... fit-il en se frappant le front... Le monstre a pu sortir sans crainte... »

Il prononça quelques paroles inintelligibles, puis regardant les montagnards : « Mes amis, s'écria-t-il, voilà d'où provient cette masse de débris... de squelettes... qui a jeté l'épouvante parmi les baigneurs... Voilà ce qui vous a tous ruinés... c'est l'araignée crabe !... Elle est là... blottie dans sa toile... et guettant sa proie du fond de la caverne !... Qui pourrait dire le nombres de ses victimes ?... »

» Et plein d'une sorte de fureur, il sortit en criant : « Des fascines !... des fascines !... »

» Tous les bûcherons le suivirent en tumulte.

» Dix minutes après, deux grosses voitures chargées de fagots remontaient lentement la côte. Une longue file de bûcherons, les reins courbés, la hache sur l'épaule, les suivaient au milieu de la nuit sombre. Mon tuteur et moi nous marchions en avant, tenant les chevaux par la bride, et la lune mélancolique éclairait vaguement cette marche funèbre. De temps en temps, les roues grinçaient, puis les voitures, soulevées par les aspérités rocheuses du chemin, retombaient dans l'ornière avec de lourds cahots.

» À l'approche de la caverne, sur le pâquis des Chevreuils, notre cortège fit halte... Les torches furent allumées, et la foule s'avança vers le gouffre. L'eau limpide, coulant sur le sable, reflétait la flamme bleuâtre des torches résineuses, dont les rayons éclairaient la cime des noirs sapins penchés sur le roc. « C'est ici qu'il faut décharger, dit alors le docteur. Il faut combler l'entrée de la caverne. »

» Et ce ne fut pas sans un sentiment d'épouvante, que chacun se mit en devoir d'exécuter ses ordres. Les fagots tombaient du haut des chars. Quelques piquets, plantés au-dessous de l'ouverture de la source, empêchaient l'eau de les entraîner.

» Vers minuit, l'ouverture de la caverne était littéralement fermée. L'eau, sifflant au-dessous, s'enfuyait à droite et à gauche sur la mousse. Les fascines supérieures étaient parfaitement sèches ; alors le docteur Weber, s'emparant d'une torche, y mit lui-même le feu. Et la flamme courant de brindille en

brindille avec des pétillements de colère, s'élança bientôt vers le ciel, chassant devant elle des nuages de fumée.

» C'était un spectacle étrange et sauvage, que ces grands bois aux ombres tremblotantes éclairés de la sorte.

» La caverne dégorgeait une fumée noire qui ne cessait de se renouveler et d'en sortir. Tout autour, les bûcherons, sombres, immobiles, attendaient, les yeux fixés sur l'ouverture... et moi-même, bien que la peur me fît trembler des pieds à la tête, je ne pouvais en détacher mes regards.

» Il y avait bien un quart d'heure que nous attendions, et le docteur Weber commençait à s'impatienter, lorsqu'un objet noir... aux longues pattes crochues, apparut tout à coup dans l'ombre et se précipita vers l'ouverture...

» Un cri général retentit autour du bûcher.

» L'araignée, chassée par le brasier, rentra dans son antre... puis, sans doute étouffée par la fumée, elle revint à la charge et s'élança jusqu'au milieu de la flamme. Ses longues pennes se recoquillèrent... Elle était grosse comme ma tête, et d'un rouge violet... On aurait dit une vessie pleine de sang !...

» Un des bûcherons, craignant de la voir franchir le foyer, lui jeta sa hache et l'atteignit si bien, que le sang couvrit un instant le feu tout autour d'elle... Mais bientôt la flamme se ranima plus vive au-dessous et consuma l'horrible insecte !

*

» Tel est, maître Frantz, l'étrange événement qui a détruit la belle réputation dont jouissaient autrefois les eaux de Spinbronn. Je puis vous certifier l'exactitude scrupuleuse de mon récit... Mais quant à vous en donner l'explication, cela me serait impossible... Toutefois, permettez-moi de vous dire, qu'il ne me semble pas absurde d'admettre que des insectes, soumis à la température élevée de certaines eaux thermales, qui leur procurent les mêmes conditions d'existence et de développement que les climats brûlants de l'Afrique et de l'Amérique du Sud, puissent atteindre à des grosseurs fabuleuses... C'est même cette chaleur extrême, qui nous rend compte de l'exubérance inouïe de la création antédiluvienne !

» Quoi qu'il en soit, mon tuteur jugeant qu'il serait impossible, après cet événement, de ressusciter les eaux de Spinbronn, revendit la maison de Hâselnoss, pour retourner en Amérique avec sa négresse et ses collections. Moi, je fus mis en pension à Strasbourg, où je restai jusqu'en 1809.

» Les grands événements politiques de l'époque absorbant alors l'attention de l'Allemagne et de la France, le fait que je viens de vous raconter passa complètement inaperçu. »

A ARANHA-CARANGUEJO

"Ela está lá... aninhada em sua teia...
e observando sua presa do fundo da caverna!"

ERCKMANN-CHATRIAN

As águas termais de Spinbronn, localizadas em Hundsrück, a algumas léguas de Pirmasens, gozavam outrora de uma reputação considerável. Todos que tinham crise de gota ou a doença de Graves na Alemanha se dirigiam para lá; nem mesmo o aspecto selvagem da região os detinha. Ficavam hospedados em belos casebres de campo, ao final do desfiladeiro; tomavam banho na cachoeira, que caía desde o topo do penhasco, formando largos lençóis de espuma; bebiam uma ou duas jarras de água mineral por dia, e o médico local, Daniel Hâselnoss, que distribuía suas prescrições usando uma enorme peruca e um casaco marrom, fazia excelentes negócios.

Hoje, as águas de Spinbronn já não aparecem mais no *Códex*; nesse pobre vilarejo sobraram apenas míseros lenhadores e, coisa triste a se dizer, o médico Hâselnoss foi embora!

Tudo isso aconteceu após uma série de catástrofes muito estranhas, sobre as quais o conselheiro Brêmer de Pirmasens me contava certa noite.

*

– Você deve saber, mestre Frantz – dizia-me ele –, que a fonte de Spinbronn provém de uma espécie de caverna, tendo aproximadamente cinco pés de altura e doze de comprimento; a água, cuja temperatura se mantém em torno dos sessenta e sete graus centígrados, é salina. Quanto à caverna, por fora toda coberta de musgo, plantas trepadeiras e mato, não conhecemos sua profundidade, visto que as exalações termais não nos permitem penetrá-la.

Apesar disso, o fato curioso é que, desde o século passado, começou-se a observar que os pássaros dos arredores – tordos, rolas, falcões – eram ali engolfados em pleno voo, e não se sabia a que influência misteriosa atribuir tal particularidade.

Em 1801, durante a temporada das águas, por uma circunstância ainda sem explicação, a fonte se mostrou mais abundante, e os banhistas, que caminhavam na relva, viram cair da cachoeira um esqueleto humano, branco como a neve.

Você pode imaginar, mestre Frantz, o pânico geral. Acreditou-se, naturalmente, que algum assassinato havia sido cometido em Spinbronn nos últimos anos, e que haviam atirado o corpo da vítima na fonte... Mas o esqueleto não pesava mais que doze libras, e Hâselnoss chegou à conclusão de que ele devia ter permanecido mais de três séculos na areia para estar reduzido a tal estado de dessecação.

Essa hipótese, bem plausível, não impediu que uma multidão de banhistas, consternados por terem ingerido aquela água salina, partissem antes do final do dia; os que mais sofriam com crises de gota ou da doença de Graves consolaram-se uns aos outros... Mas o desastre prosseguiu, e tudo o que a caverna retinha de detritos, lodo e sujeira, foi expelido nos dias que se seguiram; um verdadeiro ossuário desceu da montanha: esqueletos de todo tipo de animal... de quadrúpedes, aves e répteis... em suma, tudo aquilo que podia existir de mais pavoroso.

Hâselnoss não tardou em divulgar um panfleto explicando que aquela ossada toda provinha de um período antediluviano; que eram fósseis acumulados ali em uma espécie de funil durante o dilúvio universal... isto é, quatro mil anos antes de Cristo, e que, portanto, poderiam ser considerados como verdadeiras pedras, e que não eram motivo de repulsa... Seu folheto fora o suficiente para tranquilizar os pacientes com gota, entretanto, em uma bela manhã, o cadáver de uma raposa, depois o de um falcão, com todas as penas, caíram da cacheira.

Era impossível reafirmar que esses restos eram anteriores ao dilúvio... De qualquer maneira, a ojeriza foi tamanha que todo mundo se apressou em arrumar as malas e ir tomar as águas em outro lugar.

“Que infâmia!”, exclamavam as belas damas... “Que horror!”... É daí que vem a eficácia dessas águas minerais... Ah! Mais vale morrer da doença de Graves do que continuar recebendo um remédio assim.

Passados oito dias, só restara em Spinbronn um gorducho inglês, que tinha ao mesmo tempo gota nas mãos e nos pés, o Sir Thomas Hawerburch,

contra-almirante... o qual havia trazido consigo uma grande comitiva, segundo as necessidades de um cidadão britânico em terras estrangeiras.

Essa figura balofa e gordurosa, de rosto florido, mas com as mãos literalmente enodadas por causa da gota, beberia até sopa de esqueleto para curar sua enfermidade. Fez troça da debandada dos outros doentes e se instalou no mais belo chalé, no meio da montanha, anunciando seu plano de passar o inverno em Spinbronn.

Nesse momento, o conselheiro Brêmer absorveu lentamente uma boa tragada do tabaco, como que para reavivar suas lembranças, afrouxou seu jabô de finas rendas com a ponta dos dedos e prosseguiu:

– Cinco ou seis anos antes da revolução de 1789, um jovem médico de Pirmasens, chamado Christian Weber, tinha partido para São Domingos com a esperança de fazer fortuna. Ele havia, de fato, acumulado cerca cem mil libras no exercício de sua profissão, quando a revolta dos negros eclodiu.

Não preciso lembrar dos tratamentos bárbaros que sofreram nossos infelizes compatriotas no Haiti. O doutor Weber teve a felicidade de escapar do massacre e salvar uma parte de sua fortuna. A partir de então, ele viajou para a América do Sul, especialmente para a Guiana Francesa. Em 1801, regressou a Pirmasens e se estabeleceu em Spinbronn, onde o médico Hâselnoss cedeu-lhe a casa e sua clientela defunta.

Christian Weber levava consigo uma velha negra chamada Agathe: uma criatura horrenda, de nariz achatado, os lábios do tamanho de um punho, a cabeça adornada com uma bandana em cores chamativas[1]. Essa infeliz criatura adorava o vermelho; usava brincos de argolas que caíam até os ombros, de modo que os montanhistas de Hundsrück percorriam uma distância de até seis léguas para contemplá-la.

Quanto ao doutor Weber, era um homem alto, seco, que vestia invariavelmente um casaco com aba em cor azul-celeste e calças de camurça. Usava um chapéu de palha flexível e botas em amarelo-claro, sobre as quais pendiam duas borlas de prata.

Conversava pouco; seu riso tinha um quê de tique nervoso, e seus olhos cinzentos, geralmente calmos e meditativos, ostentavam um brilho singular diante do menor sinal de contradição. A cada manhã, ele dava uma volta pela montanha, deixando seu cavalo ir em busca da aventura, e ia assobiando,

[1] Ao descrever a personagem afrodescendente de forma exótica e caricata, o narrador reforça o discurso racista, com marcas evidentes da opressão colonizadora da época. (n.t.)

sempre no mesmo tom, o que lembrava não sei que música afro. Enfim, esse excêntrico trouxera do Haiti um monte de caixas cheias de insetos bizarros... alguns pretos e acastanhados, grandes como ovos; outros pequenos e cintilantes como fagulhas. Ele parecia se importar muito mais com elas do que com seus pacientes e, de vez em quando, após voltar de suas caminhadas, trazia algumas borboletas presas na coifa de seu chapéu.

Mal havia se instalado na espaçosa casa de Hâselnoss, já povoara o quintal com pássaros estrangeiros, patos da Barbária com bochechas escarlates, galinhas-d'angola e um pavão branco, que geralmente ficava empoleirado sobre o muro do jardim, compartilhando com a negra a admiração dos montanhistas.

Se me atenho a esses pormenores, mestre Frantz, é porque recordam minha mocidade; acontece que o doutor Christian era ao mesmo tempo meu primo e meu tutor, e assim que retornou à Alemanha, veio me buscar e alojar-me em sua casa de Spinbronn. No início, a negra Agathe inspirava-me um pouco de medo, e foi com muita dificuldade que consegui acostumar-me com sua fisionomia heteróclita; mas era uma mulher tão boa, sabia preparar tão bem uma massa com especiarias, cantarolava com sua voz gutural cantigas tão fascinantes, estalando os dedos e levantando alternadamente suas grossas pernas com tanta cadência, que acabei criando com ela grande amizade.

O doutor Weber havia estabelecido estreitas relações com Sir Thomas Hawerburch, que sozinho representava a maior parte de sua clientela, e não tardei a perceber que esses dois excêntricos juntos faziam longos conciliábulos. Ocupavam-se de coisas misteriosas, transmissões de fluidos e realizavam certas práticas bizarras, as quais haviam aprendido em suas viagens: Sir Thomas no Oriente e meu tutor na América. Aquilo me intrigava muito. Como acontece com as crianças, estava sempre à espreita do que pareciam querer esconder de mim; mas, no final, desesperado por não descobrir nada, resolvi interrogar Agathe, e a pobre velha, depois de me fazer prometer não contar nada, confessou que meu tutor era um bruxo.

De resto, o doutor Weber exercia uma influência singular sobre o espírito da negra, e essa mulher, sempre tão alegre e pronta para se divertir com nada, tremia como uma folha quando os olhos cinzentos de seu mestre pairavam casualmente sobre ela.

Tudo isso, mestre Frantz, parece não ter nenhuma ligação com as fontes de Spinbronn... Mas espere, espere... Você verá o quanto essa combinação de circunstâncias singulares tem a ver com a história que estou contando.

Havia dito que pássaros se atiravam para dentro da caverna, e até mesmo outros animais maiores. Após a partida definitiva dos banhistas, alguns antigos moradores do vilarejo lembraram-se de que uma moça chamada Loïsa Müller, que morava com a avó idosa e enferma em um casebre próximo da costa, havia desaparecido subitamente há cerca de cinquenta anos. Saíra certa manhã para procurar ervas na floresta, e depois não se teve mais notícias dela... Apenas três ou quatro dias mais tarde, lenhadores que desciam a montanha encontraram sua foice e seu avental a alguns passos da caverna.

Desde então, ficou claro para todo mundo que o esqueleto que caíra da cachoeira, e sobre o qual Hâselnoss formulava belas frases, não era outro senão o de Loïsa Muller... A pobre moça sem dúvida havia se atirado naquele buraco, por essa influência misteriosa à qual sucumbem quase diariamente os seres mais fracos!

Essa influência, qual seria ela? Ninguém sabia dizer. Mas os moradores de Spinbronn, supersticiosos como todos os montanhistas, começaram a supor que o diabo habitava a caverna, e o terror se espalhou pelos arredores.

Pois bem, certa tarde do mês de julho de 1802, meu primo fazia uma nova classificação de seus insetos em suas caixas. Ele havia capturado alguns bastante curiosos na véspera. Estava perto dele, segurando com uma mão a vela acesa e com a outra ia passando a agulha.

Sir Thomas, que estava sentado com a cadeira virada contra a janela e com os pés sobre um tamborete, observava-nos agir e fumava seu cigarro com um ar sonhador.

Sentia-me muito bem ao lado de Sir Thomas Hawerburch e o acompanhava diariamente no bosque em sua caleche... Ele ficava satisfeito em me ouvir falar inglês e queria me tornar, dizia, um verdadeiro *gentleman*.

Quando terminou de etiquetar todas as suas borboletas, o doutor Weber abriu finalmente a caixa com seus maiores insetos e disse: “Capturei ontem uma magnífica vaca-loura, o grande *lucanus cervus* dos carvalhos do Hartz. Esse besouro singular sustenta na mandíbula direita uma ramificação de cinco partes... É um bicho raro.”

Enquanto isso, ia passando a agulha, e como ele pinçava o inseto antes de fixá-lo na cortiça, Sir Thomas, até então inabalável, levantou-se e, aproximando-se de uma caixa, reconheceu a *aranha-caranguejo* da Guiana, o que fez brotar em sua grande face corada um intenso sentimento de pavor.

“Aqui está”, exclamou, “a obra mais pavorosa de toda a criação... Só de vê-la... já começo a tremer!”

De fato, uma palidez repentina tomou conta de seu rosto. “Bah!”, disse meu tutor, “tudo isso não passa de trauma de infância. Ouvimos a ama gritar, sentimos medo, e foi essa a impressão que permaneceu gravada em nós. Mas se você observar a aranha com um bom microscópio, ficará encantado com o acabamento de seus órgãos, sua disposição admirável, até sua elegância.”

“Ela me enoja”, interrompeu de repente o contra-almirante, “urgh!”

E virando seu corpo para o outro lado: “Não sei por que”, afirmou, “essa aranha sempre me gelou o sangue!”

O doutor Weber começou a rir, e eu, que compartilhava do mesmo sentimento que o Sir Thomas, falei: “Sim, primo, você deveria jogar fora esse bicho... ele é asqueroso... sobrepuja todos os outros...”

“Pobre animal”, respondeu-me, enquanto seus olhos brilhavam, “quem o está obrigando a olhá-lo? Se isso não o agrada, vá perambular em outro canto.”

Claramente havia se aborrecido; e Sir Thomas, que se encontrava na frente da janela, a contemplar a montanha, virando-se de repente, veio pegar minha mão e disse-me com um tom cheio de bondade: “Seu tutor, Frantz, é apegado à sua aranha... Nós preferimos as árvores. A vegetação... Vamos dar uma volta.”

“Sim, podem ir”, exclamou o médico, “e voltem para o jantar, às seis horas.”

Depois, elevando a voz: “Sem mágoas, Sir Hawerburch.”

O contra-almirante deu uma volta rindo, e subimos na carruagem, que aguardava como sempre à porta de sua casa.

Sir Thomas quis conduzir por conta própria e dispensou seu empregado. Fez com que me sentasse perto dele, no mesmo banco, e fomos para Rothalps.

Enquanto a carruagem subia lentamente o canteiro arenoso, uma tristeza invencível dominava minha alma. Sir Thomas, por sua vez, estava sério. Ele percebeu meu desconsolo e disse: “Você não gosta das aranhas, Frantz, e nem eu. Mas, graças aos céus, não existem espécies perigosas neste país. A *aranha-caranguejo* que seu tutor guarda na caixa vem da Guiana Francesa. Ela habita as grandes florestas pantanosas, onde há vapores quentes e exalações ardentes constantes; precisa dessa temperatura para sobreviver. Sua teia, ou melhor, sua enorme tarrafa, cobre um matagal inteiro. Ela captura pássaros como nossas aranhas prendem moscas. Mas limpe da mente essas imagens nojentas e tome um gole do meu velho Borgonha.”

Em seguida, virando-se, ergueu a tampa do segundo banco e retirou da palha uma espécie de botelha, servindo-a para mim em um grande copo de couro.

Quando bebi, recuperei meu humor e comecei a rir do meu pavor.

A carruagem, atrelada por um pequeno cavalo das Ardenas, magro e nervoso como uma cabra, escalava o caminho quase a pique. Bilhões de insetos zuniam nas urzes. À nossa direita, a não mais que cem passos, estendia-se acima de nós a escura orla das florestas do Rothalps, cujas profundezas tenebrosas, cheias de espinheiros e ervas selvagens, mostravam ao longe algumas clareiras inundadas de luz. À nossa esquerda corria o riacho de Spinbronn e, quanto mais subíamos, mais as folhas prateadas, flutuando no abismo, eram tingidas de azul e redobravam o som dos címbalos.

Estava envolvido por esse espetáculo. Sir Thomas, esparramado no banco, os joelhos na altura do queixo, abandonava-se aos devaneios habituais, enquanto o cavalo, avançando arduamente e inclinando a cabeça no peito, de modo a equilibrar a carruagem, suspendia-nos na beirada da rocha. No entanto, não demorou para alcançarmos uma encosta mais lenta: o pasto das corças, rodeado por sombras bruxuleantes... Mantive a todo momento a cabeça inclinada e o olhar perdido naquela imensa perspectiva. Quando as sombras apareceram, voltei-me e nos vi a cem passos da caverna de Spinbronn. A vegetação circundante era de um verde magnífico, e a nascente, que antes de cair do planalto se espalha sobre um leito de areia e seixos pretos, era tão límpida que até poderíamos julgar estar congelada, se aqueles pálidos vapores não estivessem cobrindo sua superfície.

O cavalo parou para tomar um ar; Sir Thomas, levantando-se, olhou para o campo por alguns segundos: "Como tudo está calmo", comentou.

Então, após um momento de silêncio: "Se você não estivesse aqui, Frantz, iria banhar-me com prazer no manancial."

"Mas, contra-almirante", eu disse, "por que não dá um mergulho? Posso muito bem dar uma voltinha pelo local... Na montanha vizinha tem um pasto cheio de morangos... Vou colher um monte deles... Em uma hora, estarei de volta."

"Ei! Bem que gostaria, Frantz... é uma boa ideia... O doutor Weber afirma que bebo muito Borgonha... É preciso combater o vinho com a água mineral... Esse pequeno leito de areia me agrada."

Então, ao colocar os dois pés no chão, amarrou o cavalo no tronco de uma modesta bétula e acenou para mim com a mão como se dissesse: "Pode ir embora."

Observei-o sentar-se no musgo e retirar suas botas... Como eu já estava afastado, ele se virou para mim e gritou: “Daqui a uma hora, Frantz.”

Foram suas últimas palavras.

Uma hora depois, retornava à fonte. Só o cavalo, a carruagem e as roupas de Sir Thomas se apresentaram diante dos meus olhos. O sol estava se pondo. As sombras se prolongavam. Não se ouvia um canto de pássaro sob a folhagem... nem mesmo o burburinho dos insetos na grama alta... Um silêncio mortal pairava sobre a solidão! Esse silêncio me assustava... Subi em um rochedo que se sobressaía na caverna; olhei para os dois lados... Nenhuma alma viva! Chamei-o... Sem resposta. O som da minha voz, repetido pelos ecos, deixou-me assustado... A noite estava caindo lentamente. Uma angústia indefinível me oprimia... De repente, a história da garota desaparecida ressurgiu à minha mente; e desci correndo; mas, chegando à frente da caverna, me detive, tomado por um terror inexprimível: ao lançar um olhar para a sombra obscura da fonte, acabava de descobrir dois pontos vermelhos imóveis... Depois, largas linhas agitando-se estranhamente no meio da escuridão, a uma profundidade onde talvez nenhum olho humano ainda tivesse penetrado. O medo fornecia à minha visão, a todos os meus sentidos, uma incrível sutileza de percepção. Por alguns segundos, ouvi muito distintamente uma cigarra entoando seu lamento noturno na margem do bosque, um cachorro latindo ao longe, bem ao longe, no vale... Então, meu coração, naquele momento comprimido pela emoção, começou a bater com força e não ouvi mais nada!

Em seguida, soltando um grito horrível, fugi, abandonando o cavalo... a carruagem... Em menos de vinte minutos, saltando sobre as pedras, sobre os arbustos, havia chegado à soleira de nossa casa e gritava com uma voz abafada: “Corram!... Corram!... Sir Hawerburch está morto!... Sir Hawerburch está na caverna!...”

Após proferir tais palavras, na presença de meu tutor, da velha Agathe e de dois ou três convidados naquela noite pelo médico, desmaiei. Fiquei sabendo depois que delirei durante uma hora.

Todo a vilarejo saiu em busca do contra-almirante... Christian Weber os havia trazido... Às dez horas da noite, toda essa multidão retornava, trazendo de volta a carruagem, e nela as roupas do senhor Hawerburch. Não haviam descoberto nada... Era impossível dar dez passos na caverna sem se sentir sufocado.

Durante a ausência deles, Agathe e eu ficamos sentados no canto da lareira... Eu, apavorado, gaguejando palavras sem sentido; ela, com as mãos

cruzadas sobre os joelhos, os olhos grandes bem abertos, ia de vez em quando até a janela para ver o que ocorria, já que as tochas na floresta podiam ser vistas do sopé da montanha... Conseguíamos ouvir vozes roucas e longínquas chamando-se durante a noite.

Conforme seu mestre se aproximava, Agathe começou a tremer. O médico entrou abruptamente... todo pálido... com os lábios cerrados... o desespero estampado no rosto... Cerca de vinte lenhadores o seguiram em tumulto, com seus grandes feltros de abas largas... seus rostos bronzeados... agitando os restos de suas tochas. Recém-chegado na sala, os olhos faiscantes do meu tutor pareciam procurar alguma coisa... avistou a negra, e sem que uma palavra fosse trocada entre eles, a pobre mulher começou a gritar: “Não! Não! Eu não quero!”

“Mas eu quero!”, respondeu o médico com uma voz firme.

Poder-se-ia dizer que a negra acabava de ser tomada por uma força invencível. Ela estremeceu da cabeça aos pés, e Christian Weber, apontando-lhe um banco, fez com que ela se sentasse com uma rigidez cadavérica.

Todos os assistentes, testemunhas desse terrível espetáculo, gente boa de modos primitivos e grosseiros, mas cheios de sentimentos piedosos, puseram a se benzer, e eu, que não conhecia nem mesmo de nome o terrível poder magnético da vontade, comecei a tremer, acreditando que Agathe estava morta.

Christian Weber se aproximou da negra e passou a mão em sua testa com um gesto rápido: “Você está aí?”, perguntou.

“Sim, mestre.”

“Sir Thomas Hawerburch?”

Com essas palavras, ela estremeceu novamente...

“Você o vê?”

“Sim... sim...”, disse ela com uma voz estrangulada, “eu o vejo!”

“Onde ele está?”

“Lá em cima... no fundo da caverna... morto!”

“Morto!”, repetiu o médico. “Como?”

“A aranha... Oh! A aranha-caranguejo... Oh!”

“Acalme sua agitação”, disse o médico bastante pálido, “conte-nos de forma clara...”

“A aranha-caranguejo o está segurando pela garganta... ele está lá... no fundo... embaixo da rocha... todo enrolado... Ah!...”

Christian Weber lançou friamente o olhar para os assistentes, os quais, inclinados em círculo e com os olhos saltando para fora, escutavam... e pude ouvi-lo sussurrar: "Isso é péssimo! Péssimo!..."

Então ele continuou:

"Consegue vê-lo?"

"Consigo."

"E a aranha... é muito grande?"

"Oh! mestre, nunca... nunca vi uma tão grande... nem nas margens do Mocaris... nem nas terras baixas de Konanama... É tão grande quanto a minha cabeça!..."

Houve um longo silêncio. Todos os presentes se entreolharam com o rosto lívido e os cabelos eriçados. Apenas Christian Weber parecia calmo; tendo passado as mãos várias vezes pela testa da negra, continuou: "Agathe, conte-nos como a morte arrebatou Sir Hawerburch."

"Ele se banhava no manancial da fonte... A aranha podia vê-lo por trás, com as costas nuas. Estava faminta, jejuava há muito tempo; ela o viu com os braços na água. De repente, saiu como um raio e fincou suas garras em volta do pescoço do contra-almirante, que gritou: "Oh! Oh! meu Deus!" Ela o picou e fugiu. Sir Hawerburch afundou na água e morreu. Então a aranha voltou e enrolou-o em sua teia, e nadou lenta e suavemente até o fundo da caverna. Estava puxando o fio. Agora ele está todo preto."

O médico, voltando-se para mim, que já não me sentia tão apavorado: "É verdade, Frantz, que o contra-almirante tomou banho?"

"Sim, primo."

"A que horas?"

"Às quatro horas."

"Às quatro horas... fazia muito calor, não fazia?"

"E como!"

"Era o que imaginava", disse ele, dando um tapa na testa. "O monstro foi capaz de sair sem medo..."

Ele falou algumas palavras ininteligíveis, depois, olhando para os montanhistas: "Meus amigos", gritou, "é daqui que vem essa massa de fragmentos... de esqueletos... o que causou terror entre os banhistas... Foi isso que arruinou todos vocês... essa aranha-caranguejo!... Ela está lá... aninhada em sua teia... e observando sua presa do fundo da caverna!... Quem poderia dizer o número de suas vítimas?..."

E tomado por um acesso de furor, saiu gritando: "Fascículos! Fascículos!..."

Todos os lenhadores o seguiram em tumulto.

Dez minutos depois, duas grandes carruagens carregadas com feixes subiam lentamente a costa. Uma longa fila de lenhadores, com as costas curvadas e o machado nos ombros, seguia-as no meio da noite escura. Meu tutor e eu avançávamos segurando os cavalos pelos freios, enquanto a lua melancólica iluminava vagamente essa marcha fúnebre. De vez em quando, as rodas rangiam, e depois as carruagens, suspensas pela rispidez do caminho rochoso, voltavam a cair nos sulcos com grandes solavancos.

Quando nos aproximávamos da caverna, no pasto das corças, nosso cortejo fez uma pausa... As tochas foram acesas e a multidão avançou em direção ao abismo. A água límpida, fluindo sobre a areia, refletia a chama azulada das tochas resinosas, cujos raios iluminavam as copas dos pinheiros negros, inclinados sobre a rocha. "Aqui é o local para descarregá-los", disse o médico. "A entrada da caverna deve ser preenchida."

E cada um pôs-se a cumprir suas ordens, não sem certa apreensão. Os feixes começaram a cair um por um. Algumas estacas, plantadas abaixo da abertura da nascente, impediam que a água os carregasse.

Por volta da meia-noite, a abertura da caverna foi literalmente fechada. A água, sibilando abaixo, escapava pela direita e pela esquerda sobre o musgo. Os fascículos superiores estavam perfeitamente secos; então, o doutor Weber, apanhando uma tocha, ateou fogo ele próprio. E a chama, correndo de galho em galho, com crepitações de raiva, logo subiu para o céu, perseguindo à sua frente volumosas nuvens de fumaça.

Era um espetáculo estranho e selvagem ver aqueles vastos bosques de sombras trêmulas iluminarem-se desta forma.

A caverna cuspia uma fumaça escura que não parava de se renovar e sair. Em volta, os lenhadores, sombrios, imóveis, esperavam, com os olhos fixados na entrada... E mesmo eu, embora o medo me fizesse tremer da cabeça aos pés, não conseguia desviar os olhos dela.

Estávamos esperando por um quarto de hora, e o doutor Weber estava começando a ficar impaciente, quando um objeto tenebroso... com longas pernas em forma de ganchos, apareceu de repente nas sombras e correu para a entrada...

Um grito geral repercutiu ao redor da fogueira.

A aranha, perseguida pelo fogo, voltou ao seu covil... Em seguida, cer-

tamente sufocada pela fumaça, voltou ao ataque e disparou no meio da chama. Suas longas pernas se recolheram... Era do tamanho da minha cabeça e de um vermelho púrpura... Parecia uma bexiga cheia de sangue!...

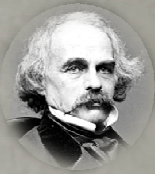
Um dos lenhadores, receando vê-la atravessar o fogo, lançou o machado, atingindo-a em cheio, tanto que o sangue cobriu por um momento o fogo ao redor dela. Mas logo a chama se reacendeu e consumiu o abominável inseto!

*

Tal é, mestre Frantz, o estranho acontecimento que destruiu a boa reputação de que gozava outrora as águas de Spinbronn. Posso assegurar-lhe a exatidão escrupulosa do meu relato... Mas se fosse para fornecer-lhe uma explicação, seria impossível para mim. No entanto, permita-me dizer que não parece absurdo admitir que insetos, submetidos à alta temperatura de certas águas termais, que lhes proporcionam as mesmas condições de existência e desenvolvimento dos climas quentes da África e da América do Sul, possam atingir tamanhos fabulosos... É esse mesmo calor extremo que nos dá conta da incrível exuberância da criação antediluviana!

Seja como for, meu tutor, julgando que seria impossível, após esse evento, ressuscitar as águas de Spinbronn, revendeu a casa de Hâselnoss para retornar à América com Agathe e suas coleções. Fui posto em um internato em Estrasburgo, onde fiquei até 1809.

Na medida em que grandes acontecimentos políticos da época absorviam toda a atenção da Alemanha e da França, o fato que acabo de narrar passou completamente despercebido.

WAKEFIELD
NATHANIEL HAWTHORNE

O TEXTO: Publicado no livro *Twice-Told Tales*, de 1837, de Nathaniel Hawthorne, "Wakefield" é o relato da vida de um homem comum que, por um capricho inexplicável, esconde-se da família por vinte anos. Marcado por sua temática alegórica, o conto é um dos grandes exemplos da ficção do autor, no qual ele busca manter um tênue limiar entre a representação das angústias estadunidenses e o didatismo de cunho moral.

Texto traduzido: Hawthorne, N. "Wakefield". In. *Twice-Told Tales*. Chicago: W. B. Conkey Company, 1900, pp. 160-173.

O AUTOR: Nathaniel Hawthorne (1804-1864), escritor estadunidense, nasceu em Salem. Considerado um dos grandes nomes da literatura de seu país, foi um dos primeiros a se dedicar à escrita de contos breves. Suas obras, que vagueiam entre o fantástico e o alegórico, constituem um importante registro da religiosidade que marca a história da Nova Inglaterra, o que justifica sua posição de prestígio dentro do cânone estadunidense. Entre suas obras, destacam-se o volume de contos *Twice-Told Tales* (1837) e o romance *The Scarlet Letter* (1850).

O TRADUTOR: Vinícius Santos Loureiro é doutorando em Literaturas Hispânicas na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde pesquisa as tradições do conto nos séculos XIX e XX. Como tradutor, tem atuado em projetos de tradução literária, assim como em áreas técnicas.

WAKEFIELD

"I recollect a story, told as truth,
of a man – let us call him Wakefield."

NATHANIEL HAWTHORNE

In some old magazine or newspaper I recollect a story, told as truth, of a man – let us call him Wakefield – who absented himself for a long time from his wife. The fact, thus abstractedly stated, is not very uncommon, nor, without a proper distinction of circumstances, to be condemned either as naughty or nonsensical. Howbeit, this, though far from the most aggravated, is perhaps the strangest instance on record of marital delinquency, and, moreover, as remarkable a freak as may be found in the whole list of human oddities. The wedded couple lived in London. The man, under pretence of going a journey, took lodgings in the next street to his own house, and there, unheard of by his wife or friends and without the shadow of a reason for such self-banishment, dwelt upward of twenty years. During that period he beheld his home every day, and frequently the forlorn Mrs. Wakefield. And after so great a gap in his matrimonial felicity – when his death was reckoned certain, his estate settled, his name dismissed from memory and his wife long, long ago resigned to her autumnal widowhood – he entered the door one evening quietly as from a day's absence, and became a loving spouse till death.

This outline is all that I remember. But the incident, though of the purest originality, unexampled, and probably never to be repeated, is one, I think, which appeals to the general sympathies of mankind. We know, each for himself, that none of us would perpetrate such a folly, yet feel as if some other might. To my own contemplations, at least, it has often recurred, always exciting wonder, but with a sense that the story must be true and a conception of its hero's character. Whenever any subject so forcibly affects

the mind, time is well spent in thinking of it. If the reader choose, let him do his own meditation; or if he prefer to ramble with me through the twenty years of Wakefield's vagary, I bid him welcome, trusting that there will be a pervading spirit and a moral, even should we fail to find them, done up neatly and condensed into the final sentence. Thought has always its efficacy and every striking incident its moral.

What sort of a man was Wakefield? We are free to shape out our own idea and call it by his name. He was now in the meridian of life; his matrimonial affections, never violent, were sobered into a calm, habitual sentiment; of all husbands, he was likely to be the most constant, because a certain sluggishness would keep his heart at rest wherever it might be placed. He was intellectual, but not actively so; his mind occupied itself in long and lazy musings that tended to no purpose or had not vigor to attain it; his thoughts were seldom so energetic as to seize hold of words. Imagination, in the proper meaning of the term, made no part of Wakefield's gifts. With a cold but not depraved nor wandering heart, and a mind never feverish with riotous thoughts nor perplexed with originality, who could have anticipated that our friend would entitle himself to a foremost place among the doers of eccentric deeds? Had his acquaintances been asked who was the man in London the surest to perform nothing to-day which should be remembered on the morrow, they would have thought of Wakefield. Only the wife of his bosom might have hesitated. She, without having analyzed his character, was partly aware of a quiet selfishness that had rusted into his inactive mind; of a peculiar sort of vanity, the most uneasy attribute about him; of a disposition to craft which had seldom produced more positive effects than the keeping of petty secrets hardly worth revealing; and, lastly, of what she called a little strangeness sometimes in the good man. This latter quality is indefinable, and perhaps non-existent.

Let us now imagine Wakefield bidding adieu to his wife. It is the dusk of an October evening. His equipment is a drab greatcoat, a hat covered with an oil-cloth, top-boots, an umbrella in one hand and a small portmanteau in the other. He has informed Mrs. Wakefield that he is to take the night-coach into the country. She would fain inquire the length of his journey, its object and the probable time of his return, but, indulgent to his harmless love of mystery, interrogates him only by a look. He tells her not to expect him positively by the return-coach nor to be alarmed should he tarry three or four days, but, at all events, to look for him at supper on Friday evening. Wakefield, himself, be it considered, has no suspicion of what is before him. He holds out his hand; she gives her own and meets his parting kiss in the

matter-of-course way of a ten years' matrimony, and forth goes the middle-aged Mr. Wakefield, almost resolved to perplex his good lady by a whole week's absence. After the door has closed behind him, she perceives it thrust partly open and a vision of her husband's face through the aperture, smiling on her and gone in a moment. For the time this little incident is dismissed without a thought, but long afterward, when she has been more years a widow than a wife, that smile recurs and flickers across all her reminiscences of Wakefield's visage. In her many musings she surrounds the original smile with a multitude of fantasies which make it strange and awful; as, for instance, if she imagines him in a coffin, that parting look is frozen on his pale features; or if she dreams of him in heaven, still his blessed spirit wears a quiet and crafty smile. Yet for its sake, when all others have given him up for dead, she sometimes doubts whether she is a widow.

But our business is with the husband. We must hurry after him along the street ere he lose his individuality and melt into the great mass of London life. It would be vain searching for him there. Let us follow close at his heels, therefore, until, after several superfluous turns and doublings, we find him comfortably established by the fireside of a small apartment previously bespoken. He is in the next street to his own and at his journey's end. He can scarcely trust his good-fortune in having got thither unperceived, recollecting that at one time he was delayed by the throng in the very focus of a lighted lantern, and again there were footsteps that seemed to tread behind his own, distinct from the multitudinous tramp around him, and anon he heard a voice shouting afar and fancied that it called his name. Doubtless a dozen busybodies had been watching him and told his wife the whole affair.

Poor Wakefield! little knowest thou thine own insignificance in this great world. No mortal eye but mine has traced thee. Go quietly to thy bed, foolish man, and on the morrow, if thou wilt be wise, get thee home to good Mrs. Wakefield and tell her the truth. Remove not thyself even for a little week from thy place in her chaste bosom. Were she for a single moment to deem thee dead or lost or lastingly divided from her, thou wouldst be woefully conscious of a change in thy true wife for ever after. It is perilous to make a chasm in human affections – not that they gape so long and wide, but so quickly close again.

Almost repenting of his frolic, or whatever it may be termed, Wakefield lies down betimes, and, starting from his first nap, spreads forth his arms into the wide and solitary waste of the unaccustomed bed, "No," thinks he, gathering the bedclothes about him; "I will not sleep alone another night." In the morning he rises earlier than usual and sets himself to consider what

he really means to do. Such are his loose and rambling modes of thought that he has taken this very singular step with the consciousness of a purpose, indeed, but without being able to define it sufficiently for his own contemplation. The vagueness of the project and the convulsive effort with which he plunges into the execution of it are equally characteristic of a feeble-minded man. Wakefield sifts his ideas, however, as minutely as he may, and finds himself curious to know the progress of matters at home – how his exemplary wife will endure her widowhood of a week, and, briefly, how the little sphere of creatures and circumstances in which he was a central object will be affected by his removal. A morbid vanity, therefore, lies nearest the bottom of the affair. But how is he to attain his ends? Not, certainly, by keeping close in this comfortable lodging, where, though he slept and awoke in the next street to his home, he is as effectually abroad as if the stage-coach had been whirling him away all night. Yet should he reappear, the whole project is knocked in the head. His poor brains being hopelessly puzzled with this dilemma, he at length ventures out, partly resolving to cross the head of the street and send one hasty glance toward his forsaken domicile. Habit – for he is a man of habits – takes him by the hand and guides him, wholly unaware, to his own door, where, just at the critical moment, he is aroused by the scraping of his foot upon the step. – Wakefield, whither are you going?

At that instant his fate was turning on the pivot. Little dreaming of the doom to which his first backward step devotes him, he hurries away, breathless with agitation hitherto unfelt, and hardly dares turn his head at the distant corner. Can it be that nobody caught sight of him? Will not the whole household – the decent Mrs. Wakefield, the smart maid-servant and the dirty little footboy – raise a hue-and-cry through London streets in pursuit of their fugitive lord and master? Wonderful escape! He gathers courage to pause and look homeward, but is perplexed with a sense of change about the familiar edifice such as affects us all when, after a separation of months or years, we again see some hill or lake or work of art with which we were friends of old. In ordinary cases this indescribable impression is caused by the comparison and contrast between our imperfect reminiscences and the reality. In Wakefield the magic of a single night has wrought a similar transformation, because in that brief period a great moral change has been effected. But this is a secret from himself. Before leaving the spot he catches a far and momentary glimpse of his wife passing athwart the front window with her face turned toward the head of the street. The crafty nincompoop takes to his heels, scared with the idea that among a thousand

such atoms of mortality her eye must have detected him. Right glad is his heart, though his brain be somewhat dizzy, when he finds himself by the coal-fire of his lodgings.

So much for the commencement of this long whim-wham. After the initial conception and the stirring up of the man's sluggish temperament to put it in practice, the whole matter evolves itself in a natural train. We may suppose him, as the result of deep deliberation, buying a new wig of reddish hair and selecting sundry garments, in a fashion unlike his customary suit of brown, from a Jew's old-clothes bag. It is accomplished: Wakefield is another man. The new system being now established, a retrograde movement to the old would be almost as difficult as the step that placed him in his unparalleled position. Furthermore, he is rendered obstinate by a sulkiness occasionally incident to his temper and brought on at present by the inadequate sensation which he conceives to have been produced in the bosom of Mrs. Wakefield. He will not go back until she be frightened half to death. Well, twice or thrice has she passed before his sight, each time with a heavier step, a paler cheek and more anxious brow, and in the third week of his non-appearance he detects a portent of evil entering the house in the guise of an apothecary. Next day the knocker is muffled. Toward nightfall comes the chariot of a physician and deposits its big-wigged and solemn burden at Wakefield's door, whence after a quarter of an hour's visit he emerges, perchance the herald of a funeral. Dear woman! will she die?

By this time Wakefield is excited to something like energy of feeling, but still lingers away from his wife's bedside, pleading with his conscience that she must not be disturbed at such a juncture. If aught else restrains him, he does not know it. In the course of a few weeks she gradually recovers. The crisis is over; her heart is sad, perhaps, but quiet, and, let him return soon or late, it will never be feverish for him again. Such ideas glimmer through the mist of Wakefield's mind and render him indistinctly conscious that an almost impassable gulf divides his hired apartment from his former home. "It is but in the next street," he sometimes says. Fool! it is in another world. Hitherto he has put off' his return from one particular day to another; henceforward he leaves the precise time undetermined – not to-morrow; probably next week; pretty soon. Poor man! The dead have nearly as much chance of revisiting their earthly homes as the self-banished Wakefield.

Would that I had a folio to write, instead of an article of a dozen pages! Then might I exemplify how an influence beyond our control lays its strong hand on every deed which we do and weaves its consequences into an iron tissue of necessity.

Wakefield is spellbound. We must leave him for ten years or so to haunt around his house without once crossing the threshold, and to be faithful to his wife with all the affection of which his heart is capable, while he is slowly fading out of hers. Long since, it must be remarked, he has lost the perception of singularity in his conduct.

Now for a scene. Amid the throng of a London street we distinguish a man, now waxing elderly, with few characteristics to attract careless observers, yet bearing in his whole aspect the handwriting of no common fate for such as have the skill to read it. He is meagre; his low and narrow forehead is deeply wrinkled; his eyes, small and lustreless, sometimes wander apprehensively about him, but oftener seem to look inward. He bends his head and moves with an indescribable obliquity of gait, as if unwilling to display his full front to the world. Watch him long enough to see what we have described, and you will allow that circumstances – which often produce remarkable men from Nature's ordinary handiwork – have produced one such here. Next, leaving him to sidle along the footwalk, cast your eyes in the opposite direction, where a portly female considerably in the wane of life, with a prayer-book in her hand, is proceeding to yonder church. She has the placid mien of settled widowhood. Her regrets have either died away or have become so essential to her heart that they would be poorly exchanged for joy. Just as the lean man and well-conditioned woman are passing a slight obstruction occurs and brings these two figures directly in contact. Their hands touch; the pressure of the crowd forces her bosom against his shoulder; they stand face to face, staring into each other's eyes. After a ten years' separation thus Wakefield meets his wife. The throng eddies away and carries them asunder. The sober widow, resuming her former pace, proceeds to church, but pauses in the portal and throws a perplexed glance along the street. She passes in, however, opening her prayer-book as she goes.

And the man? With so wild a face that busy and selfish London stands to gaze after him he hurries to his lodgings, bolts the door and throws himself upon the bed. The latent feelings of years break out; his feeble mind acquires a brief energy from their strength; all the miserable strangeness of his life is revealed to him at a glance, and he cries out passionately, "Wakefield, Wakefield! You are mad!" Perhaps he was so. The singularity of his situation must have so moulded him to itself that, considered in regard to his fellow-creatures and the business of life, he could not be said to possess his right mind. He had contrived – or, rather, he had happened – to dissever himself from the world, to vanish, to give up his place and privileges with living men without being admitted among the dead. The life of a hermit is nowise

parallel to his. He was in the bustle of the city as of old, but the crowd swept by and saw him not; he was, we may figuratively say, always beside his wife and at his hearth, yet must never feel the warmth of the one nor the affection of the other. It was Wakefield's unprecedented fate to retain his original share of human sympathies and to be still involved in human interests, while he had lost his reciprocal influence on them. It would be a most curious speculation to trace out the effect of such circumstances on his heart and intellect separately and in unison. Yet, changed as he was, he would seldom be conscious of it, but deem himself the same man as ever; glimpses of the truth, indeed, would come, but only for the moment, and still he would keep saying, "I shall soon go back," nor reflect that he had been saying so for twenty years.

I conceive, also, that these twenty years would appear in the retrospect scarcely longer than the week to which Wakefield had at first limited his absence. He would look on the affair as no more than an interlude in the main business of his life. When, after a little while more, he should deem it time to re-enter his parlor, his wife would clap her hands for joy on beholding the middle-aged Mr. Wakefield. Alas, what a mistake! Would Time but await the close of our favorite follies, we should be young men – all of us – and till Doomsday.

One evening, in the twentieth year since he vanished, Wakefield is taking his customary walk toward the dwelling which he still calls his own. It is a gusty night of autumn, with frequent showers that patter down upon the pavement and are gone before a man can put up his umbrella. Pausing near the house, Wakefield discerns through the parlor-windows of the second floor the red glow and the glimmer and fitful flash of a comfortable fire. On the ceiling appears a grotesque shadow of good Mrs. Wakefield. The cap, the nose and chin and the broad waist form an admirable caricature, which dances, moreover, with the up-flickering and down-sinking blaze almost too merrily for the shade of an elderly widow. At this instant a shower chances to fall, and is driven by the unmannerly gust full into Wakefield's face and bosom. He is quite penetrated with its autumnal chill. Shall he stand wet and shivering here, when his own hearth has a good fire to warm him and his own wife will run to fetch the gray coat and small-clothes which doubtless she has kept carefully in the closet of their bedchamber? No; Wakefield is no such fool. He ascends the steps – heavily, for twenty years have stiffened his legs since he came down, but he knows it not. – Stay, Wakefield! Would you go to the sole home that is left you? Then step into your grave. – The door opens. As he passes in we have a parting glimpse of his visage, and recognize

the crafty smile which was the precursor of the little joke that he has ever since been playing off at his wife's expense. How unmercifully has he quizzed the poor woman! Well, a good night's rest to Wakefield!

This happy event – supposing it to be such – could only have occurred at an unpremeditated moment. We will not follow our friend across the threshold. He has left us much food for thought, a portion of which shall lend its wisdom to a moral and be shaped into a figure. Amid the seeming confusion of our mysterious world individuals are so nicely adjusted to a system, and systems to one another and to a whole, that by stepping aside for a moment a man exposes himself to a fearful risk of losing his place for ever. Like Wakefield, he may become, as it were, the outcast of the universe.

Wakefield

*"Recordo-me da história, relatada como verdade,
a respeito de um homem – chamemos de Wakefield."*

NATHANIEL HAWTHORNE

Em alguma revista ou jornal, recordo-me da história, relatada como verdade, a respeito de um homem – chamemos de Wakefield – que se ausentou por um longo período de sua esposa. O fato, então declarado de forma abstrata, não é tão comum, embora, sem uma distinção apropriada das circunstâncias, não deva ser condenado como perverso ou despropositado. Todavia, embora longe de maiores agravamentos, este é o maior exemplo já registrado de delinquência matrimonial e, além disso, uma das mais célebres perturbações que podem ser encontradas em toda a lista das excentricidades humanas. O casal vivia em Londres. O homem, sob o pretexto de realizar uma viagem, fixou residência na rua ao lado de sua própria casa, e lá, oculto de sua esposa e amigos, e sem um vislumbre de razão para tal autobanimento, morou ao longo de vinte anos. Durante este período, contemplou sua casa todos os dias e, com frequência, a desamparada senhora Wakefield. E após tão longo intervalo em sua felicidade matrimonial – quando sua morte já era tida como certa, seus pertences inventariados, seu nome dispensado das lembranças e sua esposa, há muito, muito tempo resignada à sua viuvez outonal – ele entrou pela porta em uma noite, sereno como se houvesse se ausentado por um dia, permanecendo um amável marido até a morte.

Este resumo é tudo que lembro. Mas o incidente, ainda que da mais pura originalidade, sem precedentes e que provavelmente jamais haverá de se repetir, é um que apela, creio eu, às empatias comuns da humanidade. Sabemos, cada um à sua maneira, que nenhum de nós perpetraria tal insanidade, ainda que propensos a crer que outro o faria. Ao menos durante meu recolhimento, esse fato com frequência retornou, sempre suscitando fas-

cinação, mas com um senso de que a história deve ser verdadeira e ainda uma concepção do caráter de seu herói. Sempre que qualquer assunto afeta a mente de forma tão forçosa, tempo considerável é empreendido em seu pensamento. Se o leitor preferir, que proponha sua própria meditação; ou, se preferir vagar comigo através dos vinte anos de perambulação de Wakefield, dou as boas-vindas, acreditando que haverá um sentimento infundido e uma moral, ainda que falhemos em encontrá-los, recolhidos habilmente e condensados na última frase. A reflexão sempre tem sua eficácia e todo incidente notável sua moral.

Que tipo de homem era Wakefield? Somos livres para esboçar nossas próprias ideias e chamá-lo por seu nome. Estava agora no meridiano de sua vida; seus afetos matrimoniais, nunca impetuosos, abrandaram em um calmo e corriqueiro sentimento; entre todos os maridos, era provável que fosse o mais constante, pois certa letargia manteria seu coração em repouso onde quer que fosse colocado. Era um intelectual, mas sem atividade; sua mente se ocupava em longos e preguiçosos devaneios que tendiam a nenhum propósito ou careciam do vigor para sua realização; com pouca frequência seus pensamentos eram expressivos de forma a arrochar as palavras. Imaginação, no sentido estrito do termo, não fazia parte dos atributos de Wakefield. Com um coração gélido, mas nada depravado nem errante, e uma mente nunca inflamada com ideias desenfreadas nem perplexa com originalidade, quem poderia ter previsto que nosso amigo se daria ao luxo de ocupar um lugar proeminente entre os realizadores de atos excêntricos? Caso seus conhecidos fossem questionados quem era o homem em Londres que certamente não seria lembrado amanhã por sua conduta no dia de hoje, teriam pensado em Wakefield. Apenas sua amada esposa poderia hesitar. Ela, sem ter analisado seu caráter, estava em parte ciente de um leve egocentrismo que havia adentrado sua mente inativa; de uma espécie peculiar de vaidade, o mais inquietante atributo a seu respeito; de uma disposição criativa que raras vezes produzia maiores efeitos positivos do que manter segredos insignificantes que mal valiam a pena revelar; e, por último, daquilo que ela chamava de pequena estranheza por vezes no bom homem. Esta última qualidade não pode ser definida e talvez não exista.

Imaginemos agora Wakefield dizendo adeus à sua esposa. Estamos no crepúsculo de uma tarde de outubro. Está vestido com sobrecasaca descolorida, chapéu coberto de linóleo, botas de cano alto, guarda-chuva em uma das mãos e uma pequena valise na outra. Ele informou à senhora Wakefield que tomará uma condução noturna em direção ao interior. Ela, de bom grado, indagaria a duração de sua viagem, seu propósito e o momento

provável de seu retorno, mas, indulgente ao amor que o marido tinha por mistérios, apenas o interroga com um olhar. Ele diz que não o espere retornando na condução seguinte, nem que se alarme caso demore três ou quatro dias, mas, de todo modo, que o aguarde para o jantar de sexta à noite. Consideremos que o próprio Wakefield não suspeita do que está diante de si. Ele estende sua mão; ela oferece a sua, que encontra um beijo de despedida da forma previsível de um casamento de dez anos, e em frente segue o maduro senhor Wakefield, quase resolvido a desatinar sua esposa com a ausência de uma semana inteira. Após a porta se fechar atrás dele, ela percebe que ficou parcialmente aberta e avista ainda o rosto do marido através da abertura, sorrindo em sua direção e partindo em seguida. Na ocasião, este pequeno incidente é dispensado sem delongas, mas muito tempo depois, quando já havia passado mais anos como viúva do que esposa, aquele sorriso retornava e resplandecia em meio a todas as reminiscências do semblante de Wakefield. Em suas várias reflexões, envolve o sorriso original com uma abundância de fantasias que o tornavam estranho e angustiante; como, por exemplo, se o imaginasse em um caixão, aquela expressão de despedida estaria congelada em seu pálido aspecto; ou se sonhasse que está no céu, ainda assim seu abençoado espírito ostentaria um discreto e capcioso sorriso. Por essa causa, quando todos os outros assentiram que estava morto, por vezes, ela duvidava que fosse viúva.

Mas nosso assunto é com o marido. Devemos nos apressar atrás dele ao longo da rua, antes que perca sua individualidade e se misture à grande massa da vida londrina. Seria em vão procurá-lo ali. Sigamos seus passos de perto, até que, depois de diversas viradas e movimentos supérfluos, encontramo-lo confortavelmente instalado junto à lareira do pequeno apartamento anteriormente citado. Está na rua seguinte à sua própria, e no fim de sua jornada. Mal consegue acreditar na própria sorte por ter chegado sem ser percebido, recordando que uma vez foi atravancado pela multidão logo no foco de uma lâmpada acesa, e outra vez em que havia passos que aparentavam caminhar em seu rastro, distintos da numerosa gentalha à sua volta, e logo ouvindo uma voz que gritava distante, imaginou que chamava seu nome. Sem dúvida, uma dúzia de intrometidos havia percebido seus movimentos e contado tudo à sua esposa.

Pobre Wakefield! Mal conhece sua própria insignificância neste vasto mundo. Nenhum olho mortal, exceto o meu, o acompanhou. Vá em paz para sua cama, tolo homem, e pela manhã, se for sábio, vá para casa com a boa senhora Wakefield e conte a verdade. Não se ausente, nem por uma breve semana, de seu local em seu casto seio. Tendo ela, por um breve momento,

considerado que estivesse morto ou perdido ou fatalmente apartado de si, seja lamentavelmente consciente de uma mudança em sua fiel esposa para todo o sempre. É perigoso abrir uma fenda nos afetos humanos – não porque se estendem ao fim e ao largo, mas porque logo se fecham outra vez.

Quase arrependido de sua sandice ou qualquer que seja o termo aplicado, Wakefield por vezes se deita e, despertando do primeiro sono, estende os braços em direção ao amplo e solitário vazio da cama não habitual. "Não", ele pensa, recolhendo a roupa de cama à sua volta, "não dormirei outra noite sozinho". Pela manhã, acorda mais cedo do que de costume e se põe a considerar o que realmente pretende fazer. Tais são seus vagos e desconexos modos de pensamento, que deu esse passo muito singular com a consciência de um propósito, mas sem a capacidade de defini-lo suficientemente para sua própria contemplação. A vagueza do projeto e o esforço convulsivo com que se lança para executá-lo são igualmente característicos de um homem de mente fraca. Wakefield revira suas ideias, entretanto, com a maior diligência possível, e fica curioso para saber o andamento dos assuntos em casa – como sua esposa exemplar suportará sua semana de viuvez e, de forma breve, como a pequena esfera de criaturas e circunstâncias na qual ele era o objeto central será afetada por sua remoção. Uma vaidade mórbida, portanto, jaz quase no fundo da temática. Mas como conquistará seus objetivos? Não, com certeza, permanecendo próximo neste confortável apartamento, onde, ainda que dormisse e acordasse na rua seguinte à sua casa, está da mesma forma exilado como se rodasse a bordo da condução por toda a noite. Embora reaparecesse, o projeto inteiro estaria ameaçado. Com seu pobre cérebro preso sem esperanças nesse dilema, ele finalmente se arrisca, em parte decidido a atravessar a esquina e lançar um olhar apressado em direção ao seu domicílio abandonado. O hábito – pois ele é um homem de hábitos – o conduz pela mão e o guia, totalmente desavisado, até sua porta, onde, no momento crítico, é despertado pelo ruído de seu pé sobre o degrau. Wakefield, aonde você vai?

Naquele instante, seu destino girava sobre os eixos. Sem imaginar a sina a que seu primeiro passo para trás o devota, se afasta apressado, sem fôlego por conta da agitação jamais sentida, e mal se atrevendo a virar a cabeça em direção à distante esquina. Será possível que ninguém o viu? Será que toda a casa – a decente senhora Wakefield, a esperta empregada e o imundo rapazinho de serviços – não irromperia em uma algazarra pelas ruas de Londres em busca de seu senhor e mestre em fuga? Maravilhosa escapada! Ele reúne coragem para se deter e olhar para a casa, mas se estarrece com a sensação de mudança em torno do edifício familiar, algo que afeta a todos nós quando, após uma separação de meses ou anos, voltamos a ver alguma colina ou lago

ou obra de arte com os quais tínhamos relações antigas. Em casos ordinários, esta impressão indescritível é causada pela comparação e o contraste entre nossas reminiscências imperfeitas e a realidade. Em Wakefield, a magia de uma única noite forjou uma transformação similar, pois naquele breve período uma grande mudança moral foi alcançada. Mas isso é um segredo dele mesmo. Antes de deixar o local, ele tem um vislumbre distante e momentâneo e de sua esposa passando ao longo da janela frontal com o rosto voltado para o início da rua. O astuto imbecil bateu em retirada, assustado com a ideia de que, entre os milhares de átomos de mortalidade, os olhos dela o tenham detectado. De fato, seu coração se enche de prazer, embora sua mente permaneça um bocado tonta, quando ele se encontra próximo à lareira de seus aposentos.

Quanto fôlego para o início desta longa extravagância. Após a concepção inicial e a comoção do temperamento vagaroso do homem para colocar tudo em prática, a questão inteira se desenvolve em um curso natural. Podemos imaginá-lo como o resultado de uma intensa deliberação, comprando uma nova peruca de cabelo ruivo e escolhendo roupas variadas, de modo distinto de seu habitual terno marrom, saído de uma sacola de roupas velhas. Está feito: Wakefield é outro homem. Com o novo sistema estabelecido, um movimento retrógrado ao antigo seria quase tão difícil quanto o passo que o colocou nessa posição ímpar. Além do mais, sente-se obstinado por causa de um mau humor que ocasionalmente incide sobre seu temperamento, suscitado pelo sentimento inapropriado que ele supõe ter provocado no coração da senhora Wakefield. Ele não retornará até que ela esteja quase morta de angústia. Bem, ela passou diante de sua vista duas ou três vezes, cada vez com um andar mais pesado, uma face mais pálida e um cenho mais angustiado, e na terceira semana de seu desaparecimento, ele percebeu um presságio maligno entrar na casa sob o disfarce de um farmacêutico. No dia seguinte, o batente da porta é coberto. Perto do anoitecer, chega a carruagem de um médico e deposita seu solene e emproado fardo na porta de Wakefield, de onde ele emerge após uma visita de um quarto de hora, porventura o arauto de um funeral. Querida mulher! Será que morrerá?

A essa altura, Wakefield está entusiasmado por algo parecido com a energia de um sentimento, mas ainda se ausenta do leito de sua esposa, declarando em sua consciência que ela não deve ser perturbada em tal conjuntura. Se alguma outra coisa o restringe, ele não sabe. Ao longo de poucas semanas, sua recuperação é gradual. A crise se foi; seu coração está triste, é possível, mas calmo, e caso ele retorne cedo ou tarde, jamais será inflamado por ele outra vez. Essas ideias resplandecem através da névoa da

mente de Wakefield, tornando-o indistintamente consciente de que um abismo quase instransponível separa seu apartamento alugado de sua antiga casa. “É logo na próxima rua”, ele diz às vezes. Tolo! É outro mundo. Até agora ele postergou seu retorno de um determinado dia a outro; doravante, ele deixa o momento preciso sem determinação – amanhã, não; talvez na semana que vem; logo, logo. Pobre homem! Os mortos têm quase as mesmas chances de revisitar seus lares terrenos do que o autoexilado Wakefield!

Quem me dera escrever um volume ao invés de um artigo de uma dúzia de páginas! Então, poderia exemplificar como uma influência além de nosso controle repousa sua mão forte sobre cada ato que realizamos e tece suas consequências no tecido de ferro da necessidade.

Wakefield está enfeitiçado. Devemos deixá-lo por dez anos mais ou menos para que assombre os arredores de sua casa sem cruzar nenhuma vez o limiar e para ser fiel à sua esposa com toda a afeição de que seu coração é capaz, enquanto lentamente desaparece do dela. Há muito tempo, é preciso ressaltar, ele perdeu a noção da singularidade de sua conduta.

Agora, uma cena. Em meio à multidão de uma rua de Londres, distinguimos um homem, agora mais velho, com poucas características para atrair observadores despreocupados, mas carregando em toda a sua fisionomia as letras de um destino nada comum para aqueles que têm o dom de sua leitura. Ele é magro; sua testa baixa e estreita carrega rugas profundas; seus olhos, pequenos e sem brilho, vagam às vezes apreensivos em torno de si, mas com frequência parecem olhar para dentro. Ele curva a cabeça e se move com um passo indescritivelmente oblíquo, como se ansiasse por não revelar sua fronte inteira ao mundo. Observe-o por tempo suficiente para ver o que descrevemos e você assentirá que as circunstâncias – que com frequência produzem homens notáveis a partir da feitura ordinária da Natureza – produziram um bom exemplo aqui. Em seguida, deixando que ele se esgueire ao longo da calçada, olhe na direção oposta, onde uma senhora corpulenta, claramente no crepúsculo da vida, com um breviário à mão, segue rumo à igreja que há logo ali. Aparenta a mansidão de uma viuvez estabelecida. Seus arrependimentos morreram ou se tornaram tão essenciais a seu coração que poderiam ser mesmo tomados por alegria. E no momento em que o homem esguio e a mulher íntegra estão passando, ocorre uma leve obstrução e coloca essa duas figuras em contato direto. Suas mãos se tocam; a pressão da multidão força o peito dela contra o ombro dele; ficam cara a cara, olhando nos olhos um do outro. Após uma separação de dez anos, assim Wakefield encontra sua esposa. A turba segue seu fluxo e os carrega em direções opostas. A sóbria viúva, retomando seu ritmo anterior, segue para a igreja, mas para no portal e

lança um olhar atônito ao longo da rua. Ela entra, no fim das contas, abrindo seu breviário enquanto caminha.

E o homem? Com um rosto tão desgovernado que a ocupada e egoísta Londres se põe de pé para olhar em sua direção, corre aos seus aposentos, tranca a porta e se lança sobre a cama. Os sentimentos latentes de anos irrompem; sua mente frágil adquire uma energia breve a partir dessa força; toda a estranheza miserável de sua vida é revelada a ele em um relance, e ele grita apaixonadamente: "Wakefield! Wakefield! Você está louco!" Talvez estivesse. A singularidade de sua situação deve tê-lo moldado de tal forma que, considerando seus pares e os negócios da vida, não era possível dizer que estava em posse de suas faculdades mentais. Planejou – ou melhor, ocorreu de – se separar do mundo, desaparecer, desistir de seu lugar e privilégios com os vivos, sem ser admitido entre os mortos. A vida de um ermitão é, de forma alguma, paralela a isto. Estava no alvoroço da cidade como sempre, mas a multidão passava e não o via; estava, podemos afirmar figurativamente, sempre ao lado de sua esposa e em seu lar, ainda que jamais sentisse o calor de um nem o afeto do outro. O destino sem precedentes de Wakefield era reter sua cota original de empatias humanas e permanecer envolvido em interesses humanos, enquanto perdia sua influência recíproca sobre ambos. Constituiria a mais curiosa especulação traçar o efeito de tais circunstâncias em seu coração e intelecto separadamente e em uníssono. Contudo, mudado como estava, em raras ocasiões estaria consciente disso, sempre considerando a si mesmo como o homem de sempre; vislumbres da verdade, de fato, viriam, mas apenas por um instante, e mesmo assim ele continuaria dizendo: "Logo retornarei", sem refletir que havia afirmado isso por vinte anos.

Compreendo, ainda, que estes vinte anos aparentariam em retrospecto um pouco mais longos do que a semana a que Wakefield, a princípio, limitou sua ausência. Consideraria o assunto nada mais do que um interlúdio no curso principal de sua vida. Quando, após um pouco mais de tempo, julgasse ser o momento de reentrar em sua sala, sua esposa apertaria as mãos de felicidade ao vislumbrar Wakefield em sua meia-idade. Pelos céus, que erro! Se o Tempo ao menos aguardasse o término de nossas fantasias prediletas, seríamos todos jovens – todos nós – até o dia do Juízo Final.

Uma noite, no vigésimo ano de seu desaparecimento, Wakefield realiza sua caminhada habitual em direção à casa que ainda chama de sua. É uma noite tempestuosa de outono, com pancadas de chuva frequentes que crepitam sobre a calçada e que se vão antes que alguém possa armar o guarda-chuva. Parando perto da casa, Wakefield distingue através das janelas dos cômodos do segundo andar o brilho avermelhado e os lampejos e clarões

esporádicos de uma confortável lareira. No teto, aparece a sombra grotesca da boa senhora Wakefield. O chapéu, o nariz e o queixo, além da cintura larga, formam uma admirável caricatura, que dança conforme as oscilações do lume, com graça quase excedente para a sombra de uma senhora idosa. Neste momento, uma pancada ameaça cair, impulsionada pela rude ventania justamente no rosto e no peito de Wakefield. Está, de fato, atravessado pelo frio outonal. Ficará aqui molhado e estremecendo, quando seu próprio lar tem um agradável fogo para esquentá-lo e sua própria esposa, que se apressará para apanhar o casaco acinzentado e as roupas pessoais que sem dúvida guardou com cuidado no armário de seus aposentos? Não; Wakefield não é um tolo. Ele sobe os degraus – com esforço, pois vinte anos enrijeceram suas pernas desde que desceu, mas ele ignora. Fique, Wakefield! Deseja ir à única casa que lhe restou? Então, entre em sua cova. A porta se abre. Enquanto entra, temos um último vislumbre de sua fisionomia e reconhecemos o sorriso astuto que foi o precursor da pequena peça que sempre esteve pregando à custa de sua esposa. Com que falta de piedade testou a pobre mulher! Ora, que Wakefield tenha uma boa noite de sono!

Este feliz acontecimento – supondo que o seja – só poderia ter ocorrido em um momento não premeditado. Não seguiremos nosso amigo além do limiar. Ele nos deixou muita coisa em que pensar, uma parte da qual deve oferecer sua sabedoria a uma moral e ser moldada em uma figura. Em meio à aparente confusão de nosso misterioso mundo, os indivíduos estão tão bem ajustados a um sistema, e os sistemas entre si e de forma ampla, que, ao se ausentar por um momento, o homem se expõe ao terrível risco de perder seu lugar para sempre. Como Wakefield, ele poderia se tornar, por assim dizer, um pária do universo.

Primavera triste

Vicente Blasco Ibáñez

O texto: O conto "Primavera triste", de Vicente Blasco Ibáñez, pertence ao livro de narrativas breves *La condenada*, publicado em 1900. Trata-se da história de uma adolescente de saúde frágil, negligenciada por seu tio, que vê no jardim que cuida o final dos seus dias, assim como as flores que murcham e morrem ao final da primavera.

Texto traduzido: Ibáñez, V. B. "Primavera triste". In. *La condenada*. Valencia/Madrid: F. Sempere y Compañia, 1900, pp. 19-31.

O autor: Vicente Blasco Ibáñez (1867-1928), escritor e jornalista espanhol, nasceu em Valência. Conhecido por sua atuação no cenário político republicano e pela prolífica carreira literária, sua obra é a síntese da união da escrita a ideais políticos. Além de apresentar elementos costumistas e regionalistas, em sua fase valenciana, sua obra se vincula também ao Naturalismo, pela forte crítica social, ao levantar questões da sociedade de sua época, que almejavam justiça e igualdade de classes. Escreveu inúmeros contos e novelas, incluindo as obras valencianas (*Arroz y tartana*, 1894; *Cañas y barro*, 1902) e naturalistas (*La catedral*, 1903; *La horda*, 1906).

A tradutora: Rosangela Fernandes Eleutério é licenciada em Letras Espanhol e mestra em Estudos da Tradução pela UFSC. Atualmente, cursa doutorado em Estudos da Tradução, com ênfase em tradução literária e língua espanhola. Para a (n.t.) traduziu Alejandra Pizarnik.

PRIMAVERA TRISTE

"¡Qué hermosa primavera! Sin duda, Dios cambiaba de sitio en las alturas, aproximándose a la Tierra."

VICENTE BLASCO IBÁÑEZ

El viejo Tófol y la chicuela vivían esclavos de su huerto, fatigados por una incesante producción.

Eran dos árboles más, dos plantas de aquel pedazo de tierra – no mayor que un pañuelo, según decían los vecinos –, y del cual sacaban su pan a costa de fatigas.

Vivían como lombrices de tierra, siempre pegados al surco; y la chica, a pesar de su desmedrada figura, trabajaba como un peón.

La apodaban la Borda, porque la difunta mujer del tío Tófol, en su afán de tener hijos que alegrasen su esterilidad, la había sacado de la Inclusa. En aquel huertecillo había llegado a los diecisiete años, que parecían once, a juzgar por lo enclenque de su cuerpo, afeado aún más por la estrechez de unos hombros puntiagudos, que se curvaban hacia afuera, hundiendo el pecho e hinchando la espalda.

Era fea; angustiaba a sus vecinas y compañeras de mercado con su tosecilla continua y molesta; pero todas la querían. ¡Criatura más trabajadora!... Horas antes de amanecer, ya temblaba de frío en el huerto cogiendo fresas o cortando flores; era la primera que entraba en Valencia para ocupar su puesto en el mercado; en las noches que correspondía regar, agarraba valientemente el azadón y, con las faldas arremangadas, ayudaba al tío Tófol a abrir bocas en los ribazos por donde se derramaba el agua roja de la acequia, que la tierra, sedienta, y requemada, engullía con un glu-glu de satisfacción; y los días que había remesa para Madrid, corría como loca por el huerto, saqueando los

bancales, trayendo a brazados los claveles y rosas, que los embaladores iban colocando en cestos.

Todo se necesitaba para vivir con tan poca tierra. Había que estar siempre sobre ella, tratándola como bestia reacia que necesita del látigo para marchar. Era una parcela de un vasto jardín, en otro tiempo de los frailes, que la desmortización revolucionaria había subdividido. La ciudad, ensanchándose amenazaba tragarse el huerto en su desbordamiento de casas, y el tío Tófol, a pesar de hablar mal de sus terruños, temblaba ante la idea de que la codicia tentase al dueño y los vendiese como solares.

Allí estaba su sangre: sesenta años de trabajo. No había un pedazo de tierra inactiva, y aunque el huerto era pequeño, desde el centro no de veían las tapias: tal era la maraña de árboles y plantas; nísperos y magnolieros, bancales de claveles, bosquecillos de rosales, tupidas enredaderas de pasionarias y jazmines: todas cosas útiles, que daban dinero y eran apreciadas por los tontos de la ciudad.

El viejo, insensible a las bellezas de su huerto, sólo ansiaba la cantidad. Quería segar las flores en gavillas, como si fuesen hierba; cargar carros enteros de frutas delicadas; y este anhelo de viejo avaro e insaciable martirizaba a la pobre Borda, que apenas descansaba un momento, vencida por la tos, oía amenazas o recibía como brutal advertencia un terronazo en los hombros.

Las vecinas de los inmediatos huertos protestaban. Estaban matando a la chica; cada vez tosía más. Pero el viejo contestaba siempre lo mismo: había que trabajar mucho; el amo no atendía razones en San Juan y en Navidad, cuando correspondía entregarle las pagas de arrendamiento. Si la chica tosía era por vicio, pues no le faltaban su libra de pan y su rinconcito en la cazuela de arroz; algunos días hasta comía golosinas: morcilla de cebolla y sangre, por ejemplo; los domingos la dejaba divertirse, enviándola a misa como una señora, y aún no hacía un año que le dio tres pesetas para una falda. Además, era su padre, y el tío Tófol, como todos los labriegos de raza latina, entendía la paternidad cual los antiguos romanos: con derecho de vida y muerte sobre los hijos, sintiendo cariño en lo más hondo de su voluntad; pero demostrándolo con las cejas fruncidas y alguno que otro palo.

La pobre Borda no se quejaba. Ella también quería trabajar mucho, para que nunca le quitasen el pedazo de tierra, en cuyos senderos aún creía ver el zagalejo remendado de aquella vieja hortelana, a la que llamaba madre cuando sentía la caricia de sus manos callosas.

Allí estaba cuanto quería en el mundo: los árboles que la conocieron de pequeña y las flores, que en su pensamiento inocente hacían surgir una vaga

idea de maternidad. Eran sus hijas, las únicas muñecas de su infancia, y todas las mañanas experimentaba la misma sorpresa viendo las flores nuevas que surgían de sus capullos, siguiéndolas paso a paso en su crecimiento, desde que, tímidas, apretaban sus pétalos, como si quisieran retroceder y ocultarse, hasta que con repentina audacia estallaban como bombas de colores y perfumes.

El huerto entonaba para ella una sinfonía interminable, en la cual la armonía de los colores confundíase con el rumor de los árboles y el monótono canturreo de aquella acequia fangosa y poblada de renacuajos, que, oculta por el follaje, sonaba como arroyuelo bucólico.

En las horas de fuerte sol, mientras el viejo descansaba, iba la Borda de un lado a otro, admirando las bellezas de su familia, vestida de gala para celebrar la estación. ¡Qué hermosa primavera! Sin duda, Dios cambiaba de sitio en las alturas, aproximándose a la Tierra.

Las azucenas de blanco raso, erguíanse con cierto desmayo, como las señoritas en traje de baile que la pobre Borda había admirado muchas veces en las estampas; las camelias, de color carnoso, hacían pensar en tibias desnudeces, en grandes señoras indolentemente tendidas, mostrando los misterios de su piel de seda; las violetas coqueteaban ocultándose entre las hojas para denunciarse con su perfume; las margaritas destacábanse como botones de oro mate; los claveles, cual avalancha revolucionaria de gorros rojos, cubrían los bancales y asaltaban los senderos; arriba, las magnolias balanceaban su blanco cogollo como un incensario de marfil que esparcía incienso más grato que el de las iglesias; y los pensamientos, maliciosos duendes, sacaban por entre el follaje sus garras de terciopelo morado, y, guiñando las caritas barbudas, parecían decir a la chica:

– Borda, Bordeta..., nos asamos. ¡Por Dios, un poquito de agua!

Lo decían, sí; oíalo ella, no con los oídos, sino con los ojos, y aunque los huesos le dolían de cansada, corría a la acequia a llenar la regadera y bautizaba a aquellos pilluelos, que bajo la ducha saludaban agradecidos.

Sus manos temblaban muchas veces al cortar el tallo de las flores. Por su gusto, allí se quedarían hasta secarse; pero era preciso ganar dinero llenando los cestos que se enviaban a Madrid.

Enviaba a las flores viéndolas emprender el viaje. ¡Madrid!... ¿Cómo sería aquello? Veía una ciudad fantástica, con suntuosos palacios como los de los cuentos, brillantes salones de porcelana con espejos que reflejaban millares de luces, hermosas señoras que lucían sus flores; y tal era la intensidad de la

imagen, que hasta creía haber visto todo aquello en otros tiempos; tal vez antes de nacer.

En aquel Madrid estaba el señorito, el hijo de los amos, con el cual había jugado muchas veces siendo niña, y de cuya presencia huyó avergonzada el verano anterior, cuando, hecho un arrogante mozo, visitó el huerto. ¡Pícaros recuerdos! Ruborizábase pensando en las horas que pasaron siendo niños, sentados en un ribazo, oyendo ella la historia de Cenicienta, la niña despreciada convertida repentinamente en arrogante princesa.

La eterna quimera de todas las niñas abandonadas venía entonces a tocarle en la frente con sus alas de oro. Veía detenerse un soberbio carruaje en la puerta del huerto; una hermosa señora la llamaba: «Hija mía!..., por fin te encuentro»; ni más ni menos que en la leyenda; después, los trajes magníficos, un palacio por casa, y, al final, como no hay príncipes disponibles a todas horas para casarse, contentábase modestamente con hacer su marido al señorito.

¿Quién sabe?... Y cuando más esperanzada se ponía en el futuro, la realidad la despertaba en forma de brutal terronazo, mientras el viejo decía con voz áspera:

– ¡Arre!, que ya es hora.

Y otra vez al trabajo, a dar tormento a la tierra, que se quejaba cubriéndose de flores.

El sol caldeaba el huerto, haciendo estallar las cortezas de los árboles, en las tibias madrugadas sudábase al trabajar como si fuese mediodía, y a pesar de esto, la Borda, cada vez más delgada y tosiendo más.

Parecía que el color y la vida que faltaban en su rostro se lo arrebataban las flores, a las que besaba con inexplicable tristeza.

Nadie pensó en llamar al médico. ¿Para qué? Los médicos cuestan dinero, y el tío Tófol no creía en ellos. Los animales saben menos que las personas y lo pasan tan ricamente sin médicos no boticas.

Una mañana en el mercado, las compañeras de la Borda cuchicheaban, mirándola compasivamente. Su fino oído de enfermera lo escuchó todo. Caería cuando cayesen las hojas.

Estas palabras fueron su obsesión. Morir... ¡Bueno, se resignaba!; por el pobre viejo lo sentía, falto de ayuda. Pero al menos que muriese como su madre, en plena primavera, cuando todo el huerto lanzaba risueño su loca carcajada de colores: no cuando se despuebla la tierra, cuando los árboles

parecen escobas, y las apagadas flores de invierno se alzan tristes de los bancales.

¡Al caer las hojas!... Aborrecía los árboles, cuyos ramajes se desnudaban como esqueletos del otoño; huía de ellos como si su sombra fuese maléfica, y adoraba una palmera que el siglo anterior plantaron los frailes; esbelto gigante, con la cabeza coronada de un surtidor de ondulantes plumas.

Aquellas hojas no caían nunca. Sospechaba que tal vez fuese una tontería; pero su afán por lo maravilloso le hacía sentir esperanzas, y, como el que busca la curación al pie de imagen milagrosa, la pobre Borda pasaba los ratos de descanso al pie de la palmera, que la protegía con la sombra de sus punzantes ramas.

Allí pasó el verano viendo cómo el sol, que no la calentaba, hacía humear la tierra, cual si de sus entrañas fuese a sacar un volcán; allí la sorprendieron los primeros vientos del otoño, que arrastraban las hojas secas. Cada vez estaba más delgada, más triste, con una finura tal de percepción que oía los sonidos más lejanos. Las mariposas blancas que revoloteaban en torno de su cabeza pegaban las alas en el sudor frío de su frente, como si quisieran tirar de ella, arrastrándola a otros mundos, donde las flores nacen espontáneamente, sin llevarse en sus colores y perfumes algo de la vida de quien las cuida.

Las lluvias de invierno no encontraron ya a la Borda. Cayeron sobre el encorvado espinazo del viejo, que estaba, como siempre, con la azada en las manos y la vista en el surco.

Cumplía su destino con la indiferencia y el valor de un disciplinado soldado de la miseria. Trabajar, trabajar mucho para que no faltase la cazuela de arroz y la paga al amo.

Estaba solo: la chica había seguido a su madre. Lo único que le quedaba era aquella tierra traidora que se chupaba a las personas y acabaría con él, cubierta siempre de flores, perfumada y fecunda, como si sobre ella no hubiese soplado la muerte. Ni siquiera se había secado un rosal para acompañar a la pobre Borda en su viaje.

Con sus setenta años tenía que hacer el trabajo de dos; removía la tierra con más tenacidad que antes, sin levantar la cabeza, insensible a la engañosa belleza que le rodeaba, sabiendo que era el producto de su esclavitud, animado únicamente por el deseo de vender bien la hermosura de la Naturaleza, y segando las flores con el mismo entusiasmo que si segara hierba.

PRIMAVERA TRISTE

"Que bela primavera! Sem dúvida, Deus mudava-se de lugar nas alturas, aproximando-se da Terra."

VICENTE BLASCO IBÁÑEZ

O velho Tófol e a garotinha viviam escravos de sua horta, cansados de uma produção incessante.

Eram duas árvores mais, duas plantas daquele pedaço de terra – não maior que um lenço, segundo diziam os vizinhos –, e do qual tiravam o pão à custa da fadiga.

Viviam como minhocas, sempre presos ao canteiro, e a garota, apesar de sua desanimada figura, trabalhava como um peão.

Apelidaram-na de "A Borda", porque a falecida esposa do tio Tófol, em sua ânsia de ter filhos que alegrassem sua esterilidade, a tirou de um abrigo. Naquele pequeno jardim chegara aos dezessete anos, que pareciam onze, a julgar pela fragilidade de seu corpo, ainda mais feio pela estreiteza de seus ombros pontudos, que se curvavam para fora, afundando o peito e inchando as costas.

Ela era feia; angustiava seus vizinhos e companheiros de mercado com sua tosse contínua e irritante; mas todos a amavam. Que criatura mais trabalhadora!... Horas antes de amanhecer, já tremia de frio na horta colhendo morangos ou cortando flores; era a primeira a entrar em Valência para ocupar seu lugar no mercado; nas noites em que era preciso regar, agarrava bravamente a enxada e, com a saia enrolada, ajudava o tio Tófol a abrir bocas nas margens onde se derramava a água vermelha da vala, que a terra, sedenta e queimada, engolia com um glu-glu de satisfação; e nos dias em que havia remessa para Madri, ela corria como uma louca pela horta, saqueando os

terraços, trazendo cravos e rosas nos braços, que os empacotadores colocavam em cestos.

Tudo se necessitava para viver com tão pouca terra. Você tinha que estar sempre sobre ela, tratando-a como uma besta relutante que precisa do chicote para marchar. Era uma parte de um vasto jardim, outrora dos frades que a desamortização revolucionária havia subdividido. A cidade, alargando-se, ameaçou engolir a horta com suas casas que transbordavam, e tio Tófol, apesar de falar mal de sua terra natal, tremia com a ideia de que a ganância tentaria o proprietário e os venderia em lotes.

Lá estava seu sangue: sessenta anos de trabalho. Não havia um pedaço de terra intacta, e embora o jardim fosse pequeno, do centro não dava para ver as paredes: tal era o emaranhado de árvores e plantas; nêsperas e magnólias, terraços de cravos, bosques de roseiras, vinhas densas de passifloras e jasmim: todas as coisas úteis, que rendiam dinheiro e eram apreciadas pelos tolos da cidade.

O velho, insensível às belezas de seu jardim, ansiava apenas por quantidade. Queria cortar as flores em feixes, como se fossem grama; carregar carrinhos inteiros de frutas delicadas; e essa saudade de um velho ganancioso e insaciável atormentava a pobre Borda, que apenas descansava um momento, vencida pela tosse, ouvia ameaças ou recebia como advertência brutal um soco nos ombros.

Os vizinhos das hortas próximas protestaram. Estavam matando a garota; ela tossia cada dia mais. Mas o velho sempre respondia a mesma coisa: ela tinha que trabalhar muito; o patrão não atendia aos pedidos em São João e no Natal, quando devia entregar o pagamento do aluguel. Se a garota tossia, era de mania, porque não lhe faltava a sua parte de pão e seu cantinho na caçarola de arroz; alguns dias até comia doces: chouriço de cebola e sangue, por exemplo; aos domingos ele a deixava se divertir, mandando-a para a missa como uma senhora, e há menos de um ano lhe deu três contos por uma saia. Além disso, era seu pai, e tio Tófol, como todos os camponeses da raça latina, entendia a paternidade como os antigos romanos: com direito de vida e morte sobre as crianças, sentindo amor no mais profundo de sua vontade, mas mostrando-o com as sobrancelhas franzidas e com uma vara de pau.

A pobre Borda não reclamava. Ela também queria trabalhar muito, para que nunca lhe tirassem o pedaço de terra, em cujos canteiros ainda acreditava ver o vestido remendado daquela velha jardineira, a quem chamava de mãe quando sentia a carícia de suas mãos calejadas.

Ali havia tudo o que ela queria no mundo: as árvores que a conheceram quando era pequena e as flores, que em seu pensamento inocente deram origem a uma vaga ideia de maternidade. Eram suas filhas, as únicas bonecas de sua infância, e todas as manhãs ela experimentava a mesma surpresa ao ver as novas flores que brotavam de seus botões, seguindo-as passo a passo em seu crescimento, já que, tímidas, apertavam suas pétalas, como se quisessem ir para trás e se esconder, até que com repentina ousadia explodiram como bombas coloridas e perfumadas.

O jardim entoava para ela uma sinfonia sem fim, na qual a harmonia das cores se confundia com o murmúrio das árvores e o zumbido monótono daquela vala lamacenta e cheia de girinos, que, escondida pela folhagem, parecia um riacho bucólico.

Nas horas de sol forte, enquanto o velho descansava, Borda ia de um lado para o outro, admirando as belezas de sua família, vestida a rigor para comemorar a temporada. Que bela primavera! Sem dúvida, Deus mudava-se de lugar nas alturas, aproximando-se da Terra.

Os lírios de cetim branco erguiam-se com certa fraqueza, como as moças em traje de dança que a pobre Borda havia admirado muitas vezes nas gravuras; as camélias, de cor carnuda, faziam pensar nas tíbias nudezes, nas grandes senhoras indolentes deitadas, mostrando os mistérios de sua pele sedosa; as violetas flertavam, escondendo-se entre as folhas para se denunciarem com seu perfume; as margaridas se destacavam como botões de ouro fosco; os cravos, como uma avalanche revolucionária de gorros vermelhos, cobriam os terraços e invadiam os caminhos; acima, as magnólias balançavam seu botão branco como um incensário de marfim espalhando um incenso mais agradável do que a das igrejas; e os pensamentos, duendes maliciosos, extraiam entre as folhagens suas garras de veludo roxo, e, piscando seus rostos barbudos, pareciam dizer à garota:

– Borda, Bordinha... estamos torrando! Um pouco de água, pelo amor de Deus!

Disseram isso, sim; ela ouvia, não com os ouvidos, mas com os olhos, e embora seus ossos doessem de cansaço, ela corria para a vala para encher o regador e batizava aqueles pequenos, que a cumprimentavam com gratidão debaixo do chuveiro.

Muitas vezes suas mãos tremiam ao cortar o talo das flores. Por sua vontade, ali ficariam até que secassem; mas era preciso ganhar dinheiro enchendo os cestos que se enviavam a Madri.

Enviava as flores, vendo-as empreender a viagem. Madri!... Como seria isso? Via uma cidade fantástica, com suntuosos palácios como os dos contos, salões de porcelana brilhantes com espelhos que refletiam milhares de luzes, lindas senhoras que exibiam suas flores; e tal era a intensidade da imagem, que até acreditou ter visto tudo isso em outros tempos; talvez antes de nascer.

Naquela Madri estava o senhorio, o filho dos patrões, com quem havia brincado muitas vezes quando era criança, e de cuja presença fugiu envergonhada no verão anterior, quando, já um arrogante moço, visitou a horta. Pícaras lembranças! Ruborizava-se pensando nas horas que passaram sendo crianças, sentados em um barranco, ela ouvindo a história da Cinderela, a menina desprezada que repentinamente se transformou em uma arrogante princesa.

A eterna quimera de todas as meninas abandonadas chegava e tocava-a na testa com suas asas de ouro. Viu uma soberba carruagem parar no portão da horta; uma linda senhora chamava: "Minha filha!... Enfim, nos encontramos!", igual à lenda! Depois, os trajes magníficos, a casa um palácio, e, no final, como não há príncipes disponíveis a qualquer hora para se casar, contentava-se modestamente em fazer de marido o filho do senhorio.

Quem sabe?!... E quando mais esperançosa se projetava no futuro, a realidade a despertava com um brutal bofetão, enquanto o velho dizia com voz áspera:

– Anda, que já tá na hora.

E outra vez ao trabalho, para flagelar a terra, que se queixava cobrindo-se de flores.

O sol esquentava a horta, fazendo estalar a casca das árvores, nas tépidas madrugadas suava-se ao se trabalhar como se fosse meio-dia, e apesar disso, Borda emagrecia e tossia cada vez mais.

Parecia que a cor e a vida que faltavam em seu rosto foram levados pelas flores, aquelas que beijava com inexplicável tristeza.

Ninguém pensou em chamar o médico. Para quê? Os médicos custam dinheiro, e o tio Tófol não acreditava neles. Os animais sabem menos que as pessoas e passam muito bem sem médicos nem remédios.

Certa manhã no mercado, as companheiras de Borda cochichavam, olhando-a compassivamente. Seu bom ouvido de enfermeira ouviu tudo. Cairia quando caíssem as folhas.

Essas palavras foram sua obsessão. Morrer... Bom, se resignava! Sentia pelo pobre velho, que ficaria sem ajuda. Mas, a menos que ele morresse como sua mãe, em plena primavera, quando toda a horta lançava sua louca gargalhada colorida: não quando a terra estivesse despovoada, quando as árvores se parecerem a vassouras e as opacas flores de inverno se lançarem tristes dos canteiros.

Ao cair das folhas!... As árvores a aborreciam, cujos galhos sem folhas pareciam esqueletos de outono; fugia delas como se sua sombra fosse maléfica, e adorava uma palmeira que os frades plantaram no século anterior; esbelto gigante, com a cabeça coroada de uma fonte de plumas onduladas.

Aquelas folhas nunca caiam. Suspeitou que talvez se tratasse de uma bobagem, mas sua ânsia pelo maravilhoso deixava-a esperançosa; e como quem busca a cura aos pés de uma imagem milagrosa, a pobre Borda passava seus momentos de descanso ao pé da palmeira, que a protegia com a sombra de seus galhos pontiagudos.

Ali passou o verão vendo como o sol, que não a aquecia, fazia a terra fumegar, como se fosse tirar um vulcão de suas entranhas; ali foi surpreendida pelos primeiros ventos de outono, que arrastavam as folhas secas. Estava cada vez mais magra, mais triste, com uma percepção tão delicada que ouvia os sons mais distantes. As borboletas brancas que esvoaçavam ao redor de sua cabeça grudavam as asas no suor frio de sua testa, como se quisessem puxá-la, arrastando-a para outros mundos, onde as flores nascem espontaneamente, sem carregar em suas cores e perfumes algo da vida de quem as cuida.

As chuvas de inverno não alcançaram mais a Borda. Caíram sobre as costas encurvadas do velho, que estava, como sempre, com a enxada nas mãos e os olhos no canteiro.

Cumpria seu destino com a indiferença e a coragem de um disciplinado soldado da miséria. Trabalhar, trabalhar muito para que não faltasse a panela de arroz e o pagamento ao senhorio.

Estava sozinho: a garota havia seguido sua mãe. Só lhe restava aquela terra traiçoeira que sugava as pessoas e que o destruiria, sempre coberta de flores, perfumada e fértil, como se a morte não tivesse soprado sobre ela. Nem sequer havia secado uma roseira para acompanhar a pobre Borda em sua viagem.

Aos setenta anos, tinha que fazer o trabalho de dois; removia a terra com mais tenacidade que antes, sem levantar a cabeça, insensível à beleza enganosa que o rodeava, sabendo que era o produto de sua escravidão, animado

unicamente pelo desejo de vender bem a beleza da natureza, e colhendo as flores com o mesmo entusiasmo que arrancara os matos.

ensaios

(n.t.) | Yttergärde

O progresso da arte e da língua

Samuel Johnson

O texto: O ensaio "Progress of arts and language" é parte de uma série de 103 textos divulgados no semanário londrino *Universal Chronicle* entre 1758 e 1760, e logo depois reunidos na obra *The Idler* (1761). No texto, publicado no dia 30 de junho de 1759, Samuel Johnson afirma que a arte e a língua só florescem depois que as necessidades básicas do ser humano são atendidas, contudo, ambas progridem da melhoria à degeneração. A língua inglesa, assim, teria começado sem arte e de forma simples, desconexa e concisa, mas desde Geoffrey Chaucer, ela tem se tornado cada vez mais refinada e, por isso, alerta ao perigo da afetação.

Texto traduzido: Johnson, S. "Progress of arts and language" (nº 63). In. *The Works of Samuel Johnson*. Philadelphia: H.C. Carey & I. Lea, 1825, pp. 146-148.

O autor: Samuel Johnson (1709-1784), escritor e pensador inglês, nasceu em Litchfield. Seu pai era livreiro e muito de sua educação se deu ao fato de ter crescido em uma livraria. Embora não tenha terminado os estudos devido a falta de recursos para pagar a universidade, tornou-se importante nos círculos literários da Inglaterra. Como escritor e crítico, seu nome ecoou no século XVIII por toda a Bretanha e muitos estudiosos ainda nomeiam a metade desse século como a "Era de Johnson". Escreveu poemas, ensaios e biografias, sendo conhecido por seu *Dictionary of the English Language*, de 1755, considerado um dos mais influentes dicionários já escritos.

A tradutora: Vanessa de Carvalho Santos é mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e graduada pela mesma instituição em Letras – Língua Inglesa e Literatura Inglesa. Atualmente trabalha como coordenadora de línguas estrangeiras em duas escolas na cidade de Teresina/PI e desenvolve pesquisas em torno da Teoria Literária e Literatura Eletrônica, com ênfase na Narrativa Transmidiática.

Progress of Arts and Language

"The natural progress of the works of men is from rudeness to convenience, from convenience to elegance."

SAMUEL JOHNSON

The natural progress of the works of men is from rudeness to convenience, from convenience to elegance, and from elegance to nicety.

The first labour is enforced by necessity. The savage finds himself incommoded by heat and cold, by rain and wind; he shelters himself in the hollow of a rock, and learns to dig a cave where there was none before. He finds the sun and the wind excluded by the thicket; and when the accidents of the chase, or the convenience of pasturage, leads him into more open places, he forms a thicket for himself, by planting stakes at proper distances, and laying branches from one to another.

The next gradation of skill and industry produces a house, closed with doors, and divided by partitions; and apartments are multiplied and disposed according to the various degrees of power or invention; improvement succeeds improvement, as he that is freed from a greater evil grows impatient of a less, till ease in time is advanced to pleasure.

The mind set free from the importunities of natural want, gains leisure to go in search of superfluous gratifications, and adds to the uses of habitation the delights of prospect. Then begins the reign of symmetry; orders of architecture are invented, and one part of the edifice is conformed to another, without any other reason, than that the eye may not be offended.

The passage is very short from elegance to luxury. Ionic and Corinthian columns are soon succeeded by gilt cornices, inlaid floors, and petty ornaments, which show rather the wealth than the taste of the possessor.

Language proceeds, like every thing else, through improvement to degeneracy. The rovers who first took possession of a country, having not many ideas, and those not nicely modified or discriminated, were contented if by general terms and abrupt sentences they could make their thoughts known to one another; as life begins to be more regulated, and property to become limited, disputes must be decided, and claims adjusted; the differences of things are noted, and distinctness and propriety of expression become necessary. In time, happiness and plenty give rise to curiosity, and the sciences are cultivated for ease and pleasure; to the arts, which are now to be taught, emulation soon adds the art of teaching; and the studious and ambitious contend not only who shall think best, but who shall tell their thoughts in the most pleasing manner.

Then begin the arts of rhetoric and poetry, the regulation of figures, the selection of words, the modulation of periods, the graces of transition, the complication of clauses, and all the delicacies of style and subtilties of composition, useful while they advance perspicuity, and laudable while they increase pleasure, but easy to be refined by needless scrupulosity till they shall more embarrass the writer than assist the reader or delight him.

The first state is commonly antecedent to the practice of writing; the ignorant essays of imperfect diction pass away with the savage generation that uttered them. No nation can trace their language beyond the second period, and even of that it does not often happen that many monuments remain.

The fate of the English tongue is like that of others. We know nothing of the scanty jargon of our barbarous ancestors; but we have specimens of our language when it began to be adapted to civil and religious purposes, and find it such as might naturally be expected, artless and simple, unconnected and concise. The writers seem to have desired little more than to be understood, and perhaps seldom aspired to the praise of pleasing. Their verses were considered chiefly as memorial, and therefore did not differ from prose but by the measure or the rhyme.

In this state, varied a little according to the different purposes or abilities of writers, our language may be said to have continued to the time of Gower, whom Chaucer calls his master, and who, however obscured by his scholar's popularity, seems justly to claim the honour which has been hitherto denied him, of showing his countrymen that something more was to be desired, and that English verse might be exalted into poetry.

From the time of Gower and Chaucer, the English writers have studied elegance, and advanced their language, by successive improvements, to as much harmony as it can easily receive, and as much copiousness as human knowledge has hitherto required. These advances have not been made at all times with the same diligence or the same success. Negligence has suspended the course of improvement, or affectation turned it aside; time has elapsed with little change, or change has been made without amendment. But elegance has been long kept in view with attention as near to constancy as life permits, till every man now endeavours to excel others in accuracy, or outshine them in splendour of style; and the danger is, lest care should too soon pass to affectation.

O PROGRESSO DA ARTE E DA LÍNGUA

"O progresso natural das obras dos homens vai da grosseria
à conveniência, da conveniência à elegância."

SAMUEL JOHNSON

O progresso natural das obras dos homens vai da grosseria à conveniência, da conveniência à elegância e da elegância à sutileza.

O primeiro trabalho é imposto por necessidade. O selvagem se vê incomodado pelo calor e pelo frio, pela chuva e pelo vento; ele se abriga no buraco de uma rocha e aprende a cavar uma caverna onde não havia nada antes. Ele encontra o sol e o vento excluídos pelo matagal; e quando os acidentes da caça, ou a conveniência do pasto, o levam a lugares mais abertos, ele forma um matagal para si mesmo, plantando estacas a distâncias adequadas e colocando galhos um ao lado do outro.

A próxima gradação de habilidade e indústria produz uma casa fechada com portas e repartida em divisórias; e os apartamentos são multiplicados e dispostos de acordo com os vários graus de poder ou invenção; o aperfeiçoamento sucede o aperfeiçoamento, pois aquele que está livre de um mal maior fica impaciente com um mal menor, até que a facilidade no tempo avance para o prazer.

A mente, liberta das importunações da carência natural, ganha lazer para ir em busca de gratificações supérfluas e acrescenta aos usos da habitação as delícias da perspectiva. Então, começa o reinado da simetria; ordens de arquitetura são inventadas, e uma parte do edifício é adaptada à outra, sem qualquer outra razão, a não ser para que os olhos não sejam ofendidos.

A passagem da elegância ao luxo é muito curta, as colunas jônicas e coríntias logo são sucedidas por cornijas douradas, pisos marchetados e or-

namentos mesquinhos, que mostram mais a riqueza do que o gosto do possuidor.

A língua prossegue, como todas as outras coisas, da melhoria à degeneração. Os andarilhos que primeiro tomaram posse de um país, não tendo muitas ideias, e aqueles não tão modificados ou discriminados, ficavam contentes se, por termos gerais e frases abruptas, pudessem expressar seus pensamentos uns aos outros; conforme a vida começa a ser mais regulada e a propriedade limitada, as disputas devem ser decididas e as reivindicações ajustadas; as diferenças das coisas são notadas, e clareza e propriedade de expressão tornam-se necessárias. Com o tempo, a felicidade e a abundância dão origem à curiosidade, e as ciências são cultivadas para o conforto e o prazer; às artes, que agora devem ser ensinadas, a emulação logo acrescenta a arte de ensinar; e os estudiosos e ambiciosos disputam não apenas quem deve pensar melhor, mas quem deve expor seus pensamentos da maneira mais agradável.

Em seguida, começa a arte da retórica e da poesia, a regulação de figuras, a seleção de palavras, a modulação de períodos, as graças de transição, a complicação de cláusulas e todas as delicadezas de estilo e sutilezas de composição, úteis enquanto avançam na perspicuidade, e louváveis ao mesmo tempo que aumentam o prazer, mas fáceis de serem refinadas por escrupulosidade desnecessária até que possam embaraçar mais o escritor do que ajudar ou deleitar o leitor.

O primeiro estado é comumente anterior à prática da escrita; os ensaios ignorantes de dicção imperfeita falecem com a geração selvagem que os proferiu. Nenhuma nação pode traçar seu idioma além do segundo período, e mesmo assim não acontece com frequência que muitos monumentos permaneçam.

O destino da língua inglesa é como o das outras. Não sabemos nada sobre o jargão escasso de nossos ancestrais bárbaros; mas temos espécimes de nossa língua quando ela começou a ser adaptada para propósitos civis e religiosos, e a achamos tal como seria de se esperar, natural e simples, desconexa e concisa. Os escritores parecem ter desejado pouco mais do que serem compreendidos, e talvez raramente aspirassem ao elogio do agradar. Seus versos eram considerados principalmente como memoriais e, portanto, não diferiam da prosa, e sim, pela medida ou rima.

Nesse estado, variando um pouco de acordo com os diferentes propósitos ou habilidades dos escritores, pode-se dizer que nossa língua continuou até a época de Gower, a quem Chaucer chama de mestre, e que, embora obs-

curecido pela popularidade de seu erudito, parece justamente reivindicar a honra que até agora lhe foi negada, de mostrar a seus compatriotas que algo mais deveria ser desejado e que o verso inglês poderia ser exaltado em poesia.

Desde o tempo de Gower e Chaucer, os escritores ingleses estudaram a elegância e desenvolveram sua língua, por meio de sucessivos aprimoramentos, até o máximo de harmonia que pode receber facilmente e a quantidade de abundância que o conhecimento humano até agora exigiu. Esses avanços não foram feitos em todos os momentos com a mesma diligência ou o mesmo sucesso. A negligência suspendeu o curso da melhoria ou a afetação o desviou; o tempo passou com pouca mudança ou a mudança foi feita sem emenda. Mas a elegância tem sido mantida por muito tempo com atenção tão próxima da constância quanto a vida permite, até que todo homem agora se esforça para superar os outros em precisão, ou superá-los em esplendor de estilo; e o perigo é que a falta de cuidado se transforme tão logo em afetação.

Peças de flores

Jean Paul Friedrich Richter

O texto: Tradução de duas "peças de flores" de Jean Paul Friedrich Richter, incluídas na obra *Siebenkäs*, de 1796: "Discurso do Cristo morto do alto do edifício do mundo, que nenhum Deus existe", que trata da angústia cristã acerca da morte de Cristo e das crenças na imortalidade da alma e na inexistência divina. E também, da vaidade de todas as coisas terrestres e de seu entrelaçamento com a assertiva da inexistência de Deus, em que o ateísmo proporciona os aniquilamentos do universo espiritual. E "O sonho no sonho", que aborda o sonho de Richter em outro mundo, sublime e eterno, sob a porta colorida do Éden, em que a Santa Virgem descansa com seu filho. Ao mesmo tempo, o sonho se torna a expressão ambivalente do ambivalente desdobramento do eu, além de ser o elemento motivador para o desenvolvimento do processo narrativo e do vínculo recíproco entre o eu e o Doppeltgänger.

Texto traduzido: Richter, J. P. F. „Siebenkäs". In. *Jean Paul werke in drei Bänden, Band I.* Herausgegeben von Norbert Miller, Nachwort von Walter Höllerer. München: Carl Hanser Verlag, 1986.

O autor: Jean Paul, nascido Johann Paul Friedrich Richter (1763-1825), escritor alemão, nasceu em Wunsiedel. A adaptação francesa do prenome Johann para Jean se deve à homenagem ao filósofo iluminista Jean-Jacques Rousseau. Seus primeiros escritos são sátiras chistosas e idílios sentimentais no estilo de Swift e Ludwig Liskow. As obras, com seus tons humorísticos e satíricos, tendem para o realismo, ao buscar um equilíbrio entre o idealismo sentimental e a descrição realista da sociedade burguesa. A escrita de Richter supera a mudança de gêneros, dos ideais formais do Classicismo à sentimentalidade e transcendentalismo intuitivos do Frühromantik.

O tradutor: Marco Antônio Barbosa de Lellis é graduado em Filosofia (PUC-MG), mestre em Teoria da Literatura (UFMG) e doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada (UFMG). Professor Universitário nos cursos de Direito, Enfermagem, Nutrição e Psicologia. É autor da Tese *Doppelgänger/Doppeltgänger: topoi em Siebenkäs (1796), de Jean Paul Friedrich Richter e O duplo (1846), de Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski*, de 2021, em que investiga os consagrados conceitos românticos Doppelgänger e Doppeltgänger, cunhados por Richter em *Siebenkäs.*

BLUMENSTÜCKE

“Und ihr fallet unter Blüten, Glanz und Tränen.”

JEAN PAUL FRIEDRICH RICHTER

Erstes Blumentstück

REDE DES TOTEN CHRISTUS VOM WELTGEBÄUDE HERAB, DAß KEIN GOTT SEI[1]

Vorbericht

Das Ziel dieser Dichtung ist die Entschuldigung ihrer Kühnheit. Die Menschen leugnen mit ebensowenig Gefühl das göttliche Dasein, als die meisten es annehmen. Sogar in unsere wahren Systeme sammeln wir immer nur Wörter, Spielmarken und Medaillen ein, wie Geizige Münzkabinetter; – und erst spät setzen wir die Worte in Gefühle um, die Münzen in Genüsse. Man kann zwanzig Jahre lang die Unsterblichkeit der Seele glauben – – erst im einundzwanzigsten, in einer großen Minute, erstaunt man über den reichen Inhalt dieses Glaubens, über die Wärme dieser Naphthaquelle.

Ebenso erschrak ich über den giftigen Dampf, der dem Herzen dessen, der zum erstenmal in das atheistische Lehrgebäude tritt, erstickend entgegenzieht. Ich will mit geringern Schmerzen die Unsterblichkeit als die Gottheit leugnen: dort verlier’ ich nichts als eine mit Nebeln bedeckte Welt, hier verlier’ ich die gegenwärtige, nämlich die Sonne derselben; das ganze geistige Universum wird durch die Hand des Atheismus zersprengt und zerschlagen in zahlenlose quecksilberne Punkte von Ichs, welche blinken,

[1] Fußnote: Wenn einmal mein Herz so unglücklich und ausgestorben wäre, daß in ihm alle Gefühle, die das Dasein Gottes bejahen, zerstöret wären; so würd‘ ich mich mit diesem meinem Aufsatz erschüttern und – er würde mich heilen und mir meine Gefühle wiedergeben.

rinnen, irren, zusammen- und auseinanderfliehen, ohne Einheit und Bestand. Niemand ist im All so sehr allein als ein Gottesleugner – er trauert mit einem verwaiseten Herzen, das den größten Vater verloren, neben dem unermeßlichen Leichnam der Natur, den kein Weltgeist regt und zusammenhält, und der im Grabe wächset; und er trauert so lange, bis er sich selber abbröckelt von der Leiche. Die ganze Welt ruht vor ihm wie die große, halb im Sande liegende ägyptische Sphinx aus Stein; und das All ist die kalte eiserne Maske der gestaltlosen Ewigkeit.

Auch hab' ich die Absicht, mit meiner Dichtung einige lesende oder gelesene Magister in Furcht zu setzen, da wahrlich diese Leute jetzo, seitdem sie als Baugefangene beim Wasserbau und der Grubenzimmerung der kritischen Philosophie in Tagelohn genommen worden, das Dasein Gottes so kaltblütig und kaltherzig erwägen, als ob vom Dasein des Kraken und Einhorns die Rede wäre.

Für andere, die nicht so weit sind wie ein lesender Magistrand, merk' ich noch an, daß mit dem Glauben an den Atheismus sich ohne Widerspruch der Glaube an Unsterblichkeit verknüpfen lasse; denn dieselbe Notwendigkeit, die in diesem Leben meinen lichten Tautropfen von Ich in einen Blumenkelch und unter eine Sonne warf, kann es ja im zweiten wiederholen; – ja noch leichter kann sie mich zum zweiten Male verkörpern als zum ersten Male.

*

Wenn man in der Kindheit erzählen hört, daß die Toten um Mitternacht, wo unser Schlaf nahe bis an die Seele reicht und selber die Träume verfinstert, sich aus ihrem aufrichten, und daß sie in den Kirchen den Gottesdienst der Lebendigen nachäffen: so schaudert man der Toten wegen vor dem Tode; und wendet in der nächtlichen Einsamkeit den Blick von den langen Fenstern der stillen Kirche weg und fürchtet sich, ihrem Schillern nachzuforschen, ob es wohl vom Monde niederfalle.

Die Kindheit, und noch mehr ihre Schrecken als ihre Entzückungen, nehmen im Traume wieder Flügel und Schimmer an und spielen wie Johanniswürmchen in der kleinen Nacht der Seele. Zerdrückt uns diese flatternden Funken nicht! – Lasset uns sogar die dunkeln peinlichen Träume als hebende Halbschatten der Wirklichkeit! – Und womit will man uns *die* Träume ersetzen, die uns aus dem untern Getöse des Wasserfalls wegtragen in die stille Höhe der Kindheit, wo der Strom des Lebens noch in seiner

kleinen Ebene schweigend und als ein Spiegel des Himmels seinen Abgründen entgegenzog? –

Ich lag einmal an einem Sommerabende vor der Sonne auf einem Berge und entschlief. Da träumte mir, ich erwachte auf dem Gottesacker. Die abrollenden Räder der Turmuhr, die eilf Uhr schlug, hatten mich erweckt. Ich suchte im ausgeleerten Nachthimmel die Sonne, weil ich glaubte, eine Sonnenfinsternis verhülle sie mit dem Mond. Alle Gräber waren aufgetan, und die eisernen Türen des Gebeinhauses gingen unter unsichtbaren Händen auf und zu. An den Mauern flogen Schatten, die niemand warf, und andere Schatten gingen aufrecht in der bloßen Luft. In den offenen Särgen schlief nichts mehr als die Kinder. Am Himmel hing in großen Falten bloß ein grauer schwüler Nebel, den ein Riesenschatte wie ein Netz immer näher, enger und heißer herein zog. Über mir hört' ich den fernen Fall der Lauwinen, unter mir den ersten Tritt eines unermeßlichen Erdbebens. Die Kirche schwankte auf und nieder von zwei unaufhörlichen Mißtönen, die in ihr miteinander kämpften und vergeblich zu einem Wohllaut zusammenfließen wollten. Zuweilen hüpfte an ihren Fenstern ein grauer Schimmer hinan, und unter dem Schimmer lief das Blei und Eisen zerschmolzen nieder. Das Netz des Nebels und die schwankende Erde rückten mich in den Tempel, vor dessen Tore in zwei Gift-Hecken zwei Basilisken funkelnd brüteten. Ich ging durch unbekannte Schatten, denen alte Jahrhunderte aufgedrückt waren. – Alle Schatten standen um den Altar, und allen zitterte und schlug statt des Herzens die Brust. Nur ein Toter, der erst in die Kirche begraben worden, lag noch auf seinen Kissen ohne eine zitternde Brust, und auf seinem lächelnden Angesicht stand ein glücklicher Traum. Aber da ein Lebendiger hineintrat, erwachte er und lächelte nicht mehr, er schlug mühsam ziehend das schwere Augenlid auf, aber innen lag kein Auge, und in der schlagenden Brust war statt des Herzens eine Wunde. Er hob die Hände empor und faltete sie zu einem Gebete; aber die Arme verlängerten sich und löseten sich ab, und die Hände fielen gefaltet hinweg. Oben am Kirchengewölbe stand das Zifferblatt der *Ewigkeit*, auf dem keine Zahl erschien und das sein eigner Zeiger war; nur ein schwarzer Finger zeigte darauf, und die Toten wollten die *Zeit* darauf sehen.

Jetzo sank eine hohe edle Gestalt mit einem unvergänglichen Schmerz aus der Höhe auf den Altar hernieder, und alle Toten riefen: »Christus! ist kein Gott?«

Er antwortete: »Es ist keiner.«

Der ganze Schatten jedes Toten erbebte, nicht bloß die Brust allein, und einer um den andern wurde durch das Zittern zertrennt.

Christus fuhr fort: »Ich ging durch die Welten, ich stieg in die Sonnen und flog mit den Milchstraßen durch die Wüsten des Himmels; aber es ist kein Gott. Ich stieg herab, soweit das Sein seine Schatten wirft, und schauete in den Abgrund und rief: ›Vater, wo bist du?‹ aber ich hörte nur den ewigen Sturm, den niemand regiert, und der schimmernde Regenbogen aus Wesen stand ohne eine Sonne, die ihn schuf, über dem Abgrunde und tropfte hinunter. Und als ich aufblickte zur unermeßlichen Welt nach dem göttlichen *Auge*, starrte sie mich mit einer leeren bodenlosen *Augenhöhle* an; und die Ewigkeit lag auf dem Chaos und zernagte es und wiederkäuete sich. – Schreiet fort, Mißtöne, zerschreiet die Schatten; denn Er ist nicht!«

Die entfärbten Schatten zerflatterten, wie weißer Dunst, den der Frost gestaltet, im warmen Hauche zerrinnt; und alles wurde leer. Da kamen, schrecklich für das Herz, die gestorbenen Kinder, die im Gottesacker erwacht waren, in den Tempel und warfen sich vor die hohe Gestalt am Altare und sagten: »Jesus! haben wir keinen Vater?« – Und er antwortete mit strömenden Tränen: »Wir sind alle Waisen, ich und ihr, wir sind ohne Vater.«

Da kreischten die Mißtöne heftiger – die zitternden Tempelmauern rückten auseinander – und der Tempel und die Kinder sanken unter – und die ganze Erde und die Sonne sanken nach – und das ganze Weltgebäude sank mit seiner Unermeßlichkeit vor uns vorbei – und oben am Gipfel der unermeßlichen Natur stand Christus und schauete in das mit tausend Sonnen durchbrochne Weltgebäude herab, gleichsam in das in die ewige Nacht gewühlte Bergwerk, in dem die Sonnen wie Grubenlichter und die Milchstraßen wie Silberadern gehen.

Und als Christus das reibende Gedränge der Welten, den Fackeltanz der himmlischen Irrlichter und die Korallenbänke schlagender Herzen sah, und als er sah, wie eine Weltkugel um die andere ihre glimmenden Seelen auf das Totenmeer ausschüttete, wie eine Wasserkugel schwimmende Lichter auf die Wellen streuet: so hob er groß wie der höchste Endliche die Augen empor gegen das Nichts und gegen die leere Unermeßlichkeit und sagte: »Starres, stummes Nichts! Kalte, ewige Notwendigkeit! Wahnsinniger Zufall! Kennt ihr das unter euch? Wann zerschlagt ihr das Gebäude und mich? – Zufall, weißt du selber, wenn du mit Orkanen durch das Sternen-Schneegestöber schreitest und eine Sonne um die andere auswehest, und wenn der funkelnde Tau der Gestirne ausblinkt, indem du vorübergehest? – Wie ist jeder so allein

in der weiten Leichengruft des Alles! Ich bin nur neben mir – O Vater! o Vater! wo ist deine unendliche Brust, daß ich an ihr ruhe? – Ach wenn jedes Ich sein eigner Vater und Schöpfer ist, warum kann es nicht auch sein eigner Würgengel sein?...

Ist das neben mir noch ein Mensch? Du Armer! Euer kleines Leben ist der Seufzer der Natur oder nur sein Echo – ein Hohlspiegel wirft seine Strahlen in die Staubwolken aus Totenasche auf euere Erde hinab, und dann entsteht ihr bewölkten, wankenden Bilder. – Schaue hinunter in den Abgrund, über welchen Aschenwolken ziehen – Nebel voll Welten steigen aus dem Totenmeer, die Zukunft ist ein steigender Nebel, und die Gegenwart ist der fallende. – Erkennst du deine Erde?«

Hier schauete Christus hinab, und sein Auge wurde voll Tränen, und er sagte: »Ach, ich war sonst auf ihr: da war ich noch glücklich, da hatt' ich noch meinen unendlichen Vater und blickte noch froh von den Bergen in den unermeßlichen Himmel und drückte die durchstochne Brust an sein linderndes Bild und sagte noch im herben Tode: ›Vater, ziehe deinen Sohn aus der blutenden Hülle und heb ihn an dein Herz!‹... Ach ihr überglücklichen Erdenbewohner, ihr glaubt *Ihn* noch. Vielleicht gehet jetzt euere Sonne unter, und ihr fallet unter Blüten, Glanz und Tränen auf die Knie und hebet die seligen Hände empor und rufet unter tausend Freudentränen zum aufgeschlossenen Himmel hinauf: ›auch mich kennst du, Unendlicher, und alle meine Wunden, und nach dem Tode empfängst du mich und schließest sie alle.‹... Ihr Unglücklichen, nach dem Tode werden sie nicht geschlossen. Wenn der Jammervolle sich mit wundem Rücken in die Erde legt, um einem schönern Morgen voll Wahrheit, voll Tugend und Freude entgegenzuschlummern: so erwacht er im stürmischen Chaos, in der ewigen Mitternacht – und es kommt kein Morgen und keine heilende Hand und kein unendlicher Vater! – Sterblicher neben mir, wenn du noch lebest, so bete Ihn an: sonst hast du Ihn auf ewig verloren.«

Und als ich niederfiel und ins leuchtende Weltgebäude blickte: sah ich die emporgehobenen Ringe der Riesenschlange der Ewigkeit, die sich um das Welten-All gelagert hatte – und die Ringe fielen nieder, und sie umfaßte das All doppelt – dann wand sie sich tausendfach um die Natur – und quetschte die Welten aneinander – und drückte zermalmend den unendlichen Tempel zu einer Gottesacker-Kirche zusammen – und alles wurde eng, düster, bang – und ein unermeßlich ausgedehnter Glockenhammer sollte die letzte Stunde der Zeit schlagen und das Weltgebäude zersplittern... als ich erwachte.

Meine Seele weinte vor Freude, daß sie wieder Gott anbeten konnte – und die Freude und das Weinen und der Glaube an ihn waren das Gebet. Und als ich aufstand, glimmte die Sonne tief hinter den vollen purpurnen Kornähren und warf friedlich den Widerschein ihres Abendrotes dem kleinen Monde zu, der ohne eine Aurora im Morgen aufstieg; und zwischen dem Himmel und der Erde streckte eine frohe vergängliche Welt ihre kurzen Flügel aus und lebte, wie ich, vor dem unendlichen Vater; und von der ganzen Natur um mich flossen friedliche Töne aus, wie von fernen Abendglocken.

Zweites Blumenstück
DER TRAUM IM TRAUM[2]

Erhaben stand der Himmel über der Erde; ein Regenbogen hob sich, wie der Ring der Ewigkeit, über den Morgen – ein gebrochenes Gewitter zog über Wetterstangen mit einem müden Donnern unter die farbige Edenpforte in Osten – und die Abendsonne scheuete, wie hinter Tränen, mit einem milden Lichte dem Gewitter nach, und ihre Blicke ruhten am Triumphbogen der Natur... Ich spielte mit meinem Entzücken und schloß überfüllt die Augen zu und sah nichts mehr als die Sonne, die warm und lodernd durch die Augenlider drang, und hörte nichts mehr als das weichende Donnern. – – Da fiel endlich der Nebel des Schlafs auf meine Seele und überdeckte mit seinem grauen Gewölke den Frühling; aber bald zogen sich Lichtstreife durch den Nebel, dann bunte Schönheitlinien, und zuletzt war der ganze Schlaf um mich mit den hellen Bildern des Traums übermalt.

Mir träumte, ich stehe in der zweiten Welt: um mich war eine dunkelgrüne Aue, die in der Ferne in hellere Blumen überging und in hochrote Wälder und in durchsichtige Berge voll Goldadern – hinter den kristallenen Gebirgen loderte Morgenrot, von perlenden Regenbogen umhangen – auf den glimmenden Waldungen lagen statt der Tautropfen niedergefallene Sonnen, und um die Blumen hingen, wie fliegender Sommer, Nebelsterne... Zuweilen schwankten die Auen, aber nicht von Zephyrn, sondern von Seelen, die sie mit unsichtbaren Flügeln bestreiften. – – Ich war der zweiten Welt unsichtbar; unsere Hülle ist dort nur ein kleiner Leichenschleier, nur eine nicht ganz gefallene Nebelflocke.

Am Ufer der zweiten Welt ruhte die Heilige Jungfrau neben ihrem Sohne und schauete auf unsere Erde herab, die unten auf dem Totenmeere schwamm mit ihrem engen Frühling, klein und hinabgesenkt und nur vom Widerschein eines Widerscheins düster beschienen und jeder Welle nachirrend. Da machte die Sehnsucht nach der alten geliebten Erde Mariens zarte Seele weicher, und sie sagte mit schimmernden Augen: »O Sohn, mein Herz schmachtet weinend nach meinen teuern Menschen – ziehe die Erde

---

[2] Fußnote: Wie die Griechen und Römer der Sonne ihre Träume erzählten, so sagt' ich den obigen einer katholischen Fürstin (Lichnowsky), die ihn veranlaßt hatte, da sie die Reise von Wien nach Baireuth machte, um ihren Sohn – der aus dem Boden seines Standes in die Gartenerde eines weisen und edlen Erziehers (Hofrat Schäfer) versetzt war – zu umarmen.

herauf, damit ich den geliebten Geschwistern wieder nah in das Auge blicken kann; ach, ich werde weinen, wenn ich lebendige sehe.«

Christus sagte: »Die Erde ist ein Traum voll Träume; du mußt entschlafen, damit dir die Träume erscheinen können.«

Maria antwortete: »Ich will gern entschlafen, damit ich die Menschen träume.« – Christus sagte: »Was soll dir der Traum zeigen?«

»O, die Liebe der Menschen zeig' er mir, Geliebter, wenn sie sich wieder finden nach einer schmerzlichen Trennung« – – und indem sie es sagte, stand der Todesengel hinter ihr, und sie sank mit zufallenden Augen an seine kalte Brust zurück – und die kleine Erde stieg erschüttert herauf, aber sie wurde kleiner und bleicher, je näher sie kam.

Der Wolkenhimmel der Erde spaltete sich, und der zerrissene Nebel entblößte die kleine Nacht auf ihr; denn aus einem stummen Bache schimmerten einige Sterne der zweiten Welt zurück; die Kinder schliefen sanft auf der zitternden Erde und lächelten alle, weil ihnen im Schlummer Maria in mütterlicher Gestalt erschien. – – Aber in dieser Nacht stand eine Unglückliche – in ihrer Brust waren keine Klagen mehr, nur noch Seufzer – und ihr Auge hatte alles verloren, sogar die Tränen. Du Arme! blicke nicht nach Abend an das überflorte Trauerhaus – blicke nie mehr nach Morgen auf den Gottesacker, an das Totenhaus! Wende nur heute dein geschwollenes Auge ab vom Totenhause, wo dich eine schöne Leiche zerrüttet, die unverschlossen im Nachtwind steht, damit sie früher erwache als im Grabe! – Aber nein, Beraubte, blicke nur hin auf deinen Geliebten, eh' er zerfällt, und fülle dich mit dem ewigen Schmerz ... Da jetzt ein Echo im Gottesacker zu reden anfing, das die sanften Klaggesänge des Trauerhauses nachstammelte: o, da riß dieses gedämpfte Nachsingen, wie von Toten, das ganze Herz der Gebeugten auseinander, und alle unzähligen Tränen flossen wieder durch das wunde Auge, und sie rief außer sich: »Rufst du mich, du Stummer, mit deinem kalten Munde? O Geliebter, redest du noch einmal deine Verlassene an? – Ach sprich, nur zum letzten Male, nur heute!... Nein, drüben ists ganz stumm – nur die Gräber tönen nach – aber die armen Überdeckten liegen taub darunter, und die zerbrochne Brust gibt keinen Ton.«

Aber wie schauderte sie, als das Trauerlied aufhörte und der Nachhall der Gräber allein fortsprach! – Und ihr Leben wankte, als das Echo näher ging, als ein Toter aus der Nacht trat und die bleiche Hand ausstreckte und ihre nahm und sagte: »Warum weinest du, Geliebte! wo waren wir so lange? – Mir träumte, ich hätte dich verloren.« – Und sie hatten sich nicht verloren. – Aus Mariens geschlossenem Auge drang eine Freudenträne, und eh' ihr Sohn

den Tropfen weggenommen, war die Erde wieder zurückgesunken mit den beiden neuen Beglückten.

Auf einmal stieg ein Funke aus der Erde herauf, und eine fliegende Seele zitterte vor der zweiten Welt, als ob sie zögere hinaufzugehen. Christus hob die entfallene Erdkugel wieder auf, und das Körpergewebe, aus dem die Seele geflogen war, lag noch mit allen Wundenmalen eines zu langen Lebens auf der Erde. Neben dem gefallnen Laube des Geistes stand ein Greis, der die Leiche anredete: »Ich bin so alt wie du; warum soll ich denn erst nach dir sterben, du treues, gutes Weib? jeden Morgen, jeden Abend werd' ich nachrechnen, wie tief dein Grab, wie tief deine Gestalt eingefallen ist, ehe meine neben dich sinkt... Oh! wie bin ich allein! jetzo hört mich nichts mehr; und sie nicht; – aber morgen will ich ihr und ihren treuen Händen und ihren grauen Haaren mit einem solchen Schmerz nachsehen, daß er mein schwaches Leben schließt. – – O du Allgütiger, schließ es lieber heute, ohne den großen Schmerz!« – – Warum legt sich noch im Alter, wo der Mensch schon so gebückt und müde ist, noch auf den untersten Stufen der Gruft das Gespenst des Kummers so schwer auf ihn und drückt das Haupt, in welchem schon alle Jahre ihre Dornen gelassen haben, mit einem neuen Schauder hinunter?

Aber Christus schickte den Todesengel mit der kalten Hand nicht: sondern blickte selber dem verlassenen Greis, der so nahe an ihm war, mit einer solchen lächelnden Sonnenwärme in das Herz, daß sich die reife Frucht ablösete – und wie eine Flamme brach sein Geist aus dem geöffneten Herzen – und begegnete über der zweiten Welt seiner geliebten Seele – und in stillen, alten Umfassungen zitterten beide verknüpft ins Elysium nieder, wo sich keine endigt. – – Maria reichte ihnen liebend die beiden Hände und sagte traum- und freudetrunken: »Selige! nun bleibt ihr beisammen.«

Über die arme Erde bäumte sich jetzt eine rote Dampfsäule und umklammerte sie und verhüllte ein lautes Schlachtfeld. Endlich quoll der Rauch auseinander über zwei blutigen Menschen, die einander in den verwundeten Armen lagen. Es waren zwei erhabne Freunde, die einander alles aufgeopfert hatten und sich zuerst, aber ihr Vaterland nicht. »Lege deine Wunde an meine, Geliebter! – Nun können wir uns wieder versöhnen; du hast ja mich dem Vaterlande geopfert und ich dich. – Gib mir dein Herz wieder, eh' es sich verblutet. – Ach, wir können nur miteinander sterben!« – Und jeder gab sein wundes Herz dem andern hin – aber der Tod wich vor ihrem Glanze zurück, und der Eisberg, womit er den Menschen erdrückt, zerfloß auf ihren warmen Herzen; die Erde behielt zwei Menschen, die über sie als Berge

aufsteigen und ihr Ströme und Arzneien und hohe Aussichten geben, und denen die niedrige Erde nichts zuschickt als – Wolken.

Maria winkte träumend ihrem Sohne, weil nur er solche Herzen fassen, tragen und beschirmen könne.

– Aber warum lächelst du auf einmal so selig, wie eine freudige Mutter, Maria? – Etwan, weil deine liebe Erde, immer höher aufgezogen, mit ihren Frühlingblumen über das Ufer der zweiten Welt hereinwanket? – weil liegende Nachtigallen sich mit heißbrütenden Herzen auf kühle Auen drücken? – weil die Sturmwolken zu Regenbogen aufblühen? – weil deine unvergeßliche Erde so glücklich ist im Putze des Frühlings, im Glanze seiner Blumen, im Freudengeschrei seiner Sänger? – Nein, darum allein nicht; du lächelst so selig, weil du eine Mutter siehst und ihr Kind. Ist es nicht eine Mutter, die jetzo sich bückt und die Arme weit aufschließet und mit entzückter Stimme ruft: »Mein Kind, komm wieder an mein Herz!« – Ist es nicht ihr Kind, das unschuldig im brausenden Tempel des Frühlings neben seinem lehrenden Genius steht, und das der lächelnden Gestalt zuläuft, und das, so früh beglückt und an das warme Herz voll Mutterliebe gezogen, ihre Laute nicht versteht: »Du gutes Kind, wie freust du mich! Bist du denn glücklich? liebst du mich denn? O sieh mich an, du Teurer, und lächle immerfort!«...

Maria wurde von der schönen Entzückung aufgeweckt, und sie fiel sanft erbebend um ihren eignen Sohn und sagte weinend: »Ach, nur eine Mutter kann lieben, nur eine Mutter« – und die Erde sank mit der Mutter, die am Herzen des Kindes blieb, wieder in den irdischen Äther hinab...

PEÇAS DE FLORES

" E vós cairíeis de joelhos sob as flores, o brilho e as lágrimas."

JEAN PAUL FRIEDRICH RICHTER

Primeira peça de flores

DISCURSO DO CRISTO MORTO DO ALTO DO EDIFÍCIO DO MUNDO, QUE NENHUM DEUS EXISTE[1]

Relatório preliminar

O objetivo deste poema é a desculpa de sua ousadia. Os homens negam a existência divina com tão pouco sentimento quanto a maioria a admite. Até mesmo em nossos autênticos sistemas, recolhemos, sempre, apenas palavras, fichas e medalhas, qual o avarento gabineteiro de moedas; – e somente mais tarde, convertemos as palavras em sentimentos, as moedas em prazer. Pode-se acreditar, por vinte longos anos, na imortalidade da alma – somente no vigésimo primeiro, em um grandioso minuto, surpreende-se acerca do rico conteúdo dessa crença, acerca do calor dessa fonte de nafta.

Do mesmo modo, eu ficava estarrecido com o vapor tóxico que seguia, asfixiando, ao encontro do coração daqueles que, pela primeira vez, compareciam no edifício da doutrina ateísta. Eu prefiro negar, com diminuta dor, a imortalidade que a divindade: lá, eu não perco nada mais que um universo anuviado de brumas; aqui, eu perco o atual, a saber, o sol mesmo; todo o universo espiritual será despedaçado através da mão do ateísmo e destroçado em inúmeros pontos de mercúrio de eus, os quais cintilam, correm, erram, fogem juntos e separados, sem unidade e existência. Ninguém está tão só no

[1] Se, uma vez, meu coração estivesse tão infeliz e extinguido, que em todo o seu sentimento afirmasse que a existência de Deus estivesse destruída; então, eu me comoveria com este ensaio e – ele me curaria e, a mim, devolveria meus sentimentos. (n.a.).

universo quanto um negador de Deus – ele se aflige com um coração órfão, o qual perdeu o Pai maior junto ao incomensurável cadáver da natureza, em que nenhum espírito do mundo se move e se mantém junto, e que cresce no túmulo; e ele se aflige por tanto tempo, até que ele mesmo se esmigalhe em cadáver. O mundo inteiro repousa diante dele, qual a grande esfinge egípcia de pedra deitada pela metade na areia; e o universo é a fria máscara de ferro da eternidade amorfa.

Eu tenho também a intenção, com meu poema, de atemorizar alguns mestres que leem ou são lidos, uma vez que, realmente, essas pessoas agora, desde que foram consumidas pelas diárias[2], qual os prisioneiros de construção nas construções hidráulicas e nas escavações de mineração da filosofia crítica[3], consideram a existência de Deus tão a sangue e coração frios, como se discursássemos sobre a existência do Kraken ou do unicórnio.

Para outros que não são tão extensos quanto um doutorando leitor[4], eu ainda faço um comentário que a crença no ateísmo, sem contradição, associa-se à crença na imortalidade; pois a mesma necessidade que, nesta vida, lançou minhas luminosas gotas de orvalho do eu em um cálice de flores e sob um sol, pode, sim, repeti-la uma segunda; – sim, ainda mais facilmente, ela pode me personificar uma segunda vez que na primeira.

*

Quando se ouve narrar na infância que os mortos, à meia-noite, chegam onde nosso sono se aproxima da alma e anuvia os próprios sonhos, e erigem deles e que eles imitam na igreja o culto dos vivos: então, estremece-se aos mortos por causa, sobretudo, da morte; e, na solidão noturna, dirige-se o olhar em direção às longas janelas da silenciosa igreja e tem-se o receio em investigar se suas luzes difusas parecem cair da lua.

A infância, e ainda mais seus sustos quanto seus encantamentos, ganha novamente, nos sonhos, asas e brilho e brinca qual os verminhos na festa de São João na pequena noite da alma. Não nos esmaguem essas esvoaçantes centelhas! – Deixe-nos, inclusive, os embaraçosos sonhos obscurecidos como a penumbra da realidade a alçar! – E com o que nos pode substituir *os* sonhos, que nos transportam do fragor mais baixo das cascatas para a altura tranquila da infância, onde a correnteza da vida, ainda em sua pequena pla-

---

[2] *Der Tagelohn*: diária no sentido de remuneração, pagamento, ordenado ou salário. (n.t.)

[3] Conferir o texto kantiano: *Der einzig mögliche Beweisgrund zu einer Demonstration des Daseins Gott* (*O único argumento possível para uma demonstração da existência de Deus*, 1763). (n.t.)

[4] *Lesender Magistrand*: magistrado leitor (de leitura). (n.t.)

nície silenciosa e, qual um espelho do céu, avança em direção ao seu despenhadeiro? –

Uma vez, em um fim de tarde de verão diante do sol, eu jazia em uma montanha e adormeci. Aí eu sonhei que despertava em um campo de Deus[5]. As engrenagens das rodas do relógio da torre, que batiam às onze horas, me despertaram. Eu procurava no vazio céu noturno o sol, porque eu acreditava que um eclipse solar o encobriria com a lua. Todos os túmulos foram abertos, e as portas de ferro das casas dos ossos abriam e fechavam sob mãos invisíveis. Nos muros voavam sombras que ninguém projetava, e outras sombras caminhavam aprumadas no ar puro. Nos féretros abertos não adormeciam senão as crianças. No céu, em grandes dobras, pendia somente uma sufocante bruma cinzenta, que uma sombra gigante, qual uma rede, arrastava, cada vez mais, para mais perto, mais estreito e mais ardente. Acima de mim, eu escutava as longínquas quedas das avalanches, abaixo de mim, o primeiro pontapé de um imenso abalo sísmico. A igreja oscilava de cima para baixo, entre duas incessantes notas dissonantes[6], que combatiam uma com a outra e desejavam se confluir harmoniosamente. Às vezes, saltava de seus vitrais um brilho cinzento e, sob o brilho, o chumbo e o ferro derretiam abaixo. A rede de névoa e a terra oscilante me moviam para o templo, diante daqueles pórticos, em que dois basiliscos resplandecentes meditavam em duas sebes venenosas. Eu caminhava através das desconhecidas sombras, das quais foram impressas pelos séculos antigos. – Todas as sombras estavam em pé ao redor do altar e, em todas elas, estremeciam e palpitavam o tórax ao invés do coração. Apenas um morto, o primeiro que fora enterrado na igreja, ainda jazia em sua almofada sem um tórax trêmulo e, em seu rosto sorridente, havia um sonho bastante feliz. Porém, como um vivente entrava, despertou e não mais sorria, ele abria puxando penosamente a pesada pálpebra, mas não havia nenhum olho no interior e, no palpitante tórax, ao invés do coração, uma chaga. Ele erguia as mãos para cima e as juntava para a oração; porém, os braços se prolongaram e se soltaram, e as mãos caíram juntas ao longe. No cimo da abóbada da igreja estava o mostrador da *eternidade*, no qual nenhum número aparecia e do qual era seu próprio indicador; apenas um dedo negro indicava em seguida, e os mortos desejavam ver o *tempo* nisto.

Agora, uma excelsa nobre figura descia das alturas do altar com uma eterna dor, e todos os mortos gritavam: “Cristo! Não existe nenhum Deus?”.

---

[5] *Gottesacker*: cemitério, lavoura de Deus, acre divino. (n.t.)

[6] *Die Mißtöne*: fífias ou sons agudos, desafinados e estridentes emitidos ou pela voz ou por um instrumento musical. (n.t.)

Ele respondeu: “Não existe nenhum”.

Todas as sombras de cada morto estremeciam, não somente os tórax e, uma atrás da outra, foram sendo aniquiladas mediante o temor.

Cristo prosseguia: “Eu atravessava os mundos, subia aos sóis e voava com a Via Láctea através dos desertos do céu; porém, não existe nenhum Deus. Eu descia, enquanto o Ser projetava sua sombra, e mirava para o abismo e gritava: ‘Pai, onde estás tu?’, porém, eu apenas escutava a eterna tempestade que ninguém reinava, e o arco-íris da essência estava sem um sol, que o engendrava sobre o abismo e gotejava para baixo. E quando eu admirava o imenso mundo após o *olhar* divino, ele me observava fixamente com uma *órbita ocular* vazia e sem fundo; e a eternidade jazia no Caos, roía-o e ruminava a si mesma. – Gritai, notas dissonantes, deslocai as sombras; visto que Ele não é!”

As sombras descoloridas se dissolveram como névoa branca, que a geada formava no sopro quente derretido; e tudo ficou vazio. Então chegavam, terrível para o coração, as crianças mortas que, no campo de Deus, despertavam no templo e se jogavam diante da excelsa figura no altar e diziam: “Jesus, nós não temos nenhum Pai?” – E ele respondeu com lágrimas torrenciais: “Nós todos somos órfãos, eu e vós, nós estamos sem Pai”.

Então, as notas dissonantes gritavam mais impetuosamente – as trêmulas muralhas do templo se separavam – e o templo e as crianças se afundavam – e toda a terra e o sol se afundaram em seguida – e todo o edifício do mundo, com a sua imensidão, passou diante de nós – e no cimo, no ápice da natureza imensurável, elevava-se Cristo e mirava isso, com mil sóis rompidos, do alto do edifício do mundo, como uma mina escavada na noite eterna, em que os sóis seguem qual a iluminação de minas e, a Via Láctea, qual os fios condutores de prata.

E quando Cristo via a multidão dos mundos se friccionando, o baile dos archotes dos fogos fátuos celestes e os bancos de corais dos corações mais convincentes batendo, e quando ele via como um globo terrestre, ao redor do outro, distribuía suas almas ardentes no mar dos mortos, como uma bola de água que dissemina luzes ondulantes nas ondas: então, ele soergueu tão grande quanto o supremo finito, os olhos contra o nada e contra a imensidão vazia e disse: “Rígido, nada mudo! Fria, necessidade eterna! Acaso insano! Conheceis isso dentre vós? Quando destruís o edifício e a mim? – Acaso, tu mesmo sabes, quando tu caminhas com o furacão através das tempestades de neve das estrelas e um sol sopra após o outro e quando o orvalho reluzente dos astros brilha quando tu passas? – Como todos estão tão sós neste vasto

jazigo fúnebre do todo? Eu estou apenas junto de mim – Ó Pai! Ó Pai! Onde está teu infinito peito, para que eu nele descanse? – Ah! Se cada Eu é seu próprio Pai e criador, por que ele não pode ser, também, seu próprio anjo estrangulador?...

“Isto, junto a mim, é ainda um homem? Tu pobre! Vossa pequena vida é o suspiro da natureza ou apenas seu eco – um espelho côncavo projeta para baixo seus raios nas nuvens de poeira das cinzas dos mortos de vossa terra e, em seguida, vós nasceis, formas anuviadas e vacilantes. – Olhai para baixo no abismo sobre aquelas nuvens de cinzas passageiras – Nevoeiro repleto de mundos se eleva do mar dos mortos, o futuro é uma névoa crescente, o presente é a que cai. – Tu reconheces a tua terra?”.

Aqui Cristo mirava para baixo e seu olhar ficou cheio de lágrimas, e ele disse: “Ah! Outrora eu estava nela: aí eu ainda era feliz, aí eu ainda tinha meu Pai infinito e ainda contemplava alegre, das montanhas, para o incomensurável céu e comprimia o peito perfurado em sua forma atenuante e ainda disse na dolorosa morte: ‘Pai, arrancai teu filho deste invólucro sangrento e elevai-o ao Teu coração!’... Ah! Vós, felicíssimos habitantes da terra, -ainda credes Nele. Talvez, agora, vosso sol caminhe para baixo, e vós cairíeis de joelhos sob as flores, o brilho e as lágrimas, e ergueríeis as abençoadas mãos e gritaríeis sob mil lágrimas de alegria para o céu aberto: ‘Tu também me conheces, infinito, e todas as minhas chagas e, após a morte, tu me recebes e cerre-as todas’... Vós, infelizes, após a morte, elas não serão fechadas. Quando o miserável se estende com as costas feridas na terra, adormecido em direção a uma belíssima manhã plena de verdade, de virtude e de alegria: então, ele desperta no caos tempestuoso, na eterna meia-noite – e não chega nenhuma manhã, nenhuma mão curadora e nenhum Pai infinito! – Mortal ao lado de mim, quando tu ainda viveres, então, adorai-O: caso contrário, tu O perderás para sempre”.

E quando eu decaía e olhava, acima, para o brilhante edifício do mundo: via os elevados anéis da gigantesca serpente da eternidade que circundara o Todo-Universo – e os anéis caíram, e ela envolvia o Todo duplamente – então, ela serpeava milhares de vezes em torno da natureza – e esmagava os mundos juntos – e comprimia, triturando, o templo infinito em uma igreja do campo de Deus – e tudo ficou estreito, sombrio, temeroso – e um imenso e extenso martelo de sino devia bater a última hora e estilhaçar o edifício do mundo... quando eu despertei.

Minha alma chorava de alegria, pois ela poderia adorar a Deus novamente – e a alegria, as lágrimas e a fé Nele eram a oração. E quando eu me levantava,

o sol ardia profundamente por trás das plenas espigas púrpuras de milho e lançava, pacificamente, o reflexo de seu crepúsculo na pequena lua, que ascendia sem nenhuma aurora na manhã; e entre o céu e a terra, um feliz e efêmero mundo estendia suas curtas asas e, como eu, vivia ante o Pai infinito; e de toda a natureza sobre mim, fluíam tons pacíficos, qual os dos longínquos sinos da noite.

Segunda peça de flores
O SONHO NO SONHO[7]

Sublime estava o céu acima da terra; um arco-íris se elevava, qual o anel da eternidade sobre a manhã – uma tempestade quebrada se estendia acima dos para-raios com uma trovoada cansada sob o colorido portão do Éden no Oriente – e o sol poente mirava, como sob lágrimas, com uma luz suave, a tempestade, e seus olhos repousavam no arco do triunfo da Natureza… Eu brincava com meu encanto e, apinhado, fechava os olhos e não via nada mais que o sol que, quente e chamejante, trespassava através das pálpebras, e não ouvia mais que a suave trovoada. – Então, finalmente, caía a névoa do sono sobre minha alma e sobrepunha, com suas nuvens cinzentas, a primavera; porém, em breve, filetes de luz se estendiam através da névoa, depois, formosas linhas multicolores e, por fim, todo o sono que me envolvia estava com as iluminadas imagens oníricas.

Eu sonhava que estava no segundo mundo: ao meu redor, estava um prado verde-escuro que, na distância, se transformava em flores brilhantes, em florestas rubras e em montanhas transparentes plenas de grãos de ouro – por trás das montanhas cristalinas chamejava a aurora, cobertas pelo arco-íris de pérolas – nos bosques flamejantes, ao invés das camadas de gotas de orvalho, sóis se precipitavam ao solo e, ao redor das flores pendiam, qual o verão voador, estrelas nebulosas… De quando em quando, os prados oscilavam; porém, não devido ao Zéfiro, mas pelas almas que roçavam com asas invisíveis. – Eu era invisível no segundo mundo; aí, nosso invólucro[8] é apenas um pequeno véu cadavérico, apenas um floco de névoa não completamente caído.

Na margem do segundo mundo, a Santíssima Virgem repousava junto ao seu Filho e olhava para baixo em direção a terra, que flutuava no mar dos mortos com sua primavera estreita, pequena e diminuta e iluminada, sombriamente, apenas pelo reflexo de um reflexo e desviando de cada onda. Então, a nostalgia da velha terra amada comovia a delicada alma de Maria, e ela disse com os olhos cintilantes: “Oh! Filho, meu coração languesce, pranteando, por meus queridos homens – iça a terra para que eu possa olhar

---

[7] Como os gregos e os romanos narravam seus sonhos ao sol, então eu disse o supracitado a uma princesa católica (Lichnowsky) que lhe tinha ocasionado, visto que ela viajava de Viena a Baireuth ao encontro de seu filho – que foi deslocado do terreno de seu estado para o terreno do jardim de um educador sábio e nobre (conselheiro áulico Schäfer). (n.a.)

[8] *Die Hülle*: envoltório; capa; cobertura. Associa-se às cinzas, aos restos mortais (*sterbliche Hülle*). (n.t.)

novamente, de perto, meus amados irmãos; ah! Eu chorarei quando vir os vivos”.

Cristo disse: “A terra é um sonho pleno de sonhos; tu deves adormecer, para que os sonhos possam te aparecer”.

Maria respondeu: “Eu gostaria de adormecer, para que eu sonhe com os homens”. – Cristo disse: “O que o sonho deve te mostrar?”.

“Oh! Que ele me mostre o amor dos homens, amado, quando se reencontrarem após uma dolorosa separação” – e, enquanto ela dizia isso, o anjo da morte se encontrava atrás dela, e ela abaixava com os olhos fechados em seu frio busto – e a pequena terra, comovida, se elevava; porém, quanto mais se aproximava, menor e mais pálida ficava.

O nebuloso céu da terra cingia, e a névoa dilacerada desnudava a pequena noite nela; então, em um riacho silencioso, algumas estrelas do segundo mundo brilhavam novamente; as crianças adormeciam suavemente na trêmula terra e todas sorriam; pois, no sono, Maria lhes aparecia de forma maternal. – Porém, naquela noite, uma infeliz estava em pé – em seu peito, não havia mais lamúrias, apenas suspiros – e seus olhos perderam tudo, até mesmo as lágrimas. Tu, pobre! Não contemple à noite a transbordante casa de luto[9] – nunca mais levante os olhos, pela manhã, para o campo de Deus, para a casa dos mortos! Apenas hoje, afaste teus olhos inchados da casa dos mortos, onde um belo cadáver te arruína, o qual está destrancado pelo vento da noite, para que desperte mais cedo que no túmulo! – Porém, não, privado, olhe apenas para teu amado, antes que ele se desintegre e te encha com a dor eterna… Aí, agora, um eco principiava a falar no campo de Deus, que balbuciava suaves cantos lamuriosos na casa de luto; oh, este canto abafado, qual o dos mortos, rasgava em pedaços todo o coração do humilhado, e todas as inúmeras lágrimas escorriam, novamente, nos olhos feridos, e ela, fora de si, gritava: “Tu me chamas, tu, mudo, com tua boca fria? Oh, amado, tu diriges a palavra mais uma vez à tua abandonada? – Ah, fale, apenas pela última vez, somente hoje!… Não, do outro lado está tudo mudo – apenas os túmulos ressoam – porém, os pobres sobrepostos jazem, em baixo, surdos, e nos peitos despedaçados não havia nenhum som”.

Porém, como ela estremecia quando a canção de luto cessava e a ressonância dos túmulos soava sozinha! – E sua vida vacilava quando o eco se aproximava, e quando um morto saiu da noite, estendeu sua mão pálida, pegou a dela e disse: “Por que tu choras amada! Onde estávamos por tanto

[9] *Das überflorte Trauerhaus* (“a casa de luto”): edifício em que se expunham, em determinado período, os cadáveres, cujo fim era assegurar as verdadeiras mortes em caso de possíveis mortes aparentes. Ela se distingue do cemitério. (n.t.)

tempo? – Eu sonhava que te perdera". – E eles não se perderam. – Nos olhos cerrados de Maria, uma lágrima de alegria caía e, antes que seu filho secasse a gota de lágrima, a terra submergira, novamente, com os dois novos afortunados.

De repente, uma faísca se elevava da terra, e uma alma voadora estremecia diante do segundo mundo, como se - hesitasse em subir. Cristo suspendia, novamente, o perdido globo terrestre, e o tecido corporal, de onde a alma voara, ainda jazia na terra com todas as marcas de feridas de uma vida demasiado longa. Junto ao caramanchão caído do espírito, estava de pé um ancião, que se dirigia ao cadáver: "Eu sou tão velho quanto tu; então, por que eu devo morrer só depois de ti, tu, fiel e boa mulher? Cada manhã, cada tarde, eu conferirei quão profundo é teu túmulo, quão profunda afundaria tua forma, antes que a minha, junto à tua, afunda… Oh! Como eu estou só! Agora, nada me ouve mais; e nem ela; – porém, amanhã, eu verificarei suas fiéis mãos e seus cabelos grisalhos com uma semelhante dor, que Ele encerrará a minha débil vida. – Oh, tu, toda bondosa, é melhor que feches isso hoje, sem uma grande dor!" – Por que se lhe coloca, ainda na velhice, quando o homem já está tão encurvado e cansado, ainda no degrau mais baixo da cripta do espectro da aflição, pesadamente e pressionando-lhe a cabeça, na qual todos os anos deixaram seus espinhos com um novo horror?

Porém, Cristo não enviava o anjo da morte com a mão fria: ao invés disso, ele mesmo olhava para o ancião abandonado, que estava tão próximo dele, com um semelhante calor solar sorridente no coração, que o fruto maduro se desprendia – e, qual uma chama, um espírito rompia com o coração aberto – e se deparava com sua alma amada acima do segundo mundo – e, em silêncio, cercados antigos tremiam juntos, ambos atados no *Elysium*, em que nenhum encerrava. – Maria lhe estendia amorosamente as duas mãos e dizia ébria de sonho e de alegria: "Bem-aventurados! Agora vós permaneceis juntos".

Sobre a pobre terra, nesse momento, arvorava-se uma coluna de fumaça vermelha, e a agarrava e ocultava um barulhento campo de batalha. Por fim, a fumaça brotava, separada, sobre dois homens ensanguentados, que repousavam nos braços feridos um do outro. Eram dois sublimes amigos que tinham sacrificado tudo um ao outro, em primeiro lugar, mas não à pátria. "Coloque tua ferida na minha, amado! – Agora nós podemos nos reconciliar novamente; tu me sacrificaste a tua pátria, e eu, a ti, a minha. – Conceda-me novamente teu coração, antes que ele sangre. – Ah, nós podemos, agora, morrer juntos!". – E cada um entregava seu coração ferido ao outro – porém, a morte se retirava de seu esplendor, e a montanha de gelo, com a qual

esmaga os homens, derretia com o calor de seus corações; e a terra retinha os dois homens que, sobre ela, qual montanhas, elevavam-se e lhe ofereciam correntezas, remédios e grandes esperanças e a quem a humilde terra não lhes envia senão… nuvens.

Maria acenava para seu Filho, sonhando; pois, somente ele podia compreender, suportar e proteger semelhantes corações.

– Porém, por que tu sorris, repentinamente, tão feliz, qual uma alegre mãe, Maria? – Porventura por que tua querida terra, elevada cada vez mais alta, oscila com suas flores primaveris acima da margem do segundo mundo? – Por que os rouxinóis abandonados se comprimem nos prados frescos chocando com os corações ardentes? – Por que as nuvens tempestuosas florescem em arco-íris? – Por que tua inesquecível terra está tão feliz no adorno da primavera, no brilho de suas flores, nos alegres alaridos de seus cantores? Não, não somente por isso; tu sorris tão feliz, porque vês uma mãe e seu filho. Não é essa uma mãe que agora se encurva e abre adiante os braços e chama com uma voz encantada: "Meu filho, vem, novamente, para meu coração!". – Não é seu filho que está, candidamente, no templo ruidoso da primavera, junto ao seu gênio educador, e que corre em direção à forma sorridente, e que, tão cedo afortunado e arrastado pelo caloroso coração pleno de amor materno, não compreende seu som: "Tu, boa criança, como tu me causas alegria! Tu estás, pois, feliz? Tu, pois, me amas? Oh, olha-me, tu, querido, e sorrias continuamente!"…

Maria foi despertada do belo encantamento, e ela caía, tremendo docilmente, em seu próprio filho, e disse chorando: "Oh, apenas uma mãe pode amar, somente uma mãe" – e a terra afundava, novamente, no éter terrestre com a mãe, que permanecia no coração das crianças…

E também, eu me despertava do encantamento; porém, nada desaparecera senão a tempestade: pois a mãe que, no sonho, segurava o coração da criança contra o seu, ainda jazia na terra no belo abraço – e ela lia esse sonho e, talvez, perdoe ao sonhador a verdade.

memória

(n.t.) | Karlevi

DOZE POEMAS PARA KAVÁFIS

GIÁNNIS RITSOS

O TEXTO: Na coletânea bilíngue *Gaveta de tradutor*, publicada pelas Letras Contemporâneas, em 1996, José Paulo Paes recolhe algumas de suas traduções inéditas ou publicadas em livros ou revistas, nascidas, conforme ele próprio declara, ora do capricho pessoal, ora por solicitação de publicações, ora como resultado de oficinas de tradução. Embora apresente os autores em ordem cronológica, e das mais variadas épocas e línguas, as traduções reunidas na "miscelânea"não foram feitas em função de um esquema prévio, apenas são o resultado de seu ofício enquanto tradutor, por acumular, ao longo do tempo e do trabalho, traduções esparsas que vão sendo postergadas ou "engavetadas". O livro reúne poetas da antiguidade aos tempos atuais, incluindo o grego Giánnis Ritsos, na seleção *Doze poemas para Kaváfis* (*12 ποιήματα για τον Καβάφη*), aqui reproduzida a modo de homenagem ao tradutor, ao lado de sua contraparte, o original.

Preparação dos originais: Roger Sulis, da (n.t.).

Fontes consultadas: Em português: Paes, J. P. *Gaveta de tradutor*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996, pp. 111-125. Em grego: Ρίτσος, Γ. *12 ποιήματα για τον Καβάφη*. Αθήνα: Εκδόσεις Κέδρος, 1963.

O AUTOR: Giánnis Ritsos (1909-1990), poeta e tradutor grego, nasceu em Monemvasia, no Peloponeso. Considerado um dos cinco grandes poetas gregos do século XX, publicou mais de cem coleções poéticas, além de contos, obras teatrais, estudos, diários de cárcere e traduções. Ativista de esquerda e membro da resistência durante a Segunda Guerra, foi encarcerado em campos de concentração como dissidente político. Seu poema "Epitáfio" foi queimado publicamente aos pés da Acrópole e sua poesia banida. Foi laureado com o Prêmio Lênin da Paz e a Coroa Dourada das Noites de Poesia de Struga.

O TRADUTOR: José Paulo Paes (1926-1998), poeta, tradutor e ensaísta brasileiro, nasceu em Taquaritinga/SP. Ao lado de sua carreira como poeta, crítico literário e editor, empreendeu um dos mais prolíficos projetos de tradução de sua época, vertendo para o português autores de diversas línguas, como Dickens, Conrad, Kaváfis, Kazantzákis, Ritsos, Huysmans, Éluard, Hölderlin, Rilke, Ovídio, entre outros. Seu reconhecimento na área resultou em sua nomeação como Diretor da oficina de tradução de poesia no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp e na publicação de vários livros como *Tradução, a Ponte Necessária* (1990) e *Gaveta de Tradutor* (1991).

12 ΠΟΙΗΜΑΤΑ ΓΙΑ ΤΟΝ ΚΑΒΑΦΗ

*"Αν άφεση δεν είναι η ποίηση, τότε, από
πουθενά μην περιμένουμε έλεος."*

ΓΙΆΝΝΗΣ ΡΊΤΣΟΣ

Ο ΧΩΡΟΣ ΤΟΥ ΠΟΙΗΤΗ

Το μαύρο σκαλιστό γραφείο, τα δυό ασημένια κηροπήγια,
η κόκκινη πίπα του. Κάθεται, αόρατος σχεδόν, στην πολυθρόνα,
έχοντας πάντα το παράθυρο στη ράχη του. Πίσω από τα γυαλιά του,
πελώρια και περίσκεπτα, παρατηρεί τον συνομιλητή του,
στ' άπλετο φως, αυτός κρυμμένος μές στις λέξεις του,
μέσα στην ιστορία, σε πρόσωπα δικά του, απόμακρα, άτρωτα,
παγιδεύοντας την προσοχή των άλλων στις λεπτές ανταύγειες
ενός σαπφείρου που φορεί στο δάχτυλό του, κι όλος έτοιμος
γεύεται τις εκφράσεις τους, την ώρα που οι ανόητοι έφηβοι
υγραίνουν με τη γλώσσα τους θαυμαστικά τα χείλη τους. Κ' εκείνος
πανούργος, αδηφάγος, σαρκικός, ο μέγας αναμάρτητος,
ανάμεσα στο ναι και στο όχι, στην επιθυμία και τη μετάνοια,
σαν ζυγαριά στο χέρι του θεού ταλαντεύεται ολόκληρος,
ενώ το φως του παραθύρου πίσω απ' το κεφάλι του
τοποθετεί ένα στέφανο συγγνώμης κι αγιοσύνης.
«Αν άφεση δεν είναι η ποίηση – ψιθύρισε μόνος του –
τότε, από πουθενά μην περιμένουμε έλεος».

Η ΛΑΜΠΑ ΤΟΥ

Η λάμπα είναι ήμερη, καλόβολη' την προτιμάει
από άλλους φωτισμούς. Ρυθμίζεται το φως της
ανάλογα με τις ανάγκες της στιγμής, ανάλογα
με την αιώνια, ανομολόγητην επιθυμία. Και πάντα,
η μυρωδιά του πετρελαίου, μια λεπτή παρουσία
πολύ διακριτική, τις νύχτες, σαν γυρνάει μονάχος
με τόση κούραση στα μέλη, τόση ματαιότητα
στην ύφανση του σακκακιού του, στις ραφές της τσέπης
τόσο που κάθε κίνηση να μοιάζει περιττή κι αφόρητη –
η λάμπα, μια απασχόληση και πάλι' – το φυτίλι,
το σπίρτο, η φλόγα η κινδυνεύουσα (με τις σκιές της
στην κλίνη, στο γραφείο, στους τοίχους) και προπάντων
εκείνο το γυαλί – η εύθραυστη διαφάνειά του,
που σε μια απλή κι ανθρώπινη χειρονομία, απ' την αρχή,
σε υποχρεώνει: να προφυλαχτείς ή και να προφυλάξεις.

Η ΛΑΜΠΑ ΤΟΥ ΚΑΤΑ ΤΟ ΛΥΚΑΥΓΕΣ

Καλησπέρα, λοιπόν· οι δυο τους πάλι, ενώπιος ενωπίω,
η λάμπα του κι αυτός, – την αγαπάει, κι ας φαίνεται
αδιάφορος κι αυτάρεσκος· κι όχι μονάχα
γιατί τον εξυπηρετεί, μα πιότερο, και ιδίως,
γιατί αξιώνει τις φροντίδες του· – λεπτή επιβίωση
αρχαίων ελληνικών λυχνιών, μαζεύει γύρω της
μνήμες κι ευαίσθητα έντομα της νύχτας, απαλείφει
ρυτίδες των γερόντων, μεγεθύνει τα μέτωπα,
μεγαλύνει τις σκιές εφηβικών σωμάτων, επιστρώνει
μ' ένα μειλίχιο φέγγος τη λευκότητα κενών σελίδων
ή το κρυμμένο πορφυρό των ποιημάτων· κι όταν,
κατά το λυκαυγές, το φως της ωχριάζει και ταυτίζεται
με το τριανταφυλλί της μέρας, με τους πρώτους θορύβους
απ' τα ρουλά των μαγαζιών, τα χειραμάξια, τους οπωροπώλες,
είναι μια εικόνα απτή της ίδιας του αγρυπνίας, κι ακόμη
μια γυάλινη γέφυρα, που πάει απ' τα γυαλιά του
ώς το γυαλί της λάμπας, κι από κει στα τζάμια
του παραθύρου, ώς έξω, όλο πιο πέρα –
γυάλινη γέφυρα που τον κρατεί πάνω απ' την πολιτεία,
μέσα στην πολιτεία, στην Αλεξάνδρειά του, ενώνοντας,
με τη δική του τώρα βούληση, τη νύχτα και τη μέρα.

ΤΟ ΣΒΗΣΙΜΟ ΤΗΣ ΛΑΜΠΑΣ

Έρχεται η ώρα της μεγάλης κόπωσης. Θαμβωτική πρωϊα,
προδοτική – δείχνει το τέλος κι άλλης νύχτας του, υπερθεματίζει
τη στιλπνή τύψη του καθρέφτη, σκάβοντας μνησίκακα
τις χαρακιές δίπλα στα χείλη και στα μάτια. Τώρα,
δεν ωφελεί η προσήνεια της λάμπας ή το κλείσιμο των
|παραπετασμάτων.
Συνείδηση άκαμπτη του τέλους πάνω στα σεντόνια όπου ψυχραίνει
το θερμό χνώτο θερινής νυκτός, και μένουν μόνοι λίγοι κρίκοι
πεσμένοι από νεανικούς βοστρύχους – μια κομμένη αλυσίδα –
η ίδια εκείνη αλυσίδα – ποιος τη σφυρηλάτησε; Όχι
δεν ωφελεί η ανάμνηση μήτε κι' η ποίηση. Κι ωστόσο,
την ύστατη στιγμή, πριν κοιμηθεί, σκύβοντας πάνω απ' το γυαλί
|της λάμπας,
να φυσήσει τη φλόγα της, να σβήσει πιά κι αυτή, αντιλαμβάνεται
ότι φυσάει κατευθείαν μέσα στο γυάλινο αυτί της αιωνιότητας
μια λέξη αθάνατη, εντελώς δική του, το ίδιο του το χνώτο
|– ο στεναγμός της ύλης.
Ωραία που η καπνιά της λάμπας ευωδιάζει το δωμάτιό του τα χαράματα.

ΤΑ ΓΥΑΛΙΑ ΤΟΥ

Ανάμεσα στα μάτια του και τ' αντικείμενα στέκονταν πάντα
τα ερμητικά γυαλιά του, τα προσεχτικά, τ' αφηρημένα,
τα εποπτικά κ' εκλεκτικά – γυάλινο φρούριο απρόσωπο,
φράγμα και παρατηρητήριο – δυό υδάτινες τάφροι
γύρω στο μυστικό, το απογυμνωτικό του βλέμμα, ή μάλλον
δυό δίσκοι ζυγαριάς που στέκεται – περίεργο – όχι κάθετη
αλλά οριζόντια. Κ' έτσι πιά, μια ζυγαριά οριζόντια
τι θα μπορούσε να κρατήσει εξόν απ' το κενό, κ' εξόν
από τη γνώση του κενού, γυμνή, κρυστάλλινη, απαστράπτουσα,
και πάνω στη στιλπνότητά της η πομπή ν' αντανακλάται
των έσω κ' έξω του ενδυμάτων σε μια ζυγισμένη ενότητα
τόσο υλική, τόσο άφθαρτη, πού ακέριο το κενό αναιρούσε.

ΚΑΤΑΦΥΓΙΑ

«Έκφραση – λέει – δε σημαίνει να πείς κάτι,
αλλά απλώς να μιλήσεις και το να μιλήσεις
σημαίνει ν’ αποκαλυφθείς – πώς να μιλήσεις;»
Κ’ έγινε τότε τόσο διάφανη η σιωπή του
πού κρύφτηκε όλος πίσω απ’ την κουρτίνα
κάνοντας πώς κοιτάζει απ’ το παράθυρο.
Μά, ως νάνιωσε το βλέμμα μας στη ράχη του,
έστρεψε βγάζοντας το πρόσωπό του απ’ την κουρτίνα
σα να φορούσε ένα λευκό, μακρύ χιτώνα,
κάπως αστείον, κάπως παράταιρον στην εποχή μας,
και τόθελε (ή το προτιμούσε) ίσως νομίζοντας
πως, έτσι, κατά κάποιο τρόπο, θα παραπλανούσε
την υποψία μας, την εχθρότητά μας ή τη λύπη μας
ή πως μας χορηγούσε κάποιο πρόσχημα
για τον μελλοντικό (πούχε μαντέψει) θαυμασμό μας.

ΠΕΡΙ ΜΟΡΦΗΣ

Είπε: «Η μορφή δεν εφευρίσκεται μήτε επιβάλλεται'
εμπεριέχεται στην ύλη της κι αποκαλύπτεται κάποτε
στην κίνησή της προς την έξοδο». Κοινοτοπίες, είπαμε
αοριστολογίες – τι αποκαλύψεις τώρα; Αυτός δε μίλησε άλλο'
έκλεισε το σαγόνι του μέσα στα δυό του χέρια σα μια λέξη
εντός εισαγωγικών/ Το τσιγάρο του αμφίθυμο απόμεινε
στα κλεισμένα του χείλη – μια λευκή, φλεγόμενη κεραία
αντί αποσιωπητικών, που πάντα τα παρέλειπε εκ συστήματος
(ή μήπως ασυναίσθητα;) αποσιωπώντας τη σιωπή του.

Ση στάση αυτή, μας φάνηκε, έτσι αόριστα, πως αγρυπνούσε
σ' ένα μικρό, σιδηροδρομικό σταθμό, κάτω απ' το υπόστεγο,
εκεί που συναντιούνται στιγμιαία, μια νύχτα του χειμώνα,
μοναχικοί ταξιδιώτες, μ' εκείνη τη γεύση του κάρβουνου
απ' το ακατόρθωτο του ταξιδιού, κι απ' το αμοιβαίο απέραντο
της μυστικής τους προαιώνιας φιλίας. Ο καπνός του τραίνου
στεκόταν ήσυχος πάνω απ' τους δυό οριζόντιους κώνους
των προβολέων, συμπαγής και γλυπτικός, ανάμεσα
σε δυό χωρισμούς. Αυτός έσβησε το τσιγάρο του κ' έφυγε.

ΠΑΡΑΝΟΗΣΕΙΣ

Αυτά τα διφορούμενά του, αφόρητα· μας βάζουν σε δοκιμασία·
κι ο ίδιος επίσης δοκιμάζεται· προδίδεται ολοφάνερα
η ασάφειά του, ο δισταγμός του, η άγνοια, η δειλία του
κι η έλλειψη σταθερών αρχών. Σίγουρα, πάει να μας εμπλέξει
στην ίδια του περιπλοκή. Κι αυτός κοιτούσε κάπου πέρα
γενναιόφρων τάχα κι επιεικής (Όπως αυτοί που `χουν ανάγκη επιεικείας
μ’ ολόλευκο πουκάμισο, μ’ άψογο μολυβί κοστούμι
κι ένα χρυσάνθεμο στην κομβιοδόχη. Ωστόσο
σαν έφυγε, στη θέση όπου στεκόταν, διακρίναμε στο πάτωμα
μια μικρή, κατακόκκινη λίμνη, ωραία σχεδιασμένη,
σαν χάρτης περίπου της Ελλάδος, σαν μικρογραφία της υδρογείου,
μ’ αρκετές αφαιρέσεις και μεγάλες ανακρίβειες συνόρων,
– με σύνορα σχεδόν σβησμένα μες στου χρώματος την ομοιομορφία –
μια υδρόγειος σ’ ένα κατάκλειστο, λευκό σχολείο, μήνα Ιούλιο,
που λείπουν όλοι οι μαθητές, σε μια εξοχή εκτυφλωτική, παραθαλάσσια.

ΛΥΚΟΦΩΣ

Την ξέρεις κείνη τη στιγμή του θερινού λυκόφωτος
μες στο κλειστό δωμάτιο' μια ελάχιστη ρόδινη ανταύγεια
διαγώνια στο σανίδωμα της οροφής' και το ποίημα
ημιτελές επάνω στο τραπέζι – δύο στίχοι όλο-όλο,
μια αθετημένη υπόσχεση για ένα εξαίσιο ταξίδι,
για κάποια ελευθερία, κάποια αυτάρκεια,
για κάποια (σχετική, φυσικά) αθανασία.

Έξω στο δρόμο, η επίκληση κιόλας της νύχτας,
οι ανάλαφροι ίσκιοι θεών, ανθρώπων, ποδηλάτων,
όταν σκολάνε τα γιαπιά, κ' οι νέοι εργάτες
με τα εργαλεία τους, με τα βρεγμένα, ακμαία μαλλιά τους,
με λίγες πιτσιλιές ασβέστη στα φθαρμένα τους ρούχα
χάνονται στων εσπερινών ατμών την αποθέωση.

Οκτώ κρίσιμοι κτύποι στο εκκρεμές, πάνω απ' τη σκάλα,
σ' όλο το μάκρος του διαδρόμου – κτύποι αμείλικτοι
από σφυρί επιτακτικό, κρυμμένο πίσω από το κρύσταλλο
το σκιασμένο' και ταυτόχρονα ο αιώνιος θόρυβος
εκείνων των κλειδιών που δεν κατόρθωσε ποτέ του
να εξακριβώσει αν ξεκλειδώνουν ή αν κλειδώνουν.

ΥΣΤΑΤΗ ΩΡΑ

Ένα άρωμα έμενε στην κάμαρά του, ίσως μονάχα
απ' την ανάμνηση, μπορεί κι απ' το παράθυρο
μισάνοιχτο στην εαρινή βραδιά. Ξεχώρισε
τα πράγματα που θάπαιρνε μαζί του. Σκέπασε
μ' ένα σεντόνι τον μεγάλο καθρέφτη. Κι ακόμη
στα δάχτυλά του εκείνη η αφή ευμελών σωμάτων
κ' η αφή, η μοναχική, της πέννας του – όχι αντίθεση'
υπέρτατη ένωση της ποιήσεως. Δεν ήθελε
να απατήσει κανέναν. Πλησίαζε το τέλος. Ρώτησε
ακόμη μια φορά: «Ευγνωμοσύνη τάχα, ή θέληση
ευγνωμοσύνης;» Κάτω απ' το κρεββάτι του πρόβαιναν
γεροντικές οι παντόφλες του. Δεν θέλησε
να τις σκεπάσει – (ώ, βέβαια, άλλοτε). Μονάχα,
σαν έβαλε το κλειδάκι στην τσέπη του γιλέκου του,
κάθησε πάνω στη βαλίτσα του, καταμεσίς της κάμαρας,
ολομόναχος, κι άρχισε να κλαίει, γνωρίζοντας,
πρώτη φορά με τόση ακρίβεια, την αθωότητά του.

ΜΕΤΑ ΘΑΝΑΤΟΝ

Πολλοί τον διεκδικούσαν, διαπληκτίζονταν τριγύρω του,
μπορεί κ' εξαιτίας του κοστουμιού του – παράξενο κοστούμι,
επίσημο, επιβλητικό, με κάποια χάρη ωστόσο,
με κάποιο αέρα, σαν εκείνα τα φανταστικά των θεών
όταν συναναστρέφονταν ανθρώπους – μεταμφιεσμένοι,
κ' ενώ μιλούσαν τα κοινά, με κοινή γλώσσα, αιφνίδια
φούσκωνε μια πτυχή του ενδύματός τους απ' το χνώτο
του απείρου ή του υπερπέραν – όπως λένε.

Διαπληκτίζονταν, λοιπόν. Αυτός τι νάκανε; Του σκίσαν
ρούχα κ' εσώρρουχα, του σπάσαν και τη ζώνη Απόμεινε
ένας κοινός, γυμνός θνητός, σε στάση συστολής. Οι πάντες
τον εγκατέλειψαν. Κ' εκεί ακριβώς μαρμάρωσε. Μετά από χρόνια,
στη θέση αυτή ανακάλυψαν ένα περίλαμπρο άγαλμα
γυμνό, υπερήφανο, υψηλό, από πεντελίσιο μάρμαρο,
του Αιώνιου Έφηβου του Αυτοτιμωρούμενου – έτσι το αποκάλεσαν'
το σκέπασαν με μια μακριά λινάτσα, κ' ετοιμάζανε
μια τελετή πρωτοφανή για τα δημόσια αποκαλυπτήρια.

ΑΞΙΟΠΟΙΗΣΗ

Αυτός που πέθανε, είταν, πράγματι, έξοχος,
μοναδικός’ μας άφησε ένα μέτρο υπέροχο
να μετρηθούμε και προπάντων να μετρήσουμε
το γείτονά μας’ – ο ένας τόσος δα
πολύ κοντός, ο άλλος στενός, ο τρίτος
μακρύς σαν ξυλοπόδαρος’ κανένας
με κάποια αξία’ τίποτα, μα τίποτα.
Μονάχα εμείς που χρησιμοποιούμε επάξια
αυτό το μέτρο – μά ποιο μέτρο λέτε; –
αυτό ‘ναι η Νέμεσις, το ξίφος του Αρχαγγέλου,
το ακονίσαμε κιόλας, και τώρα μπορούμε
αράδα ν’ αποκεφαλίζουμε τους πάντες.

ΑΘΗΝΑ, Φθινόπωρο 1963

DOZE POEMAS PARA KAVÁFIS

"Se a poesia não for a remissão, não esperemos
então misericórdia de ninguém."

GIÁNNIS RITSOS

O ESPAÇO DO POETA

A escrivaninha negra com entalhes, os dois candelabros de prata,
o cachimbo vermelho. Está sentado, quase invisível, na poltrona,
com a janela sempre às suas costas. Por detrás dos óculos,
enormes e cautos, observa o interlocutor
à luz intensa, ele próprio oculto dentro de sua palavras,
dentro da História, com personagens seus, distantes, invulneráveis,
capturando a atenção dos outros nos delicados revérberos
da safira que traz num dedo, e alerta sempre para saborear-lhes as
expressões, nos momentos em que os tolos efebos
umedecem os lábios com a língua, admirativamente. E ele,
astuto, sôfrego, sensual, o grande inocente,
entre o sim e o não, entre o desejo e o remorso,
qual balança na mão de um deus, ele oscila por inteiro,
enquanto a luz da janela atrás lhe põe na cabeça
uma coroa de absolvição e santidade.
"Se a poesia não for a remissão – murmura a sós consigo, –
não esperemos então misericórdia de ninguém".

SUA LÂMPADA

A lâmpada é suave, complacente; ele a prefere
aos outros tipos de iluminação. Regula a sua luz
conforme às necessidades de momento, conforme
ao desejo eterno, inconfessável. E sempre
o cheiro de querosene, uma tênue presença
discreta, à noite, quando volta solitário,
com tal cansaço nos membros, tal futilidade
no tecido do paletó, nas costuras do bolso,
tal que cada movimento parece ser supérfluo, intolerável
a lâmpada, uma ocupação a mais – a mecha,
o fósforo, a chama a perigar (com suas sombras
sobre o leito, a escrivaninha, as paredes) e sobretudo
aquele vidro – sua frágil transparência
que a um gesto humano e simples desde o princípio
te compele: proteger-se e proteger a outros.

SUA LÂMPADA AO AMANHECER

Então, boa noite; os dois de novo frente a frente,
a lâmpada e ele, – que a ama, embora se dê ares
de indiferente, fátuo; e não apenas
porque lhe é útil, mas particularmente
porque lhe merece os cuidados; – sobrevivência frágil
de antigas candeias gregas, reúne à sua volta
lembranças e sensitivos insetos da noite, apaga
as rugas dos idosos, amplia as frontes,
aumenta as sombras dos corpos dos efebos, cobre
de um brilho suave a alvura das páginas vazias
ou a púrpura oculta dos poemas; e quando,
ao amanhecer, a sua luz empalidece e se confunde
ao róseo do dia, com os primeiros rumores
das portas de enrolar das lojas, dos carrinhos de mão dos
|vendedores de frutas,
é uma imagem palpável da própria vigília dele, e mais,
uma ponte de vidro que vai dos seus óculos
à manga da lâmpada , e dali às vidraças
da janela, até lá fora, bem mais adiante –
ponte de vidro que o mantém por sobre a cidade,
dentro da cidade, a sua Alexandria, unindo
à sua própria e atual vontade, o dia e a noite.

O APAGAR DA LÂMPADA

Chega a hora do grande cansaço. Ofuscante a manhã
e traiçoeira; – ela assinala o fim de uma outra noite dele, exagerando
o luzente remorso do espelho, cavando, rancorosa,
linhas à volta dos seus lábios e dos seus olhos. Já agora
não adianta a afabilidade da lâmpada ou o fechamento das cortinas.
Inexorável consciência do fim sobre lençóis onde esfria
o cálido alento da noite de verão, e só restar uns anéis
caídos de cabeleiras juvenis – cadeia interrompida –
essa cadeia – que foi o que a forjou? Não, não adianta
a lembrança ou o poema. E todavia
no derradeiro momento, antes de se deitar, ao se inclinar sobre
|o vidro da lâmpada
para soprar-lhe a chama e apagá-la, aí então compreende
que está soprando direto na vítrea orelha da eternidade
uma palavra imortal, inteiramente sua, seu próprio alento
|– o suspiro da matéria.
É muito bom que a fumaça da lâmpada lhe perfume o quarto
|no dia que amanhece.

SEUS ÓCULOS

Entre seus olhos e os objetos estiveram sempre
os óculos herméticos, absortos, cautelosos,
vigilantes e ecléticos – fortaleza de vidro impessoal,
barreira e atalaia – duas trincheiras de água
a cercar o olhar secreto que punha tudo a nu; melhor ainda:
dois pratos de balança – e estranhamente – não na vertical,
mas na horizontal. Que poderia uma balança horizontal
suster senão o vácuo, senão a idéia
do vácuo, cristalina, desnuda, reluzente,
no seu brilho se espelhava a procissão
das visões interiores e exteriores dele, numa união equilibrada,
tão material e incorruptível que desmentia de pronto todo vácuo.

REFÚGIOS

“Exprimir-se – sustenta – não significa dizer algo,
mas simplesmente falar; falar, por sua vez,
significa revelar; – como falar, então?”
E o seu silêncio fez-se de tal modo transparente
que se escondeu por inteiro atrás da cortina,
fingindo olhar pela janela.
Sentindo contudo nosso olhar às suas costas,
voltou-se e pôs o rosto para fora da cortina
como se vestisse uma longa e branca túnica,
um tanto cômica, um tanto fora de nossa época,
e queria (ou preferia) que assim fosse, talvez crendo
desviar com isso, de algum modo,
nossa suspeita, nossa hostilidade ou nossa compaixão,
ou estar fornecendo algum pretexto
para a nossa futura (que pressentira já) admiração.

SOBRE A FORMA

Disse: "A forma não se inventa nem se impõe:
está implícita na própria matéria e se revela às vezes
no seu movimento para fora". Lugares-comuns, dissemos,
vaguedades – o que é que se revela então? Ele não mais falou;
fincou o queixo entre as duas mãos como se fosse uma palavra
entre aspas. O cigarro permaneceu indeciso
entre os lábios cerrados – uma branca antena acesa
em vez de reticências, que omitia sempre por princípio
(ou talvez inconscientemente), dissimulando-lhe o silêncio.

Nessa atitude, pareceu-nos vagamente que esperava
numa pequena estação ferroviária, por sob a cobertura,
onde se encontram momentaneamente, numa noite de inverno,
viajantes solitários, com aquele gosto de carvão
da viagem incompleta, e a recíproca infinitude
de sua secreta e antiqüíssima amizade. A fumaça do trem
paira placidamente sobre os dois cones horizontais
dos faróis da locomotiva, compactos e esculturais, entre
duas separações. Ele apagou o cigarro e foi-se.

MAL-ENTENDIDOS

Essas suas ambigüidades, intoleráveis: elas nos põem à prova
e o põem também à prova; trai-se claramente
a sua imprecisão, a sua hesitação, a sua ignorância, timidez
e falta de sólidos princípios. Decerto vai-nos envolver
nas suas complicações. E olhava algures, mais adiante,
como que magnânimo e indulgente (feito os que têm necessidade
|de indulgência),
a camisa imaculadamente branca, o irrepreensível terno cinza
e um crisântemo na botoeira. Todavia,
quando se foi,no lugar onde estivera de pé, distinguimos sobre o pavimento
um pequeno lago muito rubro, lindamente desenhado,
quase um mapa da Grécia, uma miniatura do globo terrestre,
com diversas lacunas e fronteiras deveras imprecisas
– fronteiras semi-apagadas na uniformidade da cor, –
um globo terrestre numa escola muito branca, hermeticamente fechada
|durante o mês de julho,
de onde estivessem ausentes os alunos todos, em férias numa praia
|esplêndida, ofuscante.

ENTRE LOBO E CÃO

Conheces aquele momento do lusco-fusco estival
Dentro do aposento fechado: um fino revérbero vermelho
de través pelas tábuas do forro; e o poema
inacabado sobre a mesa – dois versos só, no todo,
promessa rompida de uma viagem extraordinária,
de uma certa liberdade , uma certa auto-suficiência,
uma certa (relativa, naturalmente) imortalidade.

Fora, na rua, o chamado já da noite,
as sombras ligeiras de deuses, homens, bicicletas,
quando finda o trabalho nas construções, e os jovens operários,
com suas ferramentas, seus cabelos robustos e molhados,
os pingos de cal nas roupas já puídas,
somem-se na apoteose das brumas vespertinas.

Oito pancadas decisivas do relógio de pêndulo no alto da escada,
por toda a extensão do corredor – batidas implacáveis
de martelo imperioso, por detrás do cristal
sombrio; e simultaneamente, o perene ruído
daquelas chaves que ele nunca conseguiu
determinar se abriam ou se fechavam

A HORA DERRADEIRA

Ficou um perfume no seu quarto, talvez apenas
da lembrança, ou da janela quiçá,
entreaberta na noite primaveril. Ele escolheu
os objetos que ia levar consigo. Recobriu
com um lençol o grande espelho. Todavia,
seus dedos ainda sentiam o contacto de corpos bem-formados
e o toque solitário da sua pena – oposição nenhuma:
união suprema de poesia. Não queria
enganar a ninguém. O fim estava próximo. Perguntou
ainda uma vez: "Gratidão, acaso, ou vontade
de ser grato?" Por sob a cama apontavam
os velhos chinelos. Não queria
escondê-los – (oh, decerto , em outros tempos). Tão-somente,
ao guardar a pequena chave no bolso do colete,
sentou-se sobre a mala, bem no meio do quarto,
completamente só, e se pôs a chorar, reconhecendo
pela primeira vez, com toda a exatidão, sua própria inocência.

DEPOIS DA MORTE

Muitos o reclamavam, altercavam-lhe à volta,
talvez por causa do seu terno – um terno estranho,
grave, imponente, com certa graça, no entanto,
um certo ar, como as vestes fantásticas dos deuses,
no tempo em que frequentavam os homens – disfarçados,
e enquanto falavam dos assuntos públicos, na língua comum,
|eis que de súbito
se inflava alguma prega da túnica ao sopro – como dizem –
do infinito ou do além.

Altercavam, pois. Que poderia ele fazer? Rasgaram-lhe
as roupas, até as de baixo, rebentaram-lhe o cinto. Sobrou apenas
um mortal comum, desnudo, em atitude de pejo. Todos
o abandonaram. E justamente ali ele se fez mármore. Alguns anos
|mais tarde,
descobriram, nesse mesmo lugar, uma estátua refulgente,
nua, soberba, altaneira, de mármore pendélico,
a estátua do Eterno Efebo Autoflagelado – esse o nome que lhe deram;
cobriram-no com uma grande lona, e prepararam
uma festa inaudita para o seu desvelamento público.

AVALIAÇÃO

Aquele que morreu era de fato superior,
único; deixou-nos uma excelente medida
para nos medirmos a nós próprios e sobretudo para medirmos
o nosso vizinho: – este aqui, tão,
tão pequeno, o outro estreito, o terceiro
comprido como um varapau: nenhum
com o mínimo valor; nada, nada mesmo.
Somente nós sabemos utilizar condignamente
essa medida – mas de que medida falais? –
a de Nêmesis, a espada do Arcanjo;
já cuidamos de afiá-la e podemos agora,
um após outro, decapitá-los todos.

CAPA:

Pedra de Rök, Suécia
ARQUIVO (n.t.)

INTERNAS:
Aline Daka (p. 3)
Hibisco florescendo, 2021
Nanquim sobre papel
ARQUIVO (n.t.)

VINHETAS:

Pedras rúnicas (pp. 8, 48, 239 e 268)
Países nórdicos
ARQUIVO (n.t.)

ENTRADAS:
Jacques-Émile Blanche (p. 9)
Retrato de James Joyce, 1934
Óleo sobre tela
NATIONAL GALLERY OF IRELAND, DUBLIN

Orșova (lugar) (p. 36)
Estátua de Decébalo (Romênia), 1994-2004
Escultura de rocha
GOOGLE IMAGENS

Rogelio de Egusquiza (p. 41)
Detalhe de *Tristão e Isolda (A morte)*, 1910
Óleo sobre tela
BILBOKO ARTE EDERREN MUSEOA, BILBAO

Alexey Bogolyubov (p. 49)
Detalhe de *A Fragata Pallada russa*, 1847
Aquarela sobre papel
ЦЕНТРАЛЬНЫЙ ВОЕННО-МОРСКОЙ МУЗЕЙ, SÃO PETERSBURGO

Nikifóros Lýtras (p. 97)
Detalhe de *Nua*, c. 1867-1870
Óleo sobre tela
Εθνική Πινακοθήκη, Atenas

Paul Cousturier (Paul de Sémant) (p. 114)
Frontispício, 1885
Ilustração para *Contes du jour et de la nuit*
Gutenberg.Org

René Magritte (p. 171)
Detalhe de *A Ilha do tesouro*, 1942
Óleo sobre tela
Musées Royaux des Beaux-Arts, Bruxelas

Odilon Redon (p. 185)
A aranha sorridente, 1881
Carvão sobre papel
Musée d'Orsay, Paris

Ana Juan (p. 210)
Detalhe de *Ruas*, 2011
Ilustração para *Wakefield*
Nordicalibros, Madri

Sandro Botticelli (p. 227)
Detalhe de *O Nascimento de Vênus*, 1485-1486
Têmpera
Galleria degli Uffizi, Florença

Edward Matthew Ward (p. 240)
Detalhe de *Dr. Samuel Johnson lendo "The Vicar of Wakefield"*, 1860
Óleo sobre tela
Dr Johnson's House, Londres

Honoré Daumier (p. 247)
Um advogado lendo, 1855-1860
Aquarela
The Thaw Collection, Nova Iorque

Johann Bernhard Fischer von Erlach (p. 269)
Detalhe de *Farol de Alexandria*, 1721
Gravura do livro *Entwurf einer historischen Architektur*
Universitätsbibliothek Heidelberg

CONTRACAPA:
Pedra de Rök, Ödeshög, Suécia
Fotografia
Arquivo (n.t.)

A (n.t.) | 22º acabou-se de editar em 10 de novembro de 2021,
na Ilha do Desterro, Santa Catarina, Brasil.

Fontes ocidentais: **Book Antiqua**, **Baramond**
Grego e romeno: **Palatino Linotype**